

Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em História da Arte

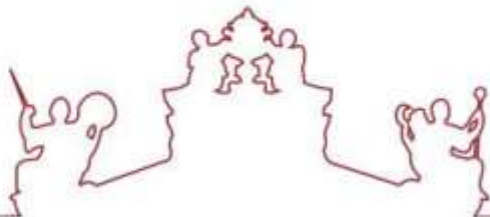
Tese de Doutoramento

**Ensino e prática artística: Coimbra na segunda metade do
século XX**

Ilda Maria Moreira Frias e Rodrigues Santana da Silva

Orientadora | Sandra Leandro

Évora 2022



Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em História da Arte

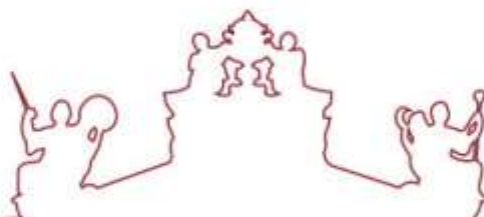
Tese de Doutoramento

**Ensino e prática artística: Coimbra na segunda metade do
século XX**

Ilda Maria Moreira Frias e Rodrigues Santana da Silva

Orientadora | Sandra Leandro

Évora 2022



A tese de doutoramento foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor do Instituto de Investigação e Formação Avançada:

Presidente | José Alberto Gomes Machado (Universidade de Évora)

Vogais | Fernando Paulo Leitão Simões Rosa Dias (Universidade de Lisboa)
João Carlos Pires Brigola (Universidade de Évora)
Luís Urbano de Oliveira Afonso (Universidade Nova de Lisboa)
Maria Luísa Mota Soares de Oliveira (Instituto Politécnico de Leiria - Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha)
Sandra Leandro (Universidade de Évora) (Orientador)

A tese de doutoramento respeita a Norma ortográfica pré-acordo, por opção da autora.

Agradecimentos

Em primeiro, os meus profundos agradecimentos à Professora Doutora Sandra Leandro, pela honra concedida ao aceitar ser minha orientadora e, sobretudo, pelo muito que me ensinou.

À minha família, amigos e colegas por todo o apoio e esforço que fizeram ao longo destes anos. Um enorme obrigado a todos.

Uma lembrança mui grata aos que me facultaram informações, ensinamentos e documentação em especial ao Mário Silva, já falecido.

Um agradecimento muito especial à Professora Doutora Helena Freire Cameron e ao Reverendo Padre Doutor Frei Gonçalo Figueiredo OFM, pelo incentivo, ajuda e ânimo. Sem eles nada disto teria sido assim.

Um agradecimento profundo ao meu Pai e em especial à minha Mãe, que foi uma presença constante na minha vida, que estará sempre comigo, mas que, infelizmente, não viu este projeto concretizar-se.

Ao Roy por ser a minha âncora em todos os momentos.

Índice

Agradecimentos.....	i
Índice.....	ii
Índice de figuras	v
Siglas	ix
Resumo.....	x
Abstract	xi
Introdução	1
PARTE I.....	9
Capítulo 1 - A especificidade de Coimbra em relação com Lisboa e Porto	10
1. Sociedades artísticas de ensino não universitário	10
1.1. A Sociedade Nacional de Belas-Artes	10
1.2. A Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL	15
2. As Artes em Coimbra nos finais do século XIX	21
2.1. A Sociedade de Instrução dos Operários, Coimbra, 1851	22
2.2. A Associação dos Artistas de Coimbra em 1861.....	24
2.3. A Escola Livre das Artes do Desenho, Coimbra, 1878.....	27
3. Coimbra e a Arte fora da Academia/Universidade	31
3.1. Arte e Artistas - Coimbra na segunda metade do Século XX	32
Capítulo 2 – A Universidade e as Artes.....	43
1. O Ensino de Desenho na Universidade de Coimbra.....	43
2. Século XX –A Associação Académica de Coimbra e as Artes.....	47
3. A Queima das Fitas e as Artes Plásticas	50
3.1. A tradição da Queima das Fitas– caricaturas.....	50
3.2. Cartazes da Queima das Fitas.....	53
4. Manifestações artísticas de âmbito universitário	55
5. Do início do século XX à década de 1940	60
PARTE II.....	63
Capítulo 1 - A Década de 1950 - O surgimento do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra	64
1. Os <i>alicerces</i> do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.....	77
2. Os apoios da Fundação Calouste Gulbenkian	79
3. As instalações - Montarroio, Museu Nacional Machado de Castro e Castro Matoso.....	80
4. Os anos iniciais – Aulas, ateliers e exposições	90

Capítulo 2 - A primeira década de actividades do Círculo: 1960-1970	99
1. O Dia do Estudante	107
2. Os anos de 1963 e 1964	108
3. De 1965 para a frente – cursos, conferências, conversas, colóquios	110
4. O gosto pelo cinema	117
5. Lutas Académicas de 1969	125
5.1. A Operação Flor	127
5.2. A Operação Balão	130
6. A EILA - I Exposição Internacional do Livro de Arte.....	131
PARTE III.....	138
Capítulo 1 - As linhas de orientação Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: uma década	139
1. Década de 1970.....	140
1.1. As novas abordagens artísticas da década de 70 do século XX	142
2. Uma Escola de Belas-Artes em Coimbra?	145
3. Novos focos de intervenção e divulgação artística	149
PARTE IV	160
Capítulo 1 - Aniversário da Arte 1.000.011º	161
1. O ano de 1974 - uma nova visão artística	167
2. A Revolução.....	168
3. A vertente pedagógica do Círculo de Artes Plásticas – criação e actividade fora de portas.....	174
4. Semana da Arte (da) na Rua.....	180
5. Coimbra não se revê no CAP e o CAP não se revê em Coimbra	188
6. O Surgimento de Colectivos de Criação - O Grupo Puzzle	192
7. Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (GICAPC) -O GRUPO CORES ..	196
8. A criação colectiva: Alternativa Zero e Living Theatre	204
PARTE V	216
Capítulo 1 - De Círculo de Artes Plásticas a Círculo de Artes Plásticas de Coimbra	217
1. Anos 80.....	220
1.1. A sociedade muda e o CAP também muda	221
1.2. Arquivo de Documentação Artística (ADA)	222
2. Projectos & Progestos, Artitude.....	224
3. A área audiovisual	226
Capítulo 2 - Traçam-se novos caminhos na arte portuguesa?.....	229
1. O surgimento da OIC - Oficina de Interacção Criativa.....	238
2. Actividade e Comemoração - 25º aniversário do Círculo.....	242
3. Vinte e cinco anos - Para comemorar?	243

4. Uma Instituição a crescer	250
Capítulo 3 - A segunda EILA e a repercussão na visão da arte nacional: o papel do livro na compreensão e no desenvolvimento de projectos artísticos.....	260
1. O Projecto Pedagógico do Círculo	263
1.1. Os Professores	273
2. Os anos de 1990 e as problemáticas de intervenção	274
3. Novas linhas programáticas	275
Capítulo 4 - Nova programação - Novo edifício	285
1. Centro de Arte Contemporânea do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra - CAC do CAPC.....	286
2. O percurso contemporâneo – Século XXI.....	289
Conclusão	291
FONTES E BIBLIOGRAFIA	297
Fontes manuscritas e dactilografadas - Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra	298
Bibliografia Geral	334
Bibliografia Específica	342
Imprensa periódica e revistas	343
Teses e dissertações	345
Webgrafia	347
Índice Onomástico	351

Índice de figuras

FIG. 1 – SALA DE TRABALHO DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS NO MUSEU MACHADO DE CASTRO.....	6
FIG. 2 - CONVITE PARA EXPOSIÇÃO DA ESCOLA LIVRE DAS ARTES DO DESENHO, A REALIZAR NA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA	31
FIG. 3 – CENTENÁRIO DA SEBENTA – REVISTA BRASIL PORTUGAL.....	50
FIG. 4 – QUINTO ANNO MEDICO DE 1911-12.....	51
FIG. 5 – CARTAZ DA QUEIMA DAS FITAS, 4 DE MAIO DE 1926	53
FIG. 6 – CARTAZ DA QUEIMA DAS FITAS, 24 A 28 DE MAIO DE 1935.....	54
FIG. 7 E FIG. 8 – CARTAZES DA EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS DA QUEIMA DAS FITAS DE 1959 E 1960	54
FIG. 9 – CAPA DO CATÁLOGO DO I SALÃO DOS INDEPENDENTES.....	61
FIG. 10 – CATÁLOGO DA <i>EXPOSIÇÃO DE ARTES PLÁSTICAS</i> DA QUEIMA DAS FITAS DE 1958	67
FIG. 11 – CARTÃO DE SÓCIO DE MÁRIO SILVA, SÓCIO Nº1 DO CÍRCULO DE ARTES DE COIMBRA	69
FIG. 12 – CARTÃO DE SÓCIO DE JORGE MIRA COELHO	69
FIG. 13 – CARTÃO DE SÓCIO DE JOAQUIM THOMÉ.....	69
FIG. 14 – CARTÃO DE SÓCIO DE MARIA MOREIRA	70
FIG. 15 – DESENHOS E PINTURAS DE MARIA MOREIRA	70
FIG. 16 – LIVRO DE CURSO DE DIREITO DE 1960 – CARICATURA DE EMÍLIO RUI VILAR	71
FIG. 17 –EMÍLIO RUI VILAR, COMPOSIÇÃO, OUTONO, 1958.....	71
FIG. 18 – CARTÃO DE SÓCIO DE AUGUSTO MOTA	72
FIG. 19 – AUGUSTO MOTA. VÓRTICE OU A GÉNESE DO FETO NUCLEAR, 1958	73
FIG. 20 – PAPEL TIMBRADO, ONDE SE LÊ A MORADA DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS.....	81
FIG. 21 – PAPEL TIMBRADO, ONDE SE CONFIRMA A NOVA MORADA DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS	81
FIG. 22 – INAUGURAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS NAS INSTALAÇÕES DO MUSEU MACHADO DE CASTRO, 1959	82
FIG. 23 – INAUGURAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS NAS INSTALAÇÕES DO MUSEU MACHADO DE CASTRO, 1959	83
FIG. 24 – FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE ALUNOS DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS NO MUSEU MACHADO DE CASTRO, REALIZADA A 4 DE DEZEMBRO DE 1960	83
FIG. 25 – FRENTE E 1ª PÁGINA DO DESDOBRÁVEL DA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE ALUNOS DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS NO MUSEU MACHADO DE CASTRO, 4 DE DEZEMBRO DE 1960	84
FIG. 26 – WENDY PARAMOR, EXPOSIÇÃO NO MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO, 1961	85

FIG. 27 – FRENTE E VERSO DO DESDOBRÁVEL DA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS DE ALUNOS DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS NO MUSEU MACHADO DE CASTRO, 23 DE MAIO DE 1964	85
FIG. 28 – SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU MACHADO DE CASTRO, INAUGURAÇÃO DE EXPOSIÇÃO DE ALUNOS	86
FIG. 29 – PAPEL TIMBRADO COM A MORADA DA NOVA SEDE, RUA CASTRO MATOSO, 18	88
FIG. 30 – PLANTA DA SEDE DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS, RUA CASTRO MATOSO, 18.....	89
FIG. 31 – SÍMBOLO DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS, IDEALIZADO POR MÁRIO SILVA E JORGE MIRA COELHO, 1960	90
FIG. 32 – EXPOSIÇÃO NO MUSEU MACHADO DE CASTRO COM O AUXÍLIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN	91
FIG. 33 – CAPA DE DESDOBRÁVEL DA II EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA DE VIANA DO CASTELO	93
FIG. 34 – ASPECTO DAS SALAS DA II EXPOSIÇÃO DE ARTE MODERNA DE VIANA DO CASTELO, MUSEU MACHADO DE CASTRO	93
FIG. 35 – INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO COM O PROFESSOR LUÍS REIS SANTOS NO USO DA PALAVRA ...	94
FIG. 36 – INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO	94
FIG. 37 – INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE ARTE ESQUIMÓ – MUSEU NACIONAL MACHADO DE CASTRO	95
FIG. 38 – O CANAVIAL (MEMÓRIA METAMORFOSE DE UM CORPO AUSENTE), ALBERTO CARNEIRO	100
FIG. 39 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE WALDEMAR DA COSTA	101
FIG. 40 – CONVITE PARA A EXPOSIÇÃO DE TOM	102
FIG. 41 – INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DE TOM.....	103
FIG. 42 – CAPA E CONTRA-CAPA DO CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DE AUGUSTO MOTA	104
FIG. 43 – CICLO DE FILMES DE ARTE, FOLHETO DE DIVULGAÇÃO DE CICLO ORGANIZADO EM COLABORAÇÃO COM O CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS DE COIMBRA	123
FIG. 44 – ESTUDANTES E POPULARES AGUARDAM O DESFILE DA GNR	125
FIG. 45 – ESCADAS MONUMENTAIS	126
FIG. 46 – PRIMEIRO DIA DE GREVE AOS EXAMES	127
FIG. 47 - OPERAÇÃO FLOR- CADA ESTUDANTE COM UMA FLOR, A CAMINHO DA BAIXA DA CIDADE	128
FIG. 48 – OPERAÇÃO FLOR	129
FIG. 49 – OPERAÇÃO BALÃO, CONCENTRAÇÃO NOS JARDINS DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA	130
FIG. 50 – OPERAÇÃO BALÃO NO LARGO DA PORTAGEM	130
FIG. 51 – I EXPOSIÇÃO DO LIVRO E.I.L.A., 1968	132
FIG. 52 – TÚLIA SALDANHA.....	148
FIG. 53 - ?, RUI ÓRFÃO, TÚLIA SALDANHA, ANA HATHERLY	149
FIG. 54 – A FLORESTA, ALBERTO CARNEIRO	156

FIG. 55 – ANIVERSÁRIO DA ARTE: INTERVENÇÃO DE ALBUQUERQUE MENDES NA RUA CASTRO MATOSO Nº 18, FRONTEIRA À SEDE DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS	163
FIG. 56 – LABIRINTO SITUADO NO SÓTÃO DA SEDE DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS	164
FIG. 57 – ESCORREGA MONTADO NAS ESCADAS DO EDIFÍCIO DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS	164
FIG. 58 – ESPAÇOS DE DIVERTIMENTO E DESCONTRAÇÃO MONTADOS NA SEDE DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS	165
FIG. 59 – NEGATIVOS DAS FOTOGRAFIAS DA FESTA E DOS VÁRIOS ESPAÇOS DE DIVERTIMENTO E DESCONTRAÇÃO MONTADOS NO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS	166
FIG. 60 – ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS COM PÚBLICO INFANTIL, BAIRRO DA CONCHADA, 1973-1976	175
FIG. 61 – ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS COM PÚBLICO INFANTIL, BAIRRO DA CONCHADA, 1973-1976	175
FIG. 62 – CARTAZ DE DIVULGAÇÃO D'A SEMANA DA ARTE NA RUA	180
FIG. 63 – PROGRAMA DA SEMANA DA ARTE NA RUA	182
FIG. 64 – PLANTA DO LABIRINTO	183
FIG. 65 – LABIRINTO NA PRAÇA DA REPÚBLICA, 1976	183
FIG. 66 – LABIRINTO NA PRAÇA DA REPÚBLICA	184
FIG. 67 – SEMANA DE ARTE NA RUA	186
FIG. 68 - JORGE LIMA BARRETO E ANAR BAND	187
FIG. 69 – EXPOSIÇÃO RECORDAÇÕES-RECORDAÇÕES-RECORDAÇÕES, ARMANDO AZEVEDO	191
FIG. 70 – INTERVENÇÃO DO GRUPO CORES NA ALTERNATIVA ZERO: TENDÊNCIAS POLÉMICAS NA ARTE PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA NA GALERIA DE ARTE MODERNA DE BELÉM, LISBOA.....	192
FIG. 71 – GRUPO CORES NUMA INTERVENÇÃO NO IV ENCONTRO INTERNACIONAL DE ARTE NAS CALDAS DA RAINHA	198
FIG. 72 – APRESENTAÇÃO NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES	201
FIG. 73 – CADERNOS DE ARTE MODERNA PORTUGUESA, 1978	203
FIG. 74 – LIVING THEATRE, COIMBRA.....	205
FIG. 75 – LIVING THEATRE, PÁTIO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.....	206
FIG. 76 – ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS COM PÚBLICO INFANTIL, ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO, 1975	209
FIG. 77 – MINEO YAMAGUCHI, <i>SPACE</i> , CICLO DE PERFORMANCE, 1980	215
FIG. 78 – INTERVENÇÃO ECOLÓGICA PERFORMANCE CAPC, PRAÇA DA REPÚBLICA, 1979	215
FIG. 79 – PANORAMA DAS GALERIAS 1, INSTALAÇÕES: ANTÓNIO BARROS - PURAS RAZÕES...IMPURA; ARMANDO AZEVEDO, UTOPIAS E UTOPIA	218
FIG. 80 – PANORAMA DAS GALERIAS 2, INSTALAÇÕES: ANTÓNIO BARROS – GRITOS DE ANGÚSTIA E SARCASMO; RUI ÓRFÃO – MEMÓRIA DAS IMAGENS AUSENTES	218
FIG. 81 - ARTITUDE	225

FIG. 82 – INTERVENÇÃO NA RUA, PAINÉIS DE DIVULGAÇÃO, 1981	233
FIG. 83 – CRUZEIRO SEIXAS, 1981.....	235
FIG. 84 – ANTÓNIO BARROS - MANHÃS RAÍZES/DUM SONO LÚCIDO	240
FIG. 85 – OIC, PAINEL INFORMATIVO	241
FIG. 86 – CARTAZ COMEMORATIVO DOS 25 ANOS DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA.....	243
FIG. 87 – 25º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS, EMÍLIO RUI VILAR, ?, JORGE MIRA COELHO, TÚLIA SALDANHA.....	244
FIG. 88 – SESSÕES DE INTERCRIATIVIDADE, 1979/80.....	246
FIG. 89 – SESSÕES DE INTERCRIATIVIDADE	247
FIG. 90 – SESSÃO DE INTERCRIATIVIDADE Nº 2 – 1º GRUPO.....	247
FIG. 91 – SESSÃO DE INTERCRIATIVIDADE Nº3 – 1º GRUPO	248
FIG. 92 – SESSÃO DE INTERCRIATIVIDADE Nº5 – 1º GRUPO	248
FIG. 93 – SESSÃO DE INTERCRIATIVIDADE, 2º GRUPO	249
FIG. 94 – SESSÕES DE INTERCRIATIVIDADE	249
FIG. 95 – MUUT, 1986	251
FIG. 96 – EURICO DESDOBRAGENS/ O GESTO E A ESCRITA, 1986.....	251
FIG. 97 – EXPOSIÇÃO I AND L, 1986.....	252
FIG. 98 – INSTALAÇÃO BIITIME, 1986.....	253
FIG. 99 – EXPOSIÇÃO DE LITOGRAFIAS DE GÜNTHER GRASS, CAPC E GÖETHE-INSTITUT.....	254
FIG. 100 – OFICINAS DE INICIAÇÃO E DE TECNOLOGIAS DE PINTURA	260
FIG. 101 – ESPAÇO DA BIBLIOTECA	261
FIG. 102 – PROPOSTA DO NOVO LOGOTIPO DO CÍRCULO, 1991	278
FIG. 103 – VALDEMAR SANTOS, ÂNGELO DE SOUSA, 1992.....	282
FIG. 104 – PLANTA GERAL DO R/CH DO EDIFÍCIO DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS, NA RUA CASTRO MATOSO, Nº 18	284
FIG. 105 – PLANTA DO CENTRO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO CAPC	287

Siglas

AAC – Associação Académica de Coimbra

AICA – Associação Internacional de Críticos de Arte

CAP - Círculo de Artes Plásticas

CAPAC - Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra

CAPC - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

CITAC - Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra

FCG - Fundação Calouste Gulbenkian

GEFAC - Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra

SNBA – Sociedade Nacional de Belas Artes

TEUC - Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra

Resumo

Ensino e prática artística: Coimbra na segunda metade do século XX

Entre 1958 e 2000, o Círculo de Artes Plásticas, em Coimbra, pautou a sua actividade pelo ensino, divulgação e pesquisa no âmbito das artes plásticas. Ao longo desse tempo, foram-se desenrolando actividades e intervenções que deixaram marcas no panorama cultural nacional, motivo por que foi reconhecido como espaço de referência no país. O constatar da ausência de informação organizada sobre o percurso do Círculo de Artes Plásticas, que permitisse conhecer a diversidade de momentos ocorridos e a pluralidade de contextos na altura vivenciados motivou a procura de documentação relevante que contribuísse para a compreensão do percurso então vivido. Esta tese visa assim apresentar e documentar o trajecto, vivido pelo Círculo de Artes Plásticas ao longo de 40 anos. A vasta documentação encontrada definiu a organização formal adoptada na elaboração deste trabalho, consubstanciada numa apresentação dos dados obtidos, sistematizada cronologicamente em duas partes. Assim, numa primeira parte elaborou-se uma abordagem sobre o surgimento do Círculo de Artes Plásticas na Academia de Coimbra e a definição do seu projecto pedagógico, na segunda parte analisou-se a renovação, decorrente dos desafios da Arte que, entretanto, apareceram.

Palavras-chave:

Artes, Ensino, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC), Vanguarda.

Abstract

Artistic Teaching and Practice: Coimbra in the second half of the XXth century

Between 1958 and 2000, the *Círculo de Artes Plásticas*, in Coimbra, was active in teaching, dissemination and research in the field of fine arts. During this period, there occurred various activities which left their mark on the national cultural scene, being this the reason that it was acknowledged as a reference point in this country. The lack of organized information about the trajectory of the *Círculo de Artes Plásticas*, which would allow one to know the diverse moments and the plurality of contexts experienced at the time, led to the search for relevant documentation which would contribute to the understanding of the path then taken. This thesis aims to present and document the trajectory taken by the *Círculo de Artes Plásticas* during those four decades. The vast documentation found defined the formal organization decided in the preparation of this work, substantiated in the presentation of the data obtained chronologically systematized in two parts. In the first part, we present the study of the emergence of the *Círculo de Artes Plásticas* in the Coimbra Academy and the definition of its pedagogical project. In the second part, we analyze the renovation arising from the challenges of Art, which, meanwhile, occurred.

Key Words:

Arts, Teaching, *Círculo de Artes Plásticas de Coimbra* (CAPC), Vanguard.

Introdução

A ausência de estudos aprofundados sobre o Círculo de Artes Plásticas e a sua ligação à cidade de Coimbra, levou-nos a uma pesquisa desta instituição, uma referência importante no panorama artístico do país, até agora sem uma abordagem abrangente.

O Círculo de Artes Plásticas foi um marco e uma referência no meio cultural da cidade e, principalmente, no meio artístico, de ensino e vanguarda nas décadas de 1970 e 1980 em Portugal, pensado e levado a bom porto pela força de vontade de um pequeno grupo de estudantes universitários, de diversas áreas, que conseguiu fazer dele uma Secção da Academia de Coimbra e, mais tarde, um Organismo Autónomo, estatuto que tem ainda nos nossos dias.

Por lá passaram nomes maiores das artes portuguesas como Mário Silva, António Pimentel, Augusto Mota, Alberto Carneiro, Ângelo de Sousa, Tília Saldanha, Rui Órfão, António Barros, ou colaboradores/amigos como Ernesto de Sousa.

Daí a pertinência da realização de um estudo aturado e sistematizado, balizado cronologicamente, que permitisse uma reflexão sobre a vida e evolução deste espaço cultural, que teve como princípio norteador o ensino, a criação artística e a divulgação das artes visuais.

Encontramos algumas obras de referência como «Círculo de Artes Plásticas: no viver o elogio dos oásis» de Margarida Lebreiro Amaro, num artigo publicado na revista *Mundo da Arte*, nos anos 1990, os textos de Isabel Nogueira «Recordações Imaginárias:

Armando Azevedo e o CAPC no contexto da arte portuguesa dos anos setenta», no catálogo de *Recordações Imaginárias* em 2008 e o estudo sobre a década de setenta «A vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti» ou António Barros com o texto «Geração Black Cube» na Revista *Rua Larga* de 2010.

Também o «Círculo de Artes Plásticas e futuro – o CAPC depois dos 50» é tratado por António Olaio num texto para a revista *Rua Larga* de 2009 e as dissertações de mestrado realizadas por António Azenha, «Círculo de Artes Plásticas e a génese do grupo PUZZLE» de 2008, Ana Maria Lacerda com «Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: um espaço de ensino, reflexão e diálogo artístico» de 2010 e Pedro Sousa com «A Obra Performativa de Armando Azevedo» de 2011.

Em 2013, Márcia Oliveira, na sua dissertação de doutoramento intitulada «Arte e feminismo em Portugal no contexto pós-Revolução», fez referência à importância do Círculo de Artes Plásticas e ao papel pioneiro desenvolvido nos anos 1980 pela sua diretora Tília Saldanha.

Anteriormente e, no âmbito da exposição *Anos 70, Atravessar Fronteiras*, na Fundação Calouste Gulbenkian em 2009, realizámos conferências e apresentações temáticas sobre a criação e desenvolvimento artístico-criativo do Círculo de Artes Plásticas e publicámos um artigo intitulado «As Artes Plásticas em Coimbra», na revista on-line *IdeiArte*.

Com vista a assinalar a passagem dos 50 anos do Círculo de Artes Plásticas, desenvolvemos trabalho de pesquisa sobre o tema e publicámos *50 anos do CAPC - Uma faceta das Artes Plásticas em Coimbra*, livro editado pela Mar da Palavra em 2010, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Para a realização da dissertação que agora apresentamos, realizámos uma investigação aprofundada e extensa da documentação, na sua maioria inédita, que se encontra nas antigas instalações da instituição, a fim de traçar um percurso de criação artística e fomento cultural, na cidade de Coimbra, ao longo de cinquenta anos.

O trabalho por nós concretizado traz à luz documentação de natureza variada, cartas, relatórios, actas, balanços de actividades, fotografias, esboços, desenhos e obras de arte, que até agora têm estado fora do alcance dos investigadores e da comunidade científica e artística em geral, por se encontrarem guardados no edifício sede do Círculo, com risco de se perderem ou danificarem para sempre, estando assim presente uma urgência de socorro patrimonial.

Ao escolher o tema pretendemos realizar uma reflexão aturada e sistematizada sobre o surgimento de uma escola/*atelier* de artes plásticas, no final da década de 50, mais precisamente no ano de 1958, em Coimbra, uma cidade essencialmente universitária, com um ensino muito espartilhado e teórico e que à época, não tinha nenhum ensino artístico aprofundado, nem de nível superior.

Também quisemos compreender a inovação e originalidade do projecto na época em que foi pensado e criado, pois anteriormente, em Coimbra, só tinha existido a Escola Livre das Artes do Desenho e alguns *ateliers* de pouca duração, como o de Manuel Jardim, para o ensino individual de desenho e pintura.

Quisemos igualmente reflectir sobre esta referência cultural, num contexto de ensino artístico na segunda metade do século XX, em que tudo muda e se transforma e as artes são um veículo de diferenciação de pensamento.

Na primeira fase procedemos a uma recolha exaustiva, em bibliotecas (Biblioteca Nacional de Portugal, Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Arquivo da Fundação Calouste Gulbenkian, Biblioteca Municipal de Coimbra, Biblioteca da Universidade de Coimbra, Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Hemeroteca de Lisboa) de publicações especializadas na área e época que nos propusemos trabalhar, que se prolongou até ao final da investigação e que serviu de suporte para a elaboração da tese, a fim de estabelecer paralelismos temporais e de actividades artísticas, na cidade de Coimbra, durante o período cronológico escolhido. Esta pesquisa serviu-nos para ter presente o que foi feito até agora e a inovação deste nosso trabalho em termos de estudo e levantamento de documentação e sistematização.

Numa segunda fase, procedemos ao levantamento da documentação dispersa pelos edifícios do Círculo de Artes Plásticas (na rua Castro Matoso, nº 29 e no Centro de Arte Contemporânea do Círculo de Artes Plásticas, no edifício da Biblioteca Municipal, situado no Parque de Santa Cruz) analisando pormenorizadamente correspondência, fotografias, panfletos, folhas avulsas, cartazes, livros de actas, dossiers de imprensa, catálogos, encontrando-se todo o material guardado em dossiers sem nenhuma coerência ou método de arquivamento.

Além da diversa correspondência trocada entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian e posteriormente também com a Secretaria de Estado da Cultura, com vista à obtenção de subsídios e/ou apoios para actividades, contratação de professores, deslocações, aquisição de material, também fazem parte do espólio interessantes cartas trocadas com os mais diversos artistas, nacionais e estrangeiros, para a realização de exposições, conferências e encontros sobre arte.

A referida documentação foi, na maioria, digitalizada e/ou fotografada, para futuras utilizações por parte de outros investigadores e com o fim de a preservar e agrupar sistematicamente.

Na terceira fase, procedeu-se a uma investigação contínua, com vista a analisar a documentação existente em outras instituições e arquivos particulares (em especial de Mário Silva e Maria Moreira), nomeadamente documentação visual, tal como catálogos, fotografias, recortes de jornais e a realização de entrevistas aos agentes principais da idealização desta instituição, os fundadores e primeiros sócios do Círculo de Artes Plásticas.

A presente tese foi elaborada com base num discurso cronológico, através da apresentação das principais linhas de orientação implementadas pelas diferentes direcções, das actividades lectivas anuais, o plano pedagógico e o calendário expositivo, mostrando o papel inovador e a importância que o Círculo de Artes Plásticas foi ganhando no panorama educativo, cultural e artístico do país, ao longo dos anos.

Dividimos o trabalho em duas partes, sendo a primeira referente à abordagem do surgimento do Círculo de Artes Plásticas na Academia de Coimbra e a definição do seu

projecto pedagógico, de que forma uma cidade universitária com um ensino marcadamente teórico necessita e vê surgir um espaço de ensino e prática artística de cariz eminentemente prático, de início virado exclusivamente para alunos universitários, mas que tivessem gosto e apetência pelas Artes Plásticas e mais tarde alargado a estudantes de outros níveis e a pessoas que gostassem de artes e de aprender.

O Círculo surgiu como uma proposta alternativa, tentando ser um espaço aberto, de troca de ideias e saberes, um espaço dinâmico, um local de experimentação e de estudo, um espaço capaz de interagir com outras instituições da cidade, a nível cultural e universitário.

Coimbra era então uma cidade deficitária no que se refere à divulgação e ensino das Artes Plásticas, uma cidade com forte peso universitário, mas em que a actividade artística era relegada para um plano secundário.

Tentou-se satisfazer as necessidades artísticas e culturais da cidade e a formação de um *atelier* colectivo que tivesse condições para a criação de obras artísticas e simultaneamente conseguisse organizar exposições, fizesse divulgação de ilustrações e textos sobre questões da arte, por exemplo na revista *Via Latina* e em simultâneo promovesse as Artes. Movia-os a vontade da criação de uma Escola de Belas-Artes.

Pretenderam dar a conhecer ao público conimbricense e não só, artistas consagrados, nacionais, estrangeiros e jovens artistas. Tentaram criar um quase laboratório de pesquisa, experimentação e intervenção na cidade, que visasse interagir com as outras instituições culturais e dialogar com futuros públicos.

Numa segunda parte foi analisada a renovação do Círculo de Artes Plásticas, decorrente dos desafios da arte que foram surgindo ao longo dos anos, muito em especial durante a conturbada, em termos sociais, políticos e ideológicos, década de 1970 e durante a década de 1980, altura em que muito mudou no país e na vivência e pensamento artístico.

Surgiram novas formas de ver e sentir a Arte e novos públicos e os novos artistas, condicionadas pelo rescaldo das Crises Académicas, pela Revolução de 1974 e pelos

movimentos da década de 1980. O Círculo estava na primeira linha da inovação artístico-cultural e as inovações acompanham as revoluções...

Reestruturaram todo o espaço interno e dá-se a organização da biblioteca, arquivo de diapositivos, ficheiros de artistas e movimentos. Foi criada a Galeria CAPC, com uma função pedagógica, através da divulgação e da mostragem crítica e polémica das Artes Plásticas. Iniciou-se um curso de Educação Visual e todo um longo processo de experimentações artísticas com especial enfoque para a colaboração mútua de Túlia Saldanha e Ernesto de Sousa, na arte performativa e abriram novos espaços expositivos. Criaram-se novos grupos de actividade artística como O GICAP (Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas), o CORES, o OIC (Oficina de Interação Criativa). O Círculo foi, na época, a única escola de artes com exposições individuais e colectivas, com intervenções/manobras estéticas, *happenings*, *performances*, cursos livres, convívios, conferências e trocas de ideias e pensamentos.



Fig. 1 – Sala de trabalho do Círculo de Artes Plásticas no Museu Machado de Castro

Nota: De pé -? António Pimentel,?, António Ferraz de Carvalho, Victor Manuel Sampaio e Melo, Alfredo Caetano Madureira e Castro, Maria Moreira, Francisca Teixeira Lopes, Manuel Jonet de Faria Gonçalves, Álvaro Gouveia e Melo (de pé)

Arquivo Particular – Maria Moreira

Desde o seu início e por intermédio de Mário Silva¹ o Círculo contou com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian para fazer face a dificuldades financeiras.

A Fundação Calouste Gulbenkian concedeu subsídios e apoios, suportando também os honorários dos professores. E após a transferência para a rua Castro Matoso fez, igualmente, o pagamento da renda do edifício, assim como continuou a apoiar a compra de material para os *ateliers* e a organização e montagem das exposições dos sócios do Círculo e de artistas convidados, nacionais e estrangeiros.

Já em 1889, Duarte Santos escrevia no jornal *A Voz do Artista*:

Coimbra, a Florença portuguesa, como era denominada ainda há uns trinta anos, caiu numa desoladora decadência artística.

Os artistas, e intelectuais, que tanto a enobreciam desapareceram, não deixando sucessores. Os que restam estão envelhecidos e fora de actividade, pelo menos fulgurante, em que deixaram gravado o seu nome. Os novos, os que existem, vivem abandonados, entregues a si mesmo, sem quaisquer facilidades que lhes insuffle coragem ou ensinamentos. Não têm mestres nem críticos competentes, que os orientem, nem palestras de arte de onde recolham os ensinamentos que necessitam. Menos ainda onde se reúnam para discutirem os seus problemas. Utilizam os Cafés para trocarem as suas impressões sobre arte. Deles fazem a sua Academia. Disto resulta a estagnação em que se tem mantido a arte coimbrã, e o exodo dos novos para os meios onde o ambiente lhes é propício.

Com o desaparecimento de Mestre Gonçalves extinguiu-se a Escola Livre das Artes do Desenho, de tão nobres tradições, onde se formaram artistas que levaram longe a fama e o prestígio da nossa terra.

Adolfo de Freitas que tanto tem defendido os interesses de Coimbra, bem pugnou pela sua reabertura, mas não viu coroado de êxito os seus esforços, não obstante o apoio que lhe deram alguns antigos alunos, e seria talvez oportuno voltar de novo ao assunto, podia ser que agora encontrasse ambiente favorável.

É preciso fazer ressurgir Coimbra, tirando-a da letargia em que se tem mantido, para que torne a ser o alfôbre de artista e volte a firmar o seu valor artístico e intelectual. Só a tradição não basta para lhe dar prestígio.²

¹ Mário Silva, (1929-2006), estudante de Engenharia, participou na formação de várias secções culturais da Academia de Coimbra, artista plástico essencialmente neofigurativo, com obra no campo da Pintura, alargando-se às Artes Gráficas (Monotipia, Gravura, Serigrafia, Ilustração e Cartaz), Cerâmica, Escultura Arte Pública Monumental. Viveu e trabalhou na sua casa-atelier em Lavos-Figueira da Foz,. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. V, p. 195.

² SANTOS, Duarte - «A decadência da Arte Coimbrã». *A Voz do Artista*, (11 Jan. 1889) 5.

Parte I

Capítulo 1 - A especificidade de Coimbra em relação com Lisboa e Porto

Partindo da frase, posterior, de Ernesto de Sousa sobre o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: “Trata-se da única Sociedade artística deste país que mantém um espírito de *workshop*, o que não foi possível conseguir nem em Lisboa, com por exemplo, a S.N.B.A. nem no Porto com, por exemplo, a Cooperativa Árvore”³.

Em Lisboa e no Porto o desenvolvimento do ensino artístico desenrolou-se de uma forma própria, eram cidades em que as Escolas de Belas Artes tinham um grande peso e em que o ensino artístico universitário se desenvolveu ao longo de muitos anos. No entanto também nestas cidades, os surgimentos de escolas de arte não universitárias foram imprescindíveis para a divulgação do ensino e conhecimento da arte, como, por exemplo a Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa e a Cooperativa Árvore no Porto.

1. Sociedades artísticas de ensino não universitário

1.1. A Sociedade Nacional de Belas-Artes

Tal como o Círculo de Artes Plásticas existiam outras instituições pelo país que, como a Sociedade Nacional de Belas-Artes em Lisboa e a Cooperativa Árvore no Porto, se focavam na acção dinamizadora do ensino e práticas artísticas.

³ SOUSA, Ernesto de - Arte na Rua. *Colóquio/Artes*, nº 29, (Out. 1976) 70.

A SNBA com um início muito anterior ao do Círculo, nos dias de hoje continua a ser um local incontornável no panorama artístico nacional, com cursos, exposições, actividades pedagógicas e didáticas ao longo do ano.

O “Palácio das Belas Artes”, traçado pelo arquitecto Álvaro Machado, foi inaugurado em 1913, ano em que a SNBA passou a realizar regularmente exposições. A Sociedade Nacional de Belas-Artes foi o resultado da fusão de duas instituições anteriores: a Sociedade Promotora das Belas-Artes em Portugal, fundada no ano de 1861 e o Grémio Artístico, criado em 1890. Este tinha sucedido ao Grupo do Leão, que teve o início das suas actividades em 1880.⁴

A SNBA estabelecia no artigo 1º dos seus Estatutos o seguinte:

A Sociedade Nacional de Belas-Artes, associação de cultura fundada em 16 de Março de 1901 e reconhecida como instituição de utilidade pública por carta de lei de 29 de Junho de 1914, com sede na Rua de Barata Salgueiro, em Lisboa, tem como principal objectivo promover e auxiliar o progresso da arte em todas as suas manifestações, defender os interesses dos artistas e em especial dos seus associados, procurando auxiliá-los tanto moral como materialmente, e cooperar com o Estado e demais entidades competentes em tudo o que interesse à arte nacional e ao desenvolvimento da cultura artística.⁵

Para cumprir os fins propostos pretendia realizar, todos os anos o Salão da Primavera e o Salão de Inverno.

A SNBA acolheu também exposições como o I Salão dos Independentes (1930) e as Exposições Gerais de Artes Plásticas (1946-1956), onde se revelou a oposição possível às orientações estéticas oficiais, ditadas pela política do Estado Novo.

No final dos anos 1950, a SNBA apresentou nas suas salas três exposições que marcaram essa década: I Salão dos Artistas de Hoje (1956), o I Salão de Arte Moderna (1958) e 50 Artistas Independentes (1959).

⁴ Cf. TAVARES, Cristina Azevedo - *A Sociedade Nacional de Belas-Artes: um século de história e de arte*, Vila Nova de Cerveira: Projecto Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira, Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006.

⁵ Idem, *ibidem*, p. 71.

A SNBA era (e é) uma organização democrática, independente, representativa dos artistas portugueses, que pretendeu responder sempre às necessidades da política cultural, com a realização de diversas exposições pautando-se, igualmente, pela qualidade da sua actividade pedagógica.

No que se refere às actividades pedagógicas que eram desenvolvidas, não existia propriamente um curso, mas eram leccionadas aulas soltas, o que já vinha do Grémio Artístico e da Sociedade Promotora. Durante os primeiros anos de actividade o pintor Benvindo Ceia, que pertencia à direcção, propôs “a realização de aulas de modelo sem a presença de um professor, para que os sócios pudessem treinar o desenho de modelo”.⁶ Em 1931 inicia-se o Curso Preparatório, que habilitava o acesso aos exames de admissão à Escola de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, neste curso eram leccionadas aulas de *Desenho de figura*, *Desenho de ornato*, *modelação*, *Desenho de estátua*, *Desenho de modelo vivo*, *Desenho Architectónico*, *Geometria elementar* e *geometria descritiva* e *Aquarela*. Estas aulas seriam em horário noturno e as disciplinas só se iniciariam se tivessem um número mínimo de inscrições.⁷

Em 1958, o mesmo ano em que o Círculo de Artes Plásticas inicia as suas actividades, a SNBA inicia, anualmente, a realização de exposições colectivas de Arte Moderna, ciclos de palestras, conferências, exposições didáticas, encontros com artistas, e discussões públicas.

Em 1965 iniciaram os cursos de Formação Artística de Design e de Sociologia da Arte, abrindo também os cursos de História da Arte, Arte Contemporânea e Estética.

O Curso de Formação Artística (C.F.A.) foi inicialmente criado pela S.N.B.A. para responder a certas solicitações culturais do meio e como um projecto de cobertura mínima de lacunas dos *curricula* artísticos do ensino oficial desse tempo, tornando-se assim uma experiência pioneira entre nós.

(...)

⁶ Idem, *ibidem*, p. 71.

⁷ Idem, *ibidem*, p. 72.

a) – Curso Livre de Formação Artística (C.L.F.A.). duração de um ano lectivo, considerado Ano de formação básica ou dois anos, considerado Ano de Formação Complementar.

Primeiro ano:

- Experiências Plásticas e Comunicação Visual – abordava de modo o mais diversificado possível a forma plástica, tendo em conta os sistemas de representação a duas e três dimensões, procuravam explorar a problemática da comunicação visual, afluindo outras linguagens, sinalizações e codificações.

- Fotografia – sendo um campo de expressão autónomo, deverá, de início, integrar uma abordagem básica do maior número de aspetos tecnológicos e técnicos que a sustentam, sem deixar de se relacionar com a Experiência Plástica e Comunicação Visual, podendo alargar-se a uma experimentação mais criativa.

- História da Arte e Iniciação Estética – coordenando-se com a prática, deverá tornar possível a identificação crítica dos objectos de arte nas épocas, movimentos, escolas, para um melhor entendimento dos processos expressivos da actualidade, de acordo com a teoria estética das suas principais fundamentações.

b) – Curso de Apoio a Docentes (C.A.D.) – podiam ser ministrados sob a forma de seminários ou outras. O objectivo era o de reforçar e actualizar os meios de conhecimento devidos à prática docente de disciplinas artísticas do Ensino Básico e Secundário. A sua programação deveria ter em conta os ateliers do Ano de Formação Básica, como campo de experimentação prática.

c) – Cursos Especiais – de característica eventual e duração flexível, tinham por objectivo permitir um contacto directo e de aprofundamento técnico e estético, com especialistas de reconhecido mérito (artistas visitantes), no âmbito das artes e da comunicação visual.

d) – Actividades de Extensão Cultural – podiam ser visitas guiadas ou outras acções pontuais, dirigidas ao entendimento crítico da obra artística, utilizando as exposições promovidas ou apoiadas pela S.N.B.A.

Segundo ano:

- Ateliers para que os alunos possam desenvolver experiências pessoais, para o que contavam com a assistência “pontual” de professores de diferentes áreas.⁸

O acesso a estas formações será para pessoas com mais de 15 anos e com habilitação igual ou superior ao Básico do Ensino Secundário.

Os casos não integrados nesta condição seriam apreciados, em entrevista informal, pelos professores da área de Experiência Plástica e Comunicação Visual.

⁸ *Cursos Livres de Formação Artística* - Lisboa: S.N.B.A., 1965, [p.1].

Tinham acesso à Formação Complementar Aberta os alunos que frequentaram o Ano de Formação Básica, assim como os alunos do ramo complementar do Ensino Secundário e os que desejavam seguir para o Ensino Superior.⁹

Em 1972 alargaram às técnicas de Design, design de objectos e a sua integração na arquitectura e urbanística e Design gráfico, curso dividido em três anos, o primeiro ano básico e os outros dois anos de especialização:

- Introdução às Técnicas de Representação no Plano. Ensinar a olhar e ver, ou seja, a capacidade de relacionar as formas captadas pela visão e dar-lhes significado.
- Introdução às Técnicas de Representação no Espaço. No seguimento do anterior, em substituição da representação gráfica, jogar com a luz e a sombra. Situações mais dinâmicas do que as representações no plano. O espaço tátil e as suas envolvências. A importância dos materiais.
- Informação Cultural, História da Arte (1º ano - Iniciação, 2º ano - Aprofundamento da História Clássica, 3º ano - Conhecimento da História Moderna), Estudo comparativo entre diversos períodos da História da Arte. Dirigida aos alunos do Curso Básico e a outras pessoas que se interessassem pelos temas, podendo ser frequentadas por todos os interessados, no horário das 18h30 e com uma mensalidade mais baixa do que a do curso Global:
- Arquitectura do Ambiente;
- Sociologia da Informação;
- História e Teoria do Design;
- Teoria do Espetáculo.

Este Curso de Formação Artística desdobrou-se em horário noturno, para os alunos que só tinham essa possibilidade de horário.

⁹ Idem, *ibidem*, [p.1].

Os Cursos noturnos eram dirigidos pelos professores: pintor Rocha de Sousa e professor Luís Filipe de Oliveira.

A abertura a novas perspectivas artísticas só se fará sentir após a queda do regime político que vigorou até 1974, altura em que os sócios conseguiram apresentar, publicamente, trabalhos mais livres e modernos, sem a preocupação com a censura.

Além de todo o programa pedagógico, da realização de actividades artísticas, elaboração do esquema programático e montagem de exposições de sócios, alunos e convidados, na SNBA, tal como no Círculo e em sintonia cronológica, pensava-se numa camada de possíveis alunos que teriam mais facilidade em frequentar as aulas noturnas, devido ao seu estatuto de trabalhadores-estudantes e nos alunos com maiores dificuldades económicas, portanto foi pensada, para eles, a possibilidade de gratuidade das aulas.¹⁰

Foi também ponderado iniciar a lecionação de um curso mais completo, com a inclusão de novas disciplinas, que melhor preparasse os candidatos ao ingresso nas Escolas de Belas-Artes, esse curso tornaria a SNBA numa alternativa ao ensino artístico oficial, fomentando o gosto e a aprendizagem artística.¹¹

1.2. A Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL¹²

A Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, CRL surgiu em 1963 por um grupo de artistas plásticos que concretizaram um sonho e uma ambição antigos e é hoje um marco no meio artístico e cultural do Porto e de todo o país.

¹⁰ TAVARES, Cristina Azevedo - *A Sociedade Nacional de Belas-Artes: um século de história e de arte*, Vila Nova de Cerveira: Projecto Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira, Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006, p. 72.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 72.

¹² Este capítulo tem por base os textos e informações que nos foram fornecidas pela Cooperativa Árvore e que serviram para a realização da página da instituição na internet. <http://www.arvorecoop.pt/gca/?id=169>, assim como o livro comemorativo da criação da Cooperativa, *a Árvore das Virtudes: 38 anos com a cidade*, Porto: Cooperativa Árvore, 2015.

Fundou-se uma escola com um projecto de mediação entre o artista plástico e o público, onde se realizam colóquios, ciclos de cinema, jornais falados, teatro, ciclos de música e muitas outras iniciativas, com a colaboração de associações, fundações, museus e autarquias. A Cooperativa criou oficinas próprias de Serigrafia, Gravura, Litografia e Cerâmica, tendo também, mais tarde, um laboratório de Fotografia.

No artigo que escreveu na *Árvore das Virtudes*, (texto comemorativo dos trinta e oito anos de actividade da Cooperativa Árvore) Laura Castro mostra essa grande actividade cultural vivida no Porto:

A lista de exposições, palestras, edições, colóquios e cursos, promovidos pela Árvore entre 1963 e 2000, lista que apenas revela um abrandamento entre os anos de 1975 e 1977-78 por razões que se conhecem, deixa entrever um impressionante conjunto de actividades que não me parece ter sido igualado por outra instituição cultural da cidade¹³.

Inicialmente administrada por Henrique Alves Costa era, mais do que uma cooperativa, uma instituição cultural, com vários problemas para resolver como a ausência de recursos financeiros próprios, um número reduzido de associados (em 1963 eram de duzentos e vinte e três) falta de funcionários e falta do apoio das autoridades administrativas e/ou políticas¹⁴.

Quando surgiu a ideia da criação de uma cooperativa, o Porto necessitava de novos incentivos, para isso tentaram atrair figuras emblemáticas ligadas à cultura, como Egito Gonçalves, Arnaldo Saraiva (Literatura); Henrique Alves Costa (Cinema); Fernando Távora e José Pulido Valente (Arquitectura), Armando Castro (História) e recém-licenciados e jovens estudantes de Belas-Artes¹⁵, pois a presença de jovens no campo do associativismo artístico era uma constante neste período, lembremo-nos, por exemplo

¹³ CASTRO, Laura - «O que pode dizer-se da Árvore quando se tem a sua idade». In SANTOS, José da Cruz (ed.) - *Op. cit.*, p.21.

¹⁴ GONÇALVES, Egito - «O que pode dizer-se da Árvore quando se tem a sua idade». In SANTOS, José da Cruz - *Op. cit.*, p.33.

¹⁵ CASTRO, Laura - *Op. cit.*, p. 21.

da Associação de Estudantes da Escola de Belas-Artes do Porto que era dirigida pelos pintores Ângelo de Sousa, Armando Alves, Jorge Pinheiro e José Rodrigues.

O Círculo de Cultura Teatral com o Teatro Experimental do Porto, estava sob a direcção de António Pedro, o Círculo de Cinema era dirigido por Henrique Alves Costa e Manuel Azevedo, a Galeria Dominguez Alvarez foi fundada por António Sampaio e Jaime Izidoro e a Delegação do Norte da Sociedade Portuguesa de Escritores era dinamizada por Óscar Lopes e Egito Gonçalves¹⁶.

Na Árvore, o programa inicial relembra a preocupação com o ensino e a pedagogia¹⁷, a organização de cursos livres que viriam a concretizar-se na criação de uma escola artística, o que atesta a linha programática vocacionada para o ensino, assim como a criação de cursos de iniciação artística cujo público-alvo eram as crianças, com aulas de Música e Artes Plásticas, palestras sobre Literatura, Teatro Infantil, exposições/venda de livros (infantis e juvenis), representações de peças infantis e exposições itinerantes de trabalhos realizados pelas crianças¹⁸.

No que respeita à divulgação externa, desenvolveram-se actividades no campo das exposições e da divulgação artísticas, cooperaram com as embaixadas e os institutos francês, alemão e britânico sediados em Portugal e nas suas instalações foram apresentadas exposições de Artes Gráficas, Fotografia e Desenho, obras de artistas europeus contemporâneos bem como exposições bibliográficas, referentes a cada um dos países envolvidos¹⁹.

Esta actividade de parceria com outras instituições estendeu-se às galerias de arte e às Câmaras Municipais e favoreceu o apoio a outras iniciativas como exposições, salões, bienais e concursos realizados no continente e em território colonial.

As linhas de atuação deste espaço cultural e artístico dividem-se em três áreas fulcrais:

¹⁶ MAGALHÃES, Eduardo Calvet de - A Árvore: clássica, moderna e contemporânea, *ibidem*, p. 41.

¹⁷ Cf. CASTRO, Laura - *Op. cit.*, p. 21.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 22.

¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 21.

- Pedagogia e formação;
- Exposição e divulgação de arte;
- Produção e edição de objectos artísticos.

Com a consolidação da sua actividade e o progressivo alargamento a outras áreas de atuação, a Cooperativa Árvore construiu uma identidade artística e pedagógica muito próprias, que marcou o meio artístico nas áreas criativas e pedagógicas.

Como refere Egito Gonçalves:

“As exposições realizadas eram mais um acto de propaganda da arte e dos nomes de artistas que começavam a impor-se no meio do que um movimento comercial, sendo então o mercado de artes plásticas constituído por um escasso número de coleccionadores”.²⁰

A Cooperativa Árvore teve, igualmente, um papel muito importante na divulgação de jovens artistas que aí expuseram, pela primeira vez, como Júlio Resende, Ângelo de Sousa, Eduardo Luiz, António Quadros, Domingos Pinho, Luís Demée²¹ e os *Quatro Vintes* (grupo formado em 1968 por Ângelo de Sousa, Armando Alves, José Rodrigues e Jorge Pinheiro).

Segundo Calvet de Magalhães as actividades da Cooperativa dividiram-se em três fases²² sendo a primeira a da fundação, manutenção e resistência com Henrique Alves Costa e Egito Gonçalves (1963 a 1976), a segunda a da reconstrução, estruturação e desenvolvimento com José Rodrigues e Calvet de Magalhães (1976 a 1983) e a terceira a fase de estabilização e engrandecimento, com José Rodrigues, Henrique Silva e Amândio Secca (desde 1983)²³.

Ainda segundo o mesmo autor, a segunda fase que caracterizou a Cooperativa Árvore inicia-se em 1976, após o ataque à bomba de que foram alvo as instalações e do qual

²⁰ GONÇALVES, Egito - *Op. cit.*, p. 35.

²¹ Idem, *ibidem*, p. 38, MAGALHÃES, Eduardo Calvet de - *Op. cit.*, p. 44.

²² MAGALHÃES, Eduardo Calvet de - *Op. cit.*, p. 44.

²³ Idem, *ibidem*, p. 44.

resultou a destruição da Galeria e da fachada principal do edifício. Como resultado, Jaime Azinheira arquitectou um programa ambicioso de reestruturação e de reconstrução do espaço afetado.²⁴ Calvet de Magalhães, nomeado pela Direcção como responsável pela estruturação e profissionalização da Árvore, juntamente com José Rodrigues, procuraram uma mudança no rumo da Cooperativa, contando com a intervenção de Pedro Tamen e de Artur Nobre de Gusmão, conseguiram um subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian destinado à reconstrução da Galeria e da fachada da Sede.²⁵

Obtiveram, também, um subsídio da Secretaria de Estado da Cultura²⁶, devido à intervenção de Lima de Freitas, à época director da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura e de David Mourão Ferreira, então Secretário de Estado da Cultura.²⁷

É nesta fase que foram criados novos cursos, como os de Formação Artística Infantil - ARBUSTO²⁸, o Secundário CIESA, o de Fotografia e o de Design de Moda.²⁹ Em horário nocturno é programado o curso de Serigrafia.³⁰ Tal como o Círculo e a SNBA, a Cooperativa Árvore sentiu a necessidade de abrir cursos nocturnos, direccionados para os alunos trabalhadores ou estudantes que não tinham outra hipótese de frequentarem os cursos senão em horário pós-laboral.

A segunda fase pautou-se por novas linhas programáticas de grande iniciativa, com a abertura de cursos de formação artística de nível secundário, passando a cursos de nível superior. Alguns desses cursos foram reconhecidos pelo Ministério da Educação, com

²⁴ Idem, *ibidem*, p. 47.

²⁵ Idem, *ibidem*, p. 48.

²⁶ Idem, *ibidem*, p. 48.

²⁷ Idem, *ibidem*, p. 48.

²⁸ Obra de Úrsula Zanger, Conceição Rios e Jacinto Rodrigues, tendo sido a primeira tentativa sistemática, em Portugal, de realizar as ideias básicas da Escola Waldorf-Steiner. Idem, *ibidem*, p. 49.

²⁹ Dirigidos respectivamente pelo Arq. Júlio de Matos e Helena Matos Magalhães. Idem, *ibidem*, p. 49.

³⁰ Sob a orientação de Ricardo Osório. Idem, *ibidem*, p. 49.

estas alterações conseguiram, sem dúvida, criar uma ímpar iniciativa para o ensino particular e cooperativo.³¹

A terceira fase foi reveladora de um período de estabilização e de crescimento, com a abertura de Cursos Livres de Formação Profissional, a profissionalização das oficinas de Cerâmica, de Serigrafia, de Litografia, de Gravura e de Artes Gráficas, Cursos Livres não académicos regulares, a aquisição do edifício da sede, as obras de reconstrução e de remodelação das instalações, a abertura de um bar/cafetaria, a modernização da galeria principal e das galerias anexas, as instalações administrativas e as oficinas e ainda a dinamização da Galeria de Arte, que permitiram a transformação da Cooperativa Árvore num importante centro de venda de obras de arte no país, afastado dos restantes circuitos comerciais.

Esta obra de artistas com um programa vincadamente pedagógico e que, tal como o Círculo, se debateu com a ausência de recursos financeiros próprios e com um número reduzido de associados, assim como com a falta de funcionários e falta do apoio das autoridades administrativas e/ou políticas³², conseguiu impor-se e tornar-se num espaço de mediação entre o artista plástico e o público.

A par da SNBA, estas instituições realizavam colóquios, ciclos de cinema, colaboravam com diversas associações, fundações, museus e autarquias, criavam oficinas próprias, disponibilizavam as oficinas a todos os associados.

Todos estes focos promotores e difusores das Artes tiveram uma preponderância importantíssima no desenvolvimento da criação e fruição das Artes em Lisboa, no Porto e em Coimbra e contribuíram, de forma indelével, para o progresso do panorama cultural que hoje vivemos, pois foram o berço da aprendizagem e do desenvolvimento de muitos dos grandes nomes das artes portuguesas contemporâneas.

³¹ Idem, *ibidem*, p. 51-56.

³² GONÇALVES, Egito - A Árvore: 30 anos de vida” - *Op. cit.*, p. 33.

2. As Artes em Coimbra nos finais do século XIX

Entre os finais do século XIX e o primeiro quartel do século XX, Coimbra conheceu um notável impulso artístico, apoiado por uma significativa conjuntura social, económica e política, que se traduziu em inúmeras obras de canteiros, ceramistas e pintores³³, fruto do estudo na Escola Livre de Artes do Desenho, sob a direcção do mestre António Augusto Gonçalves³⁴.

Antes do surgimento deste centro de educação artística, no qual eram lecionadas aulas teóricas e práticas de História da Arte, talha, desenho, pintura, modelação em barro e em gesso, a par das inúmeras visitas guiadas feitas pelos professores aos alunos, estes, na sua maioria operários e com poucas posses para progredirem nos conhecimentos por sua própria conta, tinham existido já a Sociedade de Instrução dos Operários, a Associação Conimbricense do Sexo Feminino³⁵ e a Associação dos Artistas de Coimbra, esta uma

³³ DIAS, Pedro - *João Machado, Um Artista de Coimbra*, Coimbra: Edição do Autor, 1975, p. 5.

³⁴ António Augusto Gonçalves (1848-1932), Natural de Coimbra, cidade a que sempre esteve ligado. Autodidacta, foi também uma personalidade riquíssima de criação artística, organizador e pedagogo, cuja obra de formação de discípulos foi extraordinária. Foi notável no desenho, escultura, pintura, arquitectura e em obra de dimensão arqueológica. Formou os núcleos do Museu Nacional de Machado de Castro, de que foi, o primeiro director e em cuja colecção se encontra largamente representado. Como pedagogo a sua mais notável obra foi a formação da Escola Livre das Artes de Desenho em 1879 e a sua actividade docente, fecunda, na Escola Industrial de Brotero, de onde saíram numerosos discípulos, sobretudo no domínio das Artes Decorativas (ferro, madeira, barro e pedra), por sua vez teve acção relevante no restauro de diversos monumentos de Coimbra, Cf. Catálogo Artes Plásticas, Artistas de Coimbra, Movimento Artístico de Coimbra, Coimbra, 1980, p.161-62 e 328; FREITAS, Duarte Manuel - *Museu Machado de Castro: Memorial de um Complexo Arquitectónico Enquanto espaço Museológico (1911-1965)*, Edição Caleidoscópio, 2016.

³⁵ Poucos anos depois, instituiu-se a “Associação Conimbricense do Sexo Feminino”. Criada a 8 de Dezembro de 1867, foi a primeira associação (mutualista) do sexo feminino existente em Portugal. A admissão era reservada às «mulheres de bom comportamento», de 12 a 45 anos de idade, residentes em Coimbra, carecendo as menores e as casadas de prévia autorização respectivamente de seus pais ou tutores e maridos.

Visava dois níveis de objectivos e de prioridades, tendo “por fim obrigatorio o socorro mútuo e o auxílio fraternal, e por fim facultativo a instrução das associadas e a educação de suas irmãs ou filhas Menores”. A Associação Conimbricense do Sexo Feminino (posteriormente intitulada “Associação Conimbricense de socorros mútuos para o sexo feminino — Olympio Nicolau Ruy Fernandes”, em homenagem ao seu fundador) registaria um significativo nível de adesão, contando com algumas centenas de associadas (538, em 1900). Êxito notável, desmentindo os «vaticínios tristíssimos», o ridículo e a maledicência... com que foi acolhida no berço; Roque, José Lourenço, Coimbra de meados do século XIX a inícios do século XX, Imagens da sociabilidade urbana, *Revista de História das Ideias*, volume 12, Coimbra 1990, p.327 “Em Coimbra destaca-se a Associação Conimbricense de Socorros Mútuos para o Sexo Feminino Olímpio Nicolau Rui Fernandes, constituída em 8 de dezembro de 1867, com estatutos revistos em 1879, que terá sido, segundo Costa Goodolphim, a mais antiga associação do sexo feminino fundada no país”, Baptista,

das agremiações operárias que continuavam na cidade³⁶ mais dedicada aos artífices e aos mestres das artes do ferro forjado³⁷, fundada no ano de 1862, por Olímpio Nicolau Rui Fernandes³⁸.

No final do século XIX Coimbra tinha um sector industrial pequeno, constituído por algumas oficinas e fábricas, cujos proprietários eram homens ligados à manufactura e ao comércio e que investiam aí quase todo o seu dinheiro. Os operários eram, na grande maioria, pessoas muito carenciadas, humildes e analfabetas, que viviam do seu trabalho e para o sustento próprio e dos seus familiares.

2.1. A Sociedade de Instrução dos Operários, Coimbra, 1851

Foram dois homens ligados à maçonaria e ao Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas de Lisboa, Carlos Ramiro Coutinho³⁹ e Filipe de Quental⁴⁰, que deram origem à Sociedade de Instrução dos Operários, fundada em Coimbra em 1851.

Virgínia, “Participação feminina no movimento mutualista. Do final da Monarquia ao Estado Novo”, *Revista Ler História*, nº 62, 2012, p. 31-51.

³⁶ DIAS, Pedro - *João Machado, Um Artista de Coimbra*, Coimbra, 1975. p. 13.

³⁷ Cf. MENDES, J. Amado - *O Ferro na História: Das Artes Mecânicas às Belas Artes, Estudos de Património: Museus e Educação*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2ª edição 2013.

³⁸ “Olímpio Nicolau Rui Fernandes foi um destacado impulsor do associativismo conimbricense, tendo sido sócio fundador de inúmeras organizações, em especial da Associação dos Artistas de Coimbra (1862), da Associação Comercial (1863), da Associação Conimbricense do Sexo Feminino (1867), da Associação Liberal (1875) e da companhia edificadora e Industrial (1876)”, Vaquinhas, Irene, Vargues, Isabel Nobre, “A Imprensa da Universidade no Liberalismo e na I República”, *Uma história dentro da História, Imprensa da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 2001, p. 85; “A fim de suprir a deficiente instrução da maioria dos operários, várias associações de instrução e recreio ministraram o ensino, devendo salientar-se a Sociedade de Instrução dos Operários, fundada em 1851, a Associação dos Artistas de Coimbra (em 1861) e a Associação Conimbricense do Sexo Feminino (em 1867) Refira-se ainda a Escola Livre das Artes do Desenho, cuja fundação teve lugar em 1878. O operariado de Coimbra ficou a dever algo a estas instituições, pois só viria a poder dispor da Escola de Desenho Industrial Brotero a partir de 1884 e da Escola Industrial do mesmo nome depois de 1889”, MENDES, José Amado - Para a história do movimento operário em Coimbra, *Análise Social*, Lisboa, Vol. XVII (67-68), 1981, p. 604.

³⁹ Carlos Ramiro Coutinho, 3º Barão de Barcelinhos e 1º Visconde de Ouguela, com ideais democráticos, aproximou-se da ideologia socialista. Cf. Pinto Osório, Augusto Carlos Cardoso, *Figuras do Passado por Pedro Eurico*, Lisboa: Typographia Editora José Bastos, 1915, p. 131.

⁴⁰ Tio de Antero de Quental e venerável da loja coimbrã Pátria e Caridade esteve na fundação da loja Liberdade e na instalação da loja Reforma. Cf. MONCÓVIO, Susana Maria Simões, - *O Centro Artístico Portuense (1880-1893) socialização do Ensino, Da História e da Arte Moderna no Portugal de Oitocentos*.

Com a função de instruir os operários, abriram-se classes de Instrução Primária e Secundária, incluindo também aulas de Desenho Linear e Geometria. Com estes numerosos artistas contribuiu-se para a coesão e a formação de uma consciência de classe ligada ao campo das artes⁴¹ e a tentativa de constituir uma estrutura de Ensino Livre em Coimbra.

Como refere Susana Moncívio⁴², os cursos estavam estruturados deste modo:

1.º Curso (Ler, Escrever, Geografia, por Filipe de Quental⁴³);

2.º Curso (Gramática, Moral e Doutrina Cristã, por José Afonso Botelho de Andrade da Câmara⁴⁴);

3.º Curso (Aritmética, por António José Teixeira⁴⁵ e Albino Augusto Giraldes⁴⁶).

Existiam cursos de níveis primários e secundário onde eram ministradas aulas de História da Democracia, Direito, Economia Política, apresentando deste modo o distanciamento dos Liceus e dos currículos que aí se leccionavam. Muitos dos professores eram lentes da Universidade, homens e pensadores progressistas, que viam este como um meio de mais fácil e rapidamente chegarem às camadas mais desfavorecidas, as quais tinham uma necessidade urgente de instrução⁴⁷.

⁴¹ MONCÍVIO, Susana Maria Simões, *Op. cit.*, p. 82.

⁴² Idem, *ibidem*, p. 83.

⁴³ Filipe do Quental, Lente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, A. E. Maia do Amaral, O prelo do Galinha, revista *Rua Larga*, nº 23, Universidade de Coimbra, Coimbra, (2008).

⁴⁴ José Affonso Botelho de Andrade da Câmara (michaelense) litterato, poeta, prosador, elegante e purista, fanático camonianista (...), Pinto Osorio, Augusto Carlos Cardoso - *Figuras do Passado por Pedro Eurico*, p. 132.

⁴⁵ António José Teixeira (1830-1900), Lente da Faculdade de Matemática, A. E. Maia do Amaral - O Prelo do Galinha, *Op. cit.*

⁴⁶ Albino Augusto Giraldes, Lente da Faculdade de Filosofia, da Universidade de Coimbra, A. E. Maia do Amaral - O Prelo do Galinha, *Op. cit.*; MONCÍVIO, Susana Maria Simões - *Op. Cit.*, p. 83.

⁴⁷ AMARAL, A. E. Maia do - O Prelo do Galinha, *Op. cit.*, p. 23.

2.2. A Associação dos Artistas de Coimbra em 1861

A Associação dos Artistas de Coimbra foi também um local de aprendizagem importante. Idealizada em 1861, fundada a 8 de Dezembro de 1862, teve a sua sede no edifício da Imprensa da Universidade.⁴⁸

Segundo os estatutos, era uma associação de protecção social que conferia subsídios aos seus sócios e às viúvas quando ficassem doentes, assim como educação intelectual e artística aos órfãos e tinha, igualmente, uma acção educativa, com a difusão do ensino elementar, geral e técnico das artes e ofícios e o aperfeiçoamento moral e intelectual das classes operárias.⁴⁹

Com a “abertura dos cursos nocturnos (Dezembro de 1866), aumentou o número de associados. Do currículo fazia parte Desenho (Linear e de Ornato), línguas e música, registando-se sempre maior afluência ao ensino elementar nocturno”⁵⁰.

No ano de 1869, no espaço do mosteiro de Santa Cruz, organizaram a Exposição Distrital de Coimbra, sob a direcção de Olímpio Fernandes, que incluiu produtos agrícolas e da indústria fabril.⁵¹

Em 1874, a Associação dos Artistas de Coimbra possuía uma biblioteca, que estava a cargo de Joaquim Martins de Carvalho,⁵² e pretenderam publicar um periódico e abrir um gabinete de leitura.⁵³

⁴⁸ A Real Officina da Universidade durou até 1772. Não estando à altura da Universidade reformada, tornou-se necessário fundar uma nova e mais grandiosa Imprensa. Para isso, era urgente encontrar um vasto edifício onde se pudesse instalar, vindo as condições a ocorrer com a mudança da antiga Sé Catedral para a Igreja dos Jesuítas – a atual Sé Nova. Tendo ficado devoluto o claustro da Sé Velha, foi ordenado pelo Marquês de Pombal, por provisão de 15 de outubro de 1772, que para aí fosse transferido todo o material da Real Officina da Universidade. Para tornar mais amplo o espaço e possibilitar uma perfeita instalação das oficinas tipográficas, foram ainda expropriadas e anexadas as casas e quintais vizinhos da Sé Velha. Solucionado o problema do espaço, foi dado início às obras de adaptação às novas funções, [em linha]. [consultado 6 Setembro de 2018]. Disponível em: <http://www.uc.pt>.

⁴⁹ MONCÓVIO, Susana Maria Simões - *Op. cit.*, p. 84.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 84.

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 84.

No jornal *A Voz do Artista*, datado de 20 de Setembro de 1884, foi publicado um anúncio para as pessoas adultas, de sexo masculino, que quisessem frequentar as aulas nocturnas da instrução primárias e de desenho, salientando-se que:

“[...] sendo a instrução o principal elemento que há-de melhorar as condições de vida da classe operária, roga-se a todos os artistas, chefes de família, que mandem seus filhos frequentar aquellas aulas”⁵⁴.

E chamando a atenção para a importância do ensino do Desenho para a classe trabalhadora, João Machado publica o seguinte texto:

A UTILIDADE DO DESENHO NA CLASSE OPERÁRIA

No princípio do século que atravessamos ainda a instrução na classe operaria era quasi nenhuma.

O operário era como que uma machina de produção, faltava-lhe tudo.

O saber ler e escrever, era uma prenda de subido valor para o operário d’esse tempo, mal aparecia um ou outro com alguma illustração, distinguindo-se como um raio de luz no meio da obscuridade em que permaneciam todos os outros ignorantes.

Começou a derramar-se a instrução, começou a classe operaria a conhecer o logar que devia ocupar na civilização.

Hoje o saber ler já não é uma prenda é uma necessidade, e já quasi a totalidade dos operários têm os rudimentos de instrução primaria.

Isso só não é bastante, faltam muitos outros estudos para completar uma boa instrução, e, com especialidade, o estudo do desenho é indispensável na classe operaria.

Hoje uma grande parte das industrias estrangeiras, estão mais adiantadas do que a essas, isto devido aos artífices que estudam mais desenho do que nós.

Porque não fazemos o mesmo?

Porque não adiantamos as nossas industrias até rivalizarem com as do mundo civilizado?

⁵² Joaquim Martins de Carvalho (1861-1921), proprietário em Coimbra, fundador d’*O Conimbricense* em 1847 (nome dado em 1854 ao jornal *O Observador*), foi preso entre Fevereiro e Abril de 1847, por estar implicado na revolta da Patuleia. Funda, no ano de 1851 a Sociedade de Instrução dos Operários. Foi Maçónico e membro da Carbonária, em Março de 1895 adere formalmente ao movimento republicano. Foi Arqueólogo, jornalista, polígrafo e crítico de Arte, sócio efectivo do Instituto de Coimbra em 1884. [em linha]. [consultado 14 Fevereiro 2018]. Disponível em: https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc

⁵³ MONCÓVIO, Susana Maria Simões - *Op. cit.*, p. 84.

⁵⁴ *A Voz do Artista*, (20 Set. 1884) 10.

É que, para chegarmos ao complemento de tão utilíssima ideia, torna-se necessário que todos os operários saibam desenho, seja qual for a industria a que pertencem.

E não é só o brio artístico que nos deve impelir a adiantarmos os nossos artefactos, mesmo debaixo do ponto de vista de economia política, devemos adiantar-nos, porque as importações de manufacturas são um grande detrimento da classe operaria.

Material de imprensa, mobiliário, cerâmica, tecidos, etc., etc., são importados da França, Alemanha, Inglaterra, e outros paizes mais adiantados.

Por tanto, devemos fazer todos os esforços para nos adiantarmos, mesmo para não deslustrarmos o pomposo nome de artista que usamos, porque infelizmente n'esta pequena cidade, há centenas de operários que não sabem desenho e que nem d'isso querem saber. Quantas vezes esses que persistem em não estudar se envergonham, pedindo a outros que tenham algumas noções de desenho o favor de lhe fazerem um *risco*?

Não é vergonhoso isto, tendo a Associação dos Artistas com aulas nocturnas de desenho, tendo a Escola Livre que lhes faculta todo o material de ensino nas suas aulas de desenho e modelação? É, com certeza.

Os que persistem em não estudar, que abandonem essas ideias retrogradadas, e tomem o desenho como estudo de primeira necessidade e depois de terem algumas noções verão como não passam indiferentes pela porta lateral da Sé Velha, como se nada de bom alli existisse.

Verão como depois não deixam de apreciar o maravilhoso retábulo da capella-mór do mesmo templo, e não passam pela porta do extinto collegio de S. Thomaz sem lhe mover a curiosidade a perguntarem em que estylo será feito tão bella obra.

Pois avante, as matriculas das aulas da Associação dos Artistas e da Escola Livre, estão abertas, e então aproveitamos tão favoravel occasião para provarmos que não empregamos mal as nossas horas d'ocio.

Creanças e adultos, estudemos todos e ilustremos bem a nossa classe, para um dia nos unirmos sem grey, e dizermos a essas personalidades que nos governam: nós estudamos muito, todas as nossas industrias estão compatíveis com as industrias do mundo civilizado, por tanto acabem por uma vez as importações de manufacturas, que são, não só o detrimento da classe operaria, mas do paiz em geral.

João Augusto Machado⁵⁵

Incentivava-se o gosto pela aprendizagem das artes como forma de conseguir e manter trabalho, incutindo a ideia de necessidade de aprender desenho para assim progredir o país e as suas indústrias.

⁵⁵ A Voz do Artista, (29 Set. 1884) 4.

2.3. A Escola Livre das Artes do Desenho, Coimbra, 1878

Um homem com dinamismo e interesses diversificados, António Augusto Gonçalves, foi um artista, desenhador, pedagogo, restaurador, arqueólogo, autarca, jornalista e museólogo, gostos que lhe foram incutidos pelo seu pai, o pintor-decorador António José Gonçalves Neves.⁵⁶

Estudante da Universidade de Coimbra no curso de Farmácia, que abandonou ao fim do primeiro ano, desde muito cedo demonstrou gosto pela arte, realizando obras, dispersas e ainda hoje pouco estudadas, de desenho, pintura, escultura, cenografia, cerâmica, gravação e de serralharia.⁵⁷ São, por exemplo, da sua autoria o monumento a Camões, em Coimbra, o monumento aos Mortos da Grande Guerra de 1914-1918, na Figueira da Foz e o risco da Ermida do Senhor da Serra, em Miranda do Corvo.⁵⁸

A vertente pedagógica manifestou-se bastante cedo quando, aos dezanove anos, colaborou com a Associação de Artistas de Coimbra, onde fora aluno, leccionando aulas nos cursos nocturnos, direccionados especificamente para as classes operárias, com o fim de promover a instrução primária elementar e o ensino artístico aos trabalhadores, que durante o dia estavam nos seus postos de trabalho e à noite estudavam.⁵⁹

Em julho de 1878, António Augusto Gonçalves, José Augusto Pimenta, Manoel José da Costa Soares e Rafael Gonçalves Neves instalam as aulas nocturnas da Escola Livre para o estudo de desenho e modelação com aplicação às artes industriais, no que configura o primeiro *curso livre de estudos profissionais*.⁶⁰

Foi professor durante toda uma vida, durante mais de sessenta anos, leccionou em variadíssimos locais, no seu *atelier* situado na Rua dos Coutinhos, no Colégio

⁵⁶António José Gonçalves Neves (1819-1901) pintor, dedicou-se, principalmente, a trabalhos de restauro e foi, igualmente, pintor-ceramista. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. IV, p. 200-201; FREITAS, Duarte Manuel - *Museu Machado de Castro: Memorial de um Complexo Arquitectónico Enquanto espaço Museológico (1911-1965)*, Edição Caleidoscópio, 2016, p. 69.

⁵⁷ FREITAS, Duarte Manuel - *Op. cit.*, p. 71.

⁵⁸ PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. II, p. 141.

⁵⁹ FREITAS, Duarte Manuel - *Op. cit.*, p. 71.

⁶⁰ MONCÓVIO, Susana Maria Simões - *Op. cit.*, p. 96.

Académico, na Escola Académica, no Colégio dos Órfãos e no Seminário Episcopal⁶¹ e mais tarde foi convidado a dar aulas de Desenho, na Universidade de Coimbra, embora não tivesse qualquer título académico.⁶²

Só em Lisboa e no Porto se desenvolveram as Escolas de Belas-Artes, em Coimbra algumas construções contribuíram, de forma positiva, para o êxito da Escola Livre das Artes do Desenho, devido a muitos dos professores e alunos trabalharem nas campanhas de embelezamento decorativo dos edifícios, públicos e privados, erguidos ou restaurados nessa época, que foram construções de referência por todo o país⁶³. Exemplo dos casos da reestruturação do Colégio de S. Tomé e a sua adaptação a espaço habitacional, das esculturas da escadaria nobre do Palácio Hotel do Buçaco⁶⁴ e do restauro da Sé Velha, iniciado em 1893⁶⁵, com o alto patrocínio da Rainha D. Amélia, por ordem do Bispo-Conde D. Manuel de Bastos Pina⁶⁶, que valeu a António Augusto Gonçalves a homenagem da rainha. Amigo e colaborador de Joaquim de Vasconcelos a correspondência que ambos trocaram deu acesso às ideias que debatiam quanto ao ensino e a outros tantos temas diversos que partilhavam.⁶⁷

Entre os vários sócios e docentes da Escola Livre, salientam-se Costa Mota⁶⁸ (escultor), Lourenço Chaves de Almeida⁶⁹ (serralheiro), João Machado⁷⁰ (canteiro e escultor),

⁶¹ FREITAS, Duarte Manuel - *Op.cit.*, p. 72.

⁶² Idem, *ibidem*, p. 72.

⁶³ Idem, *ibidem*, p. 72.

⁶⁴ Idem, *ibidem*, p. 72.

⁶⁵ Cf. ROSAS, Lúcia Maria Cardoso - O Restauro da Sé Velha de Coimbra, António Augusto Gonçalves, entre o rigor da História e o rigor do Desenho, In *Artistas e Artífices e a sua mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa* Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, Porto, Viana Castelo, Barcelos, 2005, p. 257-263.

⁶⁶ PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. II, p. 141.

⁶⁷ Ver LEANDRO, Sandra – Joaquim de Vasconcelos (1849-1936): historiador, crítico de arte e museólogo. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2008. Vol I, p. 459, vol. II p. 1342, Tese de Doutoramento em História da Arte Contemporânea, LEANDRO, Sandra - *Joaquim de Vasconcelos: historiador, crítico de arte e museólogo: uma ópera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2014.

⁶⁸ António Augusto da Costa Mota (1862-1930), escultor, discípulo de António Augusto Gonçalves, Vítor Bastos e Simões de Almeida. Retratou em escultura figuras ilustres no campo das Artes, Letras e Política. PAMPLONA, Fernando – *Op. cit.*, vol. II, p. 162-166.

Benjamin Ventura (trabalhos em madeira), Manuel Martins Ribeiro (ourives), na azulejaria Jorge Colaço⁷¹, na pintura Fausto Gonçalves, Carlos Lobo⁷², João Vaz e Saul de Almeida⁷³, entre outros que ali trabalharam.

A Escola Livre das Artes do Desenho tinha as suas instalações na Torre de Almedina e era aí que muitos dos sócios passavam os seus dias a aprender e a praticar as artes, tornando-se aquele local num centro de encontro de saberes e vivências, pólo artístico da cidade onde eram ministradas lições gratuitas de desenho, destinadas a crianças de ambos os sexos e a adultos.⁷⁴ Eram também aí realizadas preleções teórico-práticas, com a realização de visitas de estudo a monumentos, escavações e exumações de artefactos arqueológicos, em Conímbriga, organização de exposições com trabalhos dos alunos e realização de conferências sobre temas de arte.⁷⁵

⁶⁹ Lourenço Chaves de Almeida (1876-1952) artista decorador, natural de Coimbra, com obra em ferro de notável interesse. O escritor e poeta António Lopes Vieira chamou-lhe “Ourives do ferro, ferreiro de jóias”. Cf. PAMPLONA, Fernando – *Op. cit.*, vol. I, p. 61.

⁷⁰ João Augusto Machado (1862-1925) aluno de António Augusto Gonçalves teve oficina de canteiro na Rua da Sofia. Cf. ANACLETO, Regina - *Arquitetura Neomedieval Portuguesa, 1780-1924*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997, p. 312-315, DIAS, Pedro - *João Machado, Um Artista de Coimbra*, Coimbra: Edição do Autor, 1975.

⁷¹ Jorge Colaço (1868-1942), pintor, caricaturista e azulejista, distinguiu-se no azulejo e foi o responsável pelo ressurgimento desta característica arte portuguesa. Realizou painéis de azulejo para o Palace Hotel do Buçaco, assim como os que cobrem a Estação de S. Bento no Porto e os do Claustro do Palácio da Justiça, em Coimbra, do átrio do Paço da Bemposta em Lisboa e da sala dos Passos Perdidos na antiga Faculdade de Medicina de Lisboa. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. I, p. 228; CF. CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Dicionário de Pintura Universal*, Lisboa, Estúdios Cor. 1962-1965-1973, volume 3, p. 87, Cf. CARDOSO, António, Emanuel, Cláudia, Tavares, Domingos - Jorge Colaço, *O pintor de S. Bento*. Edição Fundação Marques da Silva, 2019.

⁷² Carlos Martins Ribeiro Gomes Lobo, natural de Coimbra, realizava trabalhos em esmalte e está representado em colecções particulares, tendo realizado exposições em Coimbra e Monte Gordo. Cf. *Catálogo Artes Plásticas, Artistas de Coimbra - Movimento Artístico de Coimbra*, Coimbra, 1980, p. 115-116.

⁷³ Saul de Almeida, pintor, discípulo da Escola Livre, autor do retábulo da Igreja Paroquial de Cantanhede e de uma tela representando S. Martinho, na Igreja Paroquial de Santo Varão. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. I, p. 41.

⁷⁴ FREITAS, Duarte Manuel - *Op. cit.*, p. 71.

⁷⁵ Idem, *ibidem*, p. 72.

Com sete operários como alunos, no início, chegou, no ano de 1884, aos 118 associados, protagonizando um movimento renovador das artes em Coimbra, nos finais do século XIX.⁷⁶

A Escola Livre interessava-se com os operários e as suas famílias daí que tenha previsto a criação de uma Caixa Protetora:

Previo a criação de uma caixa protetora para subsidiar os que, com decidida vocação, fossem impedidos de progredir por dificuldades económicas. Coube ainda no enunciado de intenções, o gabinete de leitura, a realização de exposições de arte e manufaturas com expressão local e, ainda, a organização de um museu permanente.⁷⁷

No ano de 1884 é aberta a Escola de Desenho Industrial⁷⁸, local onde aos jovens eram ensinados os princípios do Desenho e a sua aplicação às Artes Ornamentais, passando depois a denominar-se Escola Comercial e Industrial de Brotero e que em 1899 viu a oferta de ensino alargada a outras áreas, teve ao longo da sua história reputados mestres como Leopoldo Battistini⁷⁹, Silva Pinto⁸⁰, António Augusto Gonçalves, João Machado, Manuel Rodrigues, Agostinho da Fonseca⁸¹ e Edmundo Tavares⁸², que muito deram do

⁷⁶ Idem, *ibidem*, p.72.

⁷⁷ MONCÓVIO, Susana Maria Simões - *Op. cit.*, p. 96.

⁷⁸ Dois anos depois, em 1886, a Escola tinha já 120 alunos, mas é interessante verificar como o jornal pensa que poderiam ser mais... *A Voz do Artista-Semanal-Dedicada à Classe Operária*, Coimbra, 26 de Setembro de 1886, 8: “Escola de Desenho Industrial Brotero é de 120 o número dos alumnos matriculados, este ano, na escola de desenho industrial-Brotero. A classe operária chegou já ao convencimento de que o desenho é de todo o ponto indispensável. Affirmamo-lo porque o atesta o grande numero d'alumnos alli matriculados, e muito maior seria talvez, se os do primeiro anno não tivessem sido victimas d'um logro, não recebendo, até hoje, o premio pecuniario de 10\$000 réis, que o *Museu industrial do Porto* conferiu a cada um dos sete alumnos que melhores provas apresentaram, premio que segundo nos consta, só é concedido a dois, dando-se aos cinco restantes, apenas um *diploma de menção honrosa*!!... Este procedimento baixo e indecoroso não tem classificação alguma...”.

⁷⁹ Artista italiano, pintor e desenhador, veio para Portugal. Cf. CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Dicionário de Pintura Universal*, Lisboa, Estúdios Cor. 1962-1965-1973, volume 3, p. 56, Cf. *Enciclopédia Luso-Brasileira*, I, p. 386, PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, p. 124.

⁸⁰ Arquitecto. Cf. ALMEIDA, Lourenço - *Chaves de Memórias de um Ferreiro*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007, p.14.

⁸¹ Pintor, desenhador e aquarelista, nasceu no Porto a 25 de Abril de 1897. Frequentou a Escola de Belas Artes do Porto, foi discípulo de António Carneiro e Marques de Oliveira, foi Professor na Escola Industrial Brotero em Coimbra. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, p. 317.

⁸² Juntamente com José Contente, João Santos e António Victorino foi um dos grandes mestres de desenho e pintura de Coimbra.

seu saber e conhecimentos teóricos para que os alunos se tornassem, através dos seus ensinamentos, pessoas com bases sólidas para virem a exercer as suas profissões.



Fig. 2 - Convite para exposição da Escola Livre das Artes do Desenho, a realizar na Associação dos Artistas de Coimbra

Remetente: António Augusto Gonçalves, Presidente da Escola Livre das Artes do Desenho Destinatário: Bernardino Machado, Data: Terça, 3 de Julho de 1906 ⁸³

3. Coimbra e a Arte fora da Academia/Universidade

Coimbra é a cidade universitária, quase toda a sua vida se desenrola com ou através da Universidade, o seu ensino é de excelência, mas, no entanto, as Artes sempre ficaram arredadas dos seus corredores.

Quem gostava e se interessava pela Arte não o podia fazer a um nível universitário, os mestres faziam a sua vida e carreira noutras paragens e leccionavam, esporadicamente, a nível individual, na cidade do Mondego.

E se “falar sobre o ensino superior artístico em Portugal é falar, principalmente, do ensino nas cidades de Lisboa e do Porto” ⁸⁴. Estas foram as cidades que tiveram as

⁸³ Casa Comum, Fundação Mário Soares, Fundo Bernardino Machado, [em linha]. [consultado 14 Fevereiro 2018], Disponível em: <http://casacomum.org/>

Academias, as Escolas de Belas Artes e consequentemente os cursos universitários a nível artístico.

A partir de 1950 as Escolas de Belas Artes passam a ser Escolas Superiores de Belas Artes sendo, por certo, este um dos motivos que levou os fundadores do Círculo a juntarem-se num grupo de actividades de ensino e prática artística, com a finalidade de criarem um embrião que se desenvolveria naturalmente, pensavam eles, numa Escola Superior, com actividade no centro do país. É verdade que:

Os percursos entre as Escolas de Lisboa e Porto são idênticos nos aspectos institucionais, orgânicos e administrativos. A diferença consistiu e consiste, apenas, na prática protagonizada pelos estudantes e pelos professores. Prática essa que fez e faz a qualidade do trabalho produzido. Se nos séculos XVIII e XIX pouca ou nenhuma foi a diferença, a verdade é que no século XX acontecerá uma diferença significativa. Enquanto que a Escola de Lisboa prolonga a tradição da academia, dela não se libertando, a Escola do Porto, inicia desde as primeiras décadas do século passado uma pedagogia de ruptura com a academia, instaurando a modernidade no interior⁸⁵

Mas também se constata que a Escola do Porto se desenvolveu com a ida de estudantes de Coimbra, pois os jovens, não tendo outra forma de seguir os estudos superiores em Coimbra, deslocavam-se para o Porto, desenvolvendo os seus projectos e fazendo nascer grupos de acção criativa, como foi o Grupo Puzzle.

3.1. Arte e Artistas - Coimbra na segunda metade do Século XX

Mas... e os artistas de Coimbra?

Durante anos de criação e dinâmica artística e cultural, o meio artístico de Coimbra foi vendo desenvolver e/ou nascer artistas, quase sempre autodidactas e que se mantiveram, outros houve que sentiram a necessidade de sair para estudar arte e desenvolverem as suas capacidades criativas, com uma base mais sólida.

⁸⁴ FERREIRA, António Quadros - *O ensino artístico em Portugal, na Academia, na Escola, e na Universidade*, comunicação apresentada na Real Acadèmia Catalana de Belles Arts de Sant Jordi, Barcelona, 5 de Maio de 2015, [em linha], [consultado 22 Novembro 2017]. Disponível em: https://www.racba.org/upload/debates/doc/ca/univ_porto_antonio.pdf

⁸⁵ FERREIRA, António Quadros - *Op. cit.*

Quase a totalidade desses artistas não tiveram reconhecimento a nível nacional, poucos, logo na primeira metade do século XX viram a sua arte reconhecida, mas a maioria continuou desconhecida.

Coimbra, no campo artístico, ficou intimidada com a vetusta Universidade. A formação, a educação artística, a pedagogia da arte, a criação e fidelização de públicos foram aspectos que não se desenvolveram.

Ao longo dos anos existiram dois grupos geracionais de artistas, correspondentes a duas perspetivas de ensino:

À primeira “linha genealógica” está exactamente ligado A. Augusto Gonçalves, que fundou em 1879 (...) a Escola Livre Das Artes Do Desenho e que foi ainda professor no ensino industrial oficial.

À segunda de tais “linhas de formação” está ligado o Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra (...) e o pintor Waldemar da Costa que no mesmo foi professor de uma série de “naturais de Coimbra” nascidos entre 1930 e cerca de 1945. Estamos claramente, na presença de dois grupos de artistas que estão ligados a dois Mestres.

Entre tais extremos situam-se artistas que, nascidos a partir dos começos do século, estiveram ligados ao grupo “Os Divergentes” e, outros, de “geração” posterior, nascidos já na década de 20, onde se pode encontrar como que uma “ponte” para a “geração de Waldemar da Costa”. Nesta última “ponte” se situa, especialmente, o magistério de José Contente, um homem que começou justamente por ser discípulo do dinâmico fundador da Escola Livre das Artes do Desenho.”⁸⁶

Alguns destes jovens formaram o grupo *Os Divergentes*, um grupo de certa forma anti-presencista:

Entre outros grupos e personalidades coimbrãs que gravitam à volta dos novos programas e da agenda artística revelados na segunda década do século XX, o grupo *Os Divergentes* activo entre 1932 e 34, mantinha viva a chama do Modernismo, interpretando-o, porém, em sentido discordante ou mesmo oposto àquele que as teses presencistas veiculavam. Não se esqueça que, desde 1927, a revista *Presença* difundia valores artísticos e propostas estéticas que não só não eram alheias ao Modernismo como dele eram integrantes de raiz – Almada, Mário Eloy, Arpad Szenes, Saul Dias/Júlio, Jaime de Figueiredo, ou mesmo Vieira da Silva, com a colaboração epigonal de uma serigrafia, em 1940, colaboram nela –, tanto quanto o continuavam não só na literatura, sobretudo na poética, como na pintura e nos grafismos arrojados. E os próprios modernistas coimbrões estavam em estreito contacto com os meios académicos ou integravam-nos mesmo.

No início dos anos 30, surgem assim alguns jovens a repudiar as velhas formas tradicionais, naturalistas, meramente perceptivas, e não poucas vezes as formas tradicionais de vida, como Hébil, Pedro Olaio (Pai) ou o Padre Augusto Nunes Pereira. O núcleo inicial do grupo integrava

⁸⁶ *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, Associação Cristã da Mocidade, Coimbra: 1978, 11.

Ezequiel Batoréu, Danton (célebre pelos cartazes e caricaturas das festas académicas, de meados da década), Raul Chorão Ramalho, Arcindo Madeira, Cândido Costa Pinto, o espírito organizador. Neste núcleo no qual Manuel Filipe se integrava, também como organizador irá expor no primeiro certame, também ao lado de Pedro Olaio, o autor mais referenciado e que aí apresenta o maior número de trabalhos, e de Oliveira Assunção. Deste conjunto talvez se deva destacar Cândido Costa Pinto. Nascido na Figueira da Foz em 1911 (falecerá no Brasil em 1977), o autodesignado Pintor de Arte foi também ou sobretudo publicista, caricaturista e decorador. Participou nos salões académicos realizados em Coimbra, em 1931 e 1932. E neste ano, funda nesta cidade Os Divergentes, no qual se distinguiram os referidos e mais notáveis elementos da geração moderna.⁸⁷

Pareceu-nos importante fazer alusão a alguns dos artistas de Coimbra, grande parte deles autodidatas e sem ligação a estudos universitários, mas que se salientaram pelo seu dinamismo e talento artístico, essencialmente nas primeiras décadas do século XX, daí incluímos esta fruste listagem:

Adriano Costa (1888-1949) pintor, nascido em Coimbra, discípulo da Escola Livre das Artes do Desenho, foi aluno da Escola Industrial Avelar Brotero dedicando-se, mais tarde, à pintura a óleo;⁸⁸

Alberto do Vale Berardo de Andrade (1922-?) pintor, nasceu em Coimbra, aluno de Américo Dinis, realizou obras de vertente naturalista, tendo integrado diversas exposições colectivas e realizando, igualmente, várias exposições individuais. Está representado em colecções privadas em Portugal, Brasil, França, Espanha, Angola, Moçambique, Luxemburgo;⁸⁹

Alberto Pinto Hébil (1913-1998) nascido na vila de Arouca, este pintor foi, com 17 anos, aluno de Marcel Thuillier, que tinha já sido professor da Academia das Belas Artes de Paris. Aos 21 anos foi viver para Coimbra e aí se fixou. Mais tarde vai viver

⁸⁷ CARVALHO, João de Castro Amaral Archer de - Manuel Filipe e a sua Fase Negra (1942-45) no contexto do Neo-realismo pictórico, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016, Dissertação de Mestrado.

⁸⁸ Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 137-38.

⁸⁹ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p.70-71, Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 119-120.

para os Estados Unidos da América e em Nova Iorque, no ano de 1968, inaugurou uma galeria de arte - Coimbra Gallery of Modern Art.⁹⁰;

Américo Dinis (1903-1961), pintor, nascido em São Martinho do Bispo, frequentou o Liceu, mas passou para a Escola Industrial Avelar Brotero onde concluiu o curso, realizou inúmeros trabalhos de pintura e mais tarde enveredou pela cerâmica. Aluno do mestre António Augusto Gonçalves, seguiu-lhe as pisadas no que concerne aos trabalhos a lápis e à pena, na pintura as suas obras destacam-se pelas representações de paisagens (sobretudo de Coimbra) e de retratos;⁹¹

António da Silva Cunha Rocha (1932-2016) pintor, desenhador, ceramista, aluno da Escola Comercial e Industrial Avelar Brotero, deixou Coimbra na década de 1950 e viveu em Espanha, Brasil, França e Canadá, onde realizou diversas exposições e foi distinguido com vários prémios, especialmente no Brasil regressou a Coimbra na década de 1970;⁹²

António Victorino (1891-1972), pintor nascido nas Caldas da Rainha, onde foi discípulo de Alberto de Sousa, na Aguarela, Costa Mota (sobrinho) e Rafael Bordalo Pinheiro, na Escultura, muito novo se fixou em Coimbra, sendo professor na Escola Comercial e Industrial Avelar Brotero, também leccionando particularmente, deixou frutos e foi um aguarelista de excelência, tendo, igualmente, desenvolvido obra em escultura;⁹³

Arcelinda Ferreira (1928-?) escultora e modeladora em barro, nascida em Coimbra, está representada em diversas colecções particulares e públicas, especialmente museus e

⁹⁰ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, Associação Cristã da Mocidade, Coimbra, 1978, p. 48-49.

⁹¹ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 36-37; p. 173-76.

⁹² Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 94-95, Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 86-87.

⁹³ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 28-29; Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 151-52, CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Op. cit.*, volume 3, p. 432-433.

instituições oficiais, como Biblioteca Municipal de Coimbra, Museu Municipal Dr. Santos Rocha, Figueira da Foz;⁹⁴

Arcindo Augusto da Silva Madeira (1915-2002) pintor, nascido em Coimbra, com 16 anos integra o grupo d'*Os Divergentes*. Já a viver em Lisboa, trabalha para o Século, como desenhador no suplemento *Pim-Pam-Pum*. Durante os anos 1940 do século XX viveu no Brasil, iniciando aí o seu trabalho no campo da Serigrafia;⁹⁵

Augusto Nunes Pereira (1906-2001) Nascido na Mata de Fajão, concelho de Pampilhosa da Serra, no exercício do sacerdócio fixou-se em Coimbra no ano de 1952. As suas obras abarcam o desenho, a pintura, a xilogravura, a talha, a gravura em metal que aprendeu com José Contente, o vitral e a escultura. Foi um dos fundadores do Movimento Artístico de Coimbra. Foi Sócio fundador da Sociedade Cooperativa de Gravadores de Portugal e sócio da Sociedade Nacional de Belas Artes;⁹⁶

Aureliano Branquinho e Lima (1916-1990) escultor e pintor, nasceu em Carregal do Sal, viveu muitos anos em Coimbra e Vila Nova de Gaia. Participou em inúmeras exposições colectivas, realizou vários trabalhos de pintura, escultura e medalhística. Executou os bustos de Miguel Torga, Teixeira de Pascoaes e Afonso Duarte;⁹⁷

Cândido da Costa Pinto (1911-1976), pintor, nascido na Figueira da Foz, fez o curso liceal em Coimbra, um dos fundadores d'*Os Divergentes*. Além da pintura fez também trabalho de ilustração e foi o autor de grande número de capas dos livros da colecção Vampiro. Com obras de cariz surrealista, nos anos 50 do século XX, deixou Portugal e passou a viver no Brasil;⁹⁸

⁹⁴ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 80-81; Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 105-106.

⁹⁵ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, Centro de Arte Moderna, Lisboa, 1995, p. 54-55; Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 131-132.

⁹⁶ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 42-44.

⁹⁷ Idem, *ibidem*, p. 60-61.

⁹⁸ Idem, *ibidem*, p. 60-61, CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto, *Op. cit.*, volume 3, p. 97-98.

Carlos Augusto Ramos (1912-1983), autodidacta, nascido em Coimbra, foi um pintor de cariz naturalista, representando nos seus óleos, cenas de campo e paisagens.⁹⁹ Estudou na Escola Industrial e Comercial Avelar Brotero e concluiu o curso Geral de Desenho, tendo como mestre Manuel Rodrigues Júnior;¹⁰⁰

Carlos Martins Ribeiro Gomes Lobo (1923-?) natural de Coimbra, realiza trabalhos em esmalte e está representado em várias colecções particulares, tendo realizado exposições em Coimbra e Monte Gordo;¹⁰¹

César Augusto Abott (1910-1977) Filho do artista Tomás Abbott Costa, nasceu no Porto. Aluno da Escola Superior de Belas Artes do Porto, teve como professores Acácio Lino, José de Brito e Joaquim Lopes, no Salão Silva Porto. Realizou a sua primeira Exposição aos 12 anos, no Salão da Santa Casa da Misericórdia, juntamente com o seu pai. Destacou-se pelas obras em aguarela e pelas ilustrações que fez para postais, livros infantis e jogos;¹⁰²

Domingos Lopes Pires (1921-1993) pintor autodidacta, nascido na Pampilhosa do Botão, viveu em Coimbra, realizando óleos de cariz naturalista;¹⁰³

Emídio Álvaro Araújo Matos (1921-2001) escultor e pintor nascido em Coimbra, utilizou sobretudo a aguarela como meio de elaborar as suas obras;¹⁰⁴

Ezequiel Batoréu (1909-1978) nascido na Guarda, terminou os estudos do Liceu em Coimbra. Fez parte do Grupo d'*Os Divergentes*. Já em 1929 realiza os seus primeiros trabalhos como pintor abstracto. As suas obras ligam-se ao Abstraccionismo e, anos

⁹⁹ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 48-49.

¹⁰⁰ CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto – *Op. cit.*, volume 3, p.331.

¹⁰¹ Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 115-116.

¹⁰² Idem, *ibidem*, p. 117-118.

¹⁰³ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 68-69; Cf. Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 121-122.

¹⁰⁴ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 64-65.

mais tarde, ao ir para Lisboa, liga-se ao mundo da publicidade, ilustração, desenho de figurinos e caricaturas.¹⁰⁵

Colabora em publicações espanholas, gregas e italianas;¹⁰⁶

Fausto Gonçalves (1893-1946) pintor natural de Coimbra, cidade onde foi aluno da Escola Livre, da Escola Industrial Avelar Brotero e de onde partiu para estudar na Academie Julien, em Paris, local onde foi aluno de Paul-Albert Laurens, voltando à cidade natal para desenvolver a sua vertente artística, estando representado em diversas colecções particulares e estatais como a do Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra, Museu Grão Vasco em Viseu, Museu da Guarda e Museu de Aveiro;¹⁰⁷

Fausto Sampaio Alegre (1893-1956), pintor, discípulo de Jules Renard. Surdo-mudo desde a infância, estudou no Instituto de Surdos-Mudos no Porto e na Casa Pia, onde se revelaram os seus dotes artísticos. Partiu para Paris e estudou nas Academias Julien, Renard e La Chaumière. Em 1930 expôs em Lisboa. Em 1934 foi para S. Tomé, em 1936 partiu para Macau e Timor, Índias Neerlandesas, Indochina, Singapura, Hong-Kong, Filipinas, em 1944 parte para a Índia Portuguesa, em 1947 para o continente africano. Retratou o Ultramar e as suas gentes de forma ímpar;¹⁰⁸

Feliciano Augusto da Cunha Guimarães (1885-1959) Foi Assistente interino do Laboratório de Farmacologia, Secretário interino da Faculdade de Medicina, Secretário da Faculdade de Medicina, Director do Instituto de Farmacologia e Terapêutica Experimental, Bibliotecário da Faculdade de Medicina, Director do Instituto de Investigação Científica de Farmacologia e Terapêutica Experimental. Como artista,

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 44-45.

¹⁰⁶ Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 141-42.

¹⁰⁷ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 30-31; PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. II, p. 143; Cf. Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 149-50.

¹⁰⁸ CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Op. cit.*, volume 3, p. 369, PAMPLONA Fernando - *Op. cit.*, vol. V, p. 121-123.

dedicou-se à pintura, especialmente à aguarela e a têmpera, representando as paisagens de Ponte de Lima, sua terra natal, bem como à gravura, cerâmica e entalhe;¹⁰⁹

Francisco Abranches Machado (1910-1994), pintor, natural de Coimbra, foi discípulo de António Augusto Gonçalves e aluno da Escola Industrial Avelar Brotero, dedicou o seu trabalho à modelação em barro e à realização de trabalhos em aguarela;¹¹⁰

Guilherme Filipe (1889-1971) pintor, nascido em Fajã, Pampilhosa da Serra, foi discípulo de Malhoa e Sorolla, na Escola Superior de Belas-Artes de Madrid, cidade onde expôs pela primeira vez aos vinte e um anos. Quando regressa a Portugal, fixa-se em Coimbra e trabalha no *atelier* que lhe foi cedido por Eugénio de Castro. Está representado em Madrid e em Bilbao e em Portugal está representado no Museu de Arte Contemporânea e no Museu Nacional de Machado de Castro;¹¹¹

Horácio Alberto de Melo Gavião (1899-1952) pintor, nascido em Coimbra, aluno de António Augusto Gonçalves na Escola Brotero. Os temas das suas obras centram-se, sobretudo na paisagem e na natureza, com luz, cores e tons quentes;¹¹²

João da Assunção Dinis (1928-1972) pintor, nascido em Coimbra, foi aluno da Escola Avelar Brotero. As suas obras são, na maioria, desenho e pintura em aguarela e óleo. Fez, igualmente, medalhística;¹¹³

João Maria Montezuma Diniz de Carvalho (1928-2008) pintor, nascido em Coimbra onde foi Professor Catedrático da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade

¹⁰⁹ [em linha]. [consultado 23 Março 2019]. Disponível em: <https://biblioteca.cm-pontedelima.pt/> , PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. II, p. 143.

¹⁰⁹ Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 139-140.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 117.

¹¹¹ Idem, *ibidem*, p. 153-54, CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Op. cit.*, volume 3, p. 139.

¹¹² Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 32-33; Cf. Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 185-87.

¹¹³ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 78-79.

de Coimbra, iniciou os seus trabalhos de pintura na Holanda, onde se encontrava a viver, em 1942. Expôs na Holanda e em Portugal, na Figueira da Foz e Coimbra;¹¹⁴

João Rodrigues Vieira (1856-1898) pintor e escultor do primeiro Naturalismo. Na Academia de Belas Artes, foi aluno de Victor Bastos, Anunciação e Anatole Calmels. Escultor e pintor foi um dos membros iniciadores do Grupo do Leão, tendo sido retratado por Columbano na célebre obra que representa este grupo. Foi, em 1881, professor de Desenho no Liceu de Leiria e em 1887 é professor de Desenho da Universidade de Coimbra;¹¹⁵

Joaquim Pinho Diniz (1921-2007) nasceu em Coimbra, após completar o Curso Geral dos Liceus em Coimbra, frequenta os cursos nocturnos da Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lisboa com o pintor Domingos Rebelo e o círculo artístico Mário Augusto. Com viagens de estudo aos principais museus europeus e estágios em França, Itália e Espanha, as pesquisas de cerâmica com Américo Dinis em Coimbra, em 1954 estuda a técnica do fresco com o pintor Dórdio Gomes, na Escola de Belas Artes do Porto. De regresso a Coimbra, faz pesquisa de cerâmica com Américo Diniz e a partir de 1954, encaminhado por Luís Reis Santos, estuda na escola de Belas Artes do Porto, fresco com o pintor Dordio Gomes. Emigra para o Brasil em 1957, onde permanece com grande actividade artística e de onde regressa em 1975, para aqui continuar o seu percurso artístico;¹¹⁶

José Baptista (1898-?) pintor, nascido em Coimbra, frequentou a Escola Livre e a Escola Industrial Avelar Brotero, foi aluno de António Augusto Gonçalves e desenvolveu obra, essencialmente na pintura naturalista a óleo;¹¹⁷

José de Campos Contente (1905-1957), nascido em Coimbra, cidade onde viveu, discípulo de António Augusto Gonçalves e aluno da Escola Industrial Avelar Brotero,

¹¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 113-114.

¹¹⁵ Pamplona, Fernando - *Op. cit.*, Vol.II, p. 144.

¹¹⁶ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 62-63.

¹¹⁷ Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 47-48.

foi discípulo, na Escola de Belas Artes de Lisboa, de Carlos Reis, Varela Aldemira e Veloso Salgado. Parte para Paris, onde foi aluno de Lucien Pénat e Jacques Beltrand. Distinguiu-se no desenho, na pintura e na gravura, estando representado em diversas colecções em Portugal, Itália e Brasil;¹¹⁸

José de Sousa Leite (1921-?) autodidacta, escultor, nasceu em Pereira do Campo, concelho de Montemor-o-Velho, funcionário do Museu Machado de Castro, foi aí que se inspirou para as suas criações;¹¹⁹

José Maria Cabral Antunes (1916-1986) modelador de estatuária, nascido em Coimbra, foi aluno da Escola Avelar Brotero em desenho e modelação. Autor de muitos trabalhos de modelação, estatuária, escultura e medalhística;¹²⁰

José Maria do Vale Berardo de Andrade (1925-2015) pintor, medalhista e ceramista, nascido em Coimbra, aluno de José Contente, realizou obras de desenho, óleo, aguarela, cerâmica, medalhística e gravura;¹²¹

Luís César Pena Dourdil Dinis (1914-1989) autodidacta, nascido em Coimbra, com obras de pintura, desenho, artes gráficas e pinturas murais¹²², realizou diversas exposições individuais e colectivas em Portugal, no Rio de Janeiro, São, Paulo, Brasília, Madrid, ocupou cargos directivos na SNBAL, entre 1957 e 1963;¹²³

Pedro Olaio (1903-1997) pintor de Coimbra, autodidacta, surge, aos 17 anos, como pintor vanguardista, integrando o movimento da revista Presença. Faz parte do núcleo

¹¹⁸ CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Op. cit.*, volume 3, p.95, Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 40-41; PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. I, p. 244; Cf. Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 145-46.

¹¹⁹ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 66-67.

¹²⁰ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 58-59; Cf. Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 129-130.

¹²¹ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 74-75; Cf. Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 111- 112.

¹²² Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 50-51.

¹²³ Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 133-134, CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Op. cit.*, volume 3, p. 115.

de fundadores do Grupo *Os Divergentes*, possui um percurso longo, com inúmeras obras e exposições em vários museus e galerias;¹²⁴

Pedro Olayo (Filho) (1930-2017) desenhador e pintor, nasceu em Coimbra, foi aluno da Escola Brotero, sendo aí aluno de José Contente e de Gomes Martins. Viveu em Barcelona, Madrid e Paris;¹²⁵

Saul de Almeida (1885-1938), pintor, nascido em Coimbra, aluno da Escola Livre, com obras cujos temas se baseiam, essencialmente, na cidade do Mondego e em temáticas religiosas;¹²⁶

Túlio da Costa Victorino (1897-1969) frequentou a Escola Industrial Afonso Domingues em Lisboa e a Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde se matriculou a conselho de José Malhoa e onde teve como mestre Columbano Bordalo Pinheiro. Concluiu o curso na Escola de Belas-Artes do Porto tendo como mestre Marques de Oliveira. Foi professor de Desenho nas Escolas Industriais Avelar Brotero em Coimbra e Machado de Castro em Lisboa;¹²⁷

Valdemar Fernando Cabral Peixoto (1934-2015) pintor, nascido em Coimbra, estudou desenho e pintura na Escola Superior de Belas Artes do Porto e aprendeu com artistas como Valdemar da Costa e Lúcia Maia;¹²⁸

Vasco do Vale Berardo de Andrade (1933-2017) nasceu em Coimbra, estudou cerâmica na Escola Avelar Brotero, frequentou o *atelier* de José Contente. Desenhador, autor de pinturas a óleo, murais, esculturas e cerâmica.¹²⁹

¹²⁴ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 38-39.

¹²⁵ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 82-83.

¹²⁶ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 34-35, Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 155-5.

¹²⁷ CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Op. cit.*, volume 3, p. 433.

¹²⁸ Catálogo *Coimbra e os seus Pintores nas Coleções da Cidade, MNMC, IPM, Lisboa, 2001, Catálogo Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, p. 86-87.

Capítulo 2 – A Universidade e as Artes

1. O Ensino de Desenho na Universidade de Coimbra

Na Universidade de Coimbra funcionava a Aula de Desenho Científico, com uma frequência limitada, essa restrição devia-se ao facto de ser direccionada para os alunos dos cursos de Matemática¹³⁰ e Filosofia, alargando-se posteriormente aos alunos de Ciências e de Letras e tendo como mestres Luís Augusto Pereira Bastos¹³¹, Fausto Gonçalves e António Augusto Gonçalves.

Os professores das áreas artísticas eram, na sua maioria, provenientes das Academias de Belas-Artes de Lisboa e do Porto ou então professores do Liceu ou de colégios e que tentavam, com algum esforço, fazer com que os alunos se interessassem pela aprendizagem do desenho.¹³²

Por exemplo, no curso de Matemática, a cadeira de Desenho fazia parte do currículo desde 1800, mas no ano lectivo de 1840-41 passou a ser leccionada, com Manuel da Fonseca Pinto, o seu primeiro lente¹³³. Seguiu-se-lhe Francisco Pedro Bernardes de

¹²⁹ Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, p. 88-89.

¹³⁰ POLICARPO, Isabel - “Os Professores de Desenho Científico da Universidade de Coimbra (Séculos XIX e XX)” in *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte, 1290-1990, Subsídios para a História da Arte Portuguesa XXXVII*, Coimbra: Instituto de história da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983, p. 295.

¹³¹ Luis Augusto Pereira Bastos, pintor e desenhador, apresentou os seus trabalhos na Exposição Distrital de Coimbra em 1884. O Instituto publicou um desenho seu, intitulado Camões, em 1880, por ocasião do tricentenário da morte deste poeta, foi Professor de Desenho na Faculdade de matemática da Universidade de Coimbra, PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. I, p. 193.

¹³² POLICARPO, Isabel - *Op. cit.*, p. 296.

¹³³ Idem, *ibidem*, p. 296.

Carvalho Simões Vaz Velho, que viria a acumular as funções de lente da cadeira com as de professor no Liceu de Coimbra.¹³⁴

Em 1853 é nomeado António Tomás da Fonseca, mas o anterior responsável da cadeira de Desenho continuaria as suas funções e no ano de 1855, Tomás da Fonseca será exonerado do cargo. Nesse ano toma posse António Victor de Figueiredo Bastos que, apesar de ter sido nomeado professor da cadeira, faltava inúmeras vezes, não conseguindo prestar um serviço efectivo e regular, por nesse mesmo ano ser nomeado assistente de Escultura na Academia de Belas-Artes em Lisboa, a sua vida dividia-se assim entre as duas cidades e os dois cargos que exercia.

No ano de 1857 foi nomeado como professor substituto interino da cadeira de Desenho na Faculdade de Matemática, Luís Augusto Pereira Bastos que, no ano de 1861, passará, em simultâneo, a leccionar no Liceu Normal de Coimbra. Ficará como professor até 1871, altura em que o cargo é ocupado por José Miguel de Abreu, que será o primeiro professor a leccionar a cadeira de Desenho do 2º ano do curso de Filosofia e do 3º ano do curso de Matemática (no ano lectivo de 1885/86). Durante o ano lectivo de 1879/80 foi substituído pelo bacharel em Filosofia, Roque Augusto de Seixas.¹³⁵

Em 1887, João Rodrigues Vieira era o professor interino da cadeira de Desenho, cargo que ocupará durante dez anos, até à sua morte. O período de tempo em que lecionou foi bastante longo, pois o cargo de professor da cadeira de Desenho não era ocupado durante longos períodos de tempo, sucedendo-se os professores, num vai-vem quase contínuo, não conferindo estabilidade ao processo pedagógico nem à evolução do ensino da matéria artística.

Logo em 1897 António Domingues Cortez da Silva Curado, major do Regimento de Infantaria e bacharel em Filosofia¹³⁶, assume a regência da cadeira de Desenho dos 1º, 2º e 3º anos do curso de Matemática, mas no ano seguinte pede a exoneração sendo

¹³⁴ Idem, *ibidem*, p. 297.

¹³⁵ Idem, *ibidem*, p. 300.

¹³⁶ Cf. [em linha]. [consultado 7 Outubro 2018]. Disponível em: https://www.uc.pt/org/historia/ciencia_na_uc/autores.

substituído por António Augusto Gonçalves, que tinha sido aluno no Liceu de Luís Augusto Pereira Bastos e de José Miguel de Abreu no curso de Filosofia.

Em 1898 José Luís d'Andrade Mendes Pinheiro, Bacharel em Matemática e Filosofia¹³⁷, ficará como professor interino da cadeira nos 1º, 2º e 3º anos do curso de Matemática, regendo, igualmente, a disciplina de Desenho no Liceu de Coimbra até 1902, mas devido aos conflitos estudantis que ocorreram no ano de 1907¹³⁸, a Universidade foi encerrada e a cadeira de Desenho da Faculdade de Matemática passou forçosamente a Curso Livre¹³⁹ e no ano lectivo de 1909/10 António Augusto Gonçalves irá substituí-lo no cargo.

Com a Reforma da Universidade em 1911 serão criadas duas novas Faculdades, a Faculdade de Letras e a Faculdade de Ciências e Augusto Gonçalves fica a reger as cadeiras de Desenho na Faculdade de Ciências, sendo substituído, a partir de 1932 (ano da sua morte), por Aníbal Rui de Brito e Cunha e Fausto Gonçalves da Silva.¹⁴⁰

No ensino público, a aprendizagem do Desenho só se iniciará a partir de 1860, com a reforma do governo de Fontes Pereira de Melo¹⁴¹, mas será com a reforma de Jaime Moniz¹⁴², no ano de 1895, que o Desenho será visto como um valor educativo em si e não somente um meio de desenvolvimento da motricidade e destreza manuais.

Vemos assim que a criação das escolas de artes com uma componente educativa muito virada para o ensino do Desenho, como foi o caso da Escola Livre, se enquadra especialmente bem nas ideias educativas dos governos vigentes da época, direccionado

¹³⁷ Cf. [em linha], [consultado 7 Outubro 2018]. Disponível em: https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores.

¹³⁸ Cf. ESTANQUE, Elísio; BEBIANO, Rui - *Do Activismo à Indiferença, Movimentos Estudantis em Coimbra*, Coimbra: ICS, 2007, p. 29.

¹³⁹ POLICARPO, Isabel - *Op. cit.*, p. 303.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*, p.103.

¹⁴¹ EÇA, Teresa - 150 Anos de Ensino das Artes Visuais, Comunicação apresentada nas *IV Jornadas de História de La Educación Artística*, Barcelona, 24 de Novembro de 2000. Cf [em linha]. [consultado 7 Outubro 2018]. Disponível em: <http://www.prof2000.pt/>.

¹⁴² Jaime Constantino de Freitas Moniz (1837-1917) intelectual e político. Distinguiu-se na área da educação, *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. XVII, p. 632.

para operários, trabalhadores, pessoas de fracos recursos e ligadas às indústrias e manufacturas.

No texto publicado no jornal *A Voz do Artista* de 1886 apercebemo-nos como estavam as Artes em Coimbra:

AS ARTES EM COIMBRA

Coimbra vae despertando da imobilidade em que tão desastradamente permanecia.

O gosto pelas bellas-artes vae propagando-se com rapidez, e hoje o proprietário rejubila-se em ver a casa da sua habitação elegante, bem ornamentada tanto na parte externa como interna. E, felizmente, Coimbra tem artistas que executam com perfeição todas as artes do desenho, e o que comprova o que dizemos, é a construção d'uma casa pertencente ao sr. Martins, na rua do Corpo de Deus, a avaliar pela parte exterior que se acha completa.

Benjamim Ventura e José Barata foram muito felizes, tanto na concepção do desenho como na execução.

Benjamim quis fugir do que ordinariamente se usa, e á falta d'um estylo moderno teve que lançar mão do manelino, estylo nacional, ainda que o ex.mo sr. Joaquim de Vasconcellos demonstrasse n'uma conferencia realisada na ultima exposição, que o estylo manelino não é nacional: mas quer seja ou não nacional, em nada altera o bom êxito da obra.

José Barata na execução da parte ornamental, soube interpretar perfeitamente o desenho.

Os capiteis e consolas n'uma grande variedade, são de muito bom efeito, não havendo diferença sensível a notar-se nos perfis.

Os galhos cortados com bastante liberdade estão bem estylizados e suficientemente rôtos para dar efeito a oito ou dez metros d'alto.

E Benjamim na execução das portas e caixilhos das janelas harmoniosos muito bem com o estylo; com especialidade as almofadas das portas são d'uma beleza incontestável. Finalmente, silharia e carpinteria formam um conjunto admirável.

Estes dois artistas demonstraram n'esta construção o resultado dos seus estudos na Escola Livre de que são sócios fundadores.

O ex.mo sr. António Augusto Gonçalves, ao passar pela obra em que acabamos de fallar, deve orgulhar-se por ver coroados com bom êxito os esforços que empregou¹⁴³

¹⁴³ Jornal *A Voz do Artista*, (25 Jul. 1886) 12.

2. Século XX –A Associação Académica de Coimbra e as Artes.

Por alvará de 3 de Novembro de 1887 é fundada a Associação Académica de Coimbra (AAC) resultante de diversas transformações que, a partir do segundo quartel do século XIX, se foram dando nas instituições da Academia de Coimbra.¹⁴⁴

O surgimento desta associação está na base da Academia Dramática, com estatutos datados de 1837 e sediada no piso térreo do antigo Colégio das Artes. Esta Academia passou por vários problemas internos o que determinou a cisão entre os seus associados. O ramo dissidente, com maior influência e poder, fundou, em 1838, a Nova Academia Dramática que se instalou no edifício do antigo Colégio de São Paulo, local este onde viria a ser erguido, já no período da construção da Cidade Universitária, o edifício da actual Biblioteca Geral.

Aquela construção colegial, já bastante envelhecida e degradada, serviu, no entanto, para que os novos agremiados (estudantes e alguns professores) se estabelecessem e construíssem, no pátio desse edifício, o Teatro Académico, inaugurado no ano de 1839.

Com o passar do tempo a Academia Dramática foi-se dissolvendo enquanto a Nova Academia Dramática, com estatutos aprovados em 1840, ia alargando a sua área de acção. A actividade repartia-se em três áreas, com os seus Institutos de Teatro, de Música e de Pintura. Em 1849 os estatutos são reformulados e como à época a Academia Dramática já tinha sido extinta, a Nova Academia Dramática adoptou o nome da anterior – Academia Dramática de Coimbra.

Nessa altura os três institutos (teatro, música e pintura) foram agrupados numa única organização com autonomia quase total. Em 1852, o *Instituto de Coimbra* era assim

¹⁴⁴ ESTANQUE, Elísio, BEBIANO, Rui - *Do Activismo à Indiferença, Movimentos estudantis em Coimbra*, Coimbra: ICS, 2007, p. 28.

uma academia científica, literária e artística, mais um clube de lentes voltado para as ciências e as artes.¹⁴⁵

Ainda antes de 1840, nos Estatutos da Academia Dramática, previa-se a abertura de um Instituto de Pintura, da mesma forma que se regulamentava o funcionamento do Instituto Dramático e do Instituto de Música, na mesma altura que se fundava o Conservatório Geral de Arte Dramática, mais tarde Conservatório Real de Lisboa. Os Académicos com gosto pela Pintura inscreveram-se na Academia e auxiliavam na montagem das peças do Teatro Académico ou na secção de Artes da Academia Dramática.¹⁴⁶

Já o Instituto de Pintura tinha como presidente Luiz Augusto da Silva Parada¹⁴⁷, relator, João Soares d'Albergaria, secretários Jorge Arthur Pimentel¹⁴⁸ ou Anselmo José Braamcamp Júnior e alguns sócios, como por exemplo José Mendes Diniz e Manoel Messias Moreira Passos.¹⁴⁹

¹⁴⁵[em linha]. [consultado a 10 Dezembro 2018]. Disponível em: <http://www.aac.uc.pt/sfaac/antigo/aac.htm>

¹⁴⁶ *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramática*, nº 1, SNBA, (29 Fev. 1840).

¹⁴⁷ Luís Augusto de Parada e Silva Leitão (1811-?) entre 1834 e 35 esteve matriculado nos cursos de Filosofia e Matemática na Universidade de Coimbra. A 2 de Maio de 1840 entrou para o Instituto Dramático de Coimbra. Foi membro da Maçonaria, integrando a Loja Segredo e a Loja Maçónica Filadélfia. Vivia na Rua da Sofia nº 404. Após a conclusão dos estudos na Universidade foi, juntamente com seu irmão, litógrafo, Director da Companhia da Exploração das Pedreiras Litográficas em Coimbra. Cf. QUEIROZ, H. F. F - Notas para uma Biografia de Luís Augusto de Parada e Silva Leitão, 1811-1858, in *ArtiSom*, Artes Decorativas. Nº 1, 2015, p. 218-222, *Relação dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra: 1834-1835*, publicado na Real Imprensa da Universidade, Coimbra, 1834.

¹⁴⁸ Jorge Artur Pimentel, foi sócio de O Instituto e da Academia Dramática de Coimbra, FERREIRA, Lúcia Rodrigues - *Instituto de Coimbra, O Percurso de uma Academia*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

¹⁴⁹ Manoel Messias Moreira Passos, nascido em Coimbra, matriculado na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra e residente à data na Rua das Fangas, nº 49 - *Relação dos Estudantes Matriculados na Universidade de Coimbra*, publicado na Real Imprensa da Universidade, Coimbra, 1836, Cf. *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramática*, nº 1, (29 Fev. 1840) 5.

Era um tempo de mudança: «Na viragem para a segunda metade do século XIX, Coimbra virava costas a uma tradição artística secular e parecia satisfazer-se na contemplação das memórias antigas»¹⁵⁰.

E no jornal *Conimbricense* e na Tribuna da Vereação Camarária os estudantes: «Joaquim Martins de Carvalho e António Augusto Gonçalves denunciavam a apatia cultural, pugnando pela urgência de um ensino artístico e consequente formação de escolas». ¹⁵¹.

O panorama artístico de Coimbra ir-se-ia alterar radicalmente em 1878 com o início do funcionamento da Escola Livre das Artes do Desenho, berço de artistas e de artífices, com uma actividade que se prolongou durante quase 60 anos¹⁵².

Nesse tempo Coimbra era um pequeno aglomerado populacional e entre o final do século XIX e início do século XX, a cidade vivia como que adormecida, sonhando com tempos de glória passados. A vida centrava-se, quase na totalidade, em torno da Universidade, os estudantes chegavam provenientes de todas as partes do país e a cidade estava dividida em dois grupos: os estudantes e os habitantes da cidade (*futricas*).

No que se refere aos estudos das Artes, existiam professores que davam aulas particulares, principalmente direccionadas às jovens do sexo feminino, tendo alguns dos mais ilustres artistas da cidade como José Contente ou Fausto Gonçalves, dado aulas particulares nos seus *ateliers*.

Ao longo do século XIX não se conhecem manifestações colectivas relacionadas com as Artes Plásticas, excepto nas festas do *Centenário da Sebenta* em 1899¹⁵³, ano em que

¹⁵⁰ CRAVEIRO, Lurdes - Um projecto Neomanuelino para um Museu de Belas Artes de Coimbra, sep. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. 8, Coimbra, (1986) 18.

¹⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 18.

¹⁵² FREITAS, Duarte Manuel - *Museu Machado de Castro: Memorial de um Complexo Arquitectónico Enquanto espaço Museológico (1911-1965)*, Edição Caleidoscópio, 2016, p.71.

¹⁵³ Festa cómica idealizada por estudantes das Faculdades de Teologia e de Direito que se realizou em Abril de 1899.

vários jovens trabalharam em conjunto para a realização dos cartazes, prospectos e selos alusivos à Festa¹⁵⁴.



Fig. 3 – Centenário da Sebenta – Revista Brasil Portugal

Revista Brasil Portugal, Anno I, n.º 8, 16 de Maio de 1899, p. 12-13.

3. A Queima das Fitas e as Artes Plásticas

3.1. A tradição da Queima das Fitas– caricaturas

Desde a segunda metade do século XIX que a tradição coimbrã da festa da Queima das Fitas, realizada pelos alunos que frequentaram e tiveram sucesso escolar no último ano do curso, constituía um ponto alto na vida académica, associando-se à demonstração do

¹⁵⁴ Álvaro Viana de Lemos (1881-1972) estudou em Coimbra, no Liceu e na Faculdade de Matemática na Universidade; fez também o curso de Infantaria na Escola do Exército.

êxito dos alunos, onde os finalistas se juntavam, por Faculdade, na Porta Férrea e daí saíam em cortejo até ao Largo da Feira, onde as fitas eram queimadas.¹⁵⁵

Em 1903 é publicada a primeira brochura que incluía dez caricaturas de finalistas e em 1905 surge uma segunda publicação incluindo já cento e trinta e seis caricaturas de alunos provenientes de cinco Faculdades.¹⁵⁶

À Queima das Fitas como manifestação jubilosa dos alunos soma-se, em 1911-12, a publicação dos finalistas do curso de Medicina denominada: *Na despedida*, com caricaturas e pequenas quadras ou versos.



Fig. 4 – Livro de Finalistas do Quinto Anno Medico de 1911-12

Caricaturas de cada um dos alunos acompanhadas de quadras alusivas à sua vida de estudante de Coimbra

Museu Académico da Universidade de Coimbra

¹⁵⁵ Cf. LAMY, Alberto Sousa - *A Academia de Coimbra, 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*, Rei dos Livros, 1990.

¹⁵⁶ Texto de Augusto Alfaiate especialmente elaborado para o regiaoocentro.net (site entretanto desactivado e substituído por memoriadeoimbra). [em linha]. [consultado a 3 de Abril de 2018]. Disponível em: <https://sites.google.com/site/memoriadeoimbra> É este “o mais antigo álbum de caricaturas que conhecemos e no qual estão representados os dez quartanistas de direito seguintes: Henrique Sotto-Mayor, Soares, Alberto Costa - Pad-Zé, Tomás Matos Dias, José Bruno Carreiro, Gustavo Martins de Carvalho, Luís de Albuquerque, Carlos de Mendonça, João Coreia Botelho Castelo-Branco, Artur Machado e J. Alves de Sá”; SOARES, António José - *Algumas reflexões sobre Queima das Fitas*, in *Rua Larga - Revista dos antigos estudantes de Coimbra*, Coimbra, (10 Jun. 1957).

No ano de 1920, surge o primeiro Programa Oficial da Queima das Fitas e a 27 de Maio de 1925 é publicado o primeiro *Livro de caricaturas*, pois até aí editavam-se brochuras, com poucas imagens e fraca qualidade.¹⁵⁷

Fazendo um levantamento pelos primeiros dez anos (1925-1935) de publicações destes Livros de Curso¹⁵⁸ com caricaturas dos estudantes¹⁵⁹, percebemos que os cursos com livros publicados são os de Medicina, Direito, Letras e Ciências, havendo caricaturas de autores diversos e muitas feitas pelo mesmo autor, o que demonstra o seu reconhecimento como artista/caricaturista no meio estudantil a par de outros cujas caricaturas surgem em menor número, talvez jovens amigos ou familiares do estudante caricaturado. Também alguns dos nomes que surgem, mais amiúde a fazer caricaturas, são os vencedores do concurso de cartazes da Queima das Fitas.¹⁶⁰

O desfolhar destes livros leva-nos a pensar nas diferenças e na evolução da sociedade, da época e da moda ao longo desses tempos. Em poucos anos, os Livros de Curso integram um cada vez maior número de estudantes. As raparigas começam a ser cada vez em maior número como alunas da Universidade e no desenho do caricaturista surge, a pouco e pouco, um traço mais geométrico, mais linear nos rostos e nos trajes, mostrando-se o gosto e a moda dos anos 1925 a 1935.

¹⁵⁷ Idem, *ibidem*.

¹⁵⁸ Poderão existir outros livros de caricaturas e de outros cursos, porém os que foram consultados por nós são os existentes no Arquivo do Museu Académico da Universidade de Coimbra.

¹⁵⁹ *Livros de Caricaturas dos cursos de Medicina, Direito, Ciências e Letras de 1925 a 1935*, Arquivo do Museu Académico da Universidade de Coimbra.

¹⁶⁰ Lista dos nomes de autores de caricaturas, que surgem em maior número, nos Livros de Curso datados entre 1925 e 1935, ordenados por ano e por curso: **1925-Medicina**: Manuel Serôdio, Alberto Costa; **1926-Medicina**: Amarelhe, **1927-Direito**: Serôdio, **1928-Letras**: José Videira, **Medicina**: João, **Ciências**: João, Serôdio, **Direito**: Cerdeira; **1929-Medicina**: Mário, Cerdeira, **Letras**: Cerdeira, **Direito**: Cerdeira, **Ciências**: Tom, Zamith, Mário, **1930-Direito**: Teixeira Cabral, Moli, P. Olaio, Melos, Mário, Serra, **Medicina**: J.A., **Ciências**: Mário, Zamith, **1931-Ciências**: Moli, O. Assunção, **Medicina**: Sarmento, P. Olaio, Danton, O. Assunção, Arlindo Vicente, Teixeira Cabral, Fausto, Zamith, **Letras**: Danton, Zamith, Mário, **1932-Letras**: Amarelhe, Mário, **Medicina**: Amarelhe, Danton, **1933-Letras**: Mário, Zamith, Arlindo, **Direito**: Danton, Arlindo, Melo, **Medicina**: Melo, Fermentel, Tavares, **Ciências**: Mário, Melos, Zamith, **1934-Letras**: Zamith, Danton, **Direito**: Zamith, Arlindo, Danton, **Medicina**: Otílio, Melos, Mário, Zamith, **Ciências**: R. Guerreiro, Zé Fialho, **1935-Direito**: Zamith, Arlindo, Danton, **Medicina**: Arlindo, Danton, **Ciências**: A. Fonseca, Antenor, Ezequiel, **Letras**: Danton, Zamith.

3.2. Cartazes da Queima das Fitas

No ano de 1926 a Queima das Fitas tem um cartaz oficial a anunciá-la, desenhado por D. Diogo de Reriz¹⁶¹ e em 1935 surgirá o primeiro cartaz litografado.¹⁶²



Fig. 5 – Cartaz da Queima das Fitas, 4 de Maio de 1926

Arquivo do Museu Académico da Universidade de Coimbra

¹⁶¹ Diogo Francisco de Almeida Azevedo e Vasconcelos (1900-1964), futuro Marquês de Reriz, desenhador minucioso “com qualidades de ilustrador”. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. V, p. 44.

¹⁶² Texto de Augusto Alfaiate,[em linha]. [consultado a 3 de Abril de 2018]. Disponível em: <https://sites.google.com/site/memoriadecoimbra>.



Fig. 6 – Cartaz da Queima das Fitas, 24 a 28 de Maio de 1935

Arquivo do Museu Académico da Universidade de Coimbra

A ligação entre a Academia e as expressões artísticas continuou a fazer-se sentir. No final dos anos 1950 os estudantes que se juntam numa exposição da Queima das Fitas e se propõem formar um núcleo de estudo e aprendizagem, que virá a ser a formação inicial do Círculo de Artes Plásticas, vão continuar a colaborar com as iniciativas académicas, realizando os cartazes para o Baile de Gala e o Sarau da Queima das Fitas.



Fig. 7 e Fig. 8 – Cartazes da Exposição de Artes Plásticas da Queima das Fitas de 1959 e 1960

Autoria: Jorge Mira Coelho

Maria Moreira - Arquivo Particular

4. Manifestações artísticas de âmbito universitário

Por volta de 1915, Manuel Jardim¹⁶³, antigo aluno do mestre António Augusto Gonçalves e, como tantos outros jovens artistas portugueses, recém-chegado de Paris devido ao início da Grande Guerra, abriu em Coimbra, juntamente com o Penalva da Rocha, uma academia de pintura, influenciado pelas academias que tinha frequentado em Paris. Esta academia estava situada na Avenida Sá da Bandeira, no nº 83 e pouco tempo depois integra o escultor Francisco Franco¹⁶⁴, também acabado de regressar de Paris, mudando-se as instalações para a Rua Antero de Quental, no nº 43. Mas o sonho de uma academia de pintura em Coimbra foi de curta duração, pois a população não aceitou a obra de Manuel Jardim, um modernista, vindo do ambiente artístico europeu, da vida em Paris e com sensibilidade estética que nada tinham de semelhante com o academismo que ainda se vivia em Portugal.¹⁶⁵

A vertente mais inovadora de realização artística não se coadunava com os gostos das pessoas que nunca tinham saído do país, não era assim que entendiam a arte nem segundo estas linhas que queriam aprender desenho ou pintura.

¹⁶³ Textos de sala da exposição: JARDIM, Manuel - *Memória de um percurso inacabado*, Museu Nacional de Machado de Castro, Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, Montemor-o-Velho, 2011, Manuel de Azambuja Leite Pereira Jardim (1884-1923), Nascido no seio de uma família aristocrática do Baixo Mondego, na localidade de Meãs do Campo, foi educado à sombra tutelar e protectora de Coimbra onde despertaria a sua vocação de artista incentivada por Leopoldo Battistini. Lisboa e a Escola de Belas-Artes (1903-1905) foram uma etapa intermédia no seu percurso artístico, onde conviveu e travou amizade com alguns dos nomes mais marcantes do Modernismo português: Francisco e Henrique Franco, Eduardo Viana, Dórdio Gomes, ou Guilherme de Santa Rita. No seu percurso académico, Manuel Jardim ensaiou novos caminhos, obtendo boas classificações, que lhe conferiram uma honrosa distinção escolar. Contudo, não sentia que a sua vocação pudesse progredir na academia de Belas-Artes de Lisboa, aventurando-se a prosseguir a sua formação em Paris (1905). O eclodir do conflito mundial de 1914-1918 força o pintor a regressar a Portugal. Neste período (1914-1920), em que é evidente a dificuldade de adaptação, viu-se na contingência de leccionar Desenho e Pintura no Colégio Moderno de Coimbra. Cf. Catálogo *Jornada de Arte, Artistas de Coimbra*, Coimbra: Associação Cristã da Mocidade, 1978, p.22, Cf. Catálogo *Artes Plásticas, Artistas de Coimbra*, Coimbra: Movimento Artístico de Coimbra, 1980, p.159-60, Cf. VILHENA, Manuel - *A vida do pintor Manuel Jardim*, vol. I, Lisboa: Portugália Editora, 1945. Cf. Catálogo da Exposição *Retrospectiva da obra do Pintor Manuel Jardim*, Palácio Foz, Lisboa, 1974.

¹⁶⁴ Francisco Franco de Sousa (1885-1955) foi escultor, nasceu no Funchal. Cf. FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961*, Lisboa: Bertrand Editora, 1991, p. 184-185, 261-263.

¹⁶⁵ DIAS, Pedro - *A Pintura de Coimbra do tempo da Escola Livre: 1878-1936*, Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro, 1984.

A cidade continuava ligada a outros gostos e os jovens que estudavam em Coimbra eram autodidactas e/ou tinham frequentado aulas nos colégios ou com professores particulares: No meio estudantil universitário imperava o gosto pelo desenho humorístico, a caricatura e a aguarela, fazendo estas parte das distrações quotidianas de alguns, mas sendo um entretenimento e passatempo das horas de ócio e não um aprofundado trabalho artístico.

No entanto, foram alguns os jovens que se formaram em Coimbra e durante a sua vivência na cidade se tornaram artistas, como os casos de Arlindo Vicente¹⁶⁶, Alberto José, João Carlos Celestino Gomes¹⁶⁷, Ruy de Cunha Gouveia, Mariana Machado Santos, Alberto José, Tony, Melos¹⁶⁸, Moli, José Cruz, João Zamith, Oliveira Assunção, Antenor e mesmo Fernando Namora.¹⁶⁹

E, embora o peso da Escola Livre¹⁷⁰ ainda se fizesse sentir, algumas exposições foram sendo organizadas com trabalhos de artistas de fora de Coimbra, como a mostra que se

¹⁶⁶ Pintor, Advogado e político. Nasceu no Troviscal em 1906 e faleceu em Lisboa em 1977, SANTOS, Miguel Dias - *Arlindo Vicente e o Estado Novo-História, cultura e política*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, FRANÇA, José Augusto, *Op. cit.*, p. 317, VICENTE, Filipa - Arlindo Vicente: o pintor e a sua obra, in Do Estado Novo ao 25 de Abril, *Revista de História das Ideias*, nº 17, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1995, p. 643-666.

¹⁶⁷ João Carlos Celestino Gomes (1899-1960) foi um médico, professor, escritor e pintor. Pertence à segunda geração de artistas modernistas portugueses. Utilizou o nome João Carlos como pintor e ilustrador. Como escritor e crítico assinou com o nome de Celestino Gomes. Cf. França, José Augusto – *Op. cit.*, p. 315.

¹⁶⁸ João de Lemos Gomes Melos (1906-?) pintor, com exposições na Argentina. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. IV, p. 106.

¹⁶⁹ Fernando Namora (1919-1989), pintor e escritor, médico, começou por pintar retratos de amigos, figuras típicas de aldeias assim como paisagem. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. III, p. 192. Expôs seis desenhos, três aguarelas, quatro óleos e quatro caricaturas no *Salão Académico* de 1935. Cf. SANTOS, Miguel Dias - *Arlindo Vicente e o Estado Novo-História, cultura e política*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

¹⁷⁰ O núcleo da Escola Livre das Artes do Desenho, que era bastante restrito, com Júlio da Costa Mota, António e Abel Eliseu, Libânia Gonçalves, Afonso Ribeiro, Saúl de Almeida, Carlos Lobo, José Rodrigues da Costa, viria a alargar-se com a exposição, em 1935, em que se expuseram obras de artistas considerados mais “avançados” para a época, Abel Salazar, Sofia Martins, Túlio Victorino, Alberto de Sousa, a par de artistas de Coimbra pertencentes a uma nova geração como Fausto Gonçalves, Horácio Gavião, Américo Diniz e os professores Agostinho da Fonseca e Manuel Rodrigues, Ver SANTOS, Miguel Dias - *Op. cit.*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

organizou durante o *Congresso para o Progresso das Ciências*, com trabalhos de Sarah Afonso¹⁷¹, Varela Aldemira¹⁷², Carlos Bonvalot¹⁷³, Lucena¹⁷⁴, Mário Augusto, Malhoa¹⁷⁵, Carlos Reis¹⁷⁶ e Domingos Rebelo¹⁷⁷.

Alguns artistas, após terem ido a França e frequentado Academias e diversos *ateliers* parisienses, começaram, nestes finais dos anos vinte a impôr-se no meio artístico-cultural como o caso de Fausto Gonçalves e José Contente.

Em 1927 realiza-se o *I Salão de Arte dos Estudantes da Universidade de Coimbra*, onde apresentaram trabalhos José Régio¹⁷⁸, Arlindo Vicente (que participa com dezasseis

¹⁷¹ Sarah Afonso (1899-1983) pintora, discípula de Columbano, excelente artista, seguiu as correntes modernistas e aproximou-se da ingenuidade dos olhares do Minho, retratando as suas cenas mais ingénuas. As suas obras são baseadas na frescura e singeleza, utilizando cores vibrantes. Cf. PAMPLONA, Fernando – *Op. cit.*, vol. I, p. 20; Sarah Affonso – *Os Dias das Pequenas Coisas*, Coord. MNAC, Tinta da China, 2019.

¹⁷² Luís Varela Aldemira (1895-1975) pintor, discípulo de Columbano, distinguiu-se pela segurança técnica apresentando, contudo, um certo cariz académico. As suas obras retratam rostos, nus, paisagens, naturezas. Foi, igualmente, historiador e crítico de arte. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. I, p. 37-38.

¹⁷³ Carlos Bonvalot (1894-1934) pintor, discípulo de Veloso Salgado e de Condeixa, seu parente, parte para Paris com uma pensão em 1920, foi aluno de Cormon. São de grande qualidade os seus desenhos anatómicos, das suas obras constam retratos e marinhas. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. I, p. 219-220.

¹⁷⁴ Armando de Lucena (1886-1975) pintor, discípulo de Carlos Reis Luciano Freire e Condeixa, distinguiu-se pelas paisagens, representações da natureza. Foi também historiador de arte e autor de diversos artigos em jornais e revistas. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. III, p. 246-247.

¹⁷⁵ José Vital Branco Malhoa (1855-1933) discípulo de Anunciação, Prieto, Simões de Almeida, Miguel Lupi e Vítor Bastos. Iniciou o seu percurso com o entalhador Leandro Braga, mas a conselho deste, entrou na Real Academia de Belas-Artes, com apenas doze anos. Realizou inúmeras exposições em Portugal e no estrangeiro. Integrou o Grupo do Leão e foi pioneiro da corrente Naturalista. Foi o primeiro presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. IV, p. 37-42.

¹⁷⁶ Carlos António Rodrigues dos Reis (1863-1940) pintor, discípulo de Silva Porto, Joseph Blanc e Bonnat, notabilizou-se pela execução de paisagens, sendo de grande qualidade os seus efeitos lumínicos de transparências. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. V, p. 29-32.

¹⁷⁷ Domingos Maria Xavier Rebelo (1891-1971) pintor nascido em Ponda Delgada, discípulo de Artur May nos Açores, em Paris de Jean-Paul Laurens, Albert Laurens e Naudin. Viveu em Lisboa “Distinguiu-se pela segurança e largueza do desenho e da composição e pela ciência da cor”. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. V, p. 23-24.

¹⁷⁸ José Régio é o pseudónimo de José Maria dos Reis Pereira (1901-1969), nasce em Vila do Conde, estuda em Coimbra na Faculdade de Letras, ainda antes de concluir o curso superior, publica, em 1925, *Poemas de Deus e do Diabo*. Com João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, funda, no ano de 1927, a revista *Presença*, que será um marco importantíssimo na literatura e nas artes portuguesas. Foi professor no Liceu de Portalegre, mais de 30 anos, *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*, Coor.

obras e em cuja organização se empenhou), João Carlos¹⁷⁹, D. Diogo de Reriz, Alfredo Osório de Sousa Pinto¹⁸⁰, Paulo Rocha¹⁸¹ e José Santos Figueira.¹⁸²

Esta mostra de arte juvenil iniciou uma tradição de exposição de trabalhos de jovens da Academia que se manteve quase ininterruptamente até ao ano de 1939.

Em Fevereiro de 1931, o então eleito Presidente da Associação Académica, Director da revista *Presença* e quintanista da faculdade de Direito João Gaspar Simões¹⁸³ inaugurou o *II Salão Académico*, onde colaboraram, para além de Arlindo Vicente, Danton Paixão Nifo¹⁸⁴, João Gomes “Melos”, Manuel Filipe, Rui Gouveia e Mário Oliveira.¹⁸⁵

Em 1932, novamente Arlindo Vicente participa no *III Salão Académico*, em que se expuseram as obras de Cândido Costa Pinto e Raul Carvalho. Também nesse ano Arlindo Vicente acompanha Alberto José Pessoa (ainda estudante liceal) numa exposição na Casa Amado.¹⁸⁶

Eugénio Lisboa, Instituto do Livro e da Leitura e Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Publicações Europa-América, volume IV, 1997.

¹⁷⁹ João Carlos Celestino Gomes, médico e artista plástico, FRANÇA, José Augusto - *Op. cit.*, p. 315.

¹⁸⁰ Alfredo Osório de Sousa Pinto, aluno da Faculdade de Medicina, inscrito no ano lectivo de 1926/1927, *Anuário da Universidade de Coimbra*, Coimbra, 1926-1927, p. 57.

¹⁸¹ Paulo Rocha, aluno da Faculdade de Medicina, inscrito no ano lectivo de 1926/1927, *Anuário da Universidade de Coimbra*, 1926-1927, p. 56.

¹⁸² [em linha]. [consultado a 16 Janeiro 2018]. Disponível em: <http://www.museusaopedro.org/arlindovicente/biografia/bio2.htm>, SANTOS, Miguel Dias, *Op. cit.*

¹⁸³ João Gaspar Simões (1903-1987) um dos fundadores da revista *Presença*, estudioso e escritor, colaborou com várias revistas e jornais, foi um dos primeiros biógrafos de Fernando Pessoa, *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Verbo, 17, 1973, p. 175-176, PESSOA, Fernando - *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1982.

¹⁸⁴ Danton Paixão Nifo, estudante de Direito, elemento da Tuna, desenhador e caricaturista. Alguns dos cartazes da Queima das Fitas dos anos 1920 são da sua autoria, assim como algumas caricaturas de estudantes que constam dos livros de curso. Natural de Trancoso, filho de António de Figueiredo Paixão, termina a licenciatura em Ciências Jurídicas no ano lectivo de 1937-38, [em linha]. [consultado em 16 Maio 2018]. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/republica>

¹⁸⁵ Ver SANTOS, Miguel Dias - *Op. cit.*

¹⁸⁶ Idem, *ibidem*. A Casa Amado foi um estabelecimento na cidade de Coimbra e também um espaço expositivo.

Entretanto, como já foi referido, outros artistas, ligados às vivências coimbrãs, formaram, em 1932, o grupo *Os Divergentes*, do qual fizeram parte Ezequiel Batoréu, Danton, Raul Ramalho, Arcindo Madeira¹⁸⁷, Manuel Filipe¹⁸⁸, Chorão Ramalho¹⁸⁹ e Cândido Costa Pinto. Em simultâneo, expunham em Coimbra artistas de Lisboa, Porto ou Brasil como D. Thomaz de Mello (TOM)¹⁹⁰, Rolando de Matos, Fausto Sampaio, Manuel Tavares, Eduarda Lapa¹⁹¹, Alberto de Sousa¹⁹², Maria de Lurdes Melo e Castro¹⁹³ e Alípio Brandão¹⁹⁴.

No Programa da Queima das Fitas de 1933 foi integrado o *IV Salão Académico*, em que, entre outros, colaborou João Zamith e uma jovem aluna da Faculdade de Letras,

¹⁸⁷ Arcindo Madeira, trabalhou para as revistas Tic-Tac e O Papagaio, no início dos anos 1940 emigrou para o Brasil, onde fez trabalhos para o Suplemento Juvenil, O Guri e O Tico-Tico, *Arcindo Madeira: exposição retrospectiva*, Catálogo de Exposição, Casa Municipal da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, Coimbra, 1999.

¹⁸⁸ Manuel Filipe (1908-2002) desenhador, pintor e professor. Os seus trabalhos são de cariz marcadamente neorrealista e abstrato geometrizar. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. II, p. 312.

¹⁸⁹ Raul Chorão Ramalho (1914-2002) arquitecto, fez o ensino liceal em Coimbra, integrou o grupo *Os Divergentes* entrou no curso de Belas Artes em Lisboa e terminou o curso no Porto, in *Jornal Público*, Separata Ípsilon, 12-1-2002 [consultado a 5 Março 2018]. Disponível em: [Chorão Ramalho: Desapareceu um dos grandes arquitectos da obra pública | PÚBLICO \(publico.pt\)](http://www.publico.pt/pt/arte/chorao-ramalho-desapareceu)

¹⁹⁰ D. Thomaz de Mello (TOM) nasceu no Rio de Janeiro, em 1906 e faleceu em Lisboa, em 1990. Artista multifacetado explora diferentes áreas como o desenho, a pintura, a caricatura, o grafismo de cartazes, a decoração, o design, a cerâmica e a encadernação. Chega a Portugal em 1926 e tanto no desenho como na pintura demonstra sensibilidade etnográfica, retratando vários costumes e tipos populares e algumas regiões de Portugal, SILVA, Jorge - *TOM - Ilustração e Design*, Abysmo, 2020.

¹⁹¹ Maria Eduarda Lapa (1896-1976) discípula de Artur Loureiro, Emília Santos Braga e de Armando de Lucena, distinguiu-se como pintora de espécimes botânicos e paisagísticos. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. III, p. 181-182; Catálogo Eduarda Lapa: pintora / [org.] Museu da Guarda, Câmara Municipal da Guarda, 1997.

¹⁹² Alberto Augusto Sousa (1880-1961) aguarelista, discípulo de Manuel de Macedo e de Nicola Bigaglia, “Distinguiu-se pela firmeza do desenho, pela limpidez da cor, pelo sentido da luz”. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. V, p. 233-234.

¹⁹³ Maria de Lurdes Melo e Castro (1903-1996) discípula de José Malhoa, realizou obras de cariz paisagístico, assim como retratos infantis, Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. IV, p. 104-105. Cf. Saldanha, Nuno, Maria de Lourdes de Mello e Castro - *A Pintura no Feminino*, Scribe, Lisboa, 2014.

¹⁹⁴ Alípio Brandão (1916-1965) escultor de madeira, executou obras de talha, foi também pintor, sendo discípulo de Artur Loureiro e de Manuel Rodrigues. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. I, p. 243.

Mariana Machado Santos, a primeira presença feminina que se integra no meio artístico, dominado por artistas masculinos.¹⁹⁵

Durante os anos da II Guerra Mundial poucas foram as mostras de arte realizadas pelos estudantes em Coimbra que só em meados da década de 1950 se voltariam a organizar com assiduidade.

5. Do início do século XX à década de 1940

No início do século XX, um grande número de jovem parte para Paris para realizar o sonho de uma nova visão artística, mais inovadora, menos académica e mais moderna. Rumam à capital das artes, cosmopolita e cheia de artistas, oriundos das mais díspares paragens, com o ímpeto de realizarem obra moderna nos mais variados campos artísticos.

Mas, em 1914, a quase a maioria terá de regressar aos seus países de origem, devido ao início da I Guerra Mundial. Se não fosse isso muitos teriam ficado em Paris ou partido para outros países por essa Europa fora, mas assim tiveram de voltar. Este foi, para o nosso país, uma época diferente, com os jovens artistas a trazerem ideias a que Portugal e os seus meios artísticos, culturais e intelectuais não estavam habituados.

O ano de 1915 vê surgir o movimento do Orpheu com a ligação das Artes e das Letras, com o Futurismo, o Interseccionismo ou o Cubismo e enfim todo o Modernismo a que poucos estavam habituados por cá.

Em 1917 uma nova visão das artes surge com a chegada do casal Robert e Sónia Delaunay a ir viver em Vila do Conde e a influenciarem Eduardo Viana e Almada Negreiros, trocando correspondência assídua com este e com Amadeo de Souza Cardoso, formando um triângulo de pensamento e criatividade artística no Portugal da

¹⁹⁵ SANTOS, Miguel Dias - *Arlindo Vicente e o Estado Novo-História, cultura e política*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

época, entre Vila do Conde, Manhufe e Lisboa. Mas o gosto Académico continuava a persistir com Malhoa, Veloso Salgado ou Columbano e a produção artística inovadora iria sofrer num curto espaço de tempo (entre 1916-1918) com a morte dos jovens Guilherme de Santa-Rita, Amadeo e Mário de Sá-Carneiro.

Os anos 1920 verão surgir uma nova burguesia enriquecida, saída do pós-I Guerra, com gosto discutível, mas com dinheiro para adquirir. Será a década do I Salão de Outono, da Exposição dos Cinco Independentes, da revista *Contemporânea*, da “Galeria” de Exposições do café Brasileira, do incentivo aos artistas do Bristol Club na pessoa de Mário Ribeiro e, em simultâneo, a década da ilustração e dos trabalhos de diversos artistas para a imprensa periódica.

Nos anos da década de 1930 sentir-se-ão transformações a nível do panorama das artes plásticas. Em Maio a realização, na SNBA, do I Salão dos Independentes, com a integração de diversas áreas artísticas como o desenho, pintura, fotografia, escultura e arquitectura, com um total de cerca de 400 obras.¹⁹⁶



Fig. 9 – Capa do Catálogo do I Salão dos Independentes

Maria Moreira - Arquivo Particular

¹⁹⁶ SANTOS, Miguel Dias - *Op. cit.*

Em 1933, António Ferro é nomeado director do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN), ficando no cargo até 1950. Durante o tempo que esteve à frente deste organismo estatal, ajudou os artistas, concedendo apoios ou fazendo encomendas como António Soares ou Carlos Botelho ¹⁹⁷.

No país, os movimentos de vanguarda desenvolveram-se com grande dificuldade e ficavam desconhecidos da maioria das pessoas, alguns artistas tornaram-se apolíticos, o que lhes permitia desenvolverem o seu trabalho, outros emigraram e lutaram contra a ditadura fora de Portugal. Na década de 1940, enquanto o regime organizava a Exposição do Mundo Português, para comemorar os oito séculos da nacionalidade¹⁹⁸ era organizada uma exposição com muitas significativas obras surrealistas de António Pedro, Pamela Boden e António Dacosta.¹⁹⁹

Cinco anos depois dá-se o fim da II Guerra e cresce o desencanto e a contestação ao regime político português, com os neorrealistas como Marcelino Vespeira, Manuel Filipe ou Júlio Pomar a tratarem de temas incómodos como a fome, a pobreza e as questões sociais de que o povo padecia, lutando através das suas obras e fazendo destas uma forma de contestação ao poder.²⁰⁰

Em finais de 1947, com a participação de alguns Neorrealistas surgiu o Grupo Surrealista de Lisboa, mas em 1948 há uma cisão, passando o Grupo Surrealista de Lisboa a ser constituído por António Pedro, Alexandre O'Neill, António Dacosta, Fernando de Azevedo, João Moniz Pereira, José Augusto-França e Marcelino Vespeira e o Grupo Surrealista contando com Mário Cesariny, Pedro Oom, António Maria Lisboa e Henrique Risques Pereira.

¹⁹⁷ Catálogo *Oito Décadas da Pintura Portuguesa*, Colecção da Fundação Calouste Gulbenkian, Salvador: Museu de Arte da Bahia, 1993, p. 6.

¹⁹⁸ Cf. PERNES, Fernando - Os Anos 40 Numa Exposição Gulbenkian, in *Colóquio Artes*, n.º 53, 2ª Série, (Jun. 1982) 5-15.

¹⁹⁹ Catálogo *Oito Décadas da Pintura Portuguesa*, p. 6.

²⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 6.

Parte II

Capítulo 1 - A Década de 1950 - O surgimento do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Em termos de enquadramento do que se viveu na década de 1950 muitos são os aspectos políticos e económicos, mas também muitas são as acções culturais e artísticas que fizeram com que nessa década houvesse inovação e ruptura.

Exemplo é a II Exposição d'Os Surrealistas (1950), 14ª Exposição (última) de Arte Moderna (SNI,1951), abertura da Galeria de Março (1952-1954), I Salão de Arte Abstracta (Galeria de Março, 1954), criação da Fundação Calouste Gulbenkian e a exposição de Arte Portuguesa na Royal Academy em Londres (1956), exposição de Amadeo em Paris, I Salão da Casa da Imprensa e edição da revista KWAY (1958).²⁰¹

O ano de 1956 é o ano de inauguração da Fundação Calouste Gulbenkian que, “desde a sua constituição, assumiu um papel interventivo e transformador nas artes plásticas portuguesas. A promoção de jovens artistas e de novas tendências da arte nacional e internacional e a divulgação de períodos anteriores da arte portuguesa foram determinantes para a actualização e dinamização do panorama artístico português, bem como para a recuperação e estudo do património arquitectónico e plástico”²⁰². Apoiando os artistas e as criações, fomentando a investigação e concedendo inúmeras bolsas de estudo no país e no estrangeiro, levando assim à criação de um público mais interessado e conhecedor de Arte.

²⁰¹ FRANÇA, José-Augusto - *A Arte em Portugal no Século XX (1911-1961)*, Lisboa: Bertrand Editora, 2ª edição, 1985.

²⁰² [em linha]. [consultado a 2 Abril 2018]. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/museu/noticias/catalogo-digital/>

Entre 1956 e 1957 surgiu em Coimbra uma campanha de folhetos que não pode deixar de ser referida, pois tratou-se de uma actividade plástica e literária simultânea.²⁰³

No ano de 1956 sai a primeira leva de folhetos com o título *Um, Um vírgula três e Mais Um*, publicados por grupos contrários, que procuravam, de uma forma irónica e mordaz, defender o seu ideal estético e o próprio gosto literário, através dos seus escritos.

Um – impresso em 28 de Abril de 1956, na Tipografia União, em Coimbra com uma tiragem de 500 exemplares, era um folheto pentagonal em papel de embrulho verde, cujo formato resultava do corte da embalagem, no canto superior direito. A impressão era a vermelho com um desenho a preto no frontispício.

Constituído por oito páginas e sete poemas da autoria de António Saavedra, Lopes da Costa, Luís de Barros Lopes, Maria Luísa e Santos Viegas.

Fora desta série, surge o folheto *Situações existenciais*, onde a problemática existencialista é colocada com maior conhecimento e consciência.²⁰⁴

Em 1957 estas actividades renasceram, com a saída de *Fendas Oblíquas*, com muitos colaboradores²⁰⁵, mas, no entanto, com pouca unidade na defesa da tendência existencialista, que não se pode apelidar de folheto ou manifesto. Surgiu com a ideia de ser continuado periodicamente, com novos números, novos textos e poesias, ligando-se ou não às tendências existencialistas.

Surge, igualmente o texto *Mensagem Cripto – Existencialista*, considerado por uns como um “petardo humorístico” que teve em Hebe a resposta num texto contra os pseudo-existencialistas. A segunda leva de folhetos existencialistas finda com a saída de

²⁰³ “Os Existencialistas - Os Galispos existencialistas de Coimbra”, in *Os Modernistas Portugueses, Escritos Públicos, Proclamações e Manifestos, textos universais*, C.E.P., Dos Surrealistas aos Abstractos, Sátiras, Diatribes e Críticas à Arte Moderna, coord. Petrus, Porto, 1959, vol. IV, p. 91-154.

²⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 91-154.

²⁰⁵ Djalma Carlos, David Leonel, Raúl Vieira, Aurélio Vidal e José Manuel Pinto Netto.

Kadernos, da autoria de um dos colaboradores da *Mensagem Cripto – Existencialista*, o estudante Gilberto do Vale Machado.²⁰⁶

Finou-se assim a guerra dos folhetos, mas em 1957 surge a coletânea *Antologia da Poesia Nova*, com poesias de Moura de Mesquita, Pinho de Melo, Rui Mendes, Sampaio Marinho e Silva Marques e desenhos de Hugo Lopes e Mário Silva, com a excelente representação de um galo. Neste opúsculo, como aliás na maioria dos folhetos anteriores, escrevia-se o nome dos que nele colaboravam em minúsculas, para não serem conotados com a caixa alta tipográfica, representando o destaque e o poder do capital, o espírito de fraternidade, a novidade e o ódio à hierarquia.²⁰⁷

Este foi um momento marcadamente literário, mas nesta década de 1950 Coimbra tinha grande dinamismo cultural, organizaram-se várias iniciativas no campo das artes plásticas, música e cinema, promovidas por diferentes entidades e que tinham o seu campo de acção na área cultural como o Clube de Cinema de Coimbra, o Instituto de Música de Coimbra, o Círculo de Cultura Musical, a Pró-Arte, a Associação de Artistas de Coimbra ou Instituto de Coimbra.

Em Maio de 1958, no Salão do Turismo de Coimbra, foi inaugurada a *Exposição de Artes Plásticas* inserida na programação da Queima das Fitas desse ano, onde expuseram Abílio Gonçalves, Alfredo Rasteiro, António Emerico de Meneses, António Pimentel (Tópi, ainda aluno liceal), Augusto Mota, Bertino Nascimento, Dília Maria Nunes Brito, Emílio Rui Vilar, João da Conceição Ferreira, João Guilherme Fernandes de Freitas, Jorge Manuel Mira Coelho, Luísa Goulão, Mário Duarte, Mário Silva, Padre Francisco Nuno de Oliveira e Victor Manuel Lopes Mathias.

²⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 94.

²⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 94.

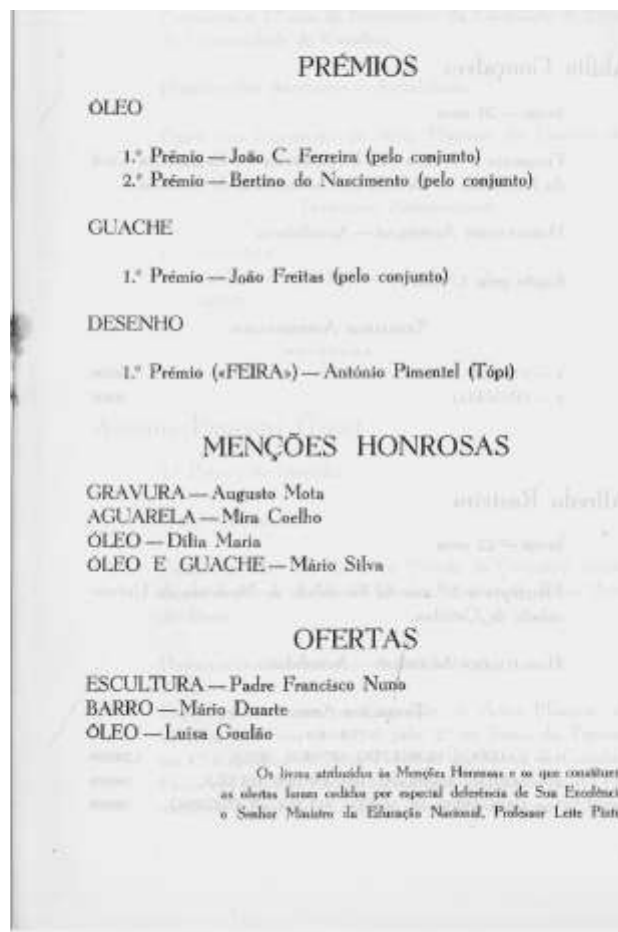


Fig. 10 – Catálogo da *Exposição de Artes Plásticas da Queima das Fitas* de 1958

Maria Moreira-Arquivo particular

Daqui surgiu a: “... ideia de dispormos de um lugar onde pudéssemos aprender e pudéssemos trabalhar em artes plásticas”²⁰⁸e também “Achámos importante (...) a necessidade da existência de um espaço próprio para a criatividade e revelação de valores dentro da área.”²⁰⁹

²⁰⁸ Emílio Rui Vilar, resposta a questionário, 2009. Anexo 1.

²⁰⁹ Jorge Mira Coelho, resposta a questionário, 2009. Anexo 2.

Eram estudantes de Medicina, Ciências, Engenharia e Direito: António Pimentel²¹⁰, Emílio Rui Vilar²¹¹, Mário Silva²¹², Jorge Mira Coelho²¹³, Joaquim Thomé²¹⁴, Alfredo Rasteiro²¹⁵, Augusto Mota²¹⁶ e Manuel Caldeira²¹⁷.

Os cartões de Sócio dos membros fundadores e de alguns dos primeiros elementos do Círculo, mostram-nos as diferentes áreas de estudo a que cada um deles pertencia:

²¹⁰ Informação cedida pela viúva, <http://orfeadecondeixa.wordpress.com/category/memorias/page/2/> António Manuel Moita Pimentel (1935-1998), no ano de 1956, juntamente com outros jovens artistas, organiza o *I Salão de Artes Plásticas dos Novos de Coimbra*, com obras de Pintura, Escultura e Cerâmica. Um ano depois organiza a sua primeira exposição individual, na Sala de Exposições do jornal *Primeiro de Janeiro* e durante 1958 realiza cartazes e material gráfico, publicitando iniciativas de índole académica. Em 1959 é convidado pelo Professor Bissaya Barreto a realizar os murais para o Instituto Maternal de Coimbra, revelando actividade artística reconhecida aquando da sua adesão ao grupo fundador do Círculo de Artes Plásticas, aí estuda cerâmica, desenho, gravura e pintura com o mestre Waldemar da Costa. Em 1960 inicia o seu trabalho em Lisboa como assistente de realização na Rádio Televisão Portuguesa e em 1964, com bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, vai para Paris e frequenta o Atelier 17 e a École Nationale Supérieure des Beaux-Arts. Em 1983, regressa, definitivamente, a Condeixa, dedicando toda a sua vida à pintura.

²¹¹ Informação cedida pelo próprio. Emílio Rui da Veiga Peixoto Vilar (1939) Estudante de Direito, autodidacta, participou, em 1955, numa exposição patente no Liceu Alexandre Herculano, no Porto (*I Salão de Estética do Liceu Alexandre Herculano*) onde ganhou o primeiro prémio de Pintura. Mais tarde trabalhou na caracterização e nos cenários no CITAC, onde foi Presidente em 1960-1961. Enquanto estudante de Coimbra, frequentou o Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra e foi um dos fundadores do Círculo de Artes Plásticas, tendo sido eleito Presidente da Direcção em 1960. Em 1961, termina o curso de Direito. Entre 1974-1978 foi presidente de várias organizações e instituições, tendo desempenhado funções governamentais. Em 2002 foi nomeado Presidente do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian e em 2016 Administrador da Caixa Geral de Depósitos (CGD).

²¹² Estudante de Ciências. Mário Silva em entrevista presencial, Figueira da Foz, 2009. Anexo 3.

²¹³ Informação cedida pelo próprio. Jorge Manuel Campos de Mira Coelho (1935) era estudante de Medicina, tendo desde cedo demonstrado aptidão para a actividade artística, realizando exposições individuais e colectivas, Porto, 2009.

²¹⁴ Estudante de Ciências. Entrevista presencial, Figueira da Foz, 2009.

²¹⁵ Autodidata, estudante de Medicina, resposta a questionário, 2009. Anexo 4.

²¹⁶ Augusto Mota (Ortigosa, Leiria, 1936). Estudante de Letras licenciou-se em Filologia Germânica. Nunca estudou Arte e o Círculo de Artes Plásticas acaba por não ter qualquer interferência na sua realização/criação artísticas, pois nessa época já revelava um estilo bem definido. Artista multifacetado, envereda pelo Desenho, Artes Gráficas e Banda Desenhada, onde tem desenvolvido um trabalho criativo de grande mérito. Augusto Mota, resposta a questionário e entrevista presencial, 2009. Anexo 5.

²¹⁷ Estudante de Ciências, que faleceu novo e de quem pouco se sabe, para além da integração neste grupo de artistas universitários. Mário Silva em entrevista presencial, Figueira da Foz, 2009.



Fig. 11 – Cartão de sócio de Mário Silva, sócio nº1 do Círculo de Artes de Coimbra
Mário Silva-Arquivo Particular



Fig. 12 – Cartão de sócio de Jorge Mira Coelho
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

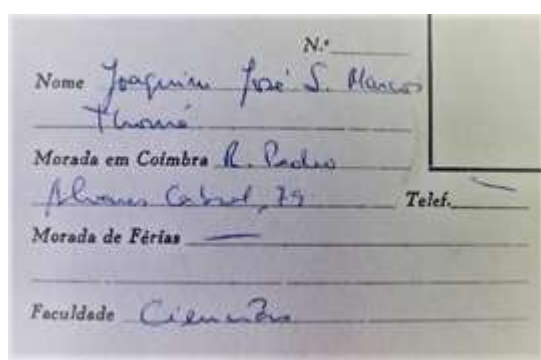


Fig. 13 – Cartão de sócio de Joaquim Thomé
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Maria Moreira, estudante de Letras, foi uma das sócias do início do Círculo, tendo iniciado a ligação à arte de forma autodidata.



Fig. 14 – Cartão de sócio de Maria Moreira

Maria Moreira-Arquivo particular

No Círculo, inicia a sua aprendizagem com o mestre Waldemar da Costa, primeiro em desenho e pintura passando, posteriormente, para a escultura.

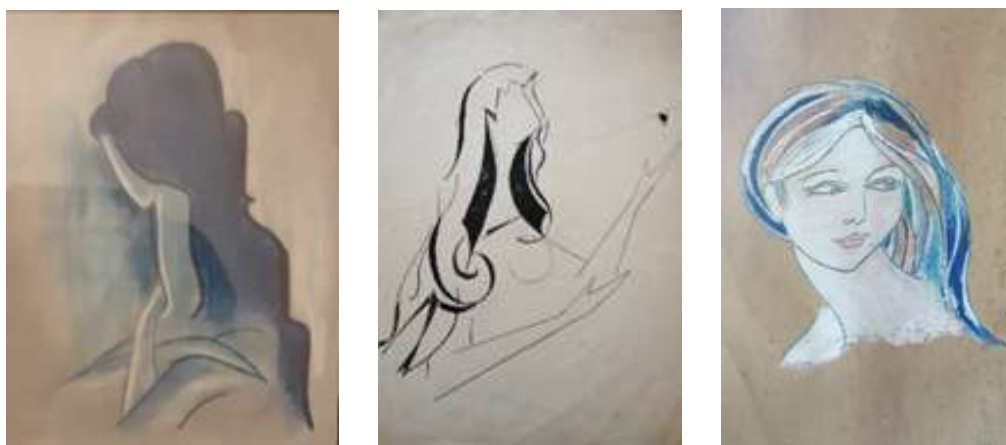


Fig. 15 – Desenhos e pinturas de Maria Moreira

Maria Moreira-Arquivo particular

Participou em várias das exposições do Círculo tanto na Sala de Exposições Temporárias do Museu Machado de Castro, na sala de Exposições do Turismo e na sala de exposições do *Primeiro de Janeiro*, tendo conquistado menções honrosas e prémios.

São do seu arquivo particular variadíssimas fontes, utilizadas para este e outros estudos.

Os percursos destes sócios fundadores foram bem diferentes, exemplo o de Emílio Rui Vilar, estudante de Direito, com Livro de Curso de 1960, membro activo do CITAC e um dos primeiros sócios do Círculo.



Fig. 16 – Livro de Curso de Direito de 1960 – Caricatura de Emílio Rui Vilar

Arquivo do Museu Académico

Deste sócio do Círculo, destaque-se a vertente artística geometrizante, como vemos na única obra que chegou aos nossos dias:

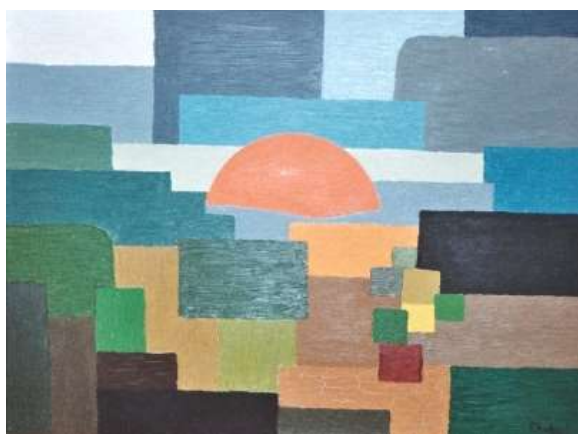


Fig. 17 –Emílio Rui Vilar, Composição, Outono, 1958

Coleção Emílio Rui Vilar

António Caldeira foi um dos fundadores do Círculo, mas, precocemente desaparecido, deixou a todos a saudade e a lembrança da sua amizade e companheirismo e foi um membro activo deste grupo inicial de estudantes.

imagem 1 - Livro de Curso 1960, Caricatura de António Caldeira de Sousa



Arquivo do Museu Académico

Augusto Mota, um dos que seguiu o seu sonho e toda a sua vida tem sido em forte ligação com a arte e o seu ensino, foi um dos jovens do início do Círculo.



Fig. 18 – Cartão de sócio de Augusto Mota

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Mostramos uma das suas obras, realizada no Círculo de Artes Plástica logo no seu início, ainda no ano de 1958.



Fig. 19 – Augusto Mota. Vórtice ou a génese do feto nuclear, 1958

Colecção Augusto Mota

A ideia base destes jovens estudantes era a da fundação de um núcleo artístico, com o fim de promover um espaço cultural direccionado para as Artes Plásticas, que conseguisse satisfazer as necessidades artísticas e culturais da cidade e a formação de um *atelier* colectivo que tivesse condições para a criação de obras artísticas e, simultaneamente pudesse organizar exposições, fizesse a divulgação de textos que se debruçassem sobre questões da arte, publicando em revistas como a *Via Latina*.

Em suma, a ideia da criação de um espaço que promovesse as artes, o saber e a aprendizagem numa perspectiva universitária em que as artes e mais concretamente as artes plásticas não estavam incluídas na lista de cursos superiores da velha universidade. Movia-os a ideia da criação de uma Escola de Belas-Artes na cidade de Coimbra, como referem: “Pensámos que iria constituir-se um novo campo de interesses, não só entre os estudantes, mas sim em Coimbra. E podia estar criado um embrião para a constituição de uma Escola de Arte”²¹⁸.

Aliás, já em entrevista ao Diário de Coimbra aquando das comemorações do 25º aniversário da criação do Círculo, Jorge Mira Coelho tinha expressado isso mesmo:

²¹⁸ Jorge Mira Coelho, entrevista presencial, 2009.

A ideia base que nos norteava era a formação de um atelier colectivo, onde existissem condições para a criação artística, a par da organização de exposições, divulgação de textos sobre Arte (através da “Via Latina”, nessa altura pujante), promover a evolução das Artes Plásticas, então mais que paralisadas nesta cidade e criar mesmo o embrião de uma Escola de Belas-Artes²¹⁹

Iniciam então a caminhada com vista à dignificação e à divulgação do ensino das Artes Plásticas no seio das camadas universitárias e de jovens estudantes, como se pode ver pelo texto distribuído às organizações e secções da Academia:

A Associação Académica de Coimbra, consciente do desinteresse da Academia pelas Artes Plásticas em geral, e desejando preencher esta falha na vida cultural da nossa Universidade, decidiu criar um Círculo de Artes Plásticas, cuja finalidade imediata será facultar a todos os estudantes meios de trabalho, num atelier colectivo, de divulgação e educação estética através de exposições, colóquios e de um suplemento de artes plásticas no jornal «Via Latina» – Jornal dos Estudantes da Universidade de Coimbra²²⁰.

O Círculo de Artes Plásticas nasce assim da necessidade de alguns jovens alargarem os seus horizontes culturais e de terem um complemento à formação ministrada na Universidade, formação aliás, muito tradicional. Com efeito, na Coimbra dos anos cinquenta, os estudos artísticos não eram uma realidade e essa carência era sentida por muitos jovens estudantes das mais diversas áreas²²¹.

A criação de uma escola de Belas-Artes na Academia coimbrã, viria a trazer benefícios: atrair estudantes interessados na arte e na cultura, criar condições para a realização de eventos culturais na cidade, contribuir para a formação de um público mais culto e interessado nas manifestações artísticas, nomeadamente no campo da pintura e da escultura.

²¹⁹ Diário de Coimbra, 16 de Fevereiro de 1984.

²²⁰ O Jornal *Via Latina* saiu regularmente entre 1940 e 1962. Sofreu um interregno e a sua publicação foi retomada durante a década de oitenta desse século. Actualmente a publicação está a cargo da Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra.

²²¹ Cf. *Via Latina*: “Artes Plásticas”, 10 de Março de 1945; “Artes Plásticas”, 21 de Abril de 1945; “Artes Plásticas”, 19 de Maio de 1945 e “Arte Académica Coimbrã”, 26 de Maio de 1945.

Em simultâneo, no meio estudantil, crescia o interesse pelo desenvolvimento de actividades culturais, na sequência de uma política que revelava sinais de querer colaborar com as associações de estudantes universitários²²². Para tal contribuiu o empenho pessoal dos artistas envolvidos assim como o aumento das exposições colectivas e a divulgação dada às Bienais de Arte de Veneza (1950 e 1960) e de S. Paulo (1951, 1953 e 1955), que começavam a aceitar a inclusão de artistas portugueses.²²³

Não podemos esquecer que: “o início dos anos 60 [foi de] renascimento da vida académica e de compromisso cívico estudantil em Coimbra. Para tal terá contribuído o surgimento de actividades extraescolares, sendo de particular importância as associadas à cultura: Teatro, Música, Cinema e Literatura”.²²⁴

Coimbra era então “uma cidade viva, liberal, fermentada por associações”²²⁵, que tinha uma vida académica activa e uma associação estudantil muito dinâmica. O ambiente da cidade era propício a uma rápida integração do estudante, mas as actividades artísticas continuavam a não estar incluídas na formação do aluno universitário e não constavam dos *curricula*.

Foi neste quadro e motivados pela ideia de mudança e de inconformismo, que este grupo de estudantes, com a colaboração da Associação Académica, propôs à Fundação Calouste Gulbenkian, a concessão do apoio para a criação de um espaço direccionado para as artes plásticas, salientando a ausência, em Coimbra, de organismos que proporcionassem aos estudantes o conhecimento da Arte, História da Arte, Desenho, Pintura, Escultura e fornecessem as bases para um saber artístico teórico com maior componente prática, mais aprofundado.

²²² Cf. CASTRO, Laura, SILVA, Raquel Henriques da - Os anos do meio do século, in *História da Arte Portuguesa: época contemporânea*, Lisboa: Universidade Aberta, p. 145.

²²³ Idem, *ibidem*, p.145.

²²⁴ COSTA, Hélder - Testemunhos, in *Livro Comemorativo dos 50 anos do CITAC*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 64.

²²⁵ Idem, *ibidem*, p. 57.

Em 1957, num artigo intitulado “Porque não criar em Coimbra um museu de arte moderna?...”, publicado no *Diário Ilustrado*, Augusto Costa Pereira, salienta a importância de um museu de arte na cidade de Coimbra, para suprir uma falta sentida na cidade: “Em Coimbra raramente expõe pintores de técnicas modernas. Há um desconhecimento absoluto desta pintura e do seu valor”.²²⁶

O Círculo de Artes Plásticas surge neste quadro e no seguimento da resposta positiva dada pela Fundação Gulbenkian e do apoio e colaboração da Direcção da Associação Académica, nasce assim com o objectivo de colmatar lacunas culturais e educativas da cidade.

Numa carta redigida por Joaquim Thomé, um dos membros do Círculo, numa tentativa de mudança e animação do meio cultural, pode ler-se:

... Sentindo-se em Coimbra a falta duma escola de Belas Artes ou duma sociedade ou qualquer organização congénere que satisfizesse as necessidades artísticas desta cidade, sobretudo na massa estudantil, decidi um grupo de jovens criar algo que, bem ou mal, preenchesse essa lacuna. Criou-se para isso o Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica de Coimbra, já no findo ano de 1958 com o fim principal de fomentar entre os estudantes de Coimbra, interesse pelas artes plásticas, facultando-lhes um alargamento de conhecimentos, quer por meio de conferências, quer por sessões de cinema e lições de pintura, desenho e modelagem, quer realizando exposições de artistas portugueses e estrangeiros ou ainda de reproduções dando uma visão panorâmica da evolução da arte.²²⁷

Alguns membros da Associação Académica de Coimbra (AAC) já tinham pensado na criação de um espaço cultural para a cidade, outros já tinham estado ligados à criação de secções culturais, como por exemplo o CITAC - Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra, formado em 1954 e que desde a sua fundação foi orientado para a criação prática e formação teatral, adoptando uma linha de experimentalismo formativa.

Em conjunto com o Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra (TEUC), já fundado em 1938, o CITAC organizou o *Festival de Teatro Universitário* (ACTUS),

²²⁶ COSTA, Pereira Augusto - Porque não criar em Coimbra um museu de arte moderna? *Diário Ilustrado*, 22 de Maio de 1957, s.d., in Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

²²⁷ Carta de pedido de apoio financeiro à Fundação Calouste Gulbenkian, redigida por Joaquim Thomé, mas que não chegou a ser enviada, s/d (c. Janeiro 1959).

numa luta firme pelo enriquecimento e pela dignificação do teatro universitário em Portugal.²²⁸ Ganhando independência própria, este núcleo de formação de artes cénicas ganhou protagonismo e tornou-se numa secção autónoma da Associação Académica de Coimbra, após aprovação em Assembleia Magna, logo um ano depois da sua criação.

O CITAC revelou-se como um dos organismos mais intervenientes no meio estudantil, com preocupações de intervenção e de âmbito cultural assim como com a necessidade da criação de um espaço de modernidade, em que se tornava possível a divulgação da nova dramaturgia e a experimentação das novas técnicas de representação e de encenação, em manifesta oposição ao TEUC, dirigido por Paulo Quintela que se manteve como Director Artístico ao longo de três décadas de 1938 a 1968.

Grande número de sócios do Círculo de Artes Plásticas pertenceu e colaborou com o CITAC²²⁹, sempre em estreita correlação entre as Artes Plásticas, Cénicas e Interpretativas.

Para além do interesse pelo Teatro, os estudantes universitários demonstravam também o gosto pelo Cinema, o que veio a resultar na criação do Centro de Estudos Cinematográficos, igualmente no ano de 1958²³⁰.

1. Os alicerces do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Desde o início que o Círculo se deparou com falta de verbas. As ideias e propostas de aulas e outras iniciativas eram muitas, mas sem dinheiro era muito difícil levar para a frente toda uma estrutura que começava a dar os seus primeiros passos.

²²⁸ [em linha]. [consultado a 4 Maio 2015]. Disponível em: http://www1.ci.uc.pt/prospecto/academia/oa_citac.html

²²⁹ Um dos presidentes do CITAC foi Emílio Rui Vilar, que no ano de 1959/60 foi director e membro do Conselho de Leitura. Cf. SALGADO, Ricardo Seça - A Política do Jogo Dramático – CITAC: Estudo de Caso de um Grupo de Teatro universitário, Lisboa: ISCTE, 2012, Tese de Doutoramento, p. 429.

²³⁰ Devido ao interesse que a projecção de cinema causou na Academia de Coimbra formou-se uma Secção de Cinema - o Círculo de Cultura Cinematográfica. Devido a questões logísticas a projecção dos filmes não se desenrolou como era o previsto. Em 1958, esta Secção, ligada à Associação Académica, passou a designar-se Centro de Estudos Cinematográficos, com uma biblioteca especializada na área e a organização de ciclos de cinema e *workshops* de temática cinematográfica e, mais tarde, videográfica.

A Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)²³¹ teve um papel fundamental no apoio e na criação artística em Portugal, muitas das escolas, artistas e criações nunca teriam nascido nem chegado a bom termo se a Fundação Gulbenkian não tivesse nos seus estatutos como uma das suas missões-base, o apoio à educação e cultura.

As bolsas de estudo foram uma das principais acções da Fundação Calouste Gulbenkian desde o início da sua fundação em 1956, não só, mas também no que respeita à sua actividade no âmbito do apoio e desenvolvimento das actividades artísticas em Portugal²³²

Entre os anos de 1959 e 2000²³³ o Estado não teve, ou não quis ter, um papel tão importante como o da Fundação no apoio concedido a acções artísticas e criativas semelhantes e não foi capaz de cumprir o que era esperado no âmbito destas áreas. A Fundação Calouste Gulbenkian foi, portanto, quem desempenhou esse papel, de forma sistemática ao longo de várias décadas, concedendo apoios, bolsas, compras de material, apoios a viagens de estudo, enfim toda uma panóplia de incentivos à criação de que os artistas contemporâneos precisavam.

A Fundação Calouste Gulbenkian concedeu também apoio ao Círculo de Artes Plásticas que assim conseguiu concretizar o seu plano pedagógico-criativo através de um plano que se baseava em:

Fomentar, entre os estudantes o interesse pelas artes plásticas, facultando-lhes um alargamento de conhecimentos, quer por meio de conferências, quer por sessões de cinema e lições de pintura, desenho e modelagem ou ainda com exposições de artistas portugueses e estrangeiros ou reproduções dando uma visão panorâmica da evolução da arte²³⁴.

²³¹ Cf. <http://www.gulbenkian.pt/historia>.

²³² OLIVEIRA, Márcia Cristina Almeida - Arte e feminismo em Portugal no contexto pós-Revolução, Braga: Universidade do Minho, Junho, 2013. Tese de Doutoramento em Ciências da Literatura Especialidade de Literatura Comparada, p.124.

²³³ Cf. CASTRO, Laura, SILVA, Raquel Henriques da - Os anos do meio do século, in *História da Arte Portuguesa: época contemporânea*, Lisboa: Universidade Aberta, p. 167.

²³⁴ METELLO, Verónica Gullander - Focos de Intensidade/Linhas de Abertura à Activação do Mecanismo Performance: 1961-1979. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2007, Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, p. 183.

Sem essa base financeira nunca o Círculo de Artes Plásticas teria conseguido surgir e desenvolver, revelando-se como um espaço privilegiado de ensino e da experimentação artísticas em Coimbra.

2. Os apoios da Fundação Calouste Gulbenkian

*... quase não havia acontecimento cultural que não devesse algum apoio à Fundação Calouste Gulbenkian.*²³⁵

Desde o início a Fundação desenvolveu com o Círculo de Artes Plásticas um programa de colaboração intensa, devido à confiança que depositou no projecto, apoiando e incentivando as actividades de experimentação e aprendizagem artística desenvolvidas pelos membros do Círculo.

A Fundação Gulbenkian, entre finais dos anos 1950 e durante toda a década de 1960, através do Serviço de Belas Artes, concedeu vários apoios a outras entidades, em áreas diversas como projectos ligados à Arqueologia e Educação Artística ou direccionados para a aquisição de materiais e melhoria das instalações, assim como a realização de visitas de estudo em Portugal e no estrangeiro, como podemos constatar:

Também o Círculo foi beneficiário destes apoios, com a aquisição de material didático e mobiliário, realização de visitas de estudo ao estrangeiro ou realização de cursos artísticos visando a Educação Artística Infantil. Deste interesse e direccionamento na concessão de verbas para a viabilização de tais projectos também foi beneficiário o Museu Machado de Castro entre 1967 e 1969, com a atribuição de um subsídio para o Centro Artístico Infantil desse mesmo museu, apoio que se materializou na aquisição de material didático e criação de um *atelier* para crianças e jovens.

²³⁵ Cf. FERRAZ, Geraldo - *Retrospectiva Waldemar da Costa: exposição-homenagem ao mestre*, São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1972, *Arte Portuguesa nos anos 50*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, p. 89.

Este incentivo para o público infantil e para a sua educação artística iniciou-se com a permanência do Círculo de Artes Plásticas nas salas do Museu Machado de Castro e com o interesse em fazer deste um “Museu Vivo”, com vida e com pessoas, que não o estagnassem nem estancassem, pois essa era também a ideia base do então director, o Professor Luís Reis Santos²³⁶. Alguns anos depois, já em 1964, a componente educativa abrangeu o público infantil, com a abertura de um *atelier* de arte no Museu, tal como já se fazia no Museu Nacional de Arte Antiga e no Museu Nacional Soares dos Reis.²³⁷

A partir de duas salas disponibilizadas pelo espaço museológico, os professores Adelina Marianes e António Reis Santos iniciaram os cursos de pintura, modelação e desenho e os resultados obtidos foram expostos, em julho do referido ano, no stand Pedros Irmãos Lda, situado no Largo da Portagem²³⁸

3. As instalações - Montarroio, Museu Nacional Machado de Castro e Castro Matoso

Integrado na Associação Académica de Coimbra, sem autonomia financeira nem instalações próprias, o Círculo debateu-se com problemas financeiros e logísticos assim com a necessidade encontrar um local apropriado para realização das aulas e para o desenvolvimento de todas as outras actividades criativas. A questão do local viria a ser solucionada com a ajuda do Professor Dr. Ferrer Correia²³⁹, professor da Faculdade de

²³⁶ Luís Reis Santos nasceu no Turcifal em 1898, concelho de Torres Vedras e perdeu a vida ocorrido em 1967. Dotado de personalidade inquieta e irreverente, dedicou a sua existência às artes, nomeadamente à pintura que o levou a percorrer museus, bibliotecas, arquivos, galerias de arte e leilões por toda a Europa. A experiência assim adquirida juntou o saber colhido nos estágios efectuados na Escola do Louvre e no Museu Nacional de Arte Antiga. Em 1951 foi nomeado director do Museu Machado de Castro e, em paralelo, regeu a cadeira de História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, notabilizando-se como especialista da pintura portuguesa e flamenga dos sécs. XV e XVI. In <http://museumachadocastro.pt/pt-PT/museu/diretores>, consultado a 3-6-2017, Cf. FREITAS, Duarte Manuel - *Museu Machado de Castro: Memorial de um Complexo Arquitectónico Enquanto Espaço Museológico (1911-1965)*, p.104-107.

²³⁷ FREITAS, Duarte Manuel - *Op. cit.*, p.116.

²³⁸ Idem, *ibidem*, p.116, Cf. notas 417-418.

²³⁹ António de Arruda Ferrer Correia, (1912, Miranda do Corvo, Coimbra, 1999). Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra foi aí Professor Catedrático e Reitor entre 1976-1982. Reitor Honorário, foi-lhe conferida primeira a distinção na história da Universidade de Coimbra. Foi membro do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian, Vice-Presidente em 1991 e Presidente em 1993,

Direito e responsável pela área cultural na Fundação Calouste Gulbenkian. Conseguirá que seja cedido, pela AAC, um espaço localizado na rua Oriental de Montarroio, nº15-3º. Este local era bastante pequeno para realização dos trabalhos criativos e as dinâmicas artísticas que se pretendiam desenvolver, o que levou a Direcção do Círculo a procurar outras instalações.



Fig. 20 – Papel timbrado, onde se lê a morada do Círculo de Artes Plásticas

Rua Oriental de Montarroio – primeira morada do CAP

Mário Silva-Arquivo Particular

O Museu Nacional de Machado de Castro surgiu como uma hipótese, pois era um espaço de cultura e com boas condições para a realização de trabalhos, um espaço para a realização das actividades de ensino e práticas pictóricas, escultóricas e de pesquisa. As salas cedidas situavam-se no piso superior do Museu, na mansarda, local formidável para a pintura e desenho devido à luz natural. Estava isento dos encargos de arrendamento e podiam contar com todo o apoio do Director, o Professor Luís Reis Santos.



Fig. 21 – Papel timbrado, onde se confirma a nova morada do Círculo de Artes Plásticas

Museu Nacional Machado de Castro

Mário Silva-Arquivo Particular

O Círculo de Artes Plásticas funcionou no edifício do Museu Machado de Castro, na mansarda, por ter melhor luminosidade e estar afastada do quotidiano de entradas e saídas do Museu.

Esta cedência do espaço deveu-se a Mário Silva, por questões familiares (o pai era o Prof, Mário Augusto da Silva, uma das mais notáveis personalidades da Física em Portugal no século XX) era-lhe mais fácil ver um pedido aceite por parte do Professor Luís Reis Santos e pela tenacidade de Jorge Mira Coelho.



Fig. 22 – Inauguração do Círculo de Artes Plásticas nas instalações do Museu Machado de Castro, 1959

Waldemar da Costa, artista brasileiro que foi o segundo professor do Círculo, dando aulas de Desenho, Pintura e Escultura. O Professor Luís Reis Santos a discursar aquando da inauguração dos Ateliers para as aulas no Museu e o estudante de Medicina, Alfredo Rasteiro, que viria também a ser um dos professores, leccionado Anatomia (em pé)

Maria Moreira-Arquivo Particular

Estava assim encontrado o local para trabalhar e promover a Arte na cidade de Coimbra. Além das aulas e outras actividades tinham como objectivo a realização de exposições regulares com o que pretendiam dar a conhecer, ao público conimbricense, ou de fora, as obras de artistas consagrados, nacionais e estrangeiros ou de jovens, que começavam a dar os primeiros passos na área artística.



Fig. 23 – Inauguração do Círculo de Artes Plásticas nas instalações do Museu Machado de Castro, 1959

Da esquerda para a direita: ?, ?, Mário Silva (3º de pé), Waldemar da Costa, Luís Reis Santos (5º),
Alfredo Rasteiro (6º),?

Maria Moreira-Arquivo Particular

Era um espaço de aprendizagem e prática artística e simultaneamente um privilegiado espaço expositivo.



Fig. 24 – Frente e verso do desdobrável da Exposição de Trabalhos de alunos do Círculo de Artes Plásticas no Museu Machado de Castro, realizada a 4 de Dezembro de 1960

Maria Moreira-Arquivo Particular

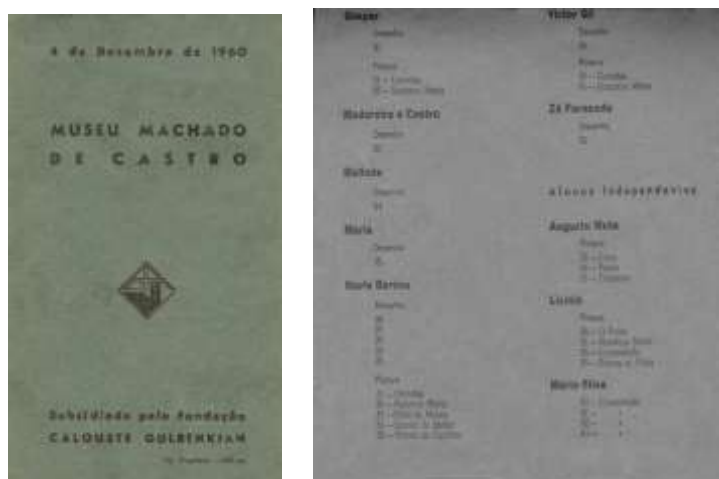


Fig. 25 – Frente e 1ª página do desdobrável da Exposição de trabalhos de alunos do Círculo de Artes Plásticas no Museu Machado de Castro, 4 de Dezembro de 1960

Maria Moreira-Arquivo Particular

Tal facto foi positivo para o Círculo e também para o Museu, que estava com a nova direção a começar uma dinâmica diferente do que tinha tido até aí.

A entrada de Luís Reis Santos levou ao aumento dos certames de carácter temporário, que não deixaram de ser usados como um meio de equilibrar o contexto expositivo do museu.

Para além das temáticas inerentes ao acervo de um típico museu de arte antiga, as restantes exposições temporárias abarcaram, entre outras, a arte contemporânea, a etnografia, a caricatura, as obras de um só artista e as mostras de trabalhos inseridos no âmbito académico ou de círculos artísticos específicos.²⁴⁰

O director do Museu e o seu empenho em estabelecer uma rede alargada de contactos com instituições levou a outras parcerias e intercâmbios, como por exemplo com a Fundação Gulbenkian e com diversas Embaixadas, como Canadá, Inglaterra, Brasil, Itália e República Federal Alemã.²⁴¹

²⁴⁰ FREITAS, Duarte Manuel - *Museu Machado de Castro: Memorial de um Complexo Arquitectónico Enquanto espaço Museológico (1911-1965)*, p.116.

²⁴¹ Idem, *ibidem*, p.117.

Wendy Paramor foi uma das artistas que esteve em Coimbra e realizou uma exposição como apoio do Círculo, no âmbito destes intercâmbios e parcerias com as Embaixadas.



Fig. 26 – Wendy Paramor, Exposição no Museu Nacional Machado de Castro, 1961

Mário Silva-Arquivo Particular

Periodicamente, os alunos efetuavam exposições dos trabalhos realizados ao longo do ano lectivo. Tais exposições poderiam ser em Salas do Museu Machado de Castro, na Sala de Exposições Temporárias situada na parte da Igreja de S. João de Almedina, parte integrante do conjunto do Palácio Episcopal de Coimbra, onde está instalado o Museu Nacional de Machado de Castro, no Edifício do Turismo de Coimbra ou na Galeria de Exposições do Jornal O Primeiro de Janeiro.

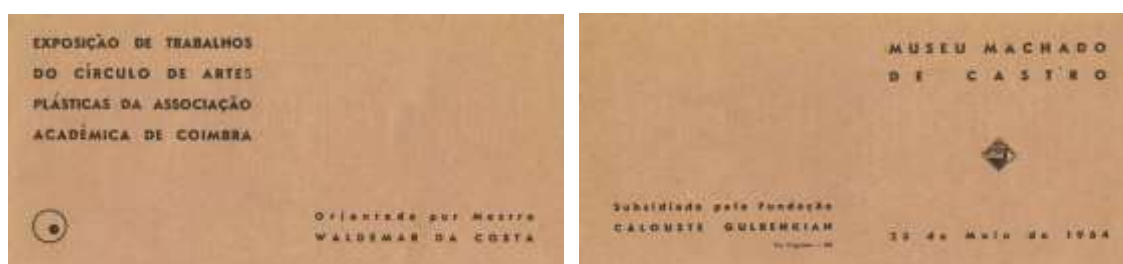


Fig. 27 – Frente e verso do desdobrável da Exposição de trabalhos de alunos do Círculo de Artes Plásticas no Museu Machado de Castro, 23 de Maio de 1964

Mário Silva-Arquivo Particular

O espaço do Museu era dos melhores que poderiam ter encontrado, desafogado, com luz natural, uma arquitectura e localização inspiradoras e a centralidade e dignidade do próprio Museu Machado de Castro, mas a parceria não foi duradoura e ao fim de dois anos o Círculo voltou a ver-se na situação de ter de procurar novas instalações. O Museu tinha recebido verbas “para obras (...) e sendo as nossas instalações atingidas por essas obras, fomos obrigados a sair”²⁴².



Fig. 28 – Sala de exposições temporárias do Museu Machado de Castro, inauguração da exposição anual de alunos

?, Manuel Jonet Gonçalves, Maria Moreira, Alexandrina Teles Canelas, Eduardo Brito Júnior, António Ferraz de Carvalho, Francisco Barata Feyo, todos iniciais sócios do Círculo e alunos das aulas do mestre Waldemar da Costa

Maria Moreira-Arquivo Particular

Os espaços que compunham o edifício da Associação Académica de Coimbra não podiam ser ocupados, pois já tinham aí sediadas diversas secções académicas e o espaço para o trabalho que o Círculo pretendia não podia ser qualquer um, impunha-se que fosse amplo, luminoso e com as características necessárias para a leccionação das aulas de pintura, desenho e escultura. Consideraram-se então duas hipóteses:

²⁴² Jorge Mira Coelho, resposta a questionário, Porto, 2009.

1. a construção de um pavilhão no pátio da Sede da AAC. Tal apresentava a vantagem de os horários praticados poderem ser mais livres do que eram os do Museu Machado de Castro;

2. a instalação no Palácio de Sub-Ripas, ocupando o total ou só algumas salas.

Numa carta, enviada à Fundação Gulbenkian, datada de 18 de Novembro de 1960,²⁴³ solicita-se que a mesma considere conceder um subsídio, no valor de 40.000\$00, ao Círculo de Artes Plásticas, valor esse que seria para contruir, no pátio exterior da AAC, um pavilhão onde se instalariam as salas de aula e os *ateliers*.

Durante a visita de Victor Sá Machado, da Fundação Calouste Gulbenkian, às instalações da AAC, foi aproveitada a ocasião para ser feito esse pedido assim como o envio, a 22 de Novembro de 1960, de uma carta dirigida ao Ministro da Educação Nacional, na qual é apresentado o pedido de autorização para serem ocupadas, por um período de dois meses, duas salas do edifício onde funcionava a Escola Industrial e Comercial de Brotero, que se situava na rua Rui Fernandes. Parte desse edifício estava ocupado pela Direcção do Distrito Escolar de Coimbra, mas tinham conhecimento de que possuía algumas salas vagas²⁴⁴.

Outra hipótese, colocada pelos estudantes, pela AAC, pela Universidade, pelo Presidente da Câmara e pela Fundação Calouste Gulbenkian era a da instalação do Círculo no Palácio de Sub-Ripas, este, devido ao seu espaço interno e à localização, era o espaço ideal para ter um projecto artístico-pedagógico inovador, mas esta opção não teve futuro, recaindo a escolha no Salão Nobre da antiga sede da Associação Académica.

Mas esta sala revelou-se uma má escolha, devido à multiplicidade de actividades que aí se realizavam. Além da instalação dos *ateliers* do Círculo, ali funcionavam já os ensaios

²⁴³ Relatório de Actividades enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Novembro de 1960. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 6.

²⁴⁴ Carta enviada pelo Círculo de Artes Plásticas ao Ministro da Educação Nacional, 22 de Novembro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

do Orfeão Académico, da Tuna, do Grupo de Danças Regionais assim como os Conselhos de Veteranos, tornado inviável a utilização desse espaço por mais pessoas.

Assim, a Direcção do Círculo ponderou durante algum tempo a hipótese de solicitar, à Fundação Gulbenkian, um subsídio mensal para pagamento do aluguer de um espaço mais adequado à prática e ensino artístico.

Alguns dos membros do Círculo tiveram conhecimento que iria ficar devoluto um prédio situado no Largo da Sé Velha, com boa localização, perto da Universidade, da Baixa, numa zona central e de fácil acesso para os estudantes:

Tendo tido conhecimento de que vai vagar no fim do corrente ano, um prédio de que V. Ex^a é proprietário, sito no bairro da Sé Velha e estando interessados em alugá-lo, vimos respeitosamente junto de V. Ex^a solicitar-lhe que nos informe se deseja alugá-lo durante o ano de 1961 e quais as condições.

Não sabemos se é possível alugar um só andar, mas no caso de o ser temporariamente alugá-lo-emos todo.

O fim a que o destinamos é a instalação de um atelier de desenho e de umas aulas de desenho e pintura.

Desejamos arrendá-lo só por um ano. No caso de se chegar a um acordo ²⁴⁵.

Quase ao mesmo tempo surge outra alternativa, um prédio onde tinha estado instalado o Instituto de Música, situado mesmo ao fundo das Escadas Monumentais, na Rua Castro Matoso nº 18, ²⁴⁶ e que, pela localização e dimensões das salas, servia perfeitamente para as necessidades da instalação do Círculo ²⁴⁷.



Fig. 29 – Papel timbrado com a morada da nova sede na Rua Castro Matoso, 18

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

²⁴⁵ Carta enviada ao Eng. Adriano Lucas, 5 de Dezembro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 7.

²⁴⁶ Classificado como Monumento de Interesse Público. Diário da República, (20 Set. 2016).

²⁴⁷ Carta enviada pelo Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Novembro de 1961, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 8.

Foi escolhido esse edifício e prontamente se deu início às obras de adaptação para lá funcionarem os *ateliers*, aulas, laboratórios de Fotografia e galerias para as diversas exposições.



Fig. 30 – Planta da sede do Círculo de Artes Plásticas, Rua Castro Matoso, 18

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Passou então a ser a “sede”, a “Castro Matoso”²⁴⁸, assim conhecida por todos e que marcou gerações de estudantes que, de todos os pontos do país, iam tirar os seus cursos na Universidade e que viam no Círculo de Artes Plásticas um meio de incentivo à criação artística em simultâneo com sua vivência universitária e lhes facultava outras e

²⁴⁸ A Fundação Calouste Gulbenkian concedeu um subsídio mensal para pagamento da renda, por um período de um ano. Carta enviada pela Fundação Calouste Gulbenkian, 28 de Janeiro de 1963, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 9.

novas perspectivas de realização pessoal, diferentes formas de ver o que os circundava e os relacionava com as artes.

4. Os anos iniciais – Aulas, ateliers e exposições



Fig. 31 – Símbolo do Círculo de Artes Plásticas, idealizado por Mário Silva e Jorge Mira Coelho, 1960

Maria Moreira – Arquivo particular

O símbolo do Círculo de Artes Plásticas, criado por Mário Silva e Jorge Mira Coelho, remete para a visão e a sua importância em relação às artes plásticas, assim como o círculo e a circunferência como pontos fulcrais base da realização artística.

No final de 1958, e conhecendo as exposições itinerantes realizadas pela Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, fundada em 1956, o Círculo, apoiado pela Fundação Gulbenkian, propõe-se organizar, no Museu Nacional Machado de Castro, a *Exposição da Gravura Portuguesa Contemporânea*.²⁴⁹ Conseguiram realizar a

²⁴⁹ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Presidente da Comissão Municipal de Turismo, 12 de Novembro de 1958, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. A carta foi enviada ao Presidente da Comissão Municipal de Turismo, solicitando que a referida exposição tivesse lugar na Sala Privativa do Palácio do Turismo de 3 a 13 de Dezembro de 1958. Anexo 10.

exposição já em 1959 ²⁵⁰, despertando grande interesse entre o público que a visitou. Tendo ficado encarregues dos contactos e da montagem da exposição António Pimentel por parte do Círculo e Cipriano Dourado por parte da Associação de Gravadores. ²⁵¹

Nesse ano, com o auxílio da Fundação Gulbenkian, apresentam, na sala expositiva do Museu Nacional de Machado de Castro, a *Exposição da Missão Internacional de Arte* ²⁵² e a *II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo*, em Setembro de 1959, organizada pelo Círculo de Artes Plásticas da Associação Académica e em Janeiro de 1960, nas Caldas da Rainha, organizada pelo Conjunto Cénico Caldense com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian, planificada e organizada pelo Dr. Manuel de Sousa Oliveira ²⁵³



Fig. 32 – Exposição no Museu Machado de Castro com o auxílio da Fundação Calouste Gulbenkian
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

²⁵⁰ Como podemos ver pela carta enviada por Sêna Rego da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, datada de 10 de Janeiro de 1959, diversos desencontros e vicissitudes se passaram com as obras e montagem da exposição, daí o ter sido inevitável o seu adiamento. Cf. Correspondência entre a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses e o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Janeiro de 1959, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 11.

²⁵¹ Cf. Correspondência entre a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 14 de Janeiro de 1959, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 12.

²⁵² Cf. Catálogo da Exposição, Coimbra, 1959, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

²⁵³ Cf. Catálogo da Exposição, Coimbra, 1959. *II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo* realizada pelo Museu Regional de Viana do Castelo. Foi concedido um subsídio, pela Fundação Calouste Gulbenkian, para a concretização desta exposição. Cf. Carta da Fundação Calouste Gulbenkian, 11 de Dezembro de 1959, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 13.

As duas exposições reuniram várias correntes estético-artísticas, dando a ver outra faceta da pintura em Portugal e tiveram como artistas participantes António Sampaio²⁵⁴, Arlindo Rocha²⁵⁵, Francisco Relógio²⁵⁶, Marcelino Vespeira²⁵⁷, Júlio Resende²⁵⁸ e Waldemar da Costa.²⁵⁹

²⁵⁴ António Sampaio (1916-1994) pintor neofigurativo, inscreveu-se, sem o conhecimento do pai, no Curso Preparatório da Escola de Belas Artes do Porto, entrando, mais tarde, no Curso Especial de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto e depois no Curso Superior de Pintura. Discípulo de Joaquim Lopes, Dórdio Gomes, André Lhote e Ducos de la Haille, estudou em Paris e frequentou as Academias da Grande Chaumière e Julien. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. V, p. 121.

²⁵⁵ Arlindo Gonçalves da Silva Rocha (1921-1999) escultor, pioneiro da escultura abstracta em Portugal, um dos mais importantes membros do movimento que emancipou a escultura da sua vocação estatúária. Fez parte do Grupo dos Independentes, foi bolseiro do I.A.C e da Fundação Calouste Gulbenkian, no Egipto e na Grécia. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. V, p. 62, OLIVEIRA, Ana Luísa, Esculturas de Arlindo Rocha quando a escultura procurou ser apenas escultura, Tese de Mestrado em Escultura Pública, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2011.

²⁵⁶ Francisco Pedro Relógio (1926-1997) pintor neofigurativo e desenhador, trabalhou em ilustração, cenografia, fez cartões para tapeçaria e painéis de azulejos, notabilizou-se pelas suas criações figurativas ou abstracizantes, repletas de minúcia, por vezes labirínticas. PAMPLONA, Fernando – *Idem ibidem*, vol. V, p. 42, FRANÇA, José Augusto – *A Arte em Portugal no Século XX: 1911-1961*, Lisboa: Bertrand Editora, 1991, p. 182.

²⁵⁷ Marcelino Macedo Vespeira (1925-2002) dedicou-se à pintura, escultura e às artes gráficas, pertenceu à 3ª geração de modernistas portugueses. Enveredou pelo Neo-Realismo, Surrealismo e Abstraccionismo. Antifascista, no campo das artes gráficas colaborou com o Movimento das Forças Armadas, realizando o símbolo do Movimento das Forças Armadas (MFA). PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. V, p. 342. Cf. SANTOS, David, SANTOS, Rui Afonso, Vespeira, Instituto Português de Museus, Lisboa, 2000.

²⁵⁸ Júlio Martins Resende da Silva Dias (1917-2011), pintor, foi aluno da Escola Superior de Belas-Artes do Porto, onde foi discípulo de Alberto Silva, Dórdio Gomes e Joaquim Lopes, as suas obras têm um carácter de geometrização e abstracção, entre o geometrismo e o não figurativismo, o gestualismo e o neofigurativo. A sua primeira exposição foi no ano de 1944 na I Exposição dos Independentes. Mais tarde parte para Paris, onde foi aluno de Duco de la Haix e Othon Friez. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. V, p. 46-47.

²⁵⁹ Waldemar da Costa (1904-1982). Em 1924 ingressou na Escola Superior de Belas Artes, mas, descontente com o lado mais académico daquela instituição, deixa-a e segue para Paris, em 1928. Em 1956 volta a Portugal e é convidado para dar aulas de desenho, pintura e escultura no Círculo de Artes Plásticas. Em 1960 foi feito Cavaleiro da Ordem do Infante D. Henrique, pelo governo português e foi assessor do Adido Cultural da Embaixada do Brasil em Lisboa. PAMPLONA, Fernando - *Op. cit.*, vol. II, p. 160; Catálogo *Arte Portuguesa nos Anos 50*, Câmara Municipal de Beja, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982-1983, p. 104-105



Fig. 33 – Capa de desdobrável da II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo

Mário Silva-Arquivo Particular

Na carta que a Direcção do Círculo de Artes Plásticas dirigiu ao Presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo constata-se que foi um êxito que suplantou as expectativas de todos:

Aproveitamos a ocasião para salientar que esta exposição constituiu um êxito, posto em evidência pela excepcional afluência de visitantes, pelo pedido das Caldas da Rainha para a repetição do certame naquela cidade e ainda pela iniciativa do Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra que neste momento está a rodar um filme de curta-metragem²⁶⁰ sobre a Exposição em consequência do qual, os trabalhos que dela constam se encontram ainda retidos em Coimbra... Com efeito a afluência de público mostrou bem a necessidade de trazer até Coimbra uma exposição que, como esta, traduz bem os rumos seguidos entre nós pelos artistas modernos²⁶¹.



Fig. 34 – Aspecto das salas da II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo, Museu Machado de Castro

Mário Silva-Arquivo Particular

²⁶⁰ Filme hoje desaparecido.

²⁶¹ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Presidente da Câmara de Viana do Castelo, Dr. António de Sequeira Campos, 5 de Janeiro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

As inaugurações tinham, geralmente, muitos convidados do meio universitário, artistas e público geral.

Esta exposição foi um desses casos, tendo o Professor Luis Reis Santos proferido um pequeno discurso.



Fig. 35 – Inauguração da Exposição com o Professor Luís Reis Santos no uso da palavra

Mário Silva-Arquivo Particular



Fig. 36 – Inauguração da Exposição

Da esquerda para a direita, em primeiro plano, José Manuel da Costa, Presidente da Associação Académica de Coimbra, Jorge Mira Coelho da Direcção do CAP Ferrer Correia em representação da Fundação Calouste Gulbenkian e Sousa Oliveira, Director do Museu Arte Moderna de Viana do Castelo

Mário Silva-Arquivo Particular

Ainda nesse ano, no Museu Nacional de Machado de Castro, contando com o apoio da Associação Académica, realizou-se a *Exposição de Arte Esquimó*²⁶², que foi cedida pela Embaixada do Canadá em Lisboa, sob o patrocínio do Secretariado Nacional de Informação (SNI). Os membros do Círculo fizeram a escolha de obras e a montagem de toda a exposição.



Fig. 37 – Inauguração da Exposição de Arte Esquimó – Museu Nacional Machado de Castro

Eduard Wilgress, Secretário da Embaixada do Canadá em Lisboa, Mário Silva, Emílio Rui Vilar, Manuel Caldeira

Mário Silva-Arquivo Particular

Já anteriormente mostrada em outros países, e organizada pelo Governo do Canadá de forma a dar a conhecer na Europa a arte do esquimó canadiano, a exposição integrou uma colecção de esculturas elaboradas através de processos simples, que apresentavam grande beleza e um sentido de abstracção que as aproximava da estética contemporânea. Em programa paralelo, no Auditório da Faculdade de Letras, foi apresentado o documentário sobre a vida esquimó, *A Pedra Viva*.²⁶³, ²⁶⁴

²⁶² Cf. Catálogo da exposição, Coimbra, 1960.

²⁶³ *Via Latina*, (13 Abr. 1959) 4.

²⁶⁴ Cf. Carta do Director da Faculdade de Belas Artes do Porto, pintor Carlos Ramos ao Presidente da Comissão Cultural da Associação Académica de Coimbra, informando que tinham sido enviadas algumas notas explicativas ao filme *A Pedra Viva*, relativo à vida dos esquimós. Porto, 3 de Abril de 1959. Arquivo Círculo de Artes Plásticas. Anexo 14.

O Círculo de Artes Plásticas, nos dois primeiros anos teve uma actividade intensa, em carta redigida por Joaquim Thomé, um dos sócios e dirigida à Fundação Gulbenkian, faz-se uma relação das actividades desenvolvidas pela instituição até ao mês de Dezembro desse ano de 1959:

Todo o programa foi realizado, embora numa escala inferior à que se havia projectado, devido à falta de fundos contra a qual, muito arduamente se teve de lutar. No entanto, apesar das dificuldades que sempre pesam num organismo recém-criado, até este momento, foi a seguinte acção desenvolvida pelo Círculo de Artes Plásticas:

Conferências – 3:

- A Arte Moderna - José Rafael Cardoso, no anfiteatro da Faculdade de Letras
- Evolução e problemas na Pintura de Waldemar da Costa - Eduíno de Figueiredo, no Teatro da Faculdade de Letras
- Goya, Genial e Despreocupado - Lopes de Almeida, no Anfiteatro do Instituto Botânico

Colóquios - 3:

Por ocasião da abertura e encerramento de exposições, nos quais intervieram os artistas e críticos de Arte – Dórdio Gomes, Júlio Resende, Waldemar da Costa, Dr. Adriano de Gusmão, Prof. Luís Reis Santos, Augusto Gomes, José Rafael Cardoso, Reis Camelo, António Lino, Raul David.

Exposições – 12:

- Exposição de Gravura Portuguesa – da Sociedade Portuguesa de Gravadores – 18-Jan-1959, na Sala de Exposições do Turismo
- Exposição Retrospectiva de Waldemar da Costa²⁶⁵ – 28-Fev-1959, no salão de exposições do Primeiro de Janeiro. Com a colaboração da Embaixada do Brasil em Lisboa
- Exposição da Missão Internacional de Évora²⁶⁶ – 28-Fev-1959, nas Salas de Exposições do Museu Machado de Castro²⁶⁷, com a colaboração do S.N.I.
- Exposição de Arte Esquimó – nas Salas de Exposição do Museu Machado de Castro com a colaboração da Embaixada do Canadá em Lisboa e do S.N.I.

²⁶⁵ Carta de pedido do espaço de Exposições da Delegação do Jornal *O Primeiro de Janeiro*, 14 de Fevereiro de 1959. Anexo 15, Pedido este que foi autorizado. Cf. Carta de autorização de cedência de espaço. Coimbra, 16 de Fevereiro de 1959. Arquivo Círculo de Artes Plásticas.

²⁶⁶ Carta redigida por Emílio Rui Vilar, ao Grupo Pró-Évora solicitando o envio da exposição Missão Internacional para ser apresentada em Coimbra. Coimbra, Paços da Academia, 9 de Janeiro de 1959. Arquivo Círculo de Artes Plásticas.

²⁶⁷ Carta de pedido do espaço do Museu Machado de Castro ao seu director. Coimbra, 9 de Janeiro de 1959. Arquivo Círculo de Artes Plásticas.

- Exposição de Reproduções de Artistas Norte Americanos - nas Salas do Museu Machado de Castro, com a colaboração do Consulado dos EUA no Porto
- Exposição de Valadas Coriel²⁶⁸ - no Salão de Exposições do Primeiro de Janeiro
- Exposição dos Estudantes Portugueses - no salão do Primeiro de Janeiro
- Exposição de Pintura de Lanzner²⁶⁹ - no Salão do Primeiro de Janeiro
- Colaboração na montagem da Exposição das Escolas de Belas Artes de Lisboa e Porto e Círculo de Artes Plásticas de Coimbra - no Salão da Biblioteca Geral da Universidade
- Exposição de pintura de Lopes de Almeida - na Sala de Exposições do Turismo
- II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo - nas Salas de Exposições do Museu Machado de Castro com o patrocínio da Fundação Calouste Gulbenkian
- Exposição de pintura de António Quadros - nas salas do Museu Machado de Castro
- Sessões de Cinema - 25 filmes de carácter pedagógico no campo artístico

Intercâmbio Luso-Brasileiro:

- Recepção dos estudantes brasileiros Ney Moreira da Fonseca e José Cardoso Távora
- Lições de desenho, pintura, modelagem
- 36 lições pelo mestre Waldemar da Costa e 2 por Isabel Reis, diplomada pela Escola de Belas Artes do Porto. As lições foram dadas numa sala do Museu Machado de Castro, cedida para esse fim, pelo seu Director, Professor Luís Reis Santos

Atelier Colectivo:

Atelier com material para a prática de trabalhos de pintura, desenho, modelagem, escultura

Biblioteca:

Criação da biblioteca de Arte onde, por enquanto, só se dispõe de livros cedidos por empréstimo pela Faculdade de Letras e pela Embaixada da França em Lisboa e assinaturas de algumas revistas de Arte²⁷⁰

²⁶⁸ José Manuel Valadas Coriel, (1928-), escultor e pintor neofigurativo, cedo ficou órfão de pai e estudou na Casa Pia de Lisboa, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar escultura no atelier do escultor António Duarte, Desdobrável da IV Exposição Individual, Valas Coriel, Salão de Exposições da Delegação de “O Primeiro de Janeiro”, Círculo de Artes Plásticas, Coimbra, 1959. PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. II, p. 132.

²⁶⁹ Pintor António Reis Santos.

²⁷⁰ Carta de pedido de apoio financeiro à Fundação Calouste Gulbenkian, redigida por Joaquim Thomé, mas que não chegou a ser enviada, s.d. Arquivo Círculo de Artes Plásticas.

No que se refere à Exposição Retrospectiva de Waldemar da Costa, esta foi inaugurada no dia 28 de Fevereiro de 1959, no salão de exposições do Primeiro de Janeiro e contou com a colaboração da Embaixada do Brasil em Lisboa.

Aqueles dois espaços expositivos foram para organizar algumas das mais significativas exposições, durante os primeiros anos de actividade.

No ano de 1959 realizaram exposições de Sociedade Cooperativa de Gravadores Portuguesa, Valadas Coriel, Lopes de Almeida, II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo, Arte Esquimó, Artistas Norte Americanos.

Capítulo 2 - A primeira década de actividades do Círculo: 1960-1970

*A década de 60 veio, sem sombra de dúvida, cimentar a década seguinte, naquilo que viria a ser o início de uma arte plasticamente diferente.*²⁷¹

Esta foi uma década de saída, diversas pessoas saíram do país, muitos artistas foram para a Europa, mas foi também a década da *Pop Art*, da arte que leva o que é comum, quotidiano, para dentro do espaço expositivo e lhe confere o papel de obra de arte, esta foi a época de mudança, do exuberante cromatismo, da explosão de ideias criativas, das experimentações e das novas vivências, em que surgem e se desenvolvem os movimentos da *Op Art*, do Minimalismo, da Arte Conceptual, da Arte Povera, da Arte Vídeo, da Performance ou da Body Art.²⁷²

Em Portugal, abrem-se outros caminhos para as Artes Plásticas, surgem novas Galerias de Arte, artistas interventivos que conhecem diferentes expressões artísticas e correntes europeias que querem seguir.²⁷³

Mas, acontece que a

... sociedade portuguesa, considerada no seu conjunto, mantinha-se afastada dos circuitos internacionais de produção e circulação artística, privada do acesso a exposições e iniciativas susceptíveis de dar à opinião pública uma formação artística básica e de fornecer ao público especializado uma informação actualizada e uma experiência directa da contemporaneidade.²⁷⁴

²⁷¹ CHUVA VASCO, Nuno - *Os últimos 50 anos da pintura e escultura portuguesa do século XX*. [em linha]. [consultado a 3 Abril 2018]. Disponível em: <http://www.chuvavasco.com/50anos.pdf>

²⁷² MELO, Alexandre - *Arte e Artistas em Portugal*. [em linha]. [consultado a 3 Abril 2018]. Disponível em: <http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-60>

²⁷³ Cf. FRANÇA, José-Augusto - Pintura-Escultura, anos 60 & 70, in *Colóquio Artes*, 99, 2ª série, Dezembro, 1993, p. 22-33.

²⁷⁴ MELO, Alexandre – *Op. cit.* [consultado a 3 Abril 2018].

Eduardo Nery cria obras Op, através dos efeitos ópticos de desenho e pintura, Eduardo Batarida realiza obras polémicas com carácter erótico e satírico, surgem “Os 4 vintes” (Jorge Pinheiro, Ângelo de Sousa, Armando Alves e José Rodrigues) e Alberto Carneiro que alterou o conceito de escultura convencional, com a sua obra *O Canavial*, sendo o introdutor da *Land Art* ou da criação artística com forte ligação à Natureza e à efemeridade.²⁷⁵



Fig. 38 – O Canavial (Memória metamorfose de um corpo ausente), Alberto Carneiro

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Novamente com o apoio da Fundação Gulbenkian, em 1960, o Círculo inicia o *Curso Livre de Belas-Artes*, com os professores Alfredo Rasteiro e Jorge Mira Coelho e Waldemar da Costa.

²⁷⁵ NAZARÉ, Leonor, Alberto Carneiro in A.A.V.V. *Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão: Roteiro da Coleção*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 126-128, CHUVA VASCO, Nuno - *Op. cit.*, p. 8.



Fig. 39 – Cartaz de divulgação da Exposição de Waldemar da Costa

Arquivo Particular Mário Silva

Com uma já longa experiência pedagógica, Waldemar da Costa, aceitou o convite da Direcção do Círculo para orientar os cursos de Desenho e de Pintura²⁷⁶, convite esse enviado no dia 2 de Fevereiro de 1960 e assinado por Joaquim Thomé, referindo-se à leccionação de aulas diurnas e nocturnas e à remuneração que seria paga pela Fundação Calouste Gulbenkian, um valor de 5.000\$00 por mês ²⁷⁷.

Waldemar da Costa diria que: “... no meio estudantil seria interessante desenvolver uma actividade formativa... criar artistas auto-conscientes. (...) só assim explico que os meus alunos se tenham afirmado em correntes diferenciadas: ora abstractos, ora figurativos, ora concretistas ...”. ²⁷⁸

As aulas práticas eram leccionadas por Waldemar da Costa, História da Arte e Iniciação Estética por Jorge Mira Coelho e Anatomia Artística por Alfredo Rasteiro, que para esse

²⁷⁶ Após relação das actividades no ano de 1959/60 refere: “Entretanto, graças ao estimulante auxílio da Fundação C. Gulbenkian, deu-se, finalmente início ao curso de pintura. Contratou-se para o efeito o mestre Waldemar da Costa, que, duas vezes por semana, veio dar lições práticas de pintura e desenho”, *Relatório de Actividades 1959/60*, Arquivo Círculo de Artes Plásticas. Anexo 16.

²⁷⁷ Correspondência entre Waldemar da Costa e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 4 de Fevereiro de 1960. Arquivo Círculo de Artes Plásticas. Anexo 17.

²⁷⁸ COSTA, Waldemar - Entrevista realizada por Gaspar Albino, in *Jornal Litoral*, Aveiro, 24 de Fevereiro de 1962, 3.

curso recorria aos modelos de gesso depositados no Criptopórtico do Museu Machado de Castro.

Em Março de 1960, o Círculo contava com 40 alunos a frequentarem as aulas de desenho e preparavam-se os *ateliers* para se dar início às aulas de pintura²⁷⁹, mas como as salas não dispunham de material necessário nem do mobiliário preciso para a sua boa realização foi solicitado à Fundação Gulbenkian outro subsídio como a finalidade de se conseguir a aquisição de cavaletes, pranchas, cadeiras, mesas e material de pintura²⁸⁰.

Nesse mês, TOM (D. Thomaz de Mello), expõe no Museu Machado de Castro com obras de cariz geométrico e de um forte cromatismo.

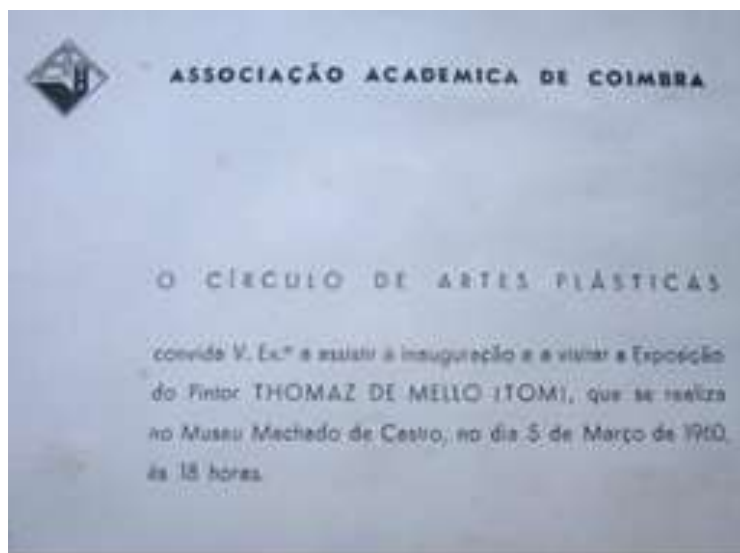


Fig. 40 – Convite para a Exposição de TOM

Mário Silva-Arquivo Particular

²⁷⁹ Carta enviada por Joaquim Thomé ao Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Março de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 18.

²⁸⁰ Carta enviada por Joaquim Thomé ao Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Março de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 19.



Fig. 41 – Inauguração da Exposição de TOM

TOM, Luís Reis Santos, Waldemar da Costa, Jorge Mira Coelho
Mário Silva-Arquivo Particular

Uma das exposições que teve grande adesão por parte do público foi a *Exposição de Gravuras de Georges Rouault*, realizada em colaboração com o Institut Français au Portugal e com o patrocínio do Secretariado Nacional de Informação²⁸¹, assim como a exposição de trabalhos de Félix Topolsky²⁸², apresentado no jornal *Via Latina* como “um dos melhores desenhadores do mundo”²⁸³, autor de *London Spectacle 1935* e da *Topolski's Chronicle* e ainda colaborador da *Vogue* e *Harper's Bazaar*.

Um jovem artista, Augusto Mota, membro do grupo fundador do Círculo, expôs, nesse ano, nas instalações do *Primeiro de Janeiro* em Coimbra e mesmo fazendo parte do grupo inicial, de forma modesta refere que:

²⁸¹ Carta enviada por Joaquim Thomé como membro do Círculo ao Director do Institut Français au Portugal, 9 de Fevereiro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

²⁸² Félix Topolsky (Feliks Topolski) (1907-1989), artista polaco, estudou na Academia de Arte de Varsóvia, antes de ir viver para Inglaterra, em 1935. Destaca-se entre os artistas do século XX pelo seu virtuosismo como desenhador. [em linha]. [consultado a 12 Maio 2018]. Disponível em: www.tate.org.uk/art/artists/feliks-topolski-2056

²⁸³ Jornal *Via Latina*, 8 de Fevereiro de 1960, 8.

Não fui eu que tive a ideia de fundar o Círculo. Como vinha apresentando regularmente, desde 1955, trabalhos nas exposições de Artes Plásticas da Queima das Fitas, e estas cada ano foram subindo de nível artístico, alguém teve a ideia de criar tal grupo.²⁸⁴



Fig. 42 – Capa e contra-capa do Catálogo da Exposição de Augusto Mota

Maria Moreira-Arquivo Particular

Embora fossem significativos o gosto e o talento, a sua linha de criação não se fundamentava em qualquer aprendizagem académica:

Nunca estudei Arte em qualquer instituição, incluindo o Círculo de Artes Plásticas, o que frequentava, esporadicamente, como local de convívio, pois, por essa altura, já tinha um estilo artístico, definido, muito próprio, algo onírico, ou surrealizante, se quiser rotular a coisa. A minha aprendizagem, fi-la através de livros, de visitas a museus, muitas exposições e de muitas experiências, algumas, naturalmente, falhadas. Em criança e na adolescência era um apaixonado de ‘histórias aos quadradinhos’, cujos desenhadores mais ‘espectaculares’ tentava reproduzir. Assim fui treinando a mão, a cabeça e um determinado gosto estético. Foi uma maneira, a par da leitura e da escrita, de vencer a solidão que cedo me invadiu, ainda em criança. Como ainda hoje!²⁸⁵

Mas os problemas económicos continuavam. Nesse ano de 1960 é apresentada à Associação Académica de Coimbra uma nota das necessidades mensais do ano de 1959, que perfazia um valor total de 12.300\$00, englobando exposições montagem, catálogos,

²⁸⁴ Resposta de Augusto Mota a questionário, 1 de Fevereiro de 2009. Anexo 5.

²⁸⁵ Respostas a questionário. 1 de Fevereiro de 2009.

publicidade, transporte de obras, conferências, sessões de cinema, remuneração de um professor, material para *atelier* e assinaturas de revistas de arte.²⁸⁶

A actividade pedagógica era uma das vertentes principais, por isso o Círculo fazia pedidos de empréstimo de livros de arte a instituições nacionais e estrangeiras, para que os alunos e sócios conseguissem ter uma outra visão das obras clássicas nacionais e internacionais, obras essas a que não tinham acesso directamente²⁸⁷.

O número de membros do Círculo foi aumentando de modo significativo e as actividades educativas previstas para o ano de 1960 incluíam a realização de vários cursos: pintura, com lições bissemanais, orientado pelo mestre Waldemar da Costa; em complemento do anterior, um curso de desenho com quatro lições por semana, leccionado pelo pintor Mário Soares e pelo padre Nunes Pereira, de cerâmica e de gravura organizadas pelos mesmos professores²⁸⁸.

O Círculo foi pioneiro em diferentes iniciativas ao longo dos anos, uma delas foi realizar uma campanha junto das juventudes escolares e operárias, no sentido de levar os jovens a visitar exposições para despertar o interesse pela Arte:

É nossa intenção, logo que tenhamos em Coimbra uma boa exposição, ir junto dos liceus, escolas técnicas e grandes fábricas, solicitar às entidades directivas que nos facultem os meios de levar os estudantes, os operários, o grande público a visitá-la. Pensamos deste modo conseguir pouco a pouco despertar o interesse pela Arte²⁸⁹.

Outra iniciativa foi a de darem início à publicação de uma brochura, periódica, com a edição de artigos que esclarecessem os leitores sobre as novas correntes artísticas e o seu significado e a apresentação dos assuntos expostos e debatidos nos diversos

²⁸⁶ Nota das Necessidades mensais do ano de 1959, apresentada à Associação Académica de Coimbra, 15 de Janeiro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 20.

²⁸⁷ Carta da Bibliothèque Française à Lisbonne, a dar conta de livros enviados para empréstimo ao Círculo de Artes Plásticas, 25 de Novembro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 21.

²⁸⁸ Relatório anual enviado pelo Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Novembro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

²⁸⁹ Carta enviada pelo Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, dando conta das actividades realizadas e apresentando um orçamento de despesas para o ano seguinte. 18 de Novembro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

colóquios realizados²⁹⁰, uma publicação que mostrava o que se estava a pensar e a realizar na arte contemporânea nacional e internacional.

No ano de 1961, devido ao crescente número de sócios e actividades através do apoio financeiro da Reitoria da Universidade de Coimbra e da Fundação Gulbenkian²⁹¹, compram mais equipamento, bancos, cavaletes e estiradores, para melhorar as salas do Museu onde decorriam as aulas teóricas e práticas.

Já em 1962 a Direcção decide criar várias comissões responsáveis por cada uma das secções que tinham sido constituídas, esta proposta visava a melhoria da gestão interna, tornando-a mais eficiente e pretendia também assegurar o bom funcionamento das diversas áreas e iniciativas.

A *Secção de Divulgação* deveria organizar colóquios, conferências e exposições, a *Secção Didáctica* tinha como função dar continuidade ao *atelier* colectivo, aos cursos de Desenho e de Pintura e às aulas teóricas de História de Arte. Esta mesma *Secção Didáctica* organizou, num espaço cedido pelo Museu, uma exposição de pintura moderna de artistas portugueses, com obras de Amadeo de Souza Cardoso, Almada Negreiros, Carlos Botelho, Dórdio Gomes, Maria Helena Vieira da Silva e Júlio Resende e realizou uma outra exposição em Aveiro, com trabalhos de alunos e de sócios do Círculo.²⁹²

²⁹⁰ Relatório anual enviado pelo Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Novembro de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

²⁹¹ Carta da Fundação Calouste Gulbenkian, 16 de Fevereiro de 1961, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 22.

²⁹² Carta do Teatro Aveirense, 29 de Janeiro de 1962; Catálogo da Exposição, 17 de Fevereiro de 1962, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 23, 24.

1. O Dia do Estudante

O ano de 1962 seria um ano de grande agitação, iniciando-se com a comemoração do Dia do Estudante, que abalou o meio estudantil universitário de Coimbra, como se percebe:

A Crise tem início com a proibição da comemoração do dia do estudante e de arrasto com a defesa do direito ao associativismo abalado com a legislação “circum-escolar” que vinha retomar os propósitos do “decreto 40.900” em Coimbra claro, mas sempre estendida a todo o corpus universitário português²⁹³

Aliás mesmo a realização da festa maior dos estudantes estava em risco: “Acrescente-se ainda um dado novo nesta crise de 62, pela primeira vez, e como forma de protesto, a Academia decide cancelar a realização da Queima das Fitas”.²⁹⁴

Neste contexto conturbado, o Círculo de Artes Plásticas não parou as suas actividades e solicitou o apoio financeiro pedido anualmente à Fundação Calouste Gulbenkian:

Não obstante os acontecimentos que nos últimos tempos afectaram a vida normal da Associação Académica e consequentemente da sua secção – Círculo de Artes Plásticas, vimos solicitar de V. Ex^a se digne conceder-nos subsídio compatível com a satisfação dos honorários do professor Waldemar da Costa e ainda da renda da casa onde funciona o Círculo de Artes Plásticas. É óbvio que, devido ao condicionalismo específico do novo ano lectivo, não nos é possível presentemente iniciar como habitualmente um novo ano de actividade, pois não estamos certos, de à semelhança dos anos anteriores, o podermos fazer. No entanto, e devemos também dizê-lo, esperamos convictamente que tudo se normalize ...²⁹⁵

A Direção do Círculo tentava assim continuar com os trabalhos, aulas e exposições que vinha desenvolvendo e manter todo o calendário tal qual vinham desenvolvendo nos anos anteriores, apesar do clima conturbado que se vivia na academia.

²⁹³ MARTINS, Carlos Miguel Jorge - Coimbra 1969/1970/1980: Luto Académico, Tradição Coimbrã e Mudança Política, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013, Dissertação de Mestrado em História, na área de especialização em História Contemporânea, apresentada ao Departamento de História, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 29-30.

²⁹⁴ MARTINS, Carlos Miguel Jorge - *Op. cit.*, p.30.

²⁹⁵ Carta do Presidente do Círculo ao Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, 24 de Novembro de 1962, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 25.

2. Os anos de 1963 e 1964

No ano seguinte o Círculo continuou as suas diligências para efectivar um bom e profícuo trabalho e solicita à Fundação o reforço do subsídio destinado à contratação de professores assim como para a dinamização de um *atelier* de cerâmica e outro de gravura.

A dinâmica pedagógica e de experiencialismo por parte do corpo docente ía-se aprofundando, com o decorrer dos cursos de desenho e pintura.

No relatório apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian são enumeradas as diferentes fases de aprendizagem e desenvolvimento prático, para a boa prossecução de elaboração da obra artística por parte dos alunos:

Relatório sumário das lições de Pintura e Desenho de 1963/64

Desenho:

- Cópia de gesso clássico
- Proporções e cânones gregos
- Desenho de carvão de cabeça até o aluno estar preparado
- Desenho de tronco
- Desenho de estátua
- Croquis de figura humana
- Noções de perspectiva aplicadas em escorço e composições (naturezas-mortas)

Pintura:

- Noções de técnica
- Materiais suportes e preparações com aplicações práticas
- Preparação de tintas usando pigmentos (processo oficial)
- Preparação de suportes (pano ou tábua) usando as misturas clássicas e os processos modernos

- Aplicação de perspectiva aérea na paisagem
- Noções de pintura de figura no retrato

De notar que este programa foi condicionado pelo material e disponibilidades existentes. Sentiu-se a falta de um modelo vivo, de equipamento para pintura ao ar livre e de material de consumo²⁹⁶

Sintomático do desejo de se conseguirem desenvolver outras e novas valências é este último parágrafo em que se refere a falta de materiais e equipamento para se realizarem trabalhos fora do espaço de estúdio e a falta, também de um modelo vivo, pois os exercícios continuavam a fazer-se com as cópias em gesso de esculturas clássicas e sempre dentro do espaço de aula.

Contavam então com 67 alunos inscritos (32 em Desenho, 15 em Pintura e 20 em Desenho e Pintura) sendo que alguns alunos praticavam a Escultura por iniciativa própria, como já vinha aliás acontecendo desde os primeiros tempos, pois o Círculo nunca teve um professor de Escultura ou de Modelagem. Os alunos que, por gosto e por iniciativa própria realizavam os trabalhos escultóricos, tinham como base os modelos clássicos, em gesso. As aulas de História da Arte, Desenho e Pintura eram leccionadas pelo professor Waldemar da Costa e as de Anatomia Artística continuavam a ser dirigidas por Alfredo Rasteiro.

Nestes anos de 1963-64, o Círculo organizava colóquios sobre Arte, dirigidos pelo pintor Figueiredo Soveral assim como sessões de projeção de diapositivos e imagens de obras de pintura, organizadas pelo engenheiro Octávio Lopes.

Como se vê, no ano de 1964 são diversas as actividades que se pretendem iniciar ou continuar:

- Curso de Desenho e de Pintura, orientado pelo Mestre Waldemar da Costa, em moldes semelhantes aos realizados em anos anteriores.
- Conferências semanais, colóquios e lições proferidas pelo Mestre Waldemar da Costa, pelos sócios do Círculo de Artes Plásticas ou ainda por especialistas convidados.

²⁹⁶ Relatório enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1965, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 26.

- Será também praticada cerâmica e para o efeito serão postos à disposição dos sócios alguns quilos de barro, lições por um mestre ceramista e a possibilidade de cozer as peças de melhor nível artístico, nos fornos das fábricas de cerâmica de Coimbra.

- Propõem-se realizar exposições com o fim de dar a conhecer as obras realizadas ao longo do ano por artistas portugueses e estrangeiros.²⁹⁷

Ainda em 1964 fazem, ao SNI, um pedido de livros, catálogos e revistas com o intuito de iniciar a organização de uma Biblioteca nas instalações do Círculo, que tinha como intuito final facilitar aos sócios o acesso à consulta de monografias sobre arte e documentação artística especializada.²⁹⁸ Esta era uma ideia antiga, desde a fundação do Círculo e que queriam ver agora definida e concretizada.

Inicialmente, os livros eram emprestados pela Biblioteca Geral da Universidade ou pela Faculdade de Letras e as revistas de arte eram diretamente solicitadas a diversas Embaixadas²⁹⁹. Assim, segundo o concepção de Waldemar da Costa os alunos teriam um meio privilegiado que lhes dava a conhecer obras de arte internacionais. Lendo, observando, estudando as várias publicações sobre a criação artística, os alunos conseguiam ter uma aprendizagem diferente, mais enriquecedora e profícua.

3. De 1965 para a frente – cursos, conferências, conversas, colóquios

No ano de 1964 foi solicitado um apoio financeiro à Fundação Calouste Gulbenkian para a realização de um ciclo de conferências sobre arte, a realizar em 1965, que seria mais um complemento às aulas, estas seriam dirigidas pelos professores António Reis Santos³⁰⁰ (Desenho), Waldemar da Costa (Pintura e História da Arte) e Alfredo Rasteiro

²⁹⁷ Correspondência enviada pelo Círculo de Artes Plásticas, 24 de Fevereiro de 1964, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 27.

²⁹⁸ Carta enviada pelo Círculo de Artes Plásticas ao S.N.I., 21 de Fevereiro de 1964, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

²⁹⁹ Como continuou a fazer-se ao longo do ano de 1965, Cf. Correspondência do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada dos E.U.A, 23 de Fevereiro de 1965, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁰⁰ Relatório enviado à Fundação Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1965, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

(Anatomia Artística). Com esse apoio foi então possível iniciar um ciclo de conferências e visitas guiadas, intituladas: *Arte de Hoje e Arte de Ontem*³⁰¹.

Com o seguinte programa:

1 – *Arte de Hoje* – ciclo de cinco lições ilustradas com projecções a cores, a proferir pelo Prof. Dr. Ferreira de Almeida, com o seguinte programa:

1ª sessão - 11/2 - Raízes da Arte Contemporânea: do Impressionismo a Cézanne

2ª sessão - 18/2 – A cor pura

3ª sessão - 25/2 – A terceira e quarta dimensão

4ª sessão - 4/3 – A geometria e a visão plana

5ª sessão - 11/3 – O Irracionalismo

2 – *Arte de Ontem* – ciclo de visitas guiadas ao MNMC e a Monumentos Românicos de Coimbra realizadas pelo Professor Dr. Luís Reis Santos, assim como uma visita guiada a Conímbriga realizada pelo Dr. Bairrão Oleiro e a conferência: *Epocalidade e Intemporalidade da Obra de Arte*, proferida pelo Dr. Nobre de Gusmão.

Ainda integrado no plano de actividades desse ano, programaram um ciclo de cinema com o apoio do Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica. Os filmes foram cedidos por diversas Embaixadas e as sessões realizaram-se no Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foram cinquenta e oito filmes sobre Arte, com o seguinte programa:

1ª sessão - 10 de Fevereiro - Título: Evolução e Técnica de Arte

1 - *Aventuras com lápis e papel*

2 - *Desenho ao som de Música*

3 - *A Evolução do Desenho de artefacto para obra de Arte*

4 - *Como o desenho passou a obra de Arte*

5 - *Técnicas do pincel*

6 - *Aquarelas*

³⁰¹ Documento para Divulgação, 16 de Fevereiro de 1965, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 28.

7 - *Criação de um mural*

8 - *Pormenores encantadores nas pinturas de antigos Mestres*

9 - *Três Mestres gravam a madeira*

10 - *Maison aux images*

11 - *De sable et de feu*

12 - *A arte cerâmica no Japão*

13 - *A pintura abstracta*

2ª sessão - 5 de Fevereiro - Tema: Evolução e Técnica de Arte

1 - *Chasseurs et artite*

2 - *La nuit des temps*

3 - *Greek Sculpture*

4 - *Les peintres romaines*

5 - *The Drawings of Leonard da Vinci*

6 - *Albrecht Durer*

7 - *Obras Primas Holandesa*

8 - *Rembrandt – pintor do Homem*

3ª sessão- 10 Março - Tema: Evolução e Técnica de Arte

1 - *Journey into History*

2 - *Ressurrection d'un peintre oublié – la Tour*

3 - *Arte Rococó*

4 - *Fêtes galantes – Watteau*

5 - *Le peintre et le poète*

6 - *L'affaire Manet*

7 - *Impressionistes*

4ª Sessão - 25 de Março - Tema: Evolução e Técnica de Arte

1 - *La provence de Paul Cézanne*

2 – *Gauguin*

3 - *Van Gogh*

4 - *Van Gogh*

5 - *Toulouse Lautrec*

6 - *Ouvriers du rêve*

7 - *Le douanier Rousseau*

8 - *Cher vieux Paris*

9 - *A arte no princípio do século XX*

5ª sessão - 10 de Abril - Tema: Evolução e Técnica de Arte

1 - *Univers de Utillo*

2 - *Cubismo*

3 - *George Braques*

4 - *Statues d'epouvant*

5 - *Pintura abstracta*

6 - *Kandinsky*

7 - *Bernard Buffet*

8 - *Magritte*

9 - *Pintura Moderna nos E.U.A.*

10 - *A arte dos nossos dias*

6ª sessão - 25 de Abril - Tema: Escultura

1 – *Looking at sculpture*

2 – *Greek sculpture*

3 – *Sculptores landscape*

4 – *The artistes speaks*

5 - *Escultores dos E.U.A.*

6 - *Escultura em ferro*

7 - *Escultura Holandesa da Idade Média*

8 - *Noblesse du Bois*

9 - *Constantin Meunier*

10 - *A pedra viva*

11 - *Cerâmica de Bizen*

Por parte da organização houve o cuidado de apresentar filmes estrangeiros que se relacionassem diretamente com arte, vidas de artistas e algumas técnicas criativas tendo como finalidade dar a conhecer outros olhares e outras perspectivas a que o público português não tinha acesso.

Para que fosse possível levar a efeito este ciclo de cinema foi pedido um subsídio à Fundação Gulbenkian, no valor total de 6.000\$00 (4.800\$00 - utilização do teatro para seis sessões e 1.200\$00 para despesas de pessoal, publicidade e convites), sem esse apoio o evento cultural não se realizava. Nesse ano de 1965 iniciam-se as aulas do curso de escultura, sob a orientação do Mestre Waldemar da Costa, que incluíram sessões práticas de aperfeiçoamento de cerâmica.

O Círculo tentava incentivar um maior número de jovens para a prática artística, delineando uma estratégia que se baseava na publicação de textos exortando os estudantes da Universidade a inscreverem-se nas aulas de arte, chamando a atenção para o ensino ministrado no Círculo, uma escola única, com uma ímpar oferta formativa numa cidade de cultura e saber.

Embora não tenha passado de intenção, pois não foi publicado, é sintomático o texto escrito por um elemento do Círculo, tentando chamar os jovens estudantes para a aprendizagem das artes num ensino paralelo ao universitário:

É ideia comum a todos os colegas de que o Círculo de Artes Plásticas, com os cursos de Desenho, Pintura e Escultura, é uma secção da A.A.C., só para os que sabem desenhar ou pintar. É, como se ouve dizer, só para os "Artistas"!

Esta ideia tão enraizada na opinião de toda a massa estudantil, é tão falsa como a que diz que Picasso não é um artista de valor.

Não, colega amigo. O C.A.P. é uma secção que visa a expansão das Artes Plásticas, quer através da discussão de temas de Arte realizando conferências e colóquios, ou ainda promovendo exposições, sessões de filmes de arte, etc., etc.

Deste modo tu que gostas de saber quais as grandes correntes da pintura, tu que gostas de expor as tuas ideias sobre Arte, tu que gostas de apreciar quer um desenho quer uma gravura ou uma pintura, enfim, tu que gostas da Arte, só tens um caminho a seguir: inscreve-te no C.A.P.

Não te deixes vencer pelo conceito do 'artista'.

Tu podes ser um 'artista', tu podes ser um crítico de Arte, tu podes vir a ser um bom apreciador de Arte

VENCE A INÉRCIA QUE TE DOMINA

Inscreve-te e VENCERÁS.

C.A.P.”³⁰².

No relatório enviado à Fundação Gulbenkian em 1965, pode ler-se:

No presente ano lectivo há 63 sócios inscritos, respectivamente: 23 em desenho, 18 em pintura e os restantes em pintura e desenho, havendo, também, vários alunos interessados em praticar escultura...

As aulas de desenho são, no presente ano, dirigidas pelo pintor António Reis Santos.

As aulas de pintura continuam a ser dirigidas pelo Mestre Waldemar da Costa...³⁰³

No final desse ano de 1965 tinham 71 os alunos inscritos, 20 em pintura, 42 em desenho e 9 em pintura e desenho. No plano anual continuava-se a colocar a tónica na

³⁰² 4 de Janeiro de 1965, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 29.

³⁰³ Relatório enviado pelo Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Janeiro de 1965, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 30.

importância de lançar uma campanha junto da camada escolar e operária, no sentido de levar os jovens a visitar exposições e a despertar-lhes o interesse pela arte.³⁰⁴

Com a exposição de trabalhos de Hirosuke Watanuki³⁰⁵, que teve a participação do artista, que se deslocou propositadamente a Coimbra, realizou-se um ciclo sobre Arte Japonesa.

Também nesse ano a Secção de Divulgação do Círculo organizou um colóquio sobre *História da Arte e Estética*, com as comunicações: Manuel Mendes - *A Função da Arquitectura*; Lagoa Henriques - *O Por Quê e Para Quê da Actualidade do Desenho*; José-Augusto França - *A Função da Sociologia da Arte*.

A professora Alice Jorge, da Associação Cooperativa Gravura foi convidada, no início do ano de 1966, a leccionar um curso de gravura³⁰⁶ e em Março desse mesmo ano foi convidado o professor Cláudio Juares, de Madrid, para leccionar um novo curso de gravura.³⁰⁷

Ainda em 1966 e devido a problemas de saúde, Waldemar da Costa terá de terminar a sua colaboração com o Círculo, partindo para o Brasil³⁰⁸ e deixando aos que com ele trabalharam durante mais de seis anos, uma carta de despedida, datada de 1 de Julho de 1966, onde indicava Júlio Resende ou António Ventura Porfírio como hipóteses para

³⁰⁴ Programa de Actividades enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 13 de Dezembro de 1965, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 31.

³⁰⁵ Desenhador japonês que publicou o *Álbum de Desenhos de Portugal e Japão* apresentado por Luís Reis Santos, em 1963, “Quando Almada Negreiros escreve, em 1963, sobre a exposição de Watanuki, no Palácio Foz, anuncia as palavras do Mestre: «nada desejo senão pela minha arte»”. Abria-se a porta grande ao artista em Portugal. Cada exposição atraía mais gente e ecoava na Imprensa. Em 1966 a Fundação Gulbenkian mandou para Bagdha a sua pintura do porto de Lisboa”, Watanuki, Agora Mesmo | Exposição Retrospectiva. [consultado a 8 Setembro 2017]. Disponível em: www.e-cultura.pt/evento/6137

³⁰⁶ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas para a Cooperativa Gravura, 12 de Janeiro de 1966, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 32.

³⁰⁷ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 30 de Março de 1966, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 33.

³⁰⁸ Carta enviada ao Círculo de Artes Plásticas, 1 de Julho de 1966, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 34.

serem seus sucessores na leccionação das aulas de desenho e pintura.³⁰⁹ O Círculo vê-se obrigado a procurar um novo professor, contactando alguns artistas que fossem Professores da Escola Superior de Belas-Artes do Porto (ESBAP) e, tal como indicado por Waldemar da Costa, uma das pessoas convidadas foi o pintor Júlio Resende que, devido aos outros cargos que ocupava na Escola do Porto, não pode aceitar, recomendando então o pintor Nuno Taborda Barreto,³¹⁰ que prontamente aceitaria o convite mas que logo no ano seguinte teve de ser substituído por outro professor pois ganhou uma bolsa da Fundação Gulbenkian para ir estudar Arte em Londres.³¹¹

4. O gosto pelo cinema

Sempre identificado com o projecto dos Cineclubes e do Círculo de Cultura Cinematográfica, o Círculo de Artes Plásticas realizou, no ano de 1966, um ciclo de cinema sobre arte, em colaboração com o Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica, contando com a apresentação de filmes cedidos por algumas embaixadas de países com representação em Portugal.

Não é de esquecer que Coimbra tinha já um forte gosto pelo cinema:

Agosto de 1945, Rui Barbosa, estudante de Direito, propôs na revista *Filmagem* a criação dum Círculo Cinematográfico nos moldes do “Círculo de Cultura Musical”, que existia na cidade.

Seriam promovidas sessões com os maiores filmes concebidos desde os tempos do “mudo”, alguns acompanhados de conferências ou esclarecimentos por homens do cinema idóneos.³¹²

³⁰⁹ Mais tarde escreverá uma carta aos seus amigos do Círculo dando conta do seu estado de saúde. Carta de Waldemar da Costa ao Círculo de Artes Plásticas, 5 de Junho de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 35, 36.

³¹⁰ Carta enviada ao Círculo de Artes Plásticas, 23 de Setembro de 1966, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 37.

³¹¹ Carta de Nuno Barreto ao Círculo de Artes Plásticas, 2 de Junho de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 38.

³¹² GRANJA, Paulo J. Cineclubismo em Coimbra-1945-1952, in *Suplemento Rua Larga Revista*, nº10, (Out. 2005), p.41.

No ano de 1947, por iniciativa de Rui Grácio, Cardoso Rodrigues, José Fernandes Fafe, Pedro Lousada, Rui Barbosa, fundam, na rua das Fangas, um Clube de Cinema, com a finalidade da educação do público, que termina no final do ano de 1947, mas, ainda nesse mesmo ano, surge o *Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra*, de onde surgirá a *Secção de Cinema da AAC*, que foi a primeira secção cultural da Associação Académica.³¹³

Dois anos depois, em 1949, nasce o *Clube de Cinema de Coimbra* e em 1952 surgirá o *Círculo de Cultura Cinematográfico ou Cine Clube Universitário de Coimbra*.³¹⁴

No seguimento destas iniciativas da cidade e, principalmente, da Academia, o Círculo de Artes Plásticas, no ano de 1967, realiza um ciclo de cinema sobre a arte e cultura artística de diversos países, sob a designação: *Ciclo Documental Arte Popular Internacional*³¹⁵ e *Ciclo de Cinema Popular Internacional*, mas nem todas as Embaixadas que foram contactadas (exemplo das embaixadas de Itália, Alemanha, Estados Unidos) se mostraram colaborativas e o ciclo realizou-se com o apoio e colaboração da Embaixada da Suécia.³¹⁶

Foram enviados desenhos de trajes, objectos populares, slides e material gráfico para ser distribuído, na plateia, no dia da exibição de cada um dos filmes³¹⁷:

- *Gothenbourg, Eléveurs de Rennes* (em substituição de *Peinture Paysanne Suédoise*, que não foi devolvido atempadamente, de um outro empréstimo);

- *Form in Fonction* e *À La Trace des Vikings*.³¹⁸

³¹³ Idem, *ibidem*, p. 41.

³¹⁴ Idem, *ibidem*, p. 42.

³¹⁵ Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Março de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³¹⁶ Carta enviada à Embaixada da Suécia, 15 de Fevereiro de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³¹⁷ Carta enviada ao Círculo de Artes Plásticas pela Embaixada da Suécia, 24 de Março de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³¹⁸ Idem, *ibidem*.

Esta era uma via para mostrar arte de outras maneiras a que o público não estava habituado. Ao verem, os filmes, os documentários, as imagens e os panfletos adicionais, teriam uma outra visão da arte e da criação artística, assim como entenderiam mais facilmente a obra.

Toda esta estratégia pedagógica, baseada num delineado e rigoroso plano prático e didático, desenvolvia-se com a realização de várias outras actividades, como a organização e leccionação de cursos:

- Curso de Gravura técnico-prático de uma curta duração;
- Cursos de desenho e pintura - horário nocturno;
- Curso de História da Arte - horário nocturno

Como se pode verificar pelo convite, as aulas eram ministradas aos sábados à noite. A abertura de aulas em horário pós-laboral foi inovadora para aquela época e ímpar no ensino ministrado na cidade de Coimbra, permitindo o acesso à aprendizagem e à prática artística a pessoas que trabalhavam ou eram estudantes em outros cursos durante o horário diurno e, portanto, não tinham possibilidade de frequentar este tipo de cursos:

CURSO NOCTURNO DE ARTES PLÁSTICAS

O Círculo de Artes Plásticas, tendo em vista permitir o acesso a aulas de desenho e Pintura, bem como de História de Arte, às pessoas impossibilitadas de frequentarem as suas aulas diurnas (nas tardes de quartas e sábados) acaba de criar um curso nocturno, aos sábados, das 21h às 23h.

As inscrições estão abertas na Sede do Círculo, R. Castro Matoso, 18, (ao fundo das Escadas Monumentais) todos os dias das 15h às 18h e no horário dos cursos.³¹⁹

Mas mais mudanças se passaram no ano de 1967, o Círculo inaugura um novo espaço expositivo, *A Sala Negra*, que tornava o Círculo de Artes Plásticas diferente, numa época em que quase todas as outras salas expositivas eram brancas.³²⁰ *A Sala Negra* era

³¹⁹ Texto de anúncio a publicar, s/d, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 39.

³²⁰ Um cubo, branco, minimal, um espaço simples e despojado, pronto a ser alterado pela arte, O'DOHERTY, Brian - *Inside the White Cube. The Ideology of the Gallery Space*, Los Angeles: University of California Press, Expanded Edition, 1999.

um espaço de grande impacto, as obras ali apresentadas ganhavam uma visão diferente, um cariz intimista e, simultaneamente, incomodativo e inusitado, devido ao negro que revestia as paredes de toda a sala. O impacto visual que o espectador/público sentia era então muito mais penetrante, sendo um local privilegiado para a realização das exposições de sócios e artistas convidados.

Tal como noutros anos, realizou-se a *Exposição de Artes Plásticas da Queima das Fitas* em que todo o trabalho técnico era elaborado, de forma dinâmica e voluntária, pelos sócios do Círculo e toda a organização ficava a cargo da Comissão Central da Queima das Fitas³²¹. O 1º *Prémio de Desenho e Gravura* desse ano de 1967 foi atribuído a uma artista ainda em início de carreira, Helena Almeida³²² e o 2º prémio a Álvaro Lapa.³²³

Estas exposições tinham como objectivo dar a conhecer os jovens artistas nacionais que começavam a dar os primeiros passos nas artes, divulgar o seu trabalho e abrir portas para outros percursos expositivos. Realizavam-se anualmente durante a Queima das Fitas e a atribuição de prémios e menções honrosas eram um incentivo para todos os jovens que concorriam.³²⁴

Realizou-se também uma mostra documental a *Exposição Retrospectiva da obra de Pablo Picasso*, com a colaboração de Luís Reis Santos, que facultou reproduções de obras do pintor e proferiu, no Teatro da Faculdade de Letras, uma conferência sobre o artista.

Estas pequenas exposições, por vezes realizadas com reproduções de obras, visavam dar a conhecer o percurso artístico de um determinado criador e, com o complemento das

³²¹ Carta de Helena Almeida ao Círculo de Artes Plásticas, 19 de Junho de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 40.

³²² Carta do Círculo de Artes Plásticas a Helena Almeida, 30 de Junho de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 41.

³²³ Carta de Álvaro Lapa ao Círculo de Artes Plásticas, 1 de Julho de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 42.

³²⁴ Carta da Comissão Cultural da Queima das Fitas de 1960 enviada ao Círculo de Artes Plásticas, 16 de Março de 1960, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 43.

conferências, explicar os processos, os rumos seguidos, as escolhas pessoais e percursos de cada um dos artistas.

Continuando nesse ano de 1967, a Direcção do Círculo considerava que para complementar a formação artística era indispensável a observação e o estudo das obras ao vivo, daí a dinamização de visitas de estudo a locais de interesse artístico, para que os alunos de pintura e desenho conseguissem ter a possibilidade de conhecer vários museus e espaços culturais distintos. Eram estabelecidas algumas regras de participação e para que pudessem participar nas visitas de estudo os alunos deveriam “frequentar as aulas com assiduidade e o empenho nos trabalhos”³²⁵.

Estas visitas tinham sempre grande afluência daí que o Círculo se tivesse visto na necessidade de reduzir o número de participantes pois de outro modo o subsídio concedido pela Fundação Gulbenkian, não conseguia custear as visitas dos alunos com maiores dificuldades económicas os quais, sem esse apoio, nunca teriam oportunidade de participar em acções deste género.

Segundo o regulamento, as viagens de estudo tinham de ser acompanhadas por dois professores organizadores da visita e um professor representante do corpo docente da Universidade. A escolha do local da primeira viagem de estudo foi Paris³²⁶. A Direcção do Círculo empenhou-se para que essa viagem fosse enriquecedora e frutífera, programando visitas a museus e a galerias de arte e estabelecendo encontros com artistas portugueses que se encontravam a estudar em França, na qualidade de bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian. Aliás a Fundação apoiou o Círculo nestas iniciativas fora do país³²⁷, em que os associados, sem qualquer outro encargo ou compromisso,

³²⁵ Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e o Círculo de Artes Plásticas, s.d, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 44.

³²⁶ Partiram a 17 de Janeiro de 1967.

³²⁷ Paris, Londres, Madrid e Amesterdão.

tinham apenas de apresentar “no mais curto prazo possível, um relatório pessoal sobre a visita”³²⁸.

Estas saídas do espaço de sala de aula e também do local habitual de aprendizagem contribuíram para a criação de um olhar novo e diferente sobre os fenómenos artísticos, da modernidade e da contemporaneidade e permitia a troca de ideias e saberes no seio dos estudantes/artistas portugueses³²⁹, até porque os alunos participantes integravam o universo do ensino superior, mas eram muito poucos os que já tinham viajado para fora do país.

Nesse ano de 1967, dirigiram-se, por carta, à Fundação Gulbenkian referindo: “... Pretendemos editar uma Revista do Círculo, que contaria com a colaboração de destacados especialistas em arte, além da que nos seria dada pelos sócios e professores do Círculo”.³³⁰

Pretendia-se assim fazer nascer uma publicação com o tema da Arte, que tivesse a colaboração dos sócios e professores da casa, além da colaboração de especialistas de diferentes áreas artísticas, alargando, deste modo, o campo de intervenção na área cultural, pois pretendiam um papel inovador e interventivo no campo das artes plásticas em Coimbra.

No final de 1967, no relatório anual para a Fundação Gulbenkian é também enviado o plano de actividades para o ano lectivo de 1967/68, em que se propunha:

De Novembro a Dezembro de 1967 – Ciclo de Filmes de Arte (novamente a área do cinema a estar lado a lado com as áreas das artes plásticas);

³²⁸ Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e o Círculo de Artes Plásticas, 31 de Janeiro 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 45.

³²⁹ Mais tarde iriam em viagem de estudo ao Caramulo e a Viseu, para, com visita guiada, visitarem os museus do Caramulo e Grão-Vasco. No ano de 1968 fariam uma outra viagem de estudo ao estrangeiro, com Madrid e Toledo como destinos. Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e o Círculo de Artes Plásticas, 22 de Fevereiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³³⁰ Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 25 de Fevereiro de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 46.

Janeiro de 1968 – Exposição de António Ferraz³³¹ e de Paisana (sala do Turismo);

Exposição biobibliográfica de Picasso (Museu Machado de Castro);

Ciclo de conferências sobre Estética e História da Arte;

Fevereiro - Ciclo de conferências sobre Estética e História da Arte;

Março – Exposição Internacional do Livro de Arte (EILA);

Abril – Exposição do Círculo de Artes Plásticas (Exposição de trabalhos desenvolvidos pelos sócios do Círculo);

Novembro – I Exposição de Arte Moderna em Coimbra.³³²



Fig. 43 – Ciclo de Filmes de Arte, folheto de divulgação de ciclo organizado em colaboração com o Centro de Estudos Cinematográficos de Coimbra

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

³³¹ António Ferraz (1938-2015) pintor, sócio do Círculo de Artes Plásticas, foi Bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian na École Supérieure d'Architecture et des Arts Visuels em Paris, onde trabalhou com Jo Delahaut. Cf. PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, vol. II, p. 289.

³³² Carta/relatório enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 23 de Novembro de 1967, Arquivo Círculo de Artes Plásticas, Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Março de 1968, Arquivo Círculo de Artes Plásticas. Anexo 47, 48

No ano de 1968, o Círculo contava com 120 associados, tendo promovido diversas exposições individuais e colectivas e levando a Coimbra trabalhos de diversos artistas como Almada Negreiros, Amadeo de Souza Cardoso, António Quadros, Dórdio Gomes, José Escada, Júlio Resende, Nuno de Siqueira, Relógio, Vieira da Silva, Alice Jorge, Artur Bual e João Hogan.

Em relatório enviado à Comissão Administrativa da Associação Académica pode ler-se:

Plano de actividades para o ano de 1967/68, parcialmente posto em execução

- Cursos anuais de pintura e desenho, preleccionados respectivamente pelos Mestres Nuno Barreto e João Dixo, com aulas teóricas e práticas;
- Curso de gravura a iniciar em 10 de Janeiro sob orientação do Mestre João Dixo;
- Aulas nocturnas de pintura e desenho sob a orientação de elementos do Círculo;
- Projectção de filmes de Arte.³³³

E, mais à frente, é referido o propósito:

O Círculo de Artes Plásticas arranca rapazes e raparigas, nas suas horas de ócio, à esterilidade das conversas de café ou outras ocupações inúteis e os trás a um convívio produtivo e a uma camaradagem sã, proporcionando-lhes um enriquecimento cultural, um apuramento do sentido crítico e uma aprendizagem técnica.³³⁴

A ideia da inter-relação entre saberes culturais, científicos, artísticos e universitários, esteve sempre presente durante os dez anos de actividade. Para a comemoração desta data realizam um ciclo de conferências intitulado *A Estética e História da Arte*³³⁵ e aproveitando a visita de Tomoko Nakamori a Coimbra, organizam um ciclo de palestras sobre arte japonesa.³³⁶

³³³ Carta/relatório enviada à Comissão Administrativa da Associação Académica, 9 de Janeiro de 1968, Arquivo Círculo de Artes Plásticas. Anexo 49.

³³⁴ Carta/relatório enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Março de 1968, Arquivo Círculo de Artes Plásticas. Anexo 50.

³³⁵ Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Março de 1968, Arquivo Círculo de Artes Plásticas. Anexo 51.

³³⁶ Carta enviada à Embaixada do Japão, 7 de Março de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 52.

Pensando em assinalar os dez anos de actividades, a Direcção do Círculo sugere à Rádio Televisão Portuguesa a realização de uma reportagem, que: “Poderia dar lugar a um filme ... para permuta com outros emissores de radiotelevisão estrangeira”³³⁷, mas este trabalho não foi concretizado, pensamos que a RTP não demonstrou interesse nesta proposta.

5. Lutas Académicas de 1969

A instabilidade que se tinha iniciado em 1962 continuou, com a Associação Académica de Coimbra a ser liderada por uma Comissão Administrativa, nomeada pelo Governo, tendo os estudantes sido impedidos de participar no Senado e na Assembleia da Universidade, com um abaixo-assinado, de c.2500 assinaturas, pediam eleições livres para a AAC.



Fig. 44 – Estudantes e populares aguardam o desfile da GNR

17 de Abril de 1969³³⁸

³³⁷ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Rádio Televisão Portuguesa, 7 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³³⁸ VELOSO, João, GONÇALVES, José - *Crise Académica de 1969-Fotografias*, [consultado a 23 Maio 2019]. Disponível em: http://www1.ci.uc.pt/cd25a/media/ppt/Crise_Acad-versao_reduzida.pps

Em Março de 1969, a Direcção Geral da AAC foi convidada a participar na cerimónia de inauguração do novo edifício das Matemáticas em que esteve o Presidente da República, Américo Thomaz, o Reitor, António Jorge Andrade de Gouveia e o ministro da Educação, José Hermano Saraiva.



Fig. 45 – Escadas monumentais

17 de Abril de 1969³³⁹

Em frente ao referido edifício estavam dezenas de estudantes assim como outras pessoas, que erguiam cartazes onde se lia: “Ensino para todos, Estudantes no Governo da Universidade, Exigimos Diálogo, Democratização do Ensino, Reintegração dos Professores e Alunos Expulsos”.³⁴⁰

³³⁹ VELOSO, João, GONÇALVES, José – *Op. cit.*, [consultado a 23 Maio 2019].

³⁴⁰ *Diário de Coimbra*, (17 Abr.1969).



Fig. 46 – Primeiro dia de greve aos exames

Coimbra ocupada pela Guarda Nacional Republicana, 2 de Junho de 1969 ³⁴¹

5.1. A Operação Flor

Em acto contínuo, no dia 28 de Maio de 1969, em Assembleia Magna, decretava-se a Greve aos Exames e a 2 de Outubro os destacamentos da GNR, PSP e Polícia de choque ocupam a Universidade. No dia 3 de Junho os estudantes levam a efeito uma ação de distribuição de flores pelas pessoas que por eles passavam desde a Alta à Baixa da cidade, a que chamaram *Operação Flor*. ³⁴²

³⁴¹ VELOSO, João, GONÇALVES, José - *Op. cit.*, [consultado a 23 Maio 2019].

³⁴² [em linha]. [consultados a 17 Julho 2017]. Disponíveis em: <http://210coimbra.blogs.sapo.pt/1383.html> e <http://stellamatutina2007.blogspot.pt/2007/05/trova-do-vento-que-passa.html>



Fig. 47 - Operação Flor- Cada estudante com uma flor, a caminho da Baixa da cidade

3 de Junho de 1969³⁴³

Esta Operação teve a organizá-la a Comissão Promotora do *Dia da Flor*³⁴⁴ que distribuiu, pela população da cidade, um texto explicando esta iniciativa peculiar:

À VIOLÊNCIA DAS ARMAS – A VIOLÊNCIA DA FLOR...

Em Junho em 1969 Coimbra despertou sob o pesadelo da repressão fascista, exteriorizada numa ocupação policial e militar de dimensões e violência proporcionais ao ódio, ao medo das classes que detinham o poder político. (...)

À violência da repressão, os estudantes souberam, porém, contrapor novas e correctas formas de luta, assentes na mobilização das massas, na unidade, na aliança com o povo, na determinação de um combate que se sabe doloroso, mas que a História demonstra triunfo certo.

À violência das armas, os estudantes opuseram a violência da flor, a violência histórica de uma flor de aliança, de uma flor de resistência, de uma flor de combate comum, de uma flor empunhada por todos aqueles que pretendem transformar um mundo de polícia e quartéis, de violência e terror, de prepotência e luxo, de cemitérios e fome, num imenso jardim colorido.

O dia 3 de Junho de 1969 adquiriu, assim, todo um significado de luta e unidade, de democratização e emancipação cultural. Este dia não podia passar sem ser lembrado por todos quantos ainda hoje se unem no seu combate comum contra todas as formas de violência e repressão, contra todas as formas de obscurantismo e alienação, contra todas as formas de discriminação e exploração (...)

³⁴³ VELOSO, João, GONÇALVES, José - *Op. cit.*, [consultado a 23 Maio 2019].

³⁴⁴ Celso Cruzeiro era então o presidente da Associação Académica de Coimbra (AAC).

Quarenta anos de SNI já nos bastam, e não será agora o *Diário de Coimbra* que assustará quem enfrentou as masmorras da PIDE, a Censura, as notas oficiosas e a máquina de propaganda fascista. A nossa tradição de luta e de combate, de festa e de progresso, de liberdade e igualdade é a tradição do Povo, é a tradição da História. FESTEJÊMO-LA: o Egito é ainda hoje recordado pelos seus faraós e pelos seus escravos, a nossa tradição é a dos escravos, dos servos e dos oprimidos! Deixemos a quem o queira a tradição dos faraós, dos senhores feudais, a tradição dos Salazares! COIMBRA NÃO SERÁ UM POSTAL ILUSTRADO, uma fonte de turismo. COIMBRA SERÁ UMA CANÇÃO, sim, mas UMA CANÇÃO DE COMBATE...

Coimbra, hoje como ontem, dedilhará guitarras e violas não subsidiadas pelo Turismo, mas, antes, subsidiadas pelo canto comum de uma luta secular pela Liberdade, pela Igualdade, pela Democratização e Emancipação Cultural, POR UMA UNIVERSIDADE NOVA, que não seja um feudo de homenagem a notáveis, mas um espaço aberto de Trabalho humano colectivo.

A UNIVERSIDADE É TUA!

PARTICIPA!

TRAZ UM AMIGO...

E UMA FLOR TAMBÉM!

A Comissão Promotora do Dia da Flor³⁴⁵.



Fig. 48 – Operação Flor

Cada estudante com uma flor, a descer a Avenida Sá da Bandeira, a caminho da Baixa da cidade,
3 de Junho de 1969³⁴⁶

³⁴⁵ Texto de apresentação pública da iniciativa *Dia da Flor*, integrado na *Operação Flor*, s.d, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 53.

³⁴⁶ VELOSO, João, GONÇALVES, José - *Op. cit.* [consultado a 23 Maio 2019].

5.2. A Operação Balão

Juntamente com esta iniciativa outra foi organizada, denominada *Operação Balão* e que se realizou no dia 14 de Junho.



Fig. 49 – Operação Balão, concentração nos Jardins da Associação Académica

14 de Junho de 1969 ³⁴⁷

Os estudantes desceram da Alta à Baixa da cidade, distribuindo balões, nos quais estavam escritas frases que expressavam os motivos da sua luta. Quando chegaram ao Largo da Portagem largaram essas centenas de balões que traziam consigo e em simultâneo os estudantes e a população misturaram-se, assim a polícia não conseguiu tomar nenhuma iniciativa de repressão desta acção estudantil.



Fig. 50 – Operação Balão no Largo da Portagem

14 de Junho de 1969 ³⁴⁸

³⁴⁷ VELOSO, João, GONÇALVES, José - *Op. cit.* [consultado a 23 Maio 2019].

³⁴⁸ Idem, *ibidem* [consultado a 23 Maio 2019].

A *Operação Balão* foi uma forma de protesto contra as suspensões e os processos de inquérito que estavam a ser realizados contra os estudantes.

Enquanto todas estas acções estavam a ser tomadas por parte da camada estudantil, no Círculo de Artes Plásticas, as actividades foram suspensas no mês de Março desse ano de 1969. A Direcção e os sócios participaram no Luto Académico e o Círculo tornou-se numa quase oficina clandestina, produzindo nas suas instalações, de forma escondida, panfletos de propaganda que davam voz às reivindicações e às lutas académicas³⁴⁹, pois durante o período da Crise Académica, alguns estudantes permaneceram na cave do edifício da Castro Matoso para organizarem oficinas de serigrafia com o fim de produzirem os cartazes e folhetos de propaganda.

Foi todo um período conturbado, em que ficou bem demonstrado o que unia os estudantes e pelo que lutavam.

6. A EILA - I Exposição Internacional do Livro de Arte

A *I Exposição Internacional do Livro de Arte* (EILA), foi também organizada sob o patrocínio da Fundação Gulbenkian, era uma iniciativa de divulgação da cultura e saber, plenamente inserida nos objectivos daquela Fundação³⁵⁰.

³⁴⁹ AMARO, Margarida Lebreiro - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: no viver o elogio dos oásis, in *Mundo da Arte: revista de arte, arqueologia e etnologia*, Coimbra, Jan-Mar de 1990, p. 45.

³⁵⁰ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 22 de Março de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 54.

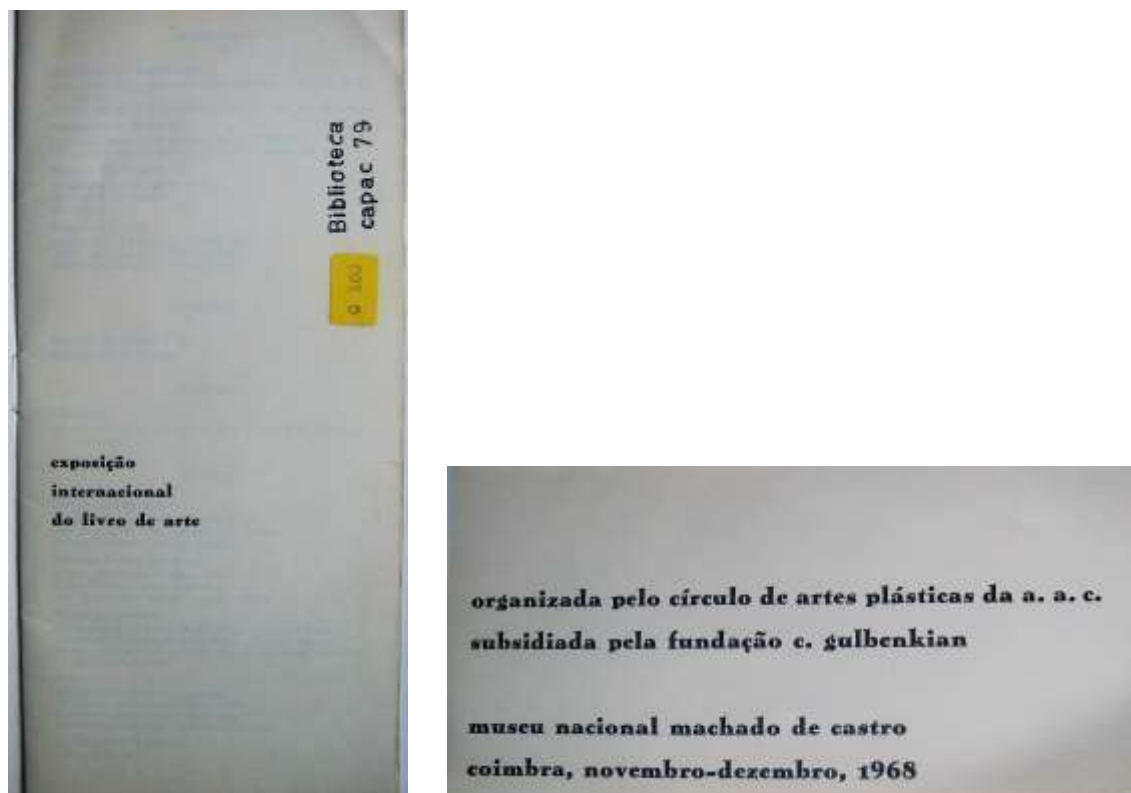


Fig. 51 – I Exposição do livro E.I.L.A., 1968

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Assim o Museu Nacional Machado de Castro acolhe a EILA, com os patrocínios da Fundação Gulbenkian, da Alliance Française e dos Institutos de Estudos Americanos, Alemães, Brasileiros, Espanhóis, Ingleses e Italianos que estavam ligados à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tendo o Círculo contactado várias representações diplomáticas em Portugal³⁵¹. Esta iniciativa mereceu o interesse de diversas associações estrangeiras de editores independentes que aceitaram prontamente o convite e mandaram várias remessas de livros de arte para serem incluídos nesta feira.

Para a organização foi contactado o:

³⁵¹ Consulados da Alemanha, Bélgica, Birmânia, Finlândia, Israel, Paraguai e Tailândia; Embaixadas da Áustria, Argentina, Bélgica, Dinamarca, Cuba, Chile, China, Estados Unidos da América, Israel, Japão, México, Noruega, Paquistão, Peru, Suécia e Suíça.

- Consulado Geral da Finlândia, que, como eles próprios referiram, aconselhou serem contactadas as editoras “melhores da Finlândia”: Kustannusesakeyhti-s, Otava; W. Soderstrom; Temmi, todas de Helsínquia.³⁵²

- O Consulado Geral de Israel aconselhou serem contactadas as editoras: Blumestein’s Bookstores, Steimatzky’s, Am Oved Lda, Dvir Co Lda, todas em Tel-Aviv.³⁵³

- A Embaixada da Bélgica direccionou para uma lista de duas dezenas de editoras.³⁵⁴

O Consulado Real da Tailândia direccionou para a sua embaixada em Paris.³⁵⁵

- A Embaixada do México direccionou para as editoras: Artes de México y del Mundo, Editorial Cumbre SA, Editorial Interamericana SA, todas na cidade do México.³⁵⁶

- A Embaixada do Paquistão direccionou para uma escola de Artes em Karachi.³⁵⁷

- A Embaixada do Peru direccionou para duas direcções editoriais consideradas mais importantes do país: Juan Mejia Baca e Miguel Mujica Gallo.³⁵⁸

- A Embaixada Real da Suécia encaminhou para as editoras mais importantes da Suécia e que tinham livros de arte: Almqvist & Wiksell AB, Albert Bonniers Forlag AB, AB

³⁵² Correspondência do Consultado Geral da Finlândia para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁵³ Correspondência do Consultado Geral de Israel para o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁵⁴ Correspondência da Embaixada da Bélgica para o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁵⁵ Correspondência do Consultado Real da Tailândia para o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁵⁶ Correspondência da Embaixada do México para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁵⁷ Correspondência da Embaixada do Paquistão para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁵⁸ Correspondência da Embaixada do Peru para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

PA Norstedt & Soner, AB Allhem, Forlagshuset AB, Wezata Mellins AB, todos em Estocolmo.³⁵⁹

- A Embaixada dos Países Baixos indicou uma editora importante de livros de arte: J.M. Meulenhoff Uitegeverij, em Amsterdão.³⁶⁰

- A Embaixada Real da Dinamarca indicou uma das mais importantes casas editoras de livros de arte e estética: Den Dansk Forlaeggerforenings Sekretariat.³⁶¹

- A Embaixada da República Argentina enviou uma lista de 12 casas editoras de livros de arte.³⁶²

- O Serviço de Estrangeiros dos Estados Unidos da América respondeu anexando uma listagem de editores de livros de arte e estética.³⁶³

- A Embaixada da Suíça respondeu com uma listagem de 13 editoras de livros de arte.³⁶⁴

- A Embaixada do Japão respondeu dizendo que poderia ceder, para estarem patentes na exposição de livros de arte, cerca de vinte obras literárias sobre a arte japonesa.³⁶⁵

- A Legação da República da China em Lisboa respondeu dizendo, que naquela altura não tinha a possibilidade de satisfazer o pedido feito pelo Círculo, mas aconselhava a

³⁵⁹ Correspondência da Embaixada Real da Suécia para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶⁰ Correspondência da Embaixada dos Países Baixos para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶¹ Correspondência da Embaixada Dinamarca para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶² Correspondência da Embaixada República da Argentina para o Círculo de Artes Plásticas, 15 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶³ Correspondência da Embaixada dos Estados Unidos da América para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶⁴ Correspondência da Embaixada da Suíça para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶⁵ Correspondência da Embaixada do Japão para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

escreverem para o National Palace Museum em Taipei, Taiwan (Formosa), República da China e pedirem a obra, que custava US\$5,00, Chinese Cultural Art Treasures, National Palace Museum Illustrated Book.³⁶⁶

- A Embaixada do Brasil enviou uma listagem das editoras mais importantes.³⁶⁷

- A Embaixada da Áustria enviou uma listagem de seis casas editoras.³⁶⁸

- A Embaixada do Chile apresentou uma lista de doze casas editoras, todas sediadas em Santiago.³⁶⁹

Foi uma acção única e muito importante para todo o trabalho pedagógico e de desenvolvimento do gosto pela leitura e pelo estudo, que o Círculo desenvolveu com esta organização e que mereceu grande interesse por parte do público em geral e dos especialistas e que contou com uma afluência significativa.

Foram diversos os livros enviados pelas embaixadas e/ou editoras para esta exposição e também alguns museus portugueses enviaram livros de Arte, Estética, História e catálogos das exposições.

³⁶⁶ Correspondência da Legação da República da China para o Círculo de Artes Plásticas, 17 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶⁷ Correspondência da Embaixada do Brasil para o Círculo de Artes Plásticas, 22 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶⁸ Correspondência da Embaixada da Áustria para o Círculo de Artes Plásticas, 22 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁶⁹ Correspondência da Embaixada do Chile para o Círculo de Artes Plásticas, 26 de Janeiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

A EILA que estaria em funcionamento entre 12 e 28 de Novembro, realizou-se entre 25 Novembro a 20 de Dezembro de 1968, dias de grande afluência de público e de sucesso para os organizadores.

Quanto à continuação dos cursos, durante esse ano de 1968 as aulas teóricas tinham alunos inscritos e alunos convidados (sobretudo os alunos da Faculdade de Letras), o número de inscritos nas aulas teóricas era significativamente maior porque os *ateliers* das aulas práticas não comportavam grande número de pessoas, devido ao tamanho das salas e ao número de materiais disponíveis para cada aluno, daí terem de se estabelecer limites para cada curso.

Surgiam cada vez mais alunos interessados, oriundos de todas as áreas, muitos não eram de Coimbra e deslocavam-se propositadamente à cidade para frequentarem as aulas teóricas e as aulas de desenho, que lhes serviam de apoio e de preparação para os exames de aptidão à Universidade e/ou para o ingresso nas Escolas Superiores de Belas Artes. Esta era uma forma dos estudantes adquirirem conhecimentos teórico-práticos e de se prepararem melhor para os referidos exames.

Com todas as iniciativas desenvolvidas ao longo dos dez anos de actividade e dado o carácter pedagógico extracurricular, o Círculo desempenhava um papel fundamental na formação do gosto pela arte e na mudança de mentalidades no seio da camada estudantil assim como no público geral. O que de início se pensava ser só um *atelier* colectivo foi-se aprofundando e dando lugar a acções mais abrangentes. A Direcção do Círculo apresentou à Fundação Calouste Gulbenkian o projecto da criação de uma Escola de Belas Artes em Coimbra:

Preparação para a admissão nas Belas Artes; criação de um Curso de Iniciação à Estética e História da Arte, aberto a todas as camadas da população com intuitos divulgativos e vulgarizados, acompanhados de exposições, colóquios e conferências; estudos e prática em regime experimental das novas tecnologias e novos materiais no domínio das artes plásticas; acesso a um estudo aprofundado e actualizado das correntes e métodos, ideologias e processos do nosso tempo no campo da Arte que de outro modo só se poderia obter através da obtenção de dispendiosas e sempre insuficientes bolsas no estrangeiro³⁷⁰.

³⁷⁰ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Março de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Este era um projecto antigo, que vinha a ser ponderado, estruturado e desenvolvido desde a criação do Círculo, em 1958.

Parte III

Capítulo 1 - As linhas de orientação Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: uma década

Inicialmente, o projecto do Círculo visava a criação de um espaço de ensino e de prática artística na cidade, com o fim de colmatar as falhas existentes a nível de ensino superior da arte, mas numa segunda fase, pretendiam sensibilizar os estudantes para as artes e para a cultura, tendo por base a experimentação, a criação e o ensino artístico.

Ao longo do tempo foi feito um investimento no ensino e na pedagogia internas que se pretendiam inovadores. Ambicionava-se a criação de aulas práticas e teóricas de Artes Plásticas; a criação de uma biblioteca especializada em arte; a criação de novos cursos; a realização de ciclos de conferências e de cinema e a preparação, no final de cada ano lectivo, da exposição anual de trabalhos dos sócios.

Durante a primeira década seguiram-se duas linhas de actuação distintas:

Interna - concretização de acções pedagógicas:

- Dois *ateliers* de Pintura e Escultura;
- Cursos de Educação Visual;
- Sessões de História da Arte, com o estudo dos diferentes períodos artísticos e de artistas mais relevantes;
- Bases de conhecimento e estudo de obras de arte significativas.

Externa - participação em acções culturais públicas:

- Exposições, colóquios, conferências, debates;
- Fomentar o confronto de ideias, o debate salutar e a troca de experiências e conhecimentos.

Realizou-se um ciclo de conferências com o título *A Evolução da Arte e Seus Reflexos e Condicionantes no Mundo Actual*, levado a cabo no ano de 1968, onde foram oradores grandes nomes do pensamento e do saber como Adriano de Gusmão, Manuel Mendes, Roberto Nobre, José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves, assim como outros historiadores e críticos:

O Círculo de Artes Plásticas deseja, tendo em vista a promoção cultural dos interessados nos problemas de Arte, levar a efeito no corrente ano, um ciclo de conferências sobre “A Evolução da Arte e os seus Reflexos e Condicionantes no Mundo Actual”.

Crentes do elevado contributo que V. Ex^a nos poderá dar, vêm desta forma solicitar a sua participação pelo que desde já esperamos nos informe da data mais conveniente e do tema concreto que desejaria abordar. Do ponto de vista material permitimo-nos informar que aguardamos a confirmação de um subsídio da Fundação Gulbenkian em relação ao pagamento integral das despesas e ainda da conferência.³⁷¹

O Círculo tencionava ser “uma lufada de ar fresco” no meio cultural, levando novos públicos a Coimbra e promovendo iniciativas que até aí não se tinham realizado e não eram de todo comuns. Estas exposições e mostras reflectiam bem as preocupações estéticas desta Escola de Arte, uma vez que suscitavam novas discussões e agitavam o ambiente artístico-cultural existente.

1. Década de 1970

Na década de 1970, a influência do estrangeiro tornou-se marcante, não só por via dos artistas que tinham saído do país e tinham emigrado definitiva ou temporariamente, mas também devido às bolsas artísticas concedidas pela Fundação Calouste Gulbenkian, que permitiam aos jovens viverem outras realidades fora do retângulo fechado sobre si próprio que era, culturalmente, Portugal. O 25 de Abril de 1974 torna a cultura nesta exaltação, o país tem então uma dimensão cultural e social sem paralelo, a criação já não tem limites e é grande a vontade de criar, de criar em conjunto, abrindo espaço para o trabalho colectivo, para o combate à estagnação e ao desconhecimento intelectual.

³⁷¹ Carta do Círculo de Artes Plásticas a Adriano de Gusmão, Manuel Mendes, Roberto Nobre, José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves, 27 de Fevereiro de 1968, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 55.

Era a época em que a expressão artística passava pela realização de *Performances* e *Happenings*, apresentados ao público, agora ávido de conhecer, ver, saber e frequentar espaços culturais que desabrochavam de actividades.³⁷²

Nos anos de 1973, 1974 e 1976, o Círculo terá um papel fundamental na *Performance* em Portugal, com as acções de Ernesto de Sousa, Armando Azevedo, Albuquerque Mendes, Tília Saldanha, Rui Órfão, Teresa Loft e António Barros, que se posicionam na vanguarda artística, lado a lado com o que se fazia fora do país.

No Porto a colaboração entre Egídio Álvaro e Jaime Isidoro teve como resultado acções de cariz inovador, descentralizador,³⁷³ entre 1975 e 1977, realizaram-se os *Encontros Internacionais de Arte*, que visavam o envolvimento da sociedade civil, da população, do meio artístico, realizando debates, ciclos de conferências, palestras e acções de rua, em que estavam envolvidos artistas individuais e grupos ou colectivos como o Grupo Puzzle, o Grupo Cores, o Collectif Femmes/Art:³⁷⁴

Da dissolução da parceria entre Egídio Álvaro e Jaime Isidoro, após os *Quartos Encontros Internacionais de Arte* nas Caldas da Rainha em 1977, nascerá pela mão de Jaime Isidoro a *Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira* (na sua primeira edição em 1978 ainda designada *Quintos Encontros Internacionais de Arte*) e, pela mão de Egídio Álvaro, o Festival de performance que pontuou os anos 80 com o nome *Alternativa – Festival Internacional de Arte Viva* e o *Ciclo de Arte Moderna* no IADE, em Lisboa³⁷⁵

Ernesto de Sousa organiza a *Alternativa Zero*, na Galeria de Arte Moderna em Belém, que teve a intervenção do GICAPC, de Ernesto Melo e Castro e três performances do

³⁷² Cf. DIAS, Sandra - *O Corpo como Texto: Poesia, Performance e Experimentalismo nos Anos 80 em Portugal*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015, Tese Doutoramento em Linguagens e Heterodoxias: História, Poética e Práticas Sociais, ramo de História Contemporânea, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

³⁷³ METELLO, Verónica - *Na arte da performance em Portugal: uma cronologia*, [em linha]. [consultado a 2 Abril 2018]. Disponível em: <https://baldiohabitado.wordpress.com/arte-da-performance-performance-art/>

³⁷⁴ Grupo de artistas plásticas, activo em Paris entre os anos de 1976 e 1978, criado pela psicanalista e pintora Françoise Eliet, Cf. QUINBY, Diana - *Le collectif Femmes/Art à Paris dans les années 1970 : une contribution à l'étude du mouvement des femmes dans l'art*, Paris, Université Paris 1, 2003, Tese de Doutoramento.

³⁷⁵ METELLO, Verónica - *Op. cit.*, [consultado a 2 Abril 2018].

Living Theatre, em vários locais da cidade de Lisboa e que logo de seguida se deslocam a Coimbra e ao Porto.³⁷⁶

1.1. As novas abordagens artísticas da década de 70 do século XX

Os finais da década de 1960 correspondem ao dealbar de um período de promessas de mudança política, cultural e artística, com alterações significativas no campo das artes plásticas³⁷⁷ e com a transformação inevitável dos mercados de arte, formando uma conjuntura peculiar na história portuguesa, em especial no período marcelista.

Muito mudou. A década de 60 beneficiou, em muito, do empenho da Fundação Calouste Gulbenkian nas áreas da cultura, das artes e das ciências com o seu programa de bolsas de estudo e de apoios mecenáticos.³⁷⁸ No início dos anos 70 muitos bolseiros da FCG regressaram a Portugal e entre 1968 e 1974 redesenhou-se uma outra conjuntura artística, com o surgimento de várias iniciativas no campo das artes plásticas, como a reestruturação da Secção Portuguesa da AICA (Associação Internacional de Críticos de Arte), o desenvolvimento do mecenato cultural de empresas ligadas ao sector privado, a General Motors, a Guérin, a Soquil, o Banco Português do Atlântico e a Mobil que proporcionam o desenvolvimento do mercado de arte que sentia a crescente intervenção dos críticos de arte, na imprensa periódica e na organização de exposições.

Esta é uma época de afirmação da crítica de arte, que se institucionalizava e se impunha no meio artístico através de iniciativas diversas, como a organização do *I Encontro de*

³⁷⁶ METELLO, Verónica - *Op. cit.* [consultado a 2 Abril 2018].

³⁷⁷ Cf. Jürgens, Sandra Vieira. *INSTALAÇÕES PROVISÓRIAS: independência, autonomia, alternativa e informalidade. Artistas e exposições em Portugal no século XX.* Lisboa, Portugal: Sistema Solar (Documenta); IN. Transit Editions; STET – livros e fotografias. 2016.

³⁷⁸ SILVA, Raquel Henriques da, CANDEIAS, Ana Filipa, RUIVO, Ana (coord.) - *50 Anos de Arte Portuguesa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

Críticos de Arte Portuguesa, em Março de 1967, realizado à margem da Secção Portuguesa da AICA.³⁷⁹

Os anos 70 correspondem a uma conjuntura social e cultural na qual se acelera a institucionalização da arte contemporânea pela:

... entrada nos museus de arte de classes de objectos resultantes da experiência e da produção de conhecimentos a partir de materiais e suportes não convencionados artísticos, e até então considerados secundários relativamente às modalidades tradicionais da pintura e da escultura. É inegável o esforço das vanguardas internacionais para, ao longo do século XX, alargarem os conceitos e as práticas criativas, e nessa medida, os anos 70 são o resultado desse esforço, amplificado pelas circunstâncias de crítica social e política que a tomada de consciência pós-modernista vem agudizar.³⁸⁰

Em Lisboa e Porto, as galerias de arte desenvolvem a vertente comercial. No ano de 1962, existiam três galerias: no Porto, a *Alvarez* (1954) e a *Divulgação* (1958) e em Lisboa a do *Diário de Notícias* (1957), mas em 1973 o número aumentou para trinta e um, sendo quinze em Lisboa, onze no Porto e cinco espalhadas pelo resto do país³⁸¹.

A criação de novas galerias de arte, proporcionou significativas mutações no conceito original, estes novos espaços artísticos passaram a funcionar como lugares de validação da arte, produzida pelos novos artistas.

Também a inauguração da sede da Fundação Gulbenkian, no ano de 1969, marcou o panorama artístico português, com a divulgação de artistas e a encomenda expressa de obras de arte para um espaço novo, que viria a desempenhar um papel ímpar e importantíssimo no incentivo da criação artística.

Em 1971, o café *A Brasileira do Chiado*, volta a revelar-se um espaço expositivo de grande importância e dinamismo público. Uma comissão de membros da Secção Portuguesa da AICA escolhe obras de artistas como Palolo, Carlos Calvet, Eduardo

³⁷⁹ BARÃO, Ana Luísa - *A Profissionalização da crítica de arte portuguesa*. (1967-1976), Tese de Doutoramento, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, 2015, p.133.

³⁸⁰ CANDEIAS, Ana Filipa - Anos 70 - Atravessar fronteiras - fotografia, performance, imagem em movimento-os artistas e os novos meios em Portugal, In *Catálogo da Exposição*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

³⁸¹ PENA, Gonçalo - Instituições, Galerias e Mercado, *Anos 60. Anos de Ruptura. Uma Perspectiva da Arte Portuguesa nos Anos Sessenta*.(cat.), Lisboa: Livros Horizonte, 1994, sem paginação.

Nery, Fernando de Azevedo, João Hogan, João Vieira, Joaquim Rodrigo, Manuel Baptista, Nikias Skapinakis, Noronha da Costa e Marcelino Vespeira³⁸² para serem expostas nas paredes do café e assim a Brasileira moderniza-se, muda, mas continua a ser um espaço-galeria de arte de vanguarda, uma galeria aberta a todo o público e um local de conversa, debate e tertúlia como tinha sido desde o primeiro Modernismo português.

Podemos dizer que três vectores marcaram o meio cultural e artístico, ainda que não se encontrassem ligados entre si: o desenvolvimento do mercado da arte³⁸³, com mais procura e mais incentivo; a crítica de arte com a AICA e os Encontros de críticos e as alterações sofridas ao nível governamental ³⁸⁴.

Surgem diversas Bienais de Arte e Encontros Internacionais:³⁸⁵ os *Encontros Internacionais de Arte Contemporânea*, o *IV Encontro Internacional de Arte Contemporânea* nas Caldas da Rainha (1977) e a *Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira* (1978). Estas iniciativas possibilitaram a dinamização de espaços onde se revelaram novas linguagens e novas experiências.

Os artistas passaram a relacionar-se melhor com o público, o contacto mais estreito revelou-se de grande importância, possibilitando uma relação mútua diferente, com um maior interesse pela actividade artística e com novos interesses culturais. É neste contexto³⁸⁶ que o Círculo se torna num dos “espaços públicos vocacionados para uma

³⁸² Cf. FRANÇA, José-Augusto - *Os Quadros de “A Brasileira”*, Lisboa: Artis 1973 e cf. ainda do mesmo autor *A Brasileira do Chiado: 100 anos*, Lisboa: A Brasileira, 2006.

³⁸³ Cf. Afonso, Luís U.; Fernandes, Alexandra – *Mercados da Arte*. Lisboa, Portugal: Edições Sílabo, 2019.

³⁸⁴ Cf. MACEDO, Rita - *Artes Plásticas em Portugal no período marcelista: 1968-1974*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, tese apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1998. (Texto policopiado).

³⁸⁵ PEREIRA, Paulo - Anos 70: um tempo de passagem, In *História da Arte Portuguesa*, Lisboa: Temas e Debates, 1997, vol. 3, p. 611, CHICÓ, Sílvia - Anos 70 antes e após o 25 de Abril de 1974, in PERNES, Fernando (coord.) - *Panorama da Arte Portuguesa no Século XX*, Fundação de Serralves/Campo das Letras, 1999, p. 264.

³⁸⁶ “Referir os anos 70 nas artes plásticas e performativas na Universidade de Coimbra, é convidar a um olhar atento sobre a sua Academia contemplada com o vigor das ideias, e um querer ‘para além da

função pedagógica”³⁸⁷, tendo um papel importante na criação de uma outra consciência estética e revelando-se como um “laboratório de pesquisa, experimentação e intervenção urbana”³⁸⁸. Especial referência para a *Performance*, a Instalação e a Poesia Visual, de que serão impulsionadores e mestres Alberto Carneiro³⁸⁹, Albuquerque Mendes, António Barros, António Olaio³⁹⁰, Armando Azevedo, Fernando Pinto Coelho, João Dixo, Rui Costa, Rui Órfão e outros³⁹¹.

2. Uma Escola de Belas-Artes em Coimbra?

No ano de 1976, a Direcção volta, novamente, a tentar que o Círculo seja uma Escola de Belas-Artes (a ideia dos fundadores), contudo essa pretensão não seguiu em frente por falta de apoio do Governo e devido ao que, já no ano de 1973, Tília Saldanha³⁹² havia dito no *JL-Jornal de Letras*: “a cidade nunca sentiu, ou pelo menos nunca o manifestou, a necessidade de um ensino superior artístico”³⁹³. Daí que a pressão exercida pela

utopia”, mormente do CAPC e do CITAC...”, Barros, António, “Geração Black Cube” in *Rua Larga*, nº 26, Coimbra, 2010.

³⁸⁷ CARLOS, Isabel - Sem plinto, nem parede: anos 70-90, in PEREIRA, Paulo (Dir.), *História da Arte Portuguesa*, Lisboa: Temas e Debates, 1997, vol. 3, p. 638.

³⁸⁸ AMARO, Margarida Lebreiro - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: no viver o elogio dos oásis, in *Mundo da Arte: revista de arte, arqueologia e etnologia*, Coimbra, 2ª Série, Jan-Mar de 1990, p. 39 e 55.

³⁸⁹ Professor na Escola Superior de Belas Artes do Porto. Torna-se docente do Círculo de Artes Plásticas, com regularidade, desde 1971.

³⁹⁰ “Nessa altura eu também tive o privilégio de viver outro CAPC, esse dos anos 70. Vivi-o à mesa do café, mas de outro café, nas conversas com o Armando Azevedo. Na veemência do seu discurso, o Armando era, e é, arrebatador, fazendo-me acreditar na produção artística como se ela fosse um imperativo ético!”, OLAIIO, António - Círculo de Artes Plásticas e futuro: o CAPC depois dos 50, in *Rua Larga*, nº 23, Janeiro 2009.

³⁹¹ Ernesto de Sousa refere “para além de ser o único meio criador e difusor das artes plásticas na cidade [o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra] é ainda a única sociedade artística deste país que mantém um espírito de *workshop*”, SOUSA, Ernesto de - Arte na Rua, in *Colóquio/Artes*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº29, Out. 1976, p. 70.

³⁹² Tília Saldanha (1930-1988, Peredo, Macedo de Cavaleiros). Foi sócia do Círculo de Artes Plásticas desde 1967 e fez parte do Corpo Docente desde 1974, COUTINHO, Liliana, FABIANA, Rita - *Tília Saldanha*, Catálogo da Exposição - Tília Saldanha, Lisboa: CAM – Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

³⁹³ Saldanha, Tília, *Jornal de Letras*, (1973), in Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Direção do Círculo não tivesse o apoio da população coimbrã, para alcançar a tão esperada resposta positiva governamental. Muitos foram os estudantes que adiaram para mais tarde ou abandonaram definitivamente o desejo de prosseguir o curso superior para se ligarem em definitivo às artes.

O desejo de que a instituição continuasse o seu percurso e que a cidade conseguisse ter uma Escola de Artes, nunca deixou de se fazer sentir. Anos mais tarde, a 13 de Abril de 1982 é publicado o seguinte texto no Jornal de Notícias:

Coimbra – Escola de Belas Artes, Um Justificado Anseio

Centro de cultura com reputação nacional e além-fronteiras, a cidade de Coimbra continua à espera de ver concretizado um sonho antigo que é também legítima aspiração: a criação de uma Escola de Belas Artes.

(...) E, no entanto, a cidade bem o justificava não só porque tal falta representa uma grave lacuna a nível do ensino superior nela ministrado, mas, ainda, porque isso obrigava a que percam muitas vocações que nela despontam (e nela morrem por carência de meios). Para além do mais Coimbra vai tendo um actividade artística cada vez mais intensa, mercê do esforço desgarrado de entidades diversas e que mais acentua a injustificável ausência de um estabelecimento de ensino de Belas Artes.³⁹⁴

Neste artigo dão-se conta das actividades que já se tinham realizado, em paralelo na cidade, ou seja, no Círculo de Artes Plásticas, no Museu Machado de Castro, na Galeria do Turismo, no Edifício do Chiado, não contando com a Galeria do jornal O Primeiro de Janeiro e as várias outras galerias de arte implantadas nos espaços comerciais da cidade.

Em meados dos anos 1980 a Direcção do Círculo escreve à Diretora da Divisão de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura, dizendo:

Compreendemos perfeitamente a necessidade que a SEC tem em conhecer o programa que mostre a maior ou menor validade na atribuição de subsídios. Pretendemos fazer incidir o melhor dos nossos esforços sobretudo na pedagogia interna, uma vez que, inclusivamente as realizações externas têm que partir de um conhecimento consciente dos fenómenos artísticos. Continuaremos, pois, a tentar que o CAPC seja, antes de mais exemplarmente uma “escola de arte”³⁹⁵.

³⁹⁴ *Jornal de Notícias*, (13 Abr. 1982), “Coimbra-Escola de Belas Artes, Um Justificado Anseio”, s.d, in Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

³⁹⁵ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas dirigida à Secretaria de Estado da Cultura, 1984-1985, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 56.

Prosseguiram a linha de orientação que vinham trilhando, ministrando cursos de desenho e pintura, estruturados para os associados que pretendiam desenvolver a actividade artística e aprofundar conhecimentos. A aprendizagem era totalmente livre, do ponto de vista da criatividade, da escolha das técnicas e dos materiais a utilizar. Os mestres eram Ângelo de Sousa³⁹⁶, Tília Saldanha, Armando Azevedo, João Dixo e Alberto Carneiro, este uma das pessoas fundamentais das novas experiências artísticas.

Tília Pedrinha Saldanha foi um marco fundamental na vida do Círculo.

[Chegada] ... a Coimbra sem ter tido formação artística profissional e com uma história pessoal de extrema dureza, espelho de um contexto de dificuldades e limitações onde a autonomia da Mulher era totalmente condicionada. Educada para um casamento a que chegou sem escolha, descobrindo-se adolescente na difícil gestão da casa e de um mundo de aparências de que se distanciará anos mais tarde, Coimbra representará mais do que a descoberta de um contexto cultural fervilhante, um espaço de liberdade onde a artista se descobriu *inteira*.

Nesta viagem para uma outra existência, Tília Saldanha passa a integrar todas as actividades desenvolvidas no CAPC de que mais tarde vem a assumir a direcção³⁹⁷.

A actividade de Tília Saldanha desenvolve-se transversalmente em vários eixos, desde exposições individuais e colectivas, acções performativas, pedagógicas e de dinamização cultural, ensino artístico em simultâneo com actividades ligadas à gestão, direcção e orientação artística da instituição que se tornara o Círculo, com toda a carga burocrática e de divulgação que um espaço como este requeria.

³⁹⁶ Carta da Fundação Calouste Gulbenkian a solicitar o Curriculum deste novo professor, 23 de Dezembro de 1969, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Carta resposta do Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Janeiro de 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 57.

³⁹⁷ RUIVO, Ana - Tília Saldanha, *Anos 70: Atravessar fronteiras: fotografia, performance, imagem em movimento: os artistas e os novos meios, em Portugal* (catálogo da exposição), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.



Fig. 52 – Túlía Saldanha

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Túlía foi professora e pintora, tornou-se com o passar dos anos num marco da vida daquela casa, especialmente no período que decorreu entre 1968 e 1988. Participando directa e dedicadamente em todas as actividades pensadas e desenvolvidas pelos professores e pelos sócios, a relevância da sua intervenção na acção cultural e na formação artística é reconhecida em variados textos críticos e de investigação que analisam a arte contemporânea portuguesa, a par do testemunho do meio artístico que ela tão bem soube valorizar e incentivar.

Será uma das sócias fundadoras do novo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) em 1980 ao levar a efeito uma

...nova definição estatutária como Organismo Autónomo da Academia de Coimbra, considerado como Organismo Cultural pela Secretaria de Estado da Cultura com autonomia artística e administrativa, cuja finalidade é o ensino, experimentação, criação e divulgação das Artes Visuais e como centro de artes colegial.³⁹⁸

E Túlía que, já quase no final dos seus dias, pede a seu irmão que a leve a fazer “Um voo em Círculo antes da morte”³⁹⁹ teve uma ligação fortíssima com o Círculo e em que a sua obra se inscreveu: “Neste tema da arte participativa ou colaborativa, não se esgotando todavia nele”⁴⁰⁰ “... Este tipo de arte foi ganhando diversas designações

³⁹⁸ SALDANHA, Luísa, Texto policopiado. Arquivo particular.

³⁹⁹ BARROS, António - Um voo em Círculo antes da morte, *Rua Larga*, Revista da Universidade de Coimbra, nº 10, 2005.

⁴⁰⁰ MACEDO, Rita - *As Partes e o Todo, o Todo e as Partes*, catálogo da Exposição - Túlía Saldanha, CAM, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p.236.

como arte social, arte comunitária, arte dialógica, colaborativa, entre outras”⁴⁰¹ e vem desse gosto e entusiasmo pela criação do objecto artístico e pelo espírito de criação, o encontro profícuo e duradouro com Ernesto de Sousa que, a 16 de Novembro de 1972, na comemoração do segundo aniversário da Galeria Ogiva, em Óbidos, marcaria profundamente todo o desenvolvimento do Círculo⁴⁰² e iniciou um trabalho colaborativo com a instituição.



Fig. 53 - ?, Rui Órfão, Túlia Saldanha, Ana Hatherly

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

3. Novos focos de intervenção e divulgação artística

Ainda no início da década de 1970, o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra pretende levar a efeito, nas suas instalações, a estruturação e organização de uma Biblioteca e de uma Galeria de Arte⁴⁰³. Seriam assim dois espaços indispensáveis a inovadoras ideias

⁴⁰¹ Idem, *ibidem*, p.237.

⁴⁰² Idem, *ibidem*, p.237.

⁴⁰³ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 31 de Julho de 1970 e de 5 de Agosto de 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 58,59.

pedagógicas, aprofundados estudos teóricos e práticos e ao acolhimento de exposições de artistas convidados⁴⁰⁴ bem como das realizadas com trabalhos dos sócios.

Na Assembleia-Geral de Janeiro de 1970 foram definidas as linhas orientadoras do Plano de Actividades desse ano e, baseado nas possibilidades materiais do Círculo, numa clara demonstração de um debate alargado e democrático⁴⁰⁵. Na linha de intervenção que se desenvolvia nos últimos anos, realizou-se uma *Tarde Infantil de Pintura e Desenho*, actividade integrada na *Semana das Comemorações do Ano Internacional da Educação* e nas *Comemorações do XI Aniversário da Declaração Universal dos Direitos da Criança*, iniciativas promovidas pelo Ateneu de Coimbra e subsidiadas pela Fundação Gulbenkian e pela Câmara Municipal de Coimbra.⁴⁰⁶

Eram iniciativas de interesse cultural e pedagógico que não tinham meios de vida próprios, daí que para a realização do evento, o Círculo tivesse de encetar diligências junto de empresas da área de Coimbra, com o intuito de ter mais apoios financeiros⁴⁰⁷ e assim conseguir realizar as actividades que se propunha.

No Plano de Actividades para os anos de 1970/1971 previam-se várias acções didáticas internas, como se constata:

Pretende esta Direcção inserir o seu programa linha de continuidade das actividades estruturadas pela Direcção anterior, para não introduzir uma quebra que de todo prejudicaria o funcionamento normal deste Círculo. Deste modo, internamente pensou-se numa reestruturação das aulas teóricas, e nesse sentido foi pedido o parecer dos Professores que muito amavelmente se prontificaram a elaborar um mapa do material mais premente para um ideal aproveitamento das aulas teóricas, mapa esse que segue em carta anexa.

⁴⁰⁴ Exposição de Lynn Chadwick, na sala do Museu Machado de Castro. Por esta carta tem-se a ideia de que a referida exposição terá tido lugar no mês de Dezembro de 1969. Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 11 de Janeiro de 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁰⁵ Acta da Assembleia Geral de Sócios, 17 de Janeiro de 1970, Livro de Actas de 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 60.

⁴⁰⁶ Cf. *O Primeiro de Janeiro*, datado de 23 de Abril de 1970: “O Círculo de Artes Plásticas leva a efeito amanhã no parque Dr. Manuel Braga, uma Tarde de Pintura Infantil, para crianças dos 6 aos 12 anos. Trata-se de uma simpática iniciativa, do mais alto interesse pedagógico e cultural que se integra nas comemorações do Ano Internacional da Educação e no 11º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos da Criança, promovidas pelo Ateneu de Coimbra e subsidiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Câmara Municipal de Coimbra”.

⁴⁰⁷ Carta enviada pela Direcção do Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, em 7 de Abril de 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 61.

Para além disso contamos poder projectar vários filmes de arte e outros que eventualmente nos forem cedidos pelos Serviços Culturais das Embaixadas, sessões essas que seriam abertas ao público em geral, no sentido de continuar a divulgação da Arte junto da população.

No plano das actividades externas, para além da habitual Exposição Anual do Círculo, pensamos continuar a dar todo o apoio e colaboração a diversos organismos culturais (para tal se torna necessário que o C.A.P. possua um número suficiente de elementos – dispositivos, livros, reproduções e gravuras – que possa ceder). Dentro destas realizações destacamos a colaboração, em gravuras existentes no C.A.P. e alguns trabalhos de sócios, prestada em Amarante no passado mês de Dezembro, cujo catálogo será oportunamente enviado a V. Ex^a.

Presentemente os Professores estudam o programa de uma possível viagem de estudo ao estrangeiro; esperamos enviar a V. Ex^a, o mais depressa possível a pormenorização desse programa.

Contamos igualmente deslocarmo-nos a Lisboa a fim de visitar o valioso e interessante Museu da Fundação Calouste Gulbenkian.

Tem ainda a presente Direcção em mente a realização dum curso intensivo de Gravura, aberto, não só aos sócios do C.A.P., mas também a outras pessoas interessadas no conhecimento técnico e prático da Gravura. Estamos certos de que esta realização despertaria o maior interesse entre os associados deste Círculo e entre todos os amantes das Artes Plásticas ⁴⁰⁸.

Desejavam que os sócios e outros interessados nas áreas artísticas, refletissem sobre as problemáticas artísticas, realizando colóquios como o *Ciclo de Conferências sobre Arte Moderna - História e Sociologia* ⁴⁰⁹, mesas-redondas e grupos de estudo e numa manifesta intenção de investimento na área expositiva, contribuindo, desta forma para que Coimbra fosse palco de mostras e exposições dos mais destacados artistas contemporâneos nacionais e estrangeiros.

Realizaram uma visita de estudo (que contou a com a participação de 35 sócios) à galeria Ogiva⁴¹⁰, organizaram uma viagem de estudo em que foram escolhidos quinze associados, dois professores do Círculo e um professor representante da Reitoria. Estas visitas de estudo subsidiadas, em conjunto, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Reitoria da Universidade de Coimbra, constituíam um ponto de dinamização interna, que reflectia uma maior consciência artística e empenho de todos os participantes.

⁴⁰⁸ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Janeiro 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 62.

⁴⁰⁹ Apresentado pelo crítico de arte Fernando Pernes.

⁴¹⁰ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Janeiro de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 63.

A dinâmica pedagógico-artística do Círculo era muito intensa, a par das visitas de estudo, inauguravam várias exposições, por vezes com um intervalo quinzenal. Em Janeiro de 1971 inaugurou-se uma exposição de esculturas de Zulmiro de Carvalho, no início de Fevereiro o Círculo envia a Artur Bual uma carta onde esclarece sobre as condições da cedência do espaço para uma exposição deste artista a realizar ainda em Fevereiro desse mesmo ano⁴¹¹, em meados de Março abre uma mostra de trabalhos de Alberto Carneiro ⁴¹², em Maio inauguram as exposições de Fernando Pinto Coelho⁴¹³, Túlia Saldanha⁴¹⁴ e Albuquerque Mendes⁴¹⁵.

Em Junho abre ao público a exposição colectiva com trabalhos de Ângelo de Sousa, Eurico, Henrique Silva, João Dixo, José Rodrigues, Júlio Resende, Manuel Cargaleiro, Nikias Skapinakis, Noronha da Costa, Nuno Barreto, Nuno de Siqueira, Relógio e Vieira da Silva e em Novembro abre uma exposição com obras de Túlia Saldanha.⁴¹⁶

Algumas iniciativas ligavam-se à área cinematográfica, com a organização de Ciclos de Cinema Documental em colaboração com a Secretaria de Estado da Cultura e da Embaixada da Bélgica. Promoveram a *Semana do Cinema de Animação Belga*, realizaram-se apresentações de documentários e retrospectivas de artistas mexicanos e franceses tendo o material utilizado sido um empréstimo das Embaixadas Francesa e Mexicana em Portugal.

⁴¹¹ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e Artur Bual, 1 de Fevereiro de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 64.

⁴¹² Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 6 de Março, de 19 de Março e de 27 de Janeiro de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 65, 66.

⁴¹³ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de Maio de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴¹⁴ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Maio de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 67.

⁴¹⁵ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Maio de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 68.

⁴¹⁶ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 16 de Junho de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Além dos apoios já referidos, nesse ano, o Círculo teve o subsídio do Secretariado para a Juventude do Ministério da Educação Nacional e o apoio da Casa de Inglaterra.⁴¹⁷

Mas havia sempre muito trabalho a desenvolver e organizar uma Sala de Convívio, onde, quinzenalmente se pudessem realizar apresentações dos trabalhos realizados pelos sócios⁴¹⁸ e dinamizar toda a Biblioteca era um trabalho que urgia ser feito. As publicações encontravam-se depositadas e a maioria tinha sido oferecida por várias editoras aquando da realização da Exposição Internacional do Livro de Arte (EILA).⁴¹⁹ Muitos alunos consultavam esses livros e era necessário ter a Biblioteca a funcionar em pleno, por isso a Fundação Gulbenkian concedeu um subsídio para a aquisição de equipamento para a montagem da Biblioteca e também da Sala de Convívio, da Sala de Projectões e da Galeria de Exposições.

Alberto Carneiro organiza, nesse ano de 1972, uma viagem de estudo à Holanda⁴²⁰, um “... centro de indispensável visita para uma informação sobre o passado e o momento presente da História das Artes Visuais”⁴²¹

⁴¹⁷ Correspondência entre a Casa de Inglaterra e o Círculo de Artes Plásticas, 19 de Janeiro de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴¹⁸ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Janeiro de 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴¹⁹ É de se salientar que aquando da distribuição do subsídio destinado a cobrir as despesas com a EILA, houve um saldo positivo final. A Fundação Calouste Gulbenkian deliberou autorizar a sua utilização para a compra de livros de arte, seleccionados pelos sócios do Círculo, e que “... se destinariam à Biblioteca Fixa da F.C.G. instalada no edifício da Associação Académica de Coimbra”. Entretanto, e até à normalização da referida biblioteca, os livros ficariam depositados nas instalações do Círculo de Artes Plástica. Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas (Alberto Esteves Remédios) e a Fundação Calouste Gulbenkian, 26 de Abril de 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴²⁰ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Fevereiro de 1972, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e o Ministério de Educação Nacional - Secretariado para a Juventude, 30 de Dezembro 1971, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴²¹ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 31 de Março 1973, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de Julho de 1972, Anexo 69 Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, o critério utilizado para decidir quais os sócios que participariam na viagem era o seguinte: “Sócios que são a maior força presente do CAPC e capazes de, futuramente, evoluírem, fazendo evoluir automaticamente o organismo”. Armando Machado Azevedo. Direcção do Círculo. Correspondência efectuada entre o Círculo de Artes Plásticas e o Dr. Carlos Alves do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Fevereiro 1972, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 70.

A ideia da realização da viagem à Holanda vinha já desde inícios do ano de 1972, como se prova pelo documento. É de salientar que no mês de Fevereiro, nesta carta enviada à Fundação Gulbenkian, fez-se uma lista com os nomes dos alunos mais interessados e que a Direcção pensava, deverem ser os escolhidos para participarem nessa viagem.

Esta viagem à Holanda teve um subsídio da Fundação Gulbenkian para se conseguir organizar e tal tinha como contrapartida o envio, por parte de todos os participantes, de um relatório detalhado da viagem, a ser enviado à Fundação até 30 de Abril, os mesmos só foram enviados em Julho.

As viagens visavam fornecer aos sócios uma outra visão da arte, com um contacto directo com os museus, galerias e artistas do passado e da contemporaneidade. Uma viagem de estudo em que se aprendesse e se convivesse com a arte, fazendo com que os alunos adquirissem melhores e mais consolidados conhecimentos.

Com a necessidade sentida pelo Círculo em se envolver com outros organismos que estivessem na vanguarda artística, estabeleceram-se contactos com a *Galeria Ogiva*, em Óbidos, esta era uma galeria que estava afastada dos grandes centros de criação e ensino que eram Lisboa e Porto e que no seu segundo ano de vida continuava a realizar um importante papel descentralizador.

O Círculo apresentou na *Ogiva* a intervenção: “Agressão com o nome de Joseph Beuys [animando] um diálogo mais importante que muitas pedagogias ex-cátedra (...) talvez promissor de futuro ...” ⁴²² como refere Ernesto de Sousa, que tem aqui um primeiro contacto com o Círculo⁴²³, iniciando um trajecto de procura de novas linguagens da arte de intervenção.

⁴²² SOUSA, Ernesto de - *Revolution My Body*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1998, p. 85.

⁴²³ NOGUEIRA, Isabel - *Artes Plásticas e Crítica em Portugal nos anos 70 e 80: Vanguarda e Pós-Modernismo*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1994, p. 114.

Em 1973, o Círculo regressa à *Ogiva* com a intervenção *Homenagem a Josefa de Óbidos* e apresenta na *Galeria Alvarez*, no Porto *A Floresta*⁴²⁴, uma instalação que já tinha sido montada no Círculo no início do ano e que era o resultado de um trabalho conjunto de Armando Azevedo, Alberto Carneiro⁴²⁵, João Dixo e Tília Saldanha. A obra consistia em diversas tiras de papel, suspensas do tecto que preenchiam toda a sala. Os objectos teriam de ser descobertos, tornando-se surpreendentes.

⁴²⁴ “Via latina. C.A.P.AC/Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: organismos autónomos de Coimbra”, in *Dossier Animação Cultural pela Academia de Coimbra*, Coimbra: Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, 1985-1986. Na sede do Círculo de Artes Plásticas, na Rua Castro Matoso, Fernando Pinto Coelho realizou “O Labirinto de papel” em 1972. Esta peça consistia em tiras estreitas de papel de cenário com três centímetros de largura, colocadas no tecto da galeria, esta ficou repleta de tiras para que as pessoas que entravam não vissem a saída, era um labirinto. A galeria era totalmente preta o que contrastava com o branco do papel. As pessoas entravam e “banhavam-se” no emaranhado de papel. Tentou assim, a transformação da pintura, a base da colocação da tela, o quadro, torna-se noutra coisa, que não o objecto. A pintura sai para o espaço, não está restrita à parede ou ao suporte. É a questão da não-objectividade, um outro tipo de expressão que prenuncia o fim do quadro como tal. Jaime Isidoro convida o CAP a realizar uma mostra na galeria Alvarez Dois, em Janeiro de 1973. Tendo como ponto de partida a premissa de Fernando Pinto Coelho, surge a “Floresta”, agora num espaço mais amplo e com a ideia das clareiras que, no meio do emaranhado de papéis, surgiam de uma forma imprevista. O espaço envolvente era exposto como o Jogo da Glória, alegoria a uma menina perdida no bosque e em que o observador podia perder-se no labirinto. O cartaz da exposição tinha o título de “Jogo da Glória”, ilustrado com um desenho do jogo com o mesmo nome e árvores, da autoria de Fernando Pinto Coelho. As cinco clareiras deste jogo eram “O circo”, de Albuquerque Mendes, centrada numa estrutura de metal, com 2 metros de altura, onde aplicou tecidos cosidos, dando um ar de antigo, remetendo para o circo e os saltimbancos que existiam na sua mocidade em Trancoso. As duas clareiras da responsabilidade de Armando Azevedo com “Embalagens Brancas” e “Oratório”. Uma outra clareira da Tília Saldanha, com a obra “Piquenique” com objectos monocromos, a negro, a um vazio da luz, uma espécie de véu feminino de luto. Outro espaço era o de José Casimiro com “Homenagem a uma bala perdida em combate” com uma forte componente conceptual, um jogo de homenagem a uma bala perdida, no momento em que o país vive a Guerra Colonial. SOUSA, Pedro Miguel Teixeira - A Obra Performativa de Armando Azevedo, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011, Dissertação de Mestrado em Estudos Artísticos, especialização em Estudos Teatrais e Performativos, Mestrado em Estudos Artísticos Estudos Teatrais e Performativos.

⁴²⁵ Sobre a obra de Alberto Carneiro é importante consultar ROSENDO, Catarina - *Alberto Carneiro-Os Primeiros Anos (1963-1975)*, Edições Colibri, 2007.



Fig. 54 – A Floresta, Alberto Carneiro

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas e Arquivo do Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa

Com esta intervenção os artistas pretendiam:

Despertar os espíritos menos esclarecidos para a linguagem actual da Arte dita moderna e que, afinal não é mais do que a expressão do Homem dos nossos dias atento aos fenómenos culturais e sociais da comunidade local e universal.

A Floresta, forma vegetal plena de características ideográficas e bioplásticas, serviu de tubo de ensaio para o tratamento de alguns pensamentos-chave originalmente concretizados num trabalho colectivo.

Desde o motivo central, cuja técnica, de carácter sempre eloquente no seu monocromatismo positivamente negativo, a autora prossegue encantada; à intencional harmonia, construtiva coexistência de padrões filosóficos de todos os matizes, desde os aparentemente irreduzíveis aos de romântico substrato representados por um conjunto de tecidos-cortina, circular recinto em que qualquer um pode penetrar com um gesto espontâneo, instintivo; passando, através o insólito, difícil e intrigante emaranhado de árvores-fitas verticais, que propositadamente desafia o visitante, ao felicíssimo tema do pequeno “altar atraído”, em que se põem em contraste duas ideias fundamentais e incomparáveis: o acaso e a certeza, o material e o espiritual, o transitório e o constante; e ainda atentando e reflectindo profundamente no poderoso e universal tema da “bala perdida”, toda a composição transpira o objectivo de provocar no visitante idóneo o choque saudável e indispensável para uma análise fria dos problemas propostos, que são flagrantemente actuais e de todos os tempos.

Eis algumas reflexões que ressaltam depois de atenta visitam à última e presente exposição do CÍRCULO, em que moços Artistas, superiormente orientados e plenos de Ideal, teimam em dar o exemplo de luta difícil por uma posição de vanguarda no espinhoso e ingrato mas glorioso campo da criatividade plástica que, ao contrário do que tantos supõem, é palco de trabalho intenso, persistente, ardoroso, incompreendido, que se não compadece com a desgastante vida de café de muitos dos “nossos” pretensos artistas e intelectuais medíocres⁴²⁶.

⁴²⁶ SANTOS, J. Plácido - A Floresta na Galeria Círculo, in *Diário de Coimbra*, (6 Abr. 1973).

O ano de 1973 foi profícuo em intervenções e ideias inovadoras, com a *performance A Nossa Coimbra Deles*⁴²⁷, que era uma caracterização da população de Coimbra e da vida universitária, com a intervenção de Tília Saldanha, João Dixo, Alberto Carneiro e alguns outros elementos do Círculo.

Pretendia-se visualizar, de modo exemplar, o vazio, a acumulação e o aborrecimento exasperante do quotidiano que marcam, de maneira indelével, a vida universitária de Coimbra.

A ausência do objecto real da exposição (o estudante) e do seu cronista (o artista) dava, por isso mesmo, ao envolvimento (onde tudo era levado ao paroxismo) um carácter de provocação, até ao excesso, que implicava sérios riscos. Um envolvimento/performance onde uma das singularidades mais flagrantes era sem dúvida, a omnipresença sufocante do artista fisicamente ausente⁴²⁸.

Para realizarem esta intervenção o espaço/sede do Círculo foi totalmente modificado e para tal “cria um envolvimento simultaneamente crítico, satírico, irónico e fortemente sugestivo pondo em evidência certas características da população desta cidade de passagem”⁴²⁹ e o impacto e curiosidade suscitada foram enormes, fazendo desta iniciativa um evento artístico ímpar em Coimbra, até essa altura.

Nesse ano de 1973, o Programa de Actividades apresentava uma novidade, a *Criação Colectiva*, que tinha por mentor o professor Alberto Carneiro⁴³⁰.

A direcção do Círculo de Artes Plásticas vem, por este meio, declarar que o escultor Alberto Carneiro tem vindo desde 1971, a exercer nesta secção académica o cargo de Professor com toda a competência, orientando um trabalho de alto nível pedagógico, nomeadamente com o curso de educação visual, ministrado no passado ano lectivo aos sócios do Círculo de Artes Plásticas.

Tem também esta secção contado com o seu máximo apoio em todas as actividades, não só internas como externas (exposições, colóquios, debates, viagens de estudo, etc.), reconhecendo desta forma no escultor Alberto Carneiro um colaborador entusiasta e dedicado, não só no

⁴²⁷ Texto de *Nossa Coimbra Deles*, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 71.

⁴²⁸ “Via Latina. C.A.P.AC/Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: organismos autónomos de Coimbra, in *Dossier Animação Cultural pela Academia de Coimbra*, Coimbra: Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, 1985-1986.

⁴²⁹ AMARO, Margarida Lebreiro - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: no viver o elogio dos oásis, in *Mundo da Arte - Revista de Arte, Arqueologia e Etnologia*, Coimbra, 2ª S., Jan-Mar- 1990, p. 46.

⁴³⁰ CARLOS, Isabel - *Alberto Carneiro*. Lisboa: Editorial Caminho, 2007, p. 6., NAZARÉ, Leonor - *Alberto Carneiro, A.A.V.V.*, Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão: Roteiro da Colecção, Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, p. 126-128.

exercício das suas funções específicas, mas também em toda a dinâmica que imprime a esta colectividade cultural ⁴³¹.

A *Criação Colectiva* consistia na realização de exercícios de manipulação colectiva, sem esquemas pré-definidos que tinham como objectivo motivar os sócios para a consciencialização dos valores do objecto que se pretendia transformar. Para incentivar a criatividade, pretendia-se que vários materiais fossem utilizados, sem que fosse uma obra acabada. Era um processo em aberto, um objecto de estudo e de experimentação que tinha como objectivo o desenvolvimento de diversas actividades criativas.

As aulas teóricas analisavam: “Situações estéticas (...), apreciação e confronto de obras, exposições visitadas pelo Círculo ou efectuadas pelo mesmo, o processo fisiológico e psíquico da emoção estética, base dos movimentos artísticos”.⁴³²

Como fruto de todas as ideias inovadoras que estavam a surgir no Círculo, nasce o *Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas (GICÍRCULO)*, um projecto que visava divulgar a revolta dos seus mentores, que passam a interagir com o espaço urbano. O projecto do *GICÍRCULO* assumia-se como um projecto de intervenção na *Performance-Art*.

Nesse mesmo ano, a Direcção propõe a realização de uma viagem de estudo a Paris⁴³³, mas a vida económica do Círculo era uma constante incerteza, estando sempre todas as iniciativas suspensas das decisões de apoio ou não apoio da Fundação Gulbenkian. Por vezes essas dificuldades eram o motor para a realização de mais e melhores actividades e, como veremos, o ano que se iniciou com complexidades veio a ser um dos anos de maior actividade.

O Círculo contava com 100 sócios e o Programa de Actividades tinha duas fortes linhas de actuação: uma interna, com o Curso de Atelier, com trabalho prático após a

⁴³¹ Declaração do Círculo de Artes Plásticas, 31 de Dezembro de 1973, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 72

⁴³² Plano de Actividades: 1973-1974 do Círculo de Artes Plásticas, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴³³ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 13 de Março 1973 e 15 de Março de 1973, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 73.

abordagem teórica dos temas, com vista a uma melhor habituação à manipulação de materiais, e a outra, ligada à formação de Grupos de Estudo, com interesse teórico. Estas duas iniciativas originaram o Curso de Iniciação Estética.

Foi também ideia dos sócios que, para além destas actividades e servindo de base ao trabalho a desenvolver em *atelier*, se organizasse um Curso de Composição. Este consistiria na análise de elementos e qualidades da composição formal e na observação do modo como os elementos e qualidades estavam distribuídos sobre o suporte. Existia a preocupação de facultar uma preparação técnica e aprofundada, com vista a uma melhor elaboração das obras finais.

Nestes anos o caminho do Círculo virava-se para o exterior, através da realização de exposições, intervenções individuais e colectivas e do convite a artistas nacionais contemporâneos, para participarem nesta mudança.

Parte IV

Capítulo 1 - Aniversário da Arte 1.000.011º

Ernesto de Sousa organizou, no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, a 17 de Janeiro de 1974, uma festa comemorativa do 1.000.011º Aniversário da Arte, no seguimento da ideia de Robert Filliou de comemorar o aniversário da arte. Esta comemoração contou com a colaboração de Túlia Saldanha, António Barros, João Dixo, Alberto Carneiro, Armando Azevedo, Albuquerque Mendes, Fernando Pinto Coelho, Miranda, Teresa Loff, Alfredo Pinheiro Marques, Ção Pestana, Avelino Sá, Luísa Saldanha, Margarida Mestre e Vítor Diniz.⁴³⁴

Numa carta-convite, Ernesto de Sousa expôs os objectivos da comemoração:

“UMA FESTA PARA CELEBRAR O 1.000.011º ANIVERSÁRIO DA ARTE

Queridos Amigos

Em 1963 um amigo nosso, Robert Filliou, ao escrever um poema intitulado “Histórias Segredadas da Arte”, teve a intuição de que tudo tinha começado em 17 de Janeiro há um milhão de anos. Como a existência do Homem sobre a Terra está verificada precisamente, há cerca de um milhão de anos, o arbitrário daquela data torna-se secundário, e é pacífico proclamar:

HÁ UM MILHÃO e 11 anos ARTE E VIDA HUMANA EXISTIAM E CONFUNDIAM-SE...
POR QUE NÃO CELEBRAR ESTA DATA? ...

...numa FESTA, sem arte (convencional) mas que seja ela própria uma verdadeira afirmação de identidade possível e necessária entre a Arte e a Vida?

Para isso NÓS vamos reunir-nos no C.A.P., em Coimbra, com a ideia maior de um convívio simples, gratificante e generoso. ESTAR JUNTOS alegremente e amigavelmente - e saber que isso mesmo se verificará em mais alguns pontos do mundo, num espírito comum. Já o ano passado, em Aix-la-Chapelle se celebrou esta festa. Foi um êxito: houve largadas de balões, música, cerveja, centenas de velas acesas e bolo de aniversário num salão do séc. XVIII cedido pelo Museu local. Este ano repetir-se-á na mesma cidade, em Berlim (onde estará Robert Filliou), em Coimbra, porventura no Canadá e noutros sítios. Enviaremos a uns e aos outros as nossas congratulações e lembranças, a pretexto da Arte e para que seja possível que ARTE e VIDA SE CONFUNDAM em vez de se divorciarem: “A ARTE DEVE VOLTAR AO POVO, AO QUAL ELA PERTENCE”.

A qualquer hora que te convenha VEM TER CONNOSCO. E SE TE FOR POSSÍVEL TRAZ QUALQUER COISA: uma ideia fecunda para um divertimento bom qualquer; um bolo ou muitos

⁴³⁴ Catálogo da exposição Ernesto de Sousa, *Revolution My Body*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, CAM-JAP, Junho 1998.

bolos; uma garrafa de belo vinho tinto (ou outro, e não te esqueças dos copos, mesmo de papel); velas para fazermos iluminações à noite (e mandarmos uma vela simbólica aos nossos amigos de longe); fitas, panos ou papel para ornamentações, etc., etc. MAS SOBRETUDO VEM TU PRÓPRIO, PARA UM GRANDE ABRAÇO; UM GRANDE APERTO DE MÃO COLECTIVO. Não vais por isto esquecer os teus problemas, e os dos outros que te preocupam, vais talvez é ficar mais confiante para os enfrentar depois. Na melhor das hipóteses. Seja como for: um dia de alegria, será pedir muito? Julgamos que não. E por isso vamos terminar com as palavras do nosso amigo, o “petit Robert”:

POR UM DIA AO MENOS; DEMOS LUGAR À ALEGRIA; AOS DIVERTIMENTOS... TAL COMO ACONTECE NO CARNAVAL, DEIXEMOS CORRER O FIO! TU E A TUA FAMÍLIA; OS TEUS AMIGOS; O TEU “PÚBLICO”, FESTEJAI SE VOS APETECER, E TANTO QUANTO VOS APETECER: PROPAGAI A NOTÍCIA, A ESPERANÇA. CONVIDAI TODAS E TODOS, E ESPECIALMENTE TODOS OS HOMENS E MULHERES QUE MANEJAM AS ALAVANCAS MAIS OBSCURAS DA GIGANTESCA INDÚSTRIA ARTÍSTICA: DOMÉSTICAS, CONDUTORES, GUARDAS, CONTÍNUOS, SECRETÁRIAS, DACTILÓGRAFAS, GRÁFICOS - E, BEM ENTENDIDO, OS “IRMÃOS E AS IRMÃS INIMIGAS” DO MUNDO ARTÍSTICO: ARTISTAS, “MARCHANDS”, COLECIONADORES, CRÍTICOS, DIRECTORES DE MUSEU e GALERIAS... POR UM DIA, AO MENOS, RECONCILIADOS...VAMOS CELEBRAR?

Com Robert Filliou, Ernesto de Sousa, Círculo de Artes Plásticas Coimbra

N.B: A morada do C.A.P. é R. Castro Matoso, 18. Coimbra” ⁴³⁵.

Para celebrar este Aniversário da Arte, as instalações do Círculo foram totalmente modificadas num espaço de convívio, dinamização e experiência artística com inúmeras actividades. Fizeram a montagem de um labirinto numa das salas, de um escorrega nas escadas, de uma sala de pintura livre e de uma sala de meditação. Foi todo um espaço modificado e dinamizado com vista a criação artística, o inter-relacionamento e a descontração entre professores, sócios e público. O Círculo teve todo o interesse em organizar esta comemoração: “... quer pela reflexão e movimentação a que essa realização obrigava quer mesmo pela possibilidade de novos contactos e consequente projecção do círculo no meio artístico” ⁴³⁶ e Albuquerque Mendes criou a seu primeiro *happening*, fazendo centenas de flores de papel, semelhantes às utilizadas para

⁴³⁵ Declaração do Círculo de Artes Plásticas, de 20 de Novembro de 1974, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. SOUSA, Pedro Miguel Teixeira - A Obra Performativa de Armando Azevedo, Coimbra: FLUC, 2011, Dissertação de Mestrado em Estudos Artísticos, p. 31.

⁴³⁶ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Janeiro de 1974, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

embeleazar os carros que integram o cortejo da Queima das Fitas, onde se lia a inscrição *A arte é bela, tudo é belo*, colocada em sacos e embrulhados em vários tecidos. Numa viagem entre Porto e Coimbra foi distribuindo as flores pelas pessoas que seguiam no comboio, marcando o percurso e prolongando a extensão da atitude artística. Ao chegar a Coimbra, diante da fachada do Círculo estendeu, na entrada do edifício, uma série de tecidos com padrões de flores, para marcar o espaço de território da manifestação colectiva, tal como se fosse uma passadeira vermelha a marcar o caminho e a dar as boas-vindas aos que passavam na rua.



Fig. 55 – Aniversário da Arte: intervenção de Albuquerque Mendes na Rua Castro Matoso nº 18, fronteira à sede do Círculo de Artes Plásticas

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas e Arquivo do Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa

Um labirinto, idealizado por Alberto Carneiro, foi colocado no sótão e o público era confrontado com grandes quantidades de cartão canelado que faziam as paredes do intrincado esquema.



Fig. 56 – Labirinto situado no sótão da sede do Círculo de Artes Plásticas

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Outro momento lúdico foi o do escorrega, construído por dois antigos sócios, José Martins e Vítor Magalhães, que, partindo do sótão, desembocava numa das salas, num chão repleto de almofadas. Esta instalação visava conciliar o prazer e o lado lúdico com a fruição do objecto em si.



Fig. 57 – Escorrega montado nas escadas do edifício do Círculo de Artes Plásticas

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Muitas foram as pessoas que visitaram e participaram nesta grande festa comemorativa da arte. As várias salas do Círculo foram utilizadas para bailes, música, jogos, comidas, bebidas, repouso e divertimento.



Fig. 58 – Espaços de divertimento e descontração montados na sede do Círculo de Artes Plásticas

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Uma sala da descontração, um labirinto, um escorrega... a cidade, principalmente o meio não-estudantil, fez-se ouvir com voz forte, discordante e crítica, não entendendo o sentido destas manifestações, conotando os sócios e membros do Círculo com um lado marginal da sociedade. Não entendendo como tais manifestações se interligavam com a criação artística.



Fig. 59 – Negativos das fotografias da festa e dos vários espaços de divertimento e descontração montados no Círculo de Artes Plásticas
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

1. O ano de 1974 - uma nova visão artística

No ano de 1974, em colaboração com a Fundação Gulbenkian, que emprestou os filmes, foi organizada, no Teatro Académico de Gil Vicente, a retrospectiva do pintor espanhol Juan Miró. Como os sócios e os estudantes em geral demonstraram interesse, a Direcção passou a organizar, com um carácter regular⁴³⁷, mostras de filmes documentais sobre artes visuais, tendo o apoio da Fundação Gulbenkian e do Centro de Estudos Cinematográficos.

O ano de 1974 foi o da Revolução de Abril, de constante agitação, mudança e esperança, grande euforia se fazia sentir nos mais variados campos da sociedade, da cultura, da política, enfim, da vida...A queda da Ditadura e a passagem para um regime democrático fizeram com que muito na sociedade e na vida quotidiana se modificasse e se refletisse na criação artística.

Com a revolução política não se dá uma revolução cultural, existirá antes uma fragmentação, em que as artes associadas à *performance* se irão incluir, com toda a sua originalidade, actualidade e marginalidade.

A performance foi entendida como algo excêntrico, uma verdadeira arma de provocação, mas, simultaneamente, como uma jovem, inovadora e contemporânea visão artística. Foi, assim, apontada como reveladora de uma nova sensibilidade afastada da inércia cultural da época ⁴³⁸.

Urgia alertar e sensibilizar o público para se interessasse pela criação artística, as novas linguagens exigiam um esforço suplementar, por parte dos artistas, para quebrar as barreiras do inconformismo, como referiu Egídio Álvaro⁴³⁹. A arte rompeu o seu espaço tradicional, bem delimitado e confinado para, sem complexos, sair para a rua ao encontro das pessoas. O espaço público passa a ser um local dinamizador de uma nova

⁴³⁷ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Novembro e de 23 de Novembro de 1974, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 74.

⁴³⁸ Cf. RUÃO, Carlos - Performance prospectiva portuguesa: o Grupo Cores e o panorama da Performance em Portugal nos anos 70, *GICAPC-CORES76/78*, Coimbra, 2010, p. 25-49; ÁLVARO, Egídio - *Performances: actions – interventions – rituels – situations – comportements – installations*, Diagonale, 1981.

⁴³⁹ Cf. ÁLVARO, Egídio - *Identidade cultural e massificação*, Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1977, p. 25.

ideia artística e estética, um local improvável e inusitado. Onde as obras, os artistas e as mensagens se confundem com o quotidiano das populações.

2. A Revolução

Em Setembro de 1974, o Círculo envia à Fundação Gulbenkian, a lista das propostas de actividades que ainda desejava realizar nesse ano:

Neste início de um novo ano de actividade vimos apresentar a V. Ex^a um relatório do estado actual do Círculo de Artes Plásticas, do que se tem feito neste período introdutório e do que se tenciona fazer no futuro.

Uma série de Assembleias Gerais em que foram propostos vários programas de actuação dos quais o mais votado foi aprovado e que passamos a expor em linhas gerais:

O programa aprovado constava de uma primeira fase de trabalhos de limpeza e pequenos trabalhos de arranjo no edifício de maneira a melhorar o ambiente a qual ficou concluída até 31 de Julho. Numa segunda fase a partir dessa data definiu-se o programa de actividades para o próximo ano, que consta de folha anexa que foi distribuída aos órgãos de informação e estabelecimentos de ensino, e reestruturou-se os serviços de administração de maneira a torná-los mais eficientes. Ao mesmo tempo montou-se uma exposição de sócios o qual já foi comunicado a V. Ex^a oportunamente que estará patente até 15 de Outubro a qual se seguirá uma outra do sócio Albuquerque Mendes e várias outras já em estudo.

Durante este mês e até ao começo das actividades estaremos empenhados numa divulgação do organismo a qual será feita através da divulgação da folha anexa por todos os meios possíveis e ainda da divulgação das pequenas vinhetas, que junto enviamos, junto de toda a população da cidade.

Contamos dentro em breve começar com as obras da cave para a utilização do subsídio concedido por V. Exas e para o qual se estão a fazer estudos.

Queremos também deixar a sugestão de o início das actividades ser antecipado para 1 de Outubro futuramente⁴⁴⁰.

No mês de Outubro a Direcção do Círculo pede à Fundação Calouste Gulbenkian um subsídio vincando, na carta que lhe dirigiu, a dificuldade com que sempre lutaram para conseguir dinamizar todas as actividades:

⁴⁴⁰ Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Setembro de 1974, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 75.

... Considerando o programa geral enviado a essa Fundação em 30/9/74, vimos pedir a imprescindível participação da Fundação Calouste Gulbenkian no sentido de serem renovados os subsídios abaixo indicados:

1 – Renda da casa (Esc. 4.000\$00 mensais)

2 – Material de atelier (Esc. 2.000\$00 nos sete meses de actividade do CAP)

3 – Honorários dos Professores (6.000\$00 a cada um, durante os sete meses de actividade)

Quanto a este último ponto, temos conhecimento da possibilidade de pedido de actualização dos honorários, por parte dos Professores ⁴⁴¹.

No final de 1974 é enviada uma carta/relatório à Direcção da Associação Académica, em que consta a listagem de actividades realizadas:

Tem o Círculo de Artes Plásticas procurado, nos últimos anos, desenvolver a sua actividade em dois sentidos predominantes:

I – Uma actividade interna – trabalho prático dos sócios, que no momento se cifra em mais de cem; aulas em que são ministrados conhecimentos básicos de pintura, desenho e educação visual – onde os sócios fazem uma necessária habituação de manipulação de materiais; e também aulas de projecção.

INICIAÇÃO ESTÉTICA

II - Uma actividade que se pretende cada vez mais voltada para o exterior – realização de exposições (de artistas que interesse divulgar e o CAP veja possibilidades de os trazer à sua galeria; de sócios do CAP, individuais ou colectivos; e de outras mostras do trabalho desenvolvido pelo Organismo).

Procuraremos ainda continuar a desenvolver outras realizações como colóquios e conferências, além de outro tipo de intervenção no exterior (na cidade e fora dela) conforme as oportunidades que surgirem.

Neste sentido já o CAP fez diligências – por si ou por iniciativa de sócios – de participação e colaboração com outros Organismos e Galerias.

- DIVULGAÇÃO ESTÉTICA. ⁴⁴²

O Círculo passou por dois períodos distintos. O período pré-revolucionário que se pode definir pela procura e experimentação e o período pós-revolucionário, um período de

⁴⁴¹ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas com a Fundação Calouste Gulbenkian, 21 de Outubro de 1974, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 76.

⁴⁴² Correspondência do Círculo de Artes Plásticas com a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra, 23 de Dezembro de 1974, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 77.

vanguarda e de experimentação, com forte ligação à *Performance*, às aulas práticas e à interligação entre várias áreas.⁴⁴³

Muito daquilo que ao longo do tempo tinham proposto fora já realizado e a dinâmica do Círculo não parava. No ano de 1975, foi eleita uma Comissão, com o apoio de todos os sócios que nela quisessem colaborar, para pôr em funcionamento o Plano de Actividades que, anualmente, se elaborava, tentando transformar um programa idealizado num programa realmente viável ⁴⁴⁴.

Em carta dirigida à Fundação Gulbenkian referem:

Aproveitamos a oportunidade par dar conhecimento do programa de reestruturação do C.AP., aprovado em Assembleia Geral, realizada no dia 1 de Fevereiro p.p. e elaborado por uma comissão eleita para o efeito, com o apoio de todos os sócios que nele quiserem colaborar.

Considera-se que toda a actividade do Círculo deverá ser orientada no sentido de dar satisfação a propostas feitas pelos sócios (escritas ou verbais, individuais ou colectivas ou através de comissões). Implicitamente considera-se que a vida e actividade do Círculo será tanto mais válida e mais interessante, quanto maior for o valor e interesse colocado pelos sócios ao serviço do organismo, o mesmo é dizer, ao seu próprio serviço. Os sócios devem, pois, tomar consciência de que tudo de bom ou de mau se fizer no Círculo é sobretudo da sua responsabilidade.

Nesse sentido poderá ser incentivado o interesse dos sócios:

Actividades já existentes no âmbito das aulas;

Actividades em formação, tais como serigrafia e gravura, banda desenhada, cerâmica, escultura, etc.;

Criação de grupos de estudo, com base teórica, no intuito de uma discussão aberta para o aprofundamento dos conhecimentos artísticos;

Promoção de colóquios, exposições e projecções de filmes;

Participação em realizações exteriores;

Utilização da cave – montagem na cave de uma pequena oficina de carpintaria;

Arranjo do Círculo e sua conservação;

⁴⁴³ SOUSA, Pedro Miguel Teixeira - A Obra Performativa de Armando Azevedo, Coimbra: FLUC, 2011, Tese de Mestrado em estudos artísticos, p.27.

⁴⁴⁴ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de Novembro de 1975, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 78.

Rés-do-chão – Biblioteca: aquisição de móveis e candeeiros adequados a leitura nocturna;

Sala do fogão: transformação em sala de convívio – aquisição de móveis e de um gravador que será também utilizado em exposições e colóquios;

1º andar – Sala grande: destinada a projecções, salas de iniciação estética e colóquios. Aquisição de cadeiras e limpeza de paredes, após a qual seriam decoradas com trabalhos de sócios e uma delas com uma pintura colectiva.

Outras duas salas: funcionarão como atelier;

2º andar – duas salas: funcionarão atelier;

A outra sala destinada a serigrafia e outras actividades.

Cave – utilização a determinar segundo as necessidades.

Considerando que, neste momento, os objectivos gerais do C.A.P devem ser:

1-Iniciação estética e artística dos sócios – conhecimento das técnicas e materiais:

2-Consciencialização de todos os problemas relativos à Arte;

3-Divulgação crítica e polémica das Artes Plásticas e a problemática artística em geral e em especial no panorama artístico português;

4-Consciencialização e valorização pessoal dos sócios através de teorização e de práticas individuais e colectivas.

Propõe-se:

Que a gestão interna do C.A.P. se organize em dois órgãos fundamentais:

a) Direcção – composta por 5 sócios, que distribuirão entre si as funções de gestão

administrativa e burocrática do C.A.P. e de coordenação das actividades existentes.

b) Conselho Artístico e Dinamizador – composto por 3 sócios mais 2 professores, responsável pela incentivação das actividades pedagógicas e artísticas e pela dinamização de toda a vida interna do C.A.P.⁴⁴⁵

A Direcção desejava que os associados se sentissem envolvidos e mostrassem interesse nas actividades para que fossem aumentando e melhorando e que surgissem iniciativas

⁴⁴⁵ Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 14 de Fevereiro de 1975 e Nova Direcção e programa de reestruturação, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 79.

sugeridas pelos próprios sócios, como veio a ser com o *atelier* de Serigrafia e o de Banda Desenhada.

Nesta época os alunos mostravam um maior empenho. É pedido aos docentes que, com antecedência, afixem as matérias e a bibliografia, podendo os alunos sugerir assuntos e temas mais livres, a serem trabalhados nas aulas teóricas. Desta forma passaria a haver uma maior relação entre matérias, professores e alunos e um maior dinamismo pedagógico. Tenta-se ter uma visão mais democrática do ensino, em que professores e alunos participam, de forma igual com a finalidade de transmitir conhecimentos e de interagir entre todos os que compõem o espaço de ensino e criatividade.

O Conselho Artístico e Dinamizador organizava colóquios e toda a actividade dos Grupos de Estudo, esta organização e dinamização não tinham paralelo nas dinâmicas educativas das outras escolas de arte portuguesas, eram conceitos inovadores e didácticos muito diferentes do que se realizava à época no ensino artístico.

Já no final de 1975, o Círculo envia uma carta à Fundação expondo o que eram as suas ideias para novas dinâmicas e iniciativas pedagógicas, começando com a criação de um curso de Educação Visual:

Assim, para uma maior interpenetração das várias actividades (aprendizagem de técnicas, criatividade individual e colectiva, estudo e investigação estética, divulgação e dinamização artístico-cultural e outras de possível realização), teremos que nos apoiar em moldes de funcionamento e respectivos orientadores que concorram para estes objectivos. Achamos, pois, imprescindível a existência no C.A.P. de pessoas suficientemente aptas que colaborem em regime permanente na educação da sensibilidade, sobretudo visual.

Pensamos que a melhor forma de o conseguir seria montar um curso de educação visual que duraria todo o ano e que, para além da colaboração do professor Alberto Carneiro, semanalmente, seria coordenado e impulsionado diariamente, por Armando Azevedo (antigo sócio do C.A.P., dedicado ao estudo e investigação dos problemas da linguagem e comunicação).

CURSO DE EDUCAÇÃO VISUAL

Os sócios do CAP, reunidos diariamente, começariam por aulas teórico-práticas em que os signos da linguagem, sobretudo plástica, seriam analisados do seguinte modo:

A – Fazendo-se:

1 – A descoberta das forças de ponto, da linha, da mancha, da cor, etc...

2 – A redescoberta de todo o tipo de objectos que nos rodeiam nas suas funções de signos

3 – A análise da linguagem, mas sentido completamente amplo, em relação à sociedade de um determinado momento e dum determinado lugar

4 – A análise da transformação da linguagem através das mutações na sociedade e influências possíveis da linguagem nessa sociedade.

B – Trabalhando-se todo o tipo de materiais, conseguindo-se em cada aula a consciencialização prática da análise teórica simultânea.

Este curso será o fundamento de:

1 – Trabalhos de criatividade individual, nele fundamentado, mas com carácter de obra mais trabalhada, mais acabada, mais duradoira, que iriam sendo elaborados em horas diferentes das dedicadas ao curso teórico-prático

2 – Trabalhos de criatividade colectiva que agrupariam determinadas pessoas (todas as interessadas) durante um certo tempo quer no interior do organismo quer no exterior

Obs. Quanto aos trabalhos colectivos no exterior pensamos fazer incidir a nossa actuação em zonas bem determinadas e duma forma contínua evitando a todo o custo qualquer tipo de realizações com carácter esporádico.

Resumindo, teríamos fundamentalmente nesse curso:

- Trabalhos começados e acabados em cada aula

- Trabalhos contínuos de criação colectiva

- Trabalhos contínuos de criação individual

Todos estes trabalhos terão que ter a apoiá-los um atelier que funcione duma forma o mais organizada possível servindo ao mesmo tempo as pessoas que se queiram dedicar a trabalhos (pintura, cerâmica, serigrafia, etc...) de carácter estritamente individual.

Para orientação permanente do atelier contamos com a participação da pintora Túlía Saldanha ⁴⁴⁶.

Em carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian em Junho de 1976 são referidas várias actividades que foram desenvolvidas durante o ano de 1975:

... 23/2/75 – Colóquio de Ernesto de Sousa sobre “A necessidade de uma Vanguarda em Portugal”,

12/4/75 – Abertura da Exposição de textos e Imagens sobre “A Vanguarda Russa e O Realismo Social” e o respectivo colóquio, pelo Prof. Alberto Carneiro

⁴⁴⁶ Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas com a Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de Novembro de 1975, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

3/5/75 – Colóquio sobre “A Vanguarda Artística e a Subversão revolucionária (1965/75)”, por Prof. Alberto Carneiro

10/5/75 – Abertura da Exposição de 10 Artistas do Porto

17/5/75 – Colóquio sobre a “Exposição dos 10 Artistas do Porto

24/5/75 – Colóquio sobre “A Jovem Pintura Portuguesa no Contexto Europeu” por Egídio Álvaro

“Tarde de pintura Infantil”⁴⁴⁷ com as crianças do Bairro da Conchada, no âmbito da colaboração prestada pelo CAPC ao Plano SAAL⁴⁴⁸

26/5/75 - Abertura da exposição “Meu canto de Rojo” por dois artistas brasileiros

27/5/75 - Colóquio sobre a exposição do dia anterior

31/5/75 – Sessão de artes plásticas com os reclusos da Casa de reclusão Militar de Tomar.⁴⁴⁹

Por esta análise se constata que os planos didáticos, pedagógicos, educativos e de inserção de comunidades muito diferentes, eram aspectos de base na actividade promovida pelo Círculo.

3. A vertente pedagógica do Círculo de Artes Plásticas – criação e actividade fora de portas

No que se refere à vertente pedagógica levada a cabo pelo Círculo, importa especialmente salientar o papel de Túlia Saldanha e de Alberto Carneiro que colocaram

⁴⁴⁷ Factura da Fábrica Triunfo referente a bolachas e rebuçados dados às crianças participantes. 21 de Abril de 1970, Pedido do Círculo de Artes Plásticas à Fábrica Triunfo, 6 de Abril de 1970, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 80, 81.

⁴⁴⁸ “Nascido da Revolução de 25 de Abril de 1974 em Portugal, o SAAL - Serviço Ambulatório de Apoio Local, desencadeou um dos mais empolgantes processos da arquitectura do século XX. Foi uma experiência pioneira no contexto europeu que propunha a constituição de brigadas técnicas lideradas por arquitectos que, em colaboração com as populações, tinham por objectivo enfrentar as prementes necessidades habitacionais de comunidades desfavorecidas em todo o país”, numa revolução, o que pode a arquitectura?, O Processo SAAL: Arquitectura e participação 1974-1976, coord. Maria Burmester, Fundação de Serralves, 2014, p. 3.

⁴⁴⁹ Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas com a Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Junho de 1975, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 82.

a tónica na Educação Visual e Artística de um outro público, até então arredado das linhas programáticas do Círculo, com a realização da “Sessão de Artes Plásticas” com reclusos da Casa de Reclusão Militar de Tomar e, principalmente, no que se refere à dinamização da “Tarde de Pintura Infantil” com as crianças do Bairro da Conchada (mais frágeis e desfavorecidas economicamente), inserida na colaboração prestada pelo Círculo ao Plano SAAL



Fig. 60 – Actividades desenvolvidas com público infantil, Bairro da Conchada, 1973-1976

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

A educação pela arte e a inserção dos excluídos através das dinâmicas educativas e artísticas, chamando ao de cima o que de melhor existe no indivíduo, foi um dos pontos fundamentais de trabalho de Túlia Saldanha, como pedagoga.



Fig. 61 – Actividades desenvolvidas com público infantil, Bairro da Conchada, 1973-1976

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Túlia tinha sido docente na Escola João de Deus (1971-1972), na Escola de Enfermagem Rainha Santa, no Externato Filipa de Lencastre (1973-1974) e no Centro de Observação Anexo ao Tribunal de Menores (1974 e onde esteve até à sua morte), dedicando parte do seu tempo ao estudo da pedagogia, da pedagogia artística e das funções do processo educativo.⁴⁵⁰

O seu trabalho como educadora foi reconhecido já mesmo no fim da sua vida, por um convite para estar presente na sétima edição da ARCO Madrid - ARCO 88 -, como participante de uma mesa redonda...⁴⁵¹

Muito faltou fazer a Túlia, que cedo deixou este mundo, mas muito ficou feito, as sementes foram lançadas e as raízes foram-se alastrando.

No Círculo a actividade, nesse ano, sofre alterações, o número de sócios aumentou (talvez devido a um número crescente de alunos universitários e a uma maior liberdade de expressão visual e artística), o número de cursos aumenta também e os horários são alargados.

A actividade pedagógica era da responsabilidade de Alberto Carneiro, Armando Azevedo e Túlia Saldanha que pretendiam conseguir a interação de actividades, a criatividade, o trabalho individual e colectivo, o conhecimento e utilização de técnicas diversificadas, o conhecimento estético e a divulgação e dinamização de todo o grupo de sócios e frequentadores das suas aulas. Tentava-se que o produto final fosse fruto de intensa prática criativa e de interdisciplinaridade, era igualmente necessário que se juntassem ao Círculo pessoas com forte apetência para a cultura visual e para a área pedagógica. O Curso de Educação Visual, coordenado por Armando Azevedo, direccionava-se para o estudo e investigação da problemática da comunicação e linguagem visual.

Em Julho de 1976, informam a Fundação Calouste Gulbenkian:

⁴⁵⁰ COUTINHO, Liliana, FABIANA, Rita - *Túlia Saldanha*, Catálogo da Exposição - Túlia Saldanha, Lisboa: CAM – Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 21.

⁴⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 20.

Vimos, na medida do possível, informar V. Ex. da forma como decorreram as actividades no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra durante o ano lectivo.

Neste ano lectivo, as actividades no Círculo de Artes Plásticas funcionaram todos os dias das 15 às 19 e a partir das 22 horas.

Para além das actividades pedagógicas internas: Curso de Educação Visual, ateliers de pintura, escultura e cerâmica, preparação de 10 elementos dos Serviços Cívicos (propostos este ano pelo Serviço Cívico Estudantil ao CAPC).

Paralelamente foram desenvolvidas as seguintes actividades com o objectivo de maior abertura e participação a nível da Cidade.

Em Dezembro, projecção dos filmes nas nossas instalações: Le Bateau Ivre, Le Surrealisme, Guillaume Apollinaire.

Colóquios com Ernesto de Sousa e projecções de slides.

Exposição de fotografia de Francisco Miranda e Fernando Zeferino.

Janeiro, Ciclo sobre “Arte Vídeo”, Exposição e Colóquio com Armando Azevedo.

Março, Exposição e Colóquio com Tília Saldanha.

Desde o início do ano foram feitos trabalhos de grupo no exterior, levando materiais, orientando e apoiando continuamente grupos de crianças da Sé Nova e Conchada, vários grupos destas crianças assistiram a projecções no Círculo.

Sempre que nos foi possível participamos em tardes de pintura de apoio a comissões de moradores e cooperativas.

Participamos nas actividades da Frente Cultural da AAC da qual fazemos parte. (riscado)

Na Aldeia de Bruscos, Condeixa, a convite do FAOG (que nos garantiu as despesas de deslocação e material) trabalhamos todos os Sábados de tarde com crianças da aldeia dos 6 aos 14 anos, à noite com um grupo de adultos.

Começamos a (riscado) A partir de Janeiro, grande parte dos sócios do CAPC, constituiu um grupo de pesquisa e intervenções plásticas, trabalhando quotidianamente para uma realização de carácter duradouro na Cidade de Coimbra.

Reunimos (quási) todos os dias elaborando jornais de parede, apontando sugestões, projectos, seleccionando e materializando ideias.

Deste grupo surgiu a “Semana de Arte (na) da Rua” que preencheu 12 dias (na Praça da República, Jardim da Sereia e uma noite no Convento de Santa Clara a Velha), uma abertura do CAPC com operações estéticas em 8 salas do nosso edifício.

Desta Semana tivemos possibilidades de fazer um relatório que tivemos o prazer de entregar pessoalmente ao Senhor Doutor Carlos Alves.

Ainda, de 7 a 15 de Agosto o CAPC participará nos Encontros Internacionais de arte a realizar na Póvoa do Varzim.

Participará ainda pessoal e colectivamente, na exposição da AICA em Lisboa em Setembro.

Também em Setembro, se a Feira da Opinião se realizar, nela participaremos. Por outro lado, confirmamos já a nossa presença na Exposição de Escolas de Educação Visual em Belém, possivelmente em Dezembro.

Logo que nos seja possível enviaremos um programa detalhado para o próximo ano lectivo ⁴⁵².

Em carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian pode ver-se o Programa proposto para o ano de 1976-1977.

Pretendemos fazer incidir o melhor dos nossos esforços sobretudo para a pedagogia interna, uma vez que inclusivamente as realizações externas têm que partir de um conhecimento dos fenómenos artísticos. Estamos, pois, a tentar que o CAPC seja, antes de mais e exemplarmente, uma Escola de Arte.

Nesse sentido:

1 - Iniciamos já uma autêntica reestruturação dos ateliers de Pintura, Escultura e Barro. (Os trabalhos “livres” e, sobretudo, os “de cavalete” estão a ser organizados em estreita ligação com as aulas teóricas e práticas)

2 - Haverá durante todo o ano um Curso de Educação Visual orientado (sobretudo) por Alberto Carneiro

3 - Alberto Carneiro, Tília Saldanha e Armando Azevedo orientarão aulas teórico-práticas de:

Desenho, pintura, colagem, batique, barro, escultura e técnicas-mistas

4- Organização de trabalhos colectivos:

a) criação de grupos de intervenção em espaços fechados

b) criação de intervenção em espaços abertos (com estudos de arquitectura no tempo e no espaço)

5 - As aulas teóricas dividir-se-ão em:

a) História da Arte (estudos das principais escolas e movimentos e principais representantes desses movimentos e artistas “independentes e naïfs”

b) Crítica de Arte que incidirá sobretudo sobre uma (hipotética?) modernidade portuguesa

6 - O mais brevemente possível e apoiado pela Cooperativa “Gravura” traremos especialistas de Serigrafia e Gravura que orientarão cursos intensivos

⁴⁵² Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas com a Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Julho de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 83.

7 - Manteremos aberto um atelier infantil com possibilidade de aulas e prática de desenho, pintura, colagem, barro, técnicas mistas ... atelier esse destinado a todas as crianças que nele se pretendam inscrever

8 - Contactaremos os principais Críticos de Arte no sentido de orientarem colóquios ou darem conferências sobre o panorama Artístico, sobretudo português (...)

10 - Na medida do (im)possível, manteremos a Galeria do CAPC permanentemente aberta com exposições de sócios do organismo ou com trabalhos de artistas (mesmo fora de Coimbra) por nós considerados de interesse na modernidade portuguesa. Continuarão os artistas expositores a darem colóquio sobre a obra apresentada. (...)

13 - À semelhança da Semana de Arte (da) na Rua, acontecida, de 30 de Maio a 10 de Junho de 1976 na Praça da República e Jardim da Sereia, organizaremos uma quinzena de Arte, que acontecerá provavelmente e dominante no Parque da Cidade (...)

Da definição pormenorização e concretização destes princípios orientadores, iremos dando notícias a essa Fundação Calouste Gulbenkian, à medida que o programa vá sendo posto em prática ⁴⁵³

Para além da realização do curso de Educação Visual, das exposições, dos colóquios e das sessões de filmes sobre temática artística, realizaram-se actividades no exterior do edifício sede, com grupos de crianças de freguesias desfavorecidas economicamente (Sé Nova e Conchada) a participação em tardes de pintura com comissões de moradores e cooperativas, onde participaram crianças e adultos, a deslocação de grupos de artistas a aldeias vizinhas de Coimbra para a realização de trabalhos de pintura e desenho, com crianças (aos sábados à tarde) e adultos (aos sábados em horário nocturno) e a participação na Exposição de Escolas de Educação Visual, em Lisboa.

É todo um trabalho de educação artística e visual que a Direcção dinamiza, com um público alargado, tanto a nível social como etário, levando a Arte e o fazer artístico a camadas sociais que não tinham possibilidades económicas de lhes aceder.

⁴⁵³ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 4 de Novembro de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

4. Semana da Arte (da) na Rua

Alguns membros do Círculo, que não se reviam na ideia “da arte pela arte, arte oficiosa, oficializada ou oficializante (...) à imposição de verdades preconcebidas”⁴⁵⁴. Decidiram realizar, entre 30 de Maio e 10 de Junho de 1976, a *Semana de Arte (da) na Rua* ⁴⁵⁵

Iniciativa esta que não tinha objectivo de impôr ideais, mas as pretendia contribuir para uma *redescoberta* da linguagem plástica, favorecendo o diálogo e não um monólogo sem sentido.⁴⁵⁶



Fig. 62 – Cartaz de divulgação d’A Semana da Arte na Rua

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Foi elaborado um orçamento, onde mais tarde as foram reajustadas (30-5 a 10-6) e que foi enviado à Fundação Gulbenkian para aprovação:

⁴⁵⁴ Notícias Difamatórias sobre o Círculo de Artes Plásticas, Coimbra, 2 de Junho de 1976, 6 de Junho de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 84,85.

⁴⁵⁵ Carta da Direcção do Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de Junho de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 86.

⁴⁵⁶ Notícias Difamatórias sobre o Círculo de Artes Plásticas, Coimbra, 2 de Junho de 1976, 6 de Junho de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 84,85.

Assunto: Orçamento para uma SEMANA DE ARTE (DE) NA RUA a realizar de 30 de Maio a 6 de Junho

Exmo. Senhor:

Como deve ser do conhecimento de V. EX^a, o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra realizará e sobretudo promoverá uma Semana da Arte (da) na Rua, realização considerada extremamente louvável, até porque inédita neste País.

O Círculo construirá um labirinto que preencherá a Praça da República (68mx63m). Este Labirinto será construído em madeira e pano e englobará clareiras trabalhadas com materiais diversos.

Além disso, o CAPC prepara o Parque de Santa Cruz para servir de palco a qualquer tipo de intervenção artística.

O CAPC contactou e contactará individualidades e colectividades ligadas à ARTE que intervirão nessa Semana da Arte.

Durante essa Semana da Arte, o CAPC também apresentará diversas exposições, nomeadamente um trabalho realizado por alguns sócios deste Círculo e que preencherá dois corredores e quatro salas das suas instalações.

Para levar a efeito esta realização contamos com a máxima colaboração da Fundação C. Gulbenkian que esperamos a subsidie ao menos parcialmente.

LABIRINTO – 40 000\$00

DESLOCAÇÕES; INSTAÇÃO E REFEIÇÕES PARA OS GRUPOS CULTURAIS (TEATRO; MÚSICA; A. PLÁSTICAS) – 50 000\$00

INSTALAÇÃO SONORA E ELÉCTRICA – 10 000\$00

TOTAL – 100 000\$00⁴⁵⁷.

Com esta manifestação artística a *rua* ficou repleta de diversas manifestações artísticas, teatro, música, pintura e todo o tipo de manifestação e intervenção artística em que cada um, individual ou colectivamente, desejasse dar o seu contributo.

⁴⁵⁷ Orçamento do Círculo de Artes Plásticas enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 12 de Maio de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 87.

Integrada na Semana de ARTE NA RUA que terminará no dia 10 de Junho com o espectáculo LUIS VAZ 73 no Mosteiro de SANTA-CLARA-A-VELHA, e que compreende diariamente, actuações de ranchos folclóricos, bandas, artesanato, projecções de filmes e teatro e intervenções estéticas na PRAÇA da REPÚBLICA e JARDIM DE SEREIA, terá para os próximos dias a programação de que salientamos.

DIA 1 DE JUNHO (Terça)

Projecção de filmes em colaboração com a CINEQUANON e FEDERAÇÃO PORTUGUESA de FILMES e AUDIO-VISUAIS

DIA MUNDIAL DA CRIANÇA

DIA 2 DE JUNHO (Quarta)

Actuação da Casa da Comédia, TUNA na Sereia, à noite.

Antes de estas, as instalações do CAP, (Castro Matoso, 18), cujas salas elementar deste círculo trataram esteticamente, estarão abertas à população.

DIA 3 DE JUNHO (Quinta)

Actuação de Grupo de Música Experimental.

Actuação do CEFAC

DIA 4 DE JUNHO (Sexta)

Presença do Porto

DIA 5 DE JUNHO (Sábado)

Ranchos de Taveiro, Palheiro

DIA 6 DE JUNHO (Domingo)

Rancho Ereirense

Esticadinhos de Cantanhede

Antuzede

DIA 7 DE JUNHO (Segunda)

PAINÊS DUM GRUPO DE ECOLOGIA (a trabalhar na cooperativa Arquitecturada "Árvore sob orientação do JACINTO RODRIGUES").

DIA 10 DE JUNHO (Quinta)

Presença de Vila Pouca do Campo, e LUIS VAZ

CONTAMOS COM A PARTICIPAÇÃO EM DATA AINDA A FIXAR

- ANAR-BAND (Grupo de música experimental a que pertence o Jerge)
- o com - grupo de jazz do Porto.
- VÁRIAS BANDAS entre as quais a do Quartel General da Região Centro.
- Grupo da Escola Superior de Arquitectura do Porto.

Fig. 63 – Programa da Semana da Arte na Rua

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Os locais escolhidos foram o Parque de Santa Cruz, para intervenções teatrais, musicais e plásticas e, a Praça da República, onde se construiu um *Labirinto* em madeira e tecido,

que incluía, no interior, algumas clareiras que serviam para a exposição de trabalhos dos sócios ou de outros artistas que quisessem participar⁴⁵⁸.



Fig. 64 – Planta do Labirinto

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas e Arquivo do Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa



Fig. 65 – Labirinto na Praça da República, 1976

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas e Arquivo do Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa

⁴⁵⁸ “Ripas caras no mercado de Coimbra”, *Diário de Coimbra* de 28 de Junho de 1976, s.d, Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Foi feito um apelo a todos os artistas amadores, principalmente aos que nunca tinham tido oportunidade de mostrar os seus trabalhos publicamente, para que o fizessem aproveitando o que agora o Círculo lhes oferecia e a cidade acolhia.



Fig. 66 – Labirinto na Praça da República

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas e Arquivo do Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa

Foram enviados convites à Secretaria de Estado da Cultura, através da Secretaria de Acção Cultural, a todos os artistas, grupos recreativos e colectividades que estivessem ligadas à Música, Teatro, Cinema e Artes Plásticas e também organismos académicos. Havia o interesse em poder comparar as intervenções artísticas de cariz mais elaborado e as mais populares, mais genuínas, fruto do trabalho de pessoas que não frequentavam os meios académicos e faziam arte de forma espontânea e natural. Representando algumas aldeias, participaram ranchos folclóricos que apresentaram bordados e artesanato e grupos amadores que apresentaram peças teatrais.

O jornal *Diário de Coimbra* anunciava assim este acontecimento ímpar na cidade:

Acredito que começou uma nova era para a história da Praça da República. Ela que tem sido palco das utilizações mais insólitas e aberrantes e também da “inutilização” mais prolongada (lembremos das nuvens de poeira e papéis quando tinha o aspecto de vergonhoso recinto de feira), vai decerto agora encetar um período novo com a realização de manifestações culturais públicas do maior alcance.

Deu o arranque o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra que lá instalou um original labirinto engenhosamente “estruturado”, onde quem quer que seja pode dar largas à sua criatividade plástica. É a Semana da Arte (da) na Rua, da Arte do Homem da Rua. Aquele que não tem sido acarinhado para pôr à prova as suas insuspeitadas tendências artísticas, quantas vezes recalcadas pelo “parecer mal”, pelo “não tenho tempo” ou “não tenho onde ou com quê”, pode agora deixar impresso em cartolinas ou papel cenográfico um traço colorido da sua personalidade, um momento do seu sonho quotidiano.

E já há trabalhos expostos!

Trabalhos de crianças de todas as idades e estratos sociais (e de sócios do CAP), que vi pintar com entusiasmo comovente, indescritível, perante o olhar dos pais e de um público interessado e, quem sabe, timidamente desejoso de tentar a sua experiência plástica.

E porque não? Tem tintas, papel e pincéis à disposição (e poderia ter também barro para moldar, dadas as tradições barristas da região).

Vamos então reagir contra aquela frase contida no Programa-Convite que o CAP distribuiu: A Arte tem vivido nos sacralizados templos dedicados ao seu culto.

A Semana da Arte (da) na Rua. De 30 de Maio a 10 de Junho, com manifestações espontâneas de Teatro, Artes Plásticas, Musicais, etc., na Praça da República e no Jardim da Sereia, será um marco importante na história das tentativas, tantas vezes inglórias, para transformar o nosso ambiente sociocultural.

Esse punhado de jovens dirigentes do CAP, que teima em revolucionar os processos de aculturação e que não esquece os eternos desconsiderados e marginalizados seres que são as Crianças, merece bem a gratidão do povo de Coimbra e o melhor auxílio e compreensão de todas as instituições e pessoas interessadas na melhoria da qualidade da nossa vida em comunidade. Arq. João Plácido Santos⁴⁵⁹

Mas nem todos concordavam e também houve quem pensasse:

... fruto de uma mentalidade pequeno-burguesa, acham que devem ir pelas aldeias caritativamente, dando esmolas de cultura e da verdade que acham indiscutível. Defendem o contacto com as aldeias, defendem o contacto com o povo, defendem um trabalho fora da cidade, em todo o Distrito de Coimbra, mas um contacto que lhes possibilite a imposição dos seus conceitos (pré), o brilharete de darem uma lição aos que se quiserem sentar nas carteiras⁴⁶⁰

Esta intervenção, em vez de conseguir movimentar, na sua globalidade, os diversos organismos da Associação Académica, fez acordar antigas disputas e quezílias, chegando-se a colocar em questão as ideias artísticas apresentadas e até mesmo a gestão financeira da iniciativa. De todos os organismos académicos só o CITAC respondeu ao convite e participou na iniciativa.

⁴⁵⁹ *Diário de Coimbra*, (1 Jun. 1976).

⁴⁶⁰ *Idem, ibidem*, (2 Jun. 1976). Anexo 88.

Diversos ranchos folclóricos, como os de Coimbra, Pereira do Campo, Juventude de Taveiro, S. João do Campo, Palheiro, Cantanhede, Antuzede, Avenal-Sobreiro, Ereirense, Camponeses do Mondego, Vila Pouca do Campo e Arzila (estes últimos apresentando também o Grupo Etnográfico e o Grupo de Teatro) estiveram na redescoberta da *Arte da Rua*. Com a Casa da Comédia de Lisboa marcaram presença o Grupo de Intervenção Ecológica.



Fig. 67 – Semana de Arte na Rua

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas e Arquivo do Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa

E o grupo de música experimental, Anar Band⁴⁶¹, ⁴⁶² (com Jorge Lima Barreto, Jorge Chaminé, Rui Reininho, Miguel França e Luís Carlos), o Grupo de Jazz do Porto, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e diversas bandas (como a Banda Filarmónica do Quartel-General da Região Militar do Centro), sendo assim um acontecimento plural e único.

⁴⁶¹ Carta do *Grupo Anard Band* ao Círculo de Artes Plásticas, 2 de Junho de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁶² Programa *Concerto Anard Band*, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

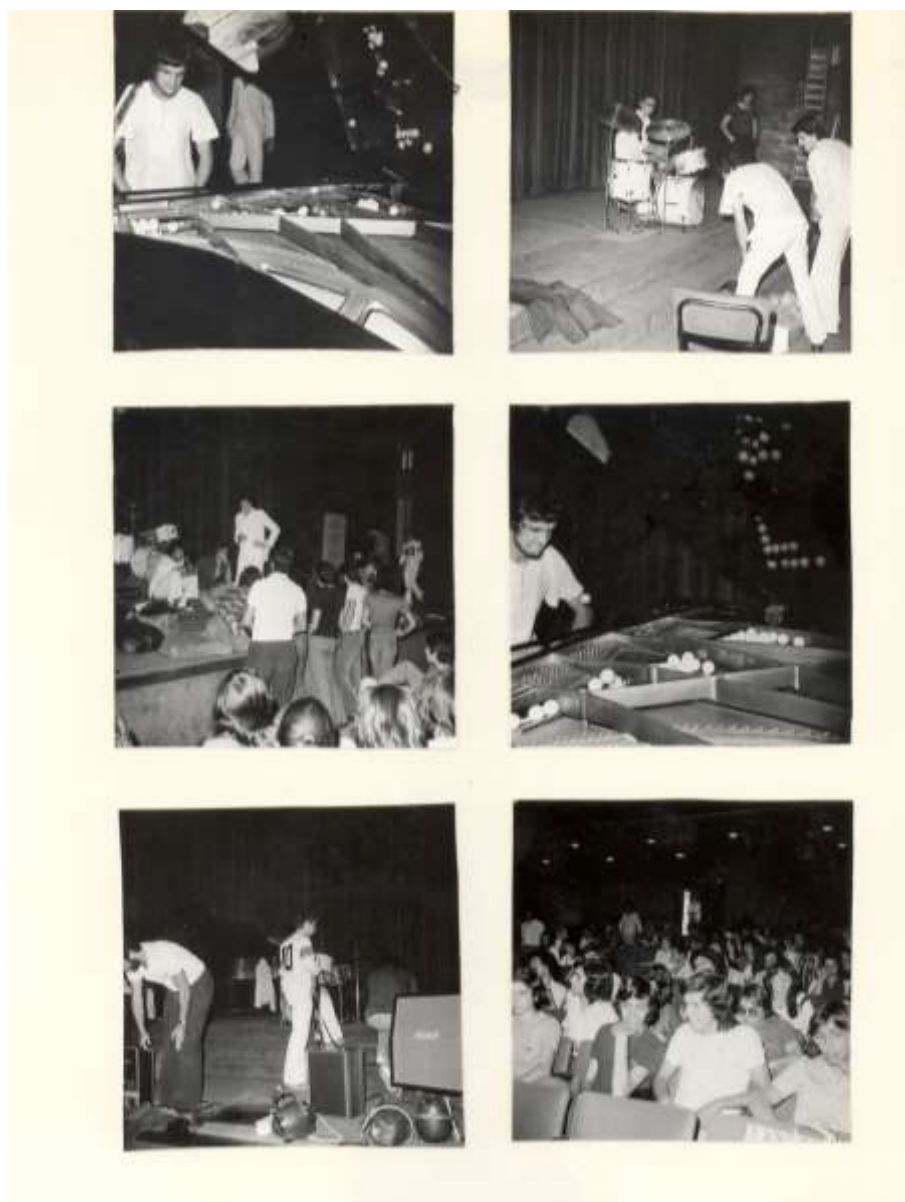


Fig. 68 - Jorge Lima Barreto e Anar Band

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Toda esta movimentação artística na rua teve o seu término com o *Envolvimento Visual* de Ernesto de Sousa ⁴⁶³, o espetáculo audiovisual *Luís Vaz-73*, com poema de Luis Vaz de Camões e música de Jorge Peixinho, uma obra aberta, arte-do-espço, apresentado no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha.

⁴⁶³ SOUSA, Ernesto de - *Revolution My Body*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, p. 258.

5. Coimbra não se revê no CAP e o CAP não se revê em Coimbra

Mas, simultaneamente a todas estas iniciativas culturais, notícias menos abonatórias vão surgindo na imprensa periódica, como o caso da notícia saída no *Diário de Coimbra* - *Completamente nus passearam-se por uma rua da cidade*:

COMPLETAMENTE NÚS - Passearam-se por uma rua da cidade

Referimos na nossa edição de ontem que estava a decorrer em Coimbra a Semana da Arte na Rua, a Arte do Homem na Rua, levada a efeito pelo Círculo de Artes Plásticas. Noticiámos algumas dessas manifestações artísticas e hoje vamos relatar uma outra que tem a seu favor a originalidade de que se reveste.

Ao princípio da madrugada de ontem, um grupo de jovens, cremos que artistas percorreram, abaixo e acima, a Rua Castro Matoso, defronte da Clepsidra. Era o grupo constituído por três raparigas, sete rapazes. Nada digno de registo não fora o caso dos jovens, eles e elas, se passearem completamente nus, tal qual vieram ao mundo, segundo a exclamação de uma senhora de idade que boquiaberta, olhava sem querer o decorrer da cena. Gritando *slogans* vários de natureza política e apesar da hora tardia, em breve se tornaram notados pelos transeuntes e sobretudo pelos moradores da zona que acorreram às janelas, muito convencidos de uma visão em sonho.

«Reparem para este físico» diziam elementos do grupo ao ostentarem as «curvas do corpo» e absolutamente indiferentes às já muitas centenas de olhos que os seguiam atentamente.

Ainda digno de registo é o facto de às tantas ter aparecido o Carlos Veiga, mais conhecido na cidade como «Dr. Adesivo» e que sofre de deficiência mental, que não achou graça nenhuma ao exibicionismo e começou a fazer barulho com os nudistas, ao que se seguiram outras pessoas, obrigando-os a vestir-se e a recolher ao edifício do Círculo das Artes Plásticas.

Pelo insólito que se reveste, aqui deixamos o registo do acontecimento⁴⁶⁴.

A Direção do Círculo respondeu prontamente a este artigo, referindo as suas inexatidões e dizendo que gostaria de as ver rectificadas⁴⁶⁵.

Afirmava-se que algumas pessoas tinham gritado *slogans* de natureza política e que tal se inseria na *Semana de Arte (na) Da Rua*, mas esta situação foi criada por membros

⁴⁶⁴ *Diário de Coimbra*, 2 de Junho de 1976, mas surgiram outras notícias no *Diário de Coimbra* sobre o mesmo assunto já no dia 1 de Junho de 1976 e no *Jornal de Notícias*, 3 de Junho de 1976, s.d, Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁶⁵ *Diário de Coimbra*, 4 de Junho de 1976, s.d, Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 89.

que agiram isoladamente, em contradição com o programa do evento previamente aprovado ⁴⁶⁶.

Com base em questões económicas e em dúvidas sobre a gestão financeira do evento, a União de Estudantes Comunistas (UEC) convocou todas as secções e organismos da Associação Académica para uma reunião geral, com o fim de extinguir o Círculo de Artes Plásticas. Por trás de tudo talvez estivesse o facto do Círculo, como secção da Associação Académica de Coimbra, se mostrar favorável à constituição de uma Frente Cultural e Desportiva, constituída por todos os organismos e secções da AAC, mas ao mesmo tempo pretendendo salvaguardar a sua autonomia.⁴⁶⁷

Neste mesmo período de tempo dá-se um acontecimento estranho e inconclusivo: as instalações do Círculo sofrem um incêndio que destruiu parte do edifício e da documentação ali existente. As investigações da Polícia de Segurança Pública e da Polícia Judiciária provaram que a hipótese de curto-circuito, avançada por muitas pessoas, estava posta de parte, o que fez com que a Direcção e os sócios do Círculo pensassem que estavam a surgir tentativas para a sua destruição. No comunicado que o Círculo emitiu pode ler-se:

Porque é que alguns organismos e secções da A.A.C. têm pedido a Extinção do Círculo de Artes Plásticas?

Porque é que no Diário de Coimbra se difama o C.A.P.?

E quem é que deitou fogo ao edifício do C.A.P.?

(...)

Fomos (e somos ainda) a favor da constituição de uma Frente Cultural, formada por todos os organismos e secções da A.A.C., salvaguardando, como nos parece óbvio, a nossa capacidade crítica e a nossa autonomia.⁴⁶⁸

⁴⁶⁶ Correspondência entre o *Diário de Coimbra* e o Círculo de Artes Plásticas, 2 de Junho de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁶⁷ *Notícias Difamatórias sobre o Círculo de Artes Plásticas*, Coimbra, 2 de Junho de 1976 e 6 de Junho de 1976 Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 84, 85.

⁴⁶⁸ *Notícias Difamatórias sobre o Círculo de Artes Plásticas*, Coimbra, 2 de Junho e 6 de Junho de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 84, 85. *Idem, ibidem*. Anexo 84, 85.

Apesar de todo o clima conturbado e conflituoso, que coincidia com o que se vivia no país, a Direcção do Círculo optou por continuar com a linha que até então tinha seguido. Apesar dos acontecimentos verificados durante o ano de 1976, organizou ainda mais iniciativas educativas e culturais, exemplo foi a *Mostra de Cinema Documental*, ciclo onde foram projectadas diversas peças sobre o *Movimento Surrealista*, em estreita colaboração com o Bureau de la Diffusion du Service Culturel, Scientifique et de Coopération Technique da Embaixada de França, que cedeu alguns filmes: *Le Bateau Ivre*, *Filles du Feu*, *Le Surrealisme*, *Guillaume Apollinaire*.⁴⁶⁹

Realizou-se, igualmente, uma exposição de Armando Azevedo e um Colóquio com o artista⁴⁷⁰, contando com os apoios do Instituto Alemão de Lisboa e da Embaixada do Canadá em Portugal. O Círculo organizou ainda o ciclo: *Expressionismo Alemão de Arte Vídeo* e a Semana dedicada ao *Cinema de Animação do Canadá*.⁴⁷¹ Em colaboração com o *Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz*, fizeram a semana do Cinema de Animação Belga e o ciclo dedicado ao Cinema Brasileiro (o Cinema Novo) em colaboração com a Secretaria de Estado da Cultura⁴⁷².

O ano de 1977, no que se refere às actividades lectivas, será semelhante ao anterior, com um plano de cursos práticos, *ateliers* de pintura e de modelação, aliados aos cursos teóricos de História da Arte e de Crítica. Desde finais do mês de Janeiro a inícios de Fevereiro, Alberto Carneiro expôs *28 Páginas de um Diário Imaginário-Desenhos-Projectos de Intervenção na Paisagem – 1972-75*⁴⁷³ e no mês de Março Álvaro Lapa inaugura a exposição *Escrita (73-76)*⁴⁷⁴, Cesário Rachador, entre Junho e Julho,

⁴⁶⁹ Correspondência entre a Embaixada da França e o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Dezembro de 1975.

⁴⁷⁰ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 22 de Janeiro de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁷¹ Correspondência entre a Direcção do Círculo e o Instituto Alemão, 27 de Janeiro de 1976, Correspondência entre a Direcção do Círculo e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian 22 de Janeiro de 1976.

⁴⁷² Cf. Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Instituto Alemão, 27 de Janeiro de 1976 e entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 22 de Janeiro de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁷³ Catálogo da exposição. 22 de Janeiro de 1977. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁷⁴ Catálogo da exposição. 19 de Março de 1977. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

inaugura uma exposição com obras de Fotografia ⁴⁷⁵ e no mês de Julho, Armando Azevedo inaugura *Recordações – recordações – Recordações*.⁴⁷⁶



Fig. 69 – Exposição Recordações-recordações-Recordações, Armando Azevedo

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Neste ano de 1977 realiza-se na Galeria de Arte Moderna de Belém, Lisboa,⁴⁷⁷ a *Alternativa Zero: tendências polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea*⁴⁷⁸, reunindo todos os artistas que optavam por outras vias artísticas que não as da pintura, escultura ou da produção de objectos. Ernesto de Sousa, seu grande dinamizador, organiza uma mostra que iria repensar os fundamentos da arte contemporânea em Portugal. O Círculo participa com a reposição de *A Floresta* e a Intervenção *Cores-esculturas vivas, vestidas das cores do arco-íris*.

⁴⁷⁵ Catálogo da exposição. Junho de 1977. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁷⁶ Catálogo da exposição. 25 de Junho de 1977. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁷⁷ Comunicado de 11 de Agosto de 1976, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁴⁷⁸ NOGUEIRA, Isabel - A exposição alternativa zero: tendências polémicas na arte portuguesa contemporânea- 1977, os seus 40 anos e a sua recepção crítica, In: *Convocarte: Revista de Ciências da Arte*. - Lisboa, 2016. – n. 3 p. 307-321, «Alternativa Zero». Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa (CEMES).



Fig. 70 – Intervenção do Grupo Cores na *Alternativa Zero: Tendências polémicas na Arte Portuguesa Contemporânea* na Galeria de Arte Moderna de Belém, Lisboa

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas e Arquivo do Centro de Estudos Multidisciplinares Ernesto de Sousa

6. O Surgimento de Colectivos de Criação - O Grupo Puzzle

O grupo *Puzzle* teve a sua origem no Círculo com Armando Azevedo, Albuquerque Mendes, Fernando Pinto Coelho e João Dixo e outros elementos pertencentes à Escola Superior de Belas-Artes do Porto, como Dário Alves, Carlos Carreiro, Graça Morais, Jaime Silva e Pedro Rocha e desenvolvia diversas *performances*, *happenings* rituais, trabalho individual e colectivo.

A ligação entre os dois núcleos (Coimbra-Porto) deveu-se a João Dixo, que fazia a ponte entre Porto e Coimbra, pois todos os membros do grupo estavam no Porto, à excepção de Armando Azevedo que vivia em Coimbra. As experiências, os trabalhos individuais e de grupo, as apresentações de rua, as intervenções de cariz mais polémico, tudo os levou a terem uma base diferente de outros artistas que não tinham passado por

estas vivências nem tinham estado no Círculo ou vivido em Coimbra. O Círculo foi assim a mola impulsional do trajecto deste grupo inovador.

Pode dizer-se que o *Puzzle* teve três momentos importantes e singulares no seu tempo de actividade:

- Antes da entrada de João Dixo (1958-1966);
- A entrada e continuidade de João Dixo (1966-1974);
- A saída de João Dixo e a continuação de Armando Azevedo (1975-1980).

Estes dois artistas foram imprescindíveis para a criação e desenvolvimento dos trabalhos do Grupo. No Círculo experimentavam-se e desenvolviam-se acções em que o processo criativo era fundamental e o surgimento do *Puzzle* baseou-se no movimento Fluxus⁴⁷⁹, caracterizado pela mescla das Artes Visuais, da Música, da Literatura e que questionava a arte mais académica e tradicional. Era quase uma anti-arte, opondo-se ao objecto artístico tradicional como se se tratasse de uma mercadoria. O estilo e a teoria do *Fluxus* foram comparados à estética do *Dadaísmo* e da *Pop Art*. O modelo centrava-se num ser humano criativo sendo a Arte vista como uma força e alavanca para a concretização de uma revolução de ideias.

Nesta época o Círculo teve grande influência de Gerts, Wolf Vostell⁴⁸⁰, Robert Filliou, Ben Vautier, Allan Kaprow e Beuys⁴⁸¹ (por quem Ernesto Sousa tinha grande

⁴⁷⁹ RUHÉ, Harry - *Fluxus, The most radical and experimental art movement of the sixties*. Verlag, Amsterdam, 1979, PINA, Sónia da Silva - *Fluxus: Do Texto à Acção - A cartografia de uma a(r)titude*, FCSH, Universidade Nova, 2011.

⁴⁸⁰ Iniciador da técnica de Dé-coll/age, pai do Happening, iniciador do movimento Fluxus e da Videoarte. Foi, durante toda a sua produção artística, original e inovador. [consultado a 16 Junho 2017]. Disponível em: <http://museovostell.gobex.es/vostell.htm>

⁴⁸¹ RODRIGUES, Jacinto - Joseph Beuys, Um Filósofo na Arte e na Cidade, *Revista do IPV*, nº 25, Janeiro 2002, [consultado a 16 Junho 2017]. Disponível em http://www.ipv.pt/millennium/Millennium25/25_24.htm, Joseph Beuys, alemão que produziu em vários meios e técnicas, incluindo escultura, happening, performance, vídeo e instalação. Considerado um dos mais influentes artistas alemães da segunda metade do século XX. Disponível em: <http://josephbeuys.hotglue.me>, “A sua “arte feia” é uma espécie de contra-imagem, geradora de evocações simbolizadas pelos objectos expostos. O artista é o sujeito capaz de evocar o significado, apenas grosseiramente enunciado por aquele simples expediente com que toda a

admiração). Toda a actividade e criação se baseava na inovação, através de pensamentos dissemelhantes e ideias de intervenção e experimentação diversas das que até aí tinham sido trabalhadas pelos criativos.

No início dos anos 70, o Círculo era um centro artístico com dinâmica em Coimbra, uma escola de artes com exposições individuais e colectivas, intervenções/manobras estéticas, *happenings*, *performances*, cursos livres, convívios, conferências, trocas de pensamentos e ideias fundamentados num fazer artístico de intervenção.

Com um espírito experimentalista incutido pelos mestres, os sócios do Círculo demonstravam estar em perfeita sintonia com os princípios dos artistas do movimento *Fluxus* e da vanguarda artística internacional.

Ernesto de Sousa dirá:

Para compreender como isto é possível seria necessário, em primeiro lugar, fazer um curso sobre Coimbra, uma cidade onde a luta de classes em permanente convulsão é directamente cultural, mas com um pundonor e um brio que não são apenas universitários. Seria necessário atentar demoradamente nesse fenómeno, quase único em Portugal no seu género: o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Trata-se da única Sociedade artística deste país que mantém um espírito de *workshop*, o que não foi possível conseguir nem em Lisboa, com por exemplo a S.N.B.A. nem no Porto com, por exemplo, a Cooperativa Árvore⁴⁸².

Portanto foi natural que o *Puzzle* se iniciasse em Coimbra e se desenvolvesse no Porto, onde o ensino das Belas-Artes tinha uma vertente mais académica.

As obras do Grupo *Puzzle* baseavam-se em seis esquemas de trabalho colectivo, constituído por diversas partes individuais, a primeira exposição, patente na *Galeria Dois*, no Porto, em Março/Abril de 1976, sob a designação de *O Puzzle joga com o Porto*, teve as obras de Armando Azevedo, Albuquerque Mendes, Carlos Carreiro,

gente pode provocar a arte nos outros, ou seja, viver criativamente a vida "desocultando" o que está apenas escondido. Com materiais e instalações simples, pretende provocar interpretações simbólicas e culturais singulares, reacções de todos os que são capazes de construir a visão artística do que apenas foi enunciado".

⁴⁸² SOUSA, Ernesto de - Arte na rua, in *Colóquio/Artes*, nº 29, (Out. 1976).

Dário Alves, Fernando Pinto Coelho, Graça Morais, Jaime Silva, João Dixo e Pedro Rocha, com a apresentação de três painéis: a Torre dos Clérigos, a Ponte D. Luís e a Bandeira Portuguesa.

Algum tempo depois Carlos Carreiro, Dário Alves e Pedro Rocha saem do *Puzzle* e o grupo reorganiza-se, passando a integrar: Armando Azevedo, Albuquerque Mendes, Fernando Pinto Coelho, João Dixo, Graça Morais e Jaime Silva. Mais tarde, com a saída de Graça Morais e de Jaime Silva e a entrada de Gerardo Burmester, o grupo passa a incluir cinco elementos e adopta um novo esquema de trabalho em que cada elemento do grupo faz uma proposta de duas obras, o que resultou num total de dez trabalhos finais.

Para o Grupo era necessariamente importante todo o processo de criação e não somente o objecto final, o interesse da criação da obra centrava-se na procura da reinterpretação de ícones nacionais, nunca deixando de ter uma abordagem provocatória e simultaneamente lúdica, em que esteve presente a dualidade do trabalho colectivo e do trabalho individual.

O apoio e a promoção feitos por Jaime Isidoro e Egídio Álvaro e a relação directa com o *Fluxus*, foram factores decisivos para o desempenho do *Puzzle*.⁴⁸³

⁴⁸³ O Grupo *Puzzle* participou: “Vanguardas Alternativas - Pintura e Performance na Sala das Armas do Casino, Póvoa do Varzim, 1976; as Intervenções no III Encontro Internacional de Arte em Portugal, Póvoa de Varzim, 7-15 Agosto 1976; “Calendário/ Relicário” - Pintura performativa no Museu Malhoa, Caldas da Rainha, 1977; IV Encontro Internacional de Arte em Portugal, Caldas da Rainha. 1-12 Agosto 1977; 29º Salon de la Jeune Peinture (salão artístico-político) - Pintura e performance na Palais de Glace, Paris, 16 Maio 78; Exposição de Arte Moderna Europeia Contemporânea - Pintura performativa na Universidade de Toulouse - Mirail, Toulouse, Fevereiro 1979; I Symposium International d’Art Performance de Lyon - Pintura performativa na Salle Mermillon du Espace Lyonnais d’Art Contemporain, Lyon, 23 - 30 Abril 1979. ARC (Art, Recherche, Confrontation) – Performance no Museu de Arte Moderna de Paris, 30 Janeiro - 24 Fevereiro 1980; Semana Internacional de Arte Actual – Exposição e performance nos Encontros de Arte, Vila do Conde, 15 - 22 Agosto de 1980; Alternativa, I Festival Internacional de Arte Viva - Almada. 25 Agosto - 3 Setembro 1981 (aparecem mencionados no catálogo, mas já não participaram)».in Catálogo da Exposição *Grupo Puzzle* (1976-1981) / Pintura Colectiva = Pintura Individual, CAE, Figueira da Foz, 2011, p. 26-27, Citado por SOUSA, Pedro Miguel Teixeira - *A Obra Performativa de Armando Azevedo*, Coimbra: FLUC, 2011, Dissertação de Mestrado em Estudos Artísticos, p.34.

7. Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (GICAPC) -O GRUPO CORES

O Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (GICAPC) surgiu de um desafio lançado por Ernesto de Sousa, quando o Círculo foi convidado a estar presente na exposição *Alternativa Zero* e como refere António Olaio:

O Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas (de Coimbra), mais tarde conhecido por “grupo CORES nascendo quando aconteceu a Semana da Arte na Rua, surgiu na transformação em acto performativo do que poderia não passar da experimentação nos ateliês do CAPC.

Na altura, Armando Azevedo era professor e coordenador de actividades artísticas no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. E é no CAPC que propõe aos seus colegas de ateliê um projecto que parte da pintura para a roupa. Aqui roupa como algo de pessoal e intransmissível. Cada um cria a sua própria pintura que depois vestirá.⁴⁸⁴

É Armando Azevedo que lhes propõe a escolha de uma cor e foi distribuído um tecido de pano-cru, em que cada um, à sua escolha, pintava a sua própria cor:

Armando Azevedo – Azul; António Barros – Vermelho; Teresa Loff – Amarelo; Rui Órfão – Verde; Tília Saldanha – Negro; Ção Pestana – Laranja; José Alfredo Pinheiro Marques - Branco.

Entrando todos em fila, formavam um cortejo, com um elemento (José Alfredo Pinheiro Marques) a tocar flauta, agrupando-se no final e em simultâneo, todos os tecidos no chão. As cores uniam-se todas, mas não deixavam de ser elas próprias. Surge o Grupo *CORES* que aposta no conjunto, no todo, mantendo, no entanto, a própria identidade⁴⁸⁵ e “que se vai destacar pela exploração obsessiva da cor na sua função conceitual”.⁴⁸⁶

Como refere Carla Gonçalves:

⁴⁸⁴ OLAIO, António - As cores do Círculo de Artes Plásticas - A ambiguidade como ideologia, *Biblos-Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, n. s. XI, (2013) 18.

⁴⁸⁵ Cf. BARROS, António - Cores ou o Trabalho do Conceito, *GICAPC-CORES 76/78*, Coimbra: ICZERO, 2010, p. 77-101.

⁴⁸⁶ SOUSA, Pedro Miguel Teixeira - *A Obra Performativa de Armando Azevedo*, Coimbra: FLUC, 2011, Dissertação de Mestrado em estudos artísticos, p.36.

O cenário artístico nacional viveu, entre 1974 e os anos oitenta do século XX, uma conjuntura de experimentação e de reconstituição expressivas e discursivas de que o grupo coimbrão GICAPC fez parte integrante. A pesquisa em torno de novas formas de expressão conduz, também ao GICAPC, à procura de um novo artista cujo corpo, multiforme e multiplicado, acompanha a investigação teórica que pretende recolocar o espaço que lhe é, ou que lhe esteve reservado. Neste sentido, as práticas artísticas então desenvolvidas pelo grupo denunciavam a demanda pela reconstrução, mas também pela recolocação da arte e do artista no mundo”.⁴⁸⁷

A cor é envolvente, daí que se afirme:

O carácter performativo das peças executadas pelo GICAPC (Cores) entre 1976 e 1978, gravitando entre a pintura, a escultura humana, o ritual e o happening, garantiu a possibilidade de ultrapassar os padrões de comunicação costumados e simbólicos, estabelecidos através de um conjunto de signos, ou de sinais tradicionalmente aceites, para realizar-se de forma directa com os seus públicos que participavam nos eventos ⁴⁸⁸.

Toda a apresentação se centrava na proximidade entre a arte e o dia-a-dia, ao contrário de outras formas artísticas que estavam mais ligadas a uma outra determinada camada social com bases económicas mais altas. Este tipo de fazer arte era para os que estão mais próximos, aliás como deveria ser a Arte e não uma arte elitista, estratificada ou *snob*. Dentro deste Grupo todos tinham uma identidade monocromática, constituída por uma túnica enlaçada, cintos e colares terminando a túnica numas grandes franjas, que se atavam umas às outras, formando uma gigantesca manta.

Segundo Armando Azevedo, uma das *performances* teve o seguinte percurso:

Os artistas entraram na galeria de Belém, espaço da *Alternativa Zero*, representado por um pequeno, mas cabalístico agrupamento. Estavam todos juntos, mas cromaticamente diferenciados. Formaram um grande círculo, rodeados pelas pessoas que cada um tentou seduzir fazendo, por longo tempo, os mais diversos gestos. O azul, escrevendo azul, louvando o azul, gritando azul, bebendo azul, lançando confettis azuis, com um espelho azul reflectindo as pessoas em volta em azul, enquanto cada uma das outras cores aclamava a sua própria cor, louvava a sua própria cor, gritava a sua cor, bebia a sua cor, lançava confettis da sua cor, reflectia, num espelho, as pessoas na sua cor, tudo ao mesmo tempo, numa explosão das diversas cores em sincrónico. Os artistas, coincidentes foram enfraquecendo, baixando, perdendo as forças, à medida que todas as cores se iam aproximando umas das outras. Cada um deles desatando os cintos, tirando os colares e atando as suas franjas às das outras cores, formando uma tela gigante, um arco-íris, que cobria os vinte e oito pés e mãos que rastejavam e que iam deixando de se ver para dar lugar a todas aquelas cores então ligadas entre si.

⁴⁸⁷ GONÇALVES, Carla Alexandra - GICAPC ou a Intervenção através da Cor(es), *GICAPC-CORES 76/78*, Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra: Ed. Associação Cultural Itinerários Contemporâneos – Zero (IC-Zero), 2010, p. 13-23.

⁴⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 13-23.

A segunda apresentação desta performance foi em Coimbra, na Maratona Cultural da Academia, em Junho de 1977.

O GICAPC apresentava aí uma versão das *Cores em performance*, em que optaram por abandonar a “formação do policromático lençol-somatório”⁴⁸⁹.

Nos *IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal* (Caldas da Rainha), seria apresentada uma versão diferente. Egídio Álvaro fez-lhes o convite e o GICAPC apresenta-se com nome, estratégia e elementos definidos e permanentes, mas diferente das apresentações anteriores. Não entrou a cor branca (José Alfredo Pinheiro Marques) e foi posta a hipótese da introdução da cor violeta, atribuída a Manuela Fortuna.



Fig. 71 – Grupo Cores numa intervenção no IV Encontro Internacional de Arte nas Caldas da Rainha

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Nas Caldas da Rainha esta *performance* desenrolou-se de uma outra forma:

⁴⁸⁹ AZEVEDO, Armando - Depoimento. Anexo 90.

Dois locais tinham sido anunciados quase para a mesma hora, apenas com a diferença de quinze minutos: a porta do museu Malhoa e a Praça Central da cidade.

À hora marcada, seis farricocos, cada um vestido completamente de sua cor, apoiando-se num varapau carregando recheado saco, tocando estridente trombeta – tudo da mesmíssima cromia – saem juntos do Museu e juntos se dirigem para a Praça, seguidos de multidão cada vez maior. Vão-se no entanto separando em sucessivos cruzamentos e bifurcações: o vermelho segue a rua vermelha, arrastando adeptos do vermelho, o laranja segue a rua laranja levando atrás de si partidários do laranja, o amarelo segue a rua amarela, cativando apoiantes do amarelo, o verde segue a rua verde, seduzindo admiradores do verde, o azul segue a rua azul, fascinando apaixonados do azul, o preto segue a rua preta, encantando apreciadores do preto... e encontram-se todos simultaneamente no mesmo espaço visual – o centro da Praça.

E em simultaneidade todos abrem o saco da sua cor e tiram objectos da sua cor. Cada um, durante um longo minuto, lê um livro da sua cor. Depois, exemplificadamente, o azul escreve a azul: *O mundo será azul*. Cada um escreve na sua cor, antevendo o mundo nessa sua cor. Cada cor utiliza apenas a sua cor. Cada cor pretende impor a sua cor. Cada cor mostra em todas as direções um cartaz da sua cor. Cada cor espalha aos quatro ventos imagens e palavras da sua cor. Cada cor distribui jornais e panfletos da sua cor. Cada cor come comida da sua cor. E bebe a bebida da sua cor. Cada cor reza as orações da sua cor. Cada cor afasta-se não se sabe para onde, levando atrás de si o cortejo da sua cor e deixando rastos da sua cor.⁴⁹⁰

A descrição da *performance*, apresentada num texto/manifesto de 1978:

Partindo do mesmo ponto ou de pontos afastados, as cores dirigem-se para o mesmo lado: o vermelho segue a rua vermelha o laranja segue a rua laranja, o amarelo segue a rua amarela, o verde segue a rua verde, o azul segue a rua azul, o violeta segue a rua violeta, o preto segue a rua preta... e encontram-se. Encontram-se num mesmo espaço visual. Cada cor transporta um saco da sua cor. Cada cor abre o saco da sua cor e tira objectos da sua cor. O vermelho começa a ler um livro vermelho, o laranja começa a ler um livro laranja, o amarelo começa a ler um livro amarelo, o verde começa a ler um livro verde, o azul começa a ler um livro azul, o violeta começa a ler um livro violeta, o preto começa a ler um livro preto. O vermelho escreve – o mundo será vermelho, o laranja escreve – o mundo será laranja, o amarelo escreve – o mundo será amarelo, o verde escreve – o mundo será verde, o azul escreve – o mundo será azul, o violeta escreve – o mundo será violeta, o preto escreve – o mundo será preto. Cada cor utiliza apenas a sua cor. Cada cor pretende impor a sua cor. Cada cor mostra em todas as direções um cartaz da sua cor. Cada cor espalha aos quatro ventos imagens e palavras da sua cor. Cada cor distribui jornais da sua cor. Cada cor recolhe assinaturas da sua cor. Cada cor reza orações da sua cor. Cada cor afasta-se não se sabe para onde, levando atrás de si o cortejo da sua cor e deixando rastos da sua cor.⁴⁹¹

Acto e Palavra

Estava a discussão no auge.

De repente levantou-se uma pessoa completamente azul empunhando uma bandeira azul. E leu um papel azul previamente escrito a azul:

⁴⁹⁰ RUÃO, Carlos - Performance prospectiva portuguesa: o Grupo Cores e o panorama da Performance em Portugal nos anos 70, in *GICAPC-CORES76/78*, Coimbra, (2010), 25-49.

⁴⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 25-49.

Não. Hoje não pode haver qualquer equívoco.

A polémica do objecto artístico deixou de caber na problemática do contexto actual e actualizante. Não tenhamos dúvidas. Só há uma arte: a arte do azul. Os artistas discordantes afogam-se na masturbação impotentemente intelectual. Só há a arte do azul. Os pintores não azuis já não sabem pintar., os desenhadores não azuis já não sabem desenhar, os escultores não azuis já não sabem esculpir. Só há uma via que não deixa qualquer dúvida: pintem só azul e façam apenas esculturas azuis. A definição correcta de arte será então atingida. Um acto artístico é um acto que fatalmente tem que ser azul. Um artista tem que ser azul. A pintura só é pintura quando é azul. A pintura tem que estar virada para a realidade que é – e não poderá deixar de ser – azul. A vida é azul. A arte tem, pois, que ser azul. É a azulogia que o demonstra. O mal das pessoas é ligarem muito pouco à azulogia. O homem tem que abandonar o seu acolorismo para passar a ser inequivocamente azul. Eis por que a arte tem fatalmente que ser azul. Eis por que um acto é tanto mais artístico quanto mais azul ele é.

Levanto a bandeira azul gritando bem alto que daqui para a frente a arte vai conseguir a perfeição azul.

Não – gritou o vermelho - Hoje não pode haver qualquer equívoco.

A polémica do objecto artístico deixou de caber na problemática do contexto actual e actualizante. Não tenhamos dúvidas. Só há uma arte: a arte do vermelho. Os artistas discordantes afogam-se na masturbação impotentemente intelectual.

Não – gritou o verde – só há arte do verde. Os pintores não verdes já não sabem pintar., os desenhadores não verdes já não sabem desenhar, os escultores não verdes já não sabem esculpir.

Não – gritou o amarelo - Só há uma via que não deixa qualquer dúvida: pintem só amarelo e façam apenas esculturas amarelas. A definição correcta de arte será então atingida. Um acto artístico é um acto que fatalmente tem que ser amarelo. Um artista tem que ser amarelo.

Não – gritou o laranja - Um artista tem que ser laranja. A pintura só é pintura quando é laranja. A pintura tem que estar virada para a realidade que é – e não poderá deixar de ser – laranja.

Não – gritou o preto - A vida é preta. A arte tem, pois, que ser preta. É a pretologia que o demonstra. O mal das pessoas é ligarem muito pouco à pretologia. O homem tem que abandonar o seu acolorismo para passar a ser inequivocamente preto. Eis por que a arte tem fatalmente que ser preta. Eis por que um acto é tanto mais artístico quanto mais preto ele é.

Não – gritou o azul - Levanto a bandeira azul gritando bem alto que daqui para a frente a arte vai conseguir a perfeição azul.

Era já tarde. Cada cor dirigiu-se a tomar um copo num café ainda aberto. Por coincidência o café era o mesmo. Cada um foi para a sua mesa. Cada um pediu uma bebida da sua cor e, colocando os óculos da sua cor, leu um jornal da sua cor. Fechado o café, cada homem-cor provavelmente dirigiu-se à cama onde a mulher (talvez da mesma cor) o esperava para fazerem um filho da mesma cor.

Era já alta a madrugada.

Cada um poderá e deverá ler vermelho, laranja, amarelo, vermelho, azul, violeta ou preto inteiramente à sua escolha.

Deve ler-se, à escolha, vermelhologia, laranjologia, amarelogia, verdologia, violetalogia ou pretologia.⁴⁹²

Segundo texto de Carlos Ruão, uma outra versão foi produzida em Novembro de 1977 e apresentada em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, aí as sete cores foram traduzidas como ornamento de sete entradas, a vermelha, a laranja, a amarela, o verde, a azul, a violeta e a preta, respectivamente:

Cada uma com um tapete e cortinado da respectiva cor e com porteiro dessa sua cor, distribuindo aos visitantes panfletos dessa mesma cor.

Cumprida a tarefa da portaria, nós, momentos antes porteiros e agora oradores, fazemos sincronizadamente, o mesmo discurso inflamado, mas cada um, em acintosa dessintonia, exaltando propagandisticamente a sua cor em unicidade e, lendo a mesmice (*mutatis mutandis*) das palavras antes escritas pelo António Barros e por mim.⁴⁹³



Fig. 72 – Apresentação na Sociedade Nacional de Belas Artes

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁴⁹² *Cadernos de Arte Moderna Portuguesa*, Grupo Cores, nº 4, (1978).

⁴⁹³ RUÃO, Carlos - Performance prospectiva portuguesa: o Grupo Cores e o panorama da Performance em Portugal nos anos 70, *GICAPC-CORES76/78*, Coimbra, 2010, p. 25-49.

Em resultado da actuação nas Caldas da Rainha, o GICAPC é convidado, por Egídio Álvaro, a integrar os *Cadernos de Arte Moderna Portuguesa*, em Fevereiro de 1978. As apresentações da *Performance* terminam no IADE, no Chiado e no café *A Brasileira*, em Lisboa:

Nas instalações do IADE, vestidos de suas cores e distribuídos por sete cavaletes num mesmo atelier, com lápis, pincéis e tubos apenas da cor respectiva, sete pintores ocupam-se do mesmo motivo, fazem surgir a mesma imagem, a mesma composição, a mesma gestualidade... - disjuntiva e exclusivamente vermelha, laranja, amarela, verde, azul, violeta ou preta. Só.

No Largo do Chiado repetimos a mesma performance apresentada nas Caldas da Rainha, com as diferenças ordenadas pelo local.

No café Brasileira fomos entrando um a um, cada qual vestido rigorosamente da sua cor, levando um livro, um caderno de apontamentos, uma esferográfica, um marcador, uma bandeirinha e mais coisas nos bolsos, tudo no monocromo fanatismo... indo-se sentar numa mesa que cobre com um toalhete da paixão colorística. Depois de estarem os sete sentados, começam todos a fazer a mesma coisa, em conseguida sincronização. Sigamos, por parcial exemplo, o partidário do azul quando já em acção simultânea.

Lê por momentos um livro com as e letras azuis, pede uma água que discretamente tinge com corante azul, bebe um pouco dessa água, escreve no caderno azul palavras azuis, bebe mais água azul, agita a bandeirinha azul, gritando – Viva o Azul! A vida é Azul! Só o Azul nos salvará! Viva o Azul! Claro que das outras seis bocas se poderia ouvir ao mesmo tempo – Viva o Vermelho! – Viva o Laranja! – Viva o Amarelo! – Viva o Verde! – Viva o Violeta! – Viva o Preto! E bebem mais um trago, lêem mais uma página, escrevem mais umas palavras, gritam mais umas frases...

- Tudo em sincronia, tudo em monocromia, tudo em monotonia⁴⁹⁴.

⁴⁹⁴ RUÃO, Carlos - Performance prospectiva portuguesa: o Grupo Cores e o panorama da Performance em Portugal nos anos 70, *GICAPC-CORES76/78*, Coimbra, (2010) 25-49.

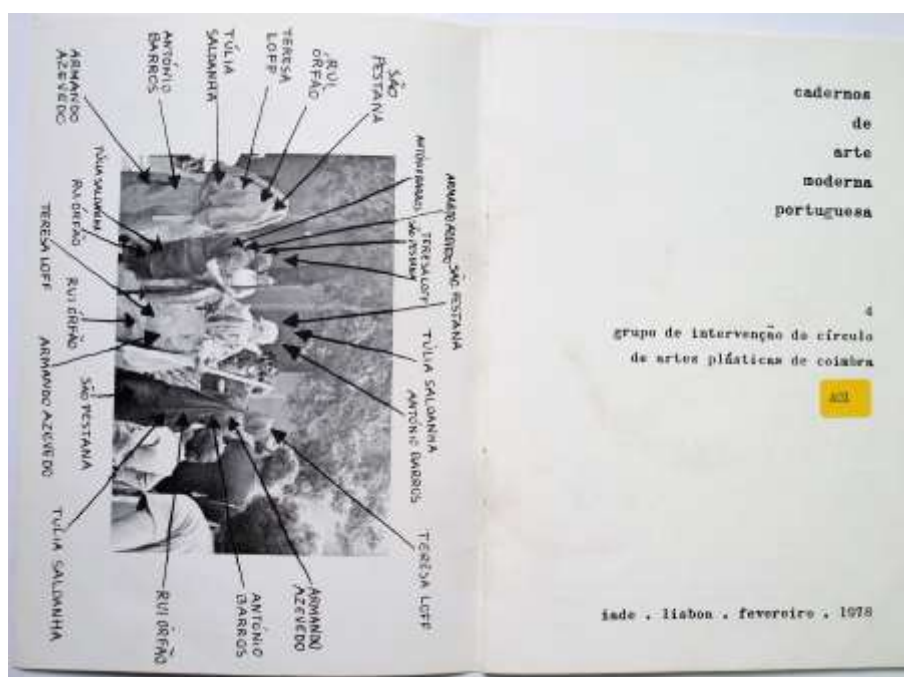


Fig. 73 – Cadernos de Arte Moderna Portuguesa, 1978

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Como refere Armando Azevedo:

O Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra é sintetizável numa expressão: cores em performance. Na verdade, em todas as intervenções deste colectivo, sem excepção, os seus elementos, em simultâneo, exploraram a heterogeneidade do arco-íris, cada um vestido,

vivendo e exaltando a sua cor, em obsessiva e fanática monocromia, todos ao mesmo tempo e, assim, em plurivocidade e dialética.⁴⁹⁵

A pluralidade das cores fazia-se sentir neste grupo e espelhava, em simultâneo, a diversidade de pensamentos, culturas e vivências que, no pós-revolução de 1974, se vivia em Portugal. Cada um envergava uma cor, cada um tinha uma ideologia, um gosto, um sentimento e uma visão própria e diferente da dos outros, do que se passava consigo e no país.

O GICAPC e o CORES foram um marco inegável de contemporaneidade e das vivências dos artistas no período de 1974 a 1976.^{496, 497}

8. A criação colectiva: Alternativa Zero e Living Theatre

As iniciativas, a solidariedade e o trabalho conjunto por parte dos artistas no pós 25 de Abril, eram excepcionais. O período que medeia o Abril de 74 e a exposição *Alternativa Zero*, em 1977, foi um tempo de ligação e de dinâmica entre a arte e a crítica. Nas actividades culturais procurava-se a intervenção a todos os níveis, económico, político, social, cultural e todos os meios eram válidos para a difusão e a divulgação da criação: jornais, panfletos, cartazes, paredes e muros.⁴⁹⁸

⁴⁹⁵Idem, *ibidem*, p. 25-49.

⁴⁹⁶ Cf. AZENHA, António Joaquim Gaspar, *Círculo de Artes Plásticas e a génese do grupo PUZZLE*, Coimbra: EUAC, 2008.

⁴⁹⁷ O GICAPC e o CORES participaram: CAPC – Homenagem ao 25 de Abril, Sereia - Praça da República, Coimbra, 1977, *Alternativa Zero*; “ECOLOGICAMENTE”, na Praça da República - Coimbra, “As Cores em Performance” (17 para 18 de Junho de 1977, na Maratona Cultural da Academia de Coimbra), IV Encontros Internacionais de Arte em Portugal - Caldas da Rainha, organizado por Jaime Isidoro e Egídio Álvaro, 1977/1978 “Outro Salão”, na SNBA, ‘Cadernos de Arte Moderna Portuguesa’, IADE, Chiado e no Café Brasileira, Fevereiro de 1978. SOUSA, Pedro Miguel Teixeira, *A Obra Performativa de Armando Azevedo*, Coimbra: FLUC, 2011, Dissertação de Mestrado em estudos artísticos, p. 36.

⁴⁹⁸ NOGUEIRA, Isabel - *Do pós-modernismo à exposição Alternativa Zero*, Vega, 2007.



Fig. 74 – Living Theatre, Coimbra

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Na cidade de Coimbra, em Março de 1977, o Círculo faz um comunicado à imprensa dizendo que:

Se encontra nesta cidade o Living Theatre, que realizará dois espectáculos, dia 2 de Abril, Sábado pelas 16h, no pátio da Universidade e à noite no Círculo de Artes Plásticas.

À noite no Círculo será celebrada uma Festa Judia onde será oferecida uma refeição tradicional, preparada pelos elementos da companhia teatral.

Convidamos (...) toda a população de Coimbra a assistir a dois espectáculos inéditos nesta cidade

⁴⁹⁹

⁴⁹⁹ Comunicado à Imprensa, 30 de Março de 1977, Correspondência entre a Direcção do Centro de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Março de 1977, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 91.

Como se afirmou no Comunicado à Imprensa: “A apresentação do Living Theatre em Coimbra foi completamente inédita e representou um marco na vida cultural da cidade”⁵⁰⁰.



Fig. 75 – Living Theatre, Pátio da Universidade de Coimbra

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

O Living Theatre era uma companhia de teatro experimental norte-americana, fundada em Nova Iorque no ano de 1947, que teve um papel fulcral no movimento pacifista, assumindo-se contra a guerra do Vietnam e manifestando-se pela desobediência civil. Tal levou os membros do grupo a serem considerados, pelo governo dos Estados Unidos, como uma companhia teatral indesejável.

Na digressão que realizaram por Portugal, em Lisboa, Coimbra e Porto, apresentaram “Sete Meditações sobre Sado-Masochismo Político”, numa extensão de Alternativa Zero, de Ernesto de Sousa⁵⁰¹ com co-organização do CITAC, CAP e Museu Machado de Castro. As suas actuações pautavam-se, essencialmente, por não existirem fronteiras entre os atores e o público, este era convidado a participar de forma activa nos

⁵⁰⁰ Programa, 2 de Abril de 1977, comunicado à imprensa, 30 de Março de 1977, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁰¹ SALGADO, Ricardo Seça - A Política do Jogo Dramático – CITAC: Estudo de Caso de um Grupo de Teatro Universitário, Lisboa: ISCTE, 2012, Tese de Doutoramento, p. 472.

espectáculos o que deixou o público de Coimbra rendido às suas apresentações, devido à intensidade e dinamismo que os caracterizava⁵⁰².

Durante o ano de 1977, o Círculo participou, igualmente, na intervenção pública *Homenagem ao 25 de Abril* e ao aceitar esse desafio tomou uma posição de intervenção política, cívica e artística. Foram apresentadas três peças conceptuais, de arte pública que foram colocadas na Praça da República em Coimbra. Devido a vozes discordantes, foram retiradas e colocadas num espaço considerado mais resguardado, o Jardim da Sereia.

O Círculo, como colectivo, defendia uma sociedade aberta, com sensibilidade artística e linguagens diversas, alguns sócios admiravam os movimentos da vanguarda russa, como o *Suprematismo* ou o *Proletkult*⁵⁰³ (o movimento iniciado com a Revolução Russa, com o objectivo de colocar todas as formas de arte ao serviço do proletariado) por estas razões se associaram à realização da homenagem ao 25 de Abril, que tinha um cariz vincadamente político.

Armando Azevedo realizou um objecto em forma de paralelepípedo, com dois cubos sobrepostos, o cubo-base coberto com tecido, o cubo-superior com as faces recobertas de tule e pintadas de cor diferente, remetendo para cortinas transparentes, dentro deste, um outro cubo suspenso, com as faces revestidas com fotocópias da 1ª página de um jornal publicado no dia 25 de Abril de 1974 que testemunhava a participação do próprio Armando Azevedo no golpe militar aquando da sua presença nas instalações da RTP no Lumiar em Lisboa (Armando Azevedo foi o militar que leu, em directo, o comunicado das Forças Armadas, na RTP, no dia 25 de Abril de 1974). Cada uma das faces era

⁵⁰² “Às Sete Meditações... (The Living Theatre), peça executada no pátio da Universidade de Coimbra, (1977), seguiu-se no dia seguinte no CAPC, como nos enuncia José Ernesto de Sousa: “... um dos actos sociais mais emocionantes em que me tem sido possível participar”. O CAPC nas suas instalações, recebera a celebração de um Jantar Ritual da Páscoa Judia, agora versão Living, e em que Julian Beck e Judite Malina conduziram em ousada ritualização os cânticos de Baez e a poesia de Ginsberg para uma solene comunhão performativa sem precedentes”, Barros, António - *Rua Larga*, nº 26, Universidade de Coimbra, 2014, p. 30-33.

⁵⁰³ Proletkult: abreviatura de "Proletarskie kulturno-prosvetitelnye organizatsii", significa cultura proletária. Movimento literário russo que surgiu em 1917, popular e contrário à cultura da burguesia, incentivava a produção literária de cariz social e político. Uma literatura acessível ao povo. *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*, São Paulo: Editora Nova Cultural, 1998, p. 6112.

pintada de vermelho, azul, amarelo e verde, as transparências possibilitavam que ao olhar pela face azul, esta cor fosse reforçada pela cor do cubo interior que poderia, por exemplo, ser a face de cor amarela.

A obra escultórica de Ção Pestana transportava o espectador para o prazer das brincadeiras da infância: um moinho de papel em grande escala, com o suporte da bandeira portuguesa. A peça simbolizava a construção de uma nova sociedade em mudança, em movimento e em liberdade, ou seja, os primeiros passos do país para uma nova vida.

A terceira escultura, da autoria de António Barros, era constituída por um plinto sobre uma cadeira vazia e em que cada pé assentava rodízios, cada um deles diferente do outro. Jogava com a duplicidade e também a estabilidade/instabilidade.⁵⁰⁴

Integradas nas comemorações do 25 de Abril foram levadas a efeito, pelo Círculo, outras iniciativas como as Sessões de Pintura Infantil realizadas no Estádio Universitário.

⁵⁰⁴AZENHA, António Joaquim Gaspar - Círculo de Artes Plásticas e a génese do grupo Puzzle, Coimbra: EUAC, 2008, Dissertação de Mestrado em Comunicação Estética, p. 64-65.



Fig. 76 – Actividades desenvolvidas com público infantil, Estádio Universitário, 1975

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Tais iniciativas realizaram-se, igualmente no Museu Nacional Machado de Castro e no Jardim da Sereia ou integradas nas comemorações do 1º de Maio e realizadas nas instalações do Centro de Observação, anexo ao Tribunal Tutelar de Menores.

Alberto Carneiro responde à Fundação Gulbenkian, a um pedido de esclarecimentos:

À Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra solicita-se um comentário no âmbito da minha actividade pedagógica sobre as condições de existência económica e cultural desta instituição o qual apoiará o pedido de manutenção do subsídio que a Fundação Calouste Gulbenkian lhe tem concedido ao longo dos anos da sua actividade e sem o qual não lhe seria possível manter-se actuante, dada a exiguidade de outros apoios.

“Poderemos referenciar dois planos de actuação: o interno pela actividade dos cursos práticos e teóricos o externo pela participação do CAPC em acontecimentos culturais de interesse público.

No plano interno é de sublinhar:

Os *ateliers* de pintura e modelação, onde se actuou ao nível da realização prática pela aprendizagem das tecnologias e dos meios para a formação do objecto artístico, suporte da comunicação estética.

Os cursos de educação visual fundamentalmente teóricos, mas para os quais cada aluno produz o material didáctico em sessões práticas prévias, sendo este material analisado e integrado num processo contínuo de estudo dos fundamentos de formação das imagens e da comunicação visual.

As sessões sobre história da arte organizadas segundo um modelo de retroacção pelo qual as formas artísticas referidas a um dado momento da história são comparadas com o mundo visual que do passado informa a nossa actualidade.

As exposições que se pretendem polémicas, suscitando assim o interesse pelas vanguardas por contraponto a uma realidade artística local quase inexistentes e, quando presente, ainda anquilosada na repetição de padrões antiquados ou de intenções mais que duvidosas. O debate com o artista expositor revelou-se sempre de importância fundamental pelo enriquecimento do campo de leitura da obra e pela revelação do mundo que lhe dera origem.

Os colóquios e os debates seguintes pelos quais foi possível confrontarmos ideias e posições diversas e enriquecer a informação, variando-a.

No plano externo, o CAPC confirmou a actuação relevante dos últimos anos no campo das actividades artísticas, locais e nacionais.

Foi notória a sua participação na “Alternativa Zero” pelo trabalho colectivo “A Floresta” e pela acção/envolvimento representada.

É relevante a participação em iniciativas e manifestações culturais na cidade de Coimbra. Citaremos o apoio dado ao trabalho com o “Living Theatre”, a colaboração com o Museu Machado de Castro, a participação na festa do 25 de Abril, que foi polémica e gerou aceso debate em torno da actuação artística directa, actuante no e sobre a questão política.

Por tudo o que aqui foi referido, as actividades do CAPC não poderão cessar sem que desse facto resulte um grave prejuízo para a cultura nos aspectos que nesta se traduzem pela pesquisa de novos meios e pela transformação dos seus significados...⁵⁰⁵.

Aqui se dão conta das várias iniciativas levadas a efeito como, entre outras, os ateliers de pintura e modelação organizados com vista a uma aprendizagem mais aprofundada das técnicas e os cursos de educação visual com as vertentes teóricas e práticas, as sessões de História da Arte, as Exposições que, como refere, se pretendem polémicas, suscitando interesse pelas vanguardas em contraposto com a realidade artística e cultural vivida na cidade e também a realização de debates com os artistas que tinham as suas obras em exposição, para que houvesse uma leitura diferente e aprofundada das obras expostas e um maior diálogo entre os artistas e os diferentes públicos.

⁵⁰⁵ Carta de Alberto Carneiro dirigida à Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Julho de 1977, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 92.

No ano seguinte, em 1978, no Plano de Actividades⁵⁰⁶ demonstravam pretender a continuidade das actividades pedagógicas, como os *ateliers* de Pintura e de Escultura, orientados por Tília Saldanha, que continuavam a ser pontos privilegiados de investigação e de realizações experimentais, passando a estar ligados às aulas teóricas de História da Arte e também ao Curso de Educação Visual, que era ministrado sob a orientação criteriosa dos professores Armando Azevedo e Alberto Carneiro,⁵⁰⁷ este último sentia que o Desenho era a base da criação artística, fosse ela de que cariz fosse e era importante ter esta base e, por isso, organizou o Curso de Desenho, direccionado para os sócios e para professores de Educação Visual das escolas preparatórias e secundárias, com o objectivo de colmatar ou amenizar as lacunas que sentiam. Como refere Carlos Antunes: “Para o Alberto, o desenho não é apenas um método, ou um caminho para, mas define uma forma única de relação da descoberta do Eu e, por essa via o Mundo”.⁵⁰⁸

Armando Azevedo vai dinamizar uma outra actividade criativa e pedagógica, a *Criação Colectiva*, realizada em espaços abertos e em que:

A descoberta do corpo e da sua expressividade era feita a partir de uma linguagem corporal não-verbal entrosada por vezes na verbal, desenvolvida pelo entendimento da expressão de cada parte na construção de todo, pela descoberta da comunicação, da interacção e manuseamento e uso de alguns elementos materiais, localmente disponíveis e necessariamente pobres⁵⁰⁹.

Também dentro de todas estas dinâmicas e ainda no decorrer desse ano lectivo a Direcção teve o apoio da Cooperativa Gravura e tornou possível a realização de cursos intensivos de Serigrafia e Gravura, assim como de um *atelier* infantil e de uma oficina de expressão plástica, com aulas de desenho, pintura, colagem, barro e técnicas mistas.

⁵⁰⁶ Carta da Direcção do Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 25 de Outubro de 1977, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 93.

⁵⁰⁷ Curso de Educação Visual, s/d, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁰⁸ ANTUNES, Carlos, PEDRO, Desirée - *Intercriatividade* - Sessões de Criação Colectiva concebidas e orientadas por Alberto Carneiro- CAPC - 1979/80, Coimbra: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2017, p. 9.

⁵⁰⁹ “Carta de intenções” para as Sessões de Criação Colectiva, 1979, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Esta era a vertente pedagógica desenvolvida pelo Círculo, paralelamente à realização de colóquios, de conferências, de debates, de sessões de esclarecimento e de projecção de filmes. Organizam o colóquio *O Panorama Artístico Português*, com a participação de críticos de arte, convidados pelo Círculo de Artes Plásticas e pela *Galeria Círculo*, que apresentava, regularmente, mostras de trabalhos de sócios e alunos externos que frequentavam os cursos, a par de obras de artistas consagrados, reconhecidos no meio da Arte contemporânea. O Círculo era, na época, um centro de difusão de actividades culturais e pedagógicas, um pólo aglutinador das artes e experiências inovadoras.

Sob a orientação de António Barros e de Alberto Carneiro⁵¹⁰ organizam dois ciclos de exposições:

Poesia Visual Portuguesa: Alberto Pimenta, Espi-ritos Actu(ais)antes, Ana Hatherly, Descolagens na cidade, António Aragão, Ovo Povo, António Barros, Algas, NostAlgas, Ernesto Melo e Castro, Delfos 2020, Silvestre Pestana, Radioideologias.⁵¹¹

Novas Tendências na Arte Portuguesa: Alberto Carneiro, Corpo Arte-Arte Corpo, Álvaro Lapa, Conversa, Ângelo de Sousa, Pintura, Fernando Calhau, Dark Pages, Helena Almeida, Ouve-me, Vê-me, Sente-me, Joana Rosa, Instalação, José Carvalho, Metal-Light-Piece, Julião Sarmento, Gnait, Palolo, Construção e em homenagem: José Conduto.⁵¹²

No relatório de actividades enviado à Fundação Calouste Gulbenkian apresentam a planificação do que pretendem desenvolver no ano de 1978:

1- Alberto Carneiro orientará um Curso de Educação Visual que durará todo o ano lectivo e que, além, de aberto a todos os sócios nele interessados, se destinará muito especialmente aos professores de artes plásticas de ciclos preparatórios, liceus, escolas, etc, trabalhos começados e

⁵¹⁰ Cf. [em linha]. [consultado a 28 Abril 2017]. Disponível em: <http://barrosantonio.wordpress.com/about/>

⁵¹¹ BARROS, António - *Revista Triplov, Artes, Religiões e Ciências*, Primavera, 2020, [consultado a 28 Abril 2017]. Disponível em: <https://triplov.com/e-m-de-melo-e-castro-nos-60-anos-do-capc>

⁵¹² Idem, *ibidem*.

acabados em cada aula serão o principal suporte da consciencialização do fenómeno estético na aula seguinte.

2- Alberto Carneiro, Túlia Saldanha e Armando Azevedo orientarão aulas de desenho, pintura, escultura, barro, colagens... e outras técnicas mistas. Além da orientação técnica dos respectivos ateliers, estas aulas – ligadas ao curso de educação visual – destinam-se à iniciação e desenvolvimento da sensibilidade, sobre tudo visual, através dum contacto teórico-prático com o fenómeno artístico nas suas inumeráveis formas. Far-se-ão nestas aulas os imprescindíveis estudos sobre os suportes, os materiais, os signos (ponto, linha, mancha, cor...) que se inscreverem no suporte, a dimensão, o volume, o espaço...; a redescoberta dos objectos como significantes; a linguagem e os potenciais significantes; composição e expressão nas suas relações e interpenetrações; o código fixo (e a equivocidade); o código poético (e a ambiguidade); a polivalência do signo como significante e a estética do significado. Daqui sairão contínuos trabalhos de criação individual e colectiva.

3- Funcionarão ateliers livres onde os sócios, para além das aulas, poderão investigar e experimentar outros suportes, outros materiais, outras formas, outras imagens plásticas. O apoio e orientação dos ateliers estarão, sobretudo, a cargo de Túlia Saldanha.

4- A criação colectiva - seriamente concretizada já no campo de intervenção do CAPC – ocupará, sem dúvida, um relevante espaço no interior e exterior do Organismo. Com dinamização e coordenação de Armando Azevedo, os trabalhos de criação colectiva serão organizados em espaços abertos e em espaços fechados investigando-se a estética do e no quotidiano com trabalhos teórico-práticos sobre: a palavra como imagem; a imagem como palavra; os objectos/mundo redescobertos na sua polivalência; a comunicação através do código poético e a comunicação através dos códigos fixos (e fixantes); a descodificação do quotidiano.

5- Organizaremos (e colaboraremos em) trabalhos de apoio à expressão plástica das criações, dentro ou fora das nossas instalações dando preferência às que ofereçam garantias de continuidade.

6 – Pensamos organizar viagens de estudo, sabendo, no entanto, quão difícil será concretizar este ponto, por óbvias razões económicas.

7 – Organizaremos o maior número possível de colóquios, conferências, debates, projecções, filme.... Temos, aliás, já programadas e marcadas algumas realizações deste tipo.

8 – Tentaremos manter a nossa GALERIA permanentemente aberta a exposições quinzenais de trabalhos de sócios do CAPC cuja validade o justifiquem ou trabalhos de artistas de fora de Coimbra com notoriedade na modernidade portuguesa, a exemplo do que se passou no ano findo. Os artistas expositores continuarão a orientar e a animar um colóquio na abertura da respectiva exposição.

9 – Participaremos nas exposições e acontecimentos por nós considerados de interesse na (re)definição duma autêntica cultura portuguesa. Tem o Grupo de Intervenção do CAPC programadas deslocações a Lisboa (SNBA, ESBAL) e à Madeira.

10 – Mais ou menos do género de “Aniversário da Arte” ou da “Semana de Arte na Rua” realizados por nós em Coimbra, respectivamente, em 1974 e 1976, iremos provavelmente organizar e criar uma Festa da Arte em colaboração com Ernesto de Sousa que já nos contactou nesse sentido.

11- Dentro das possibilidades dar-se-á apoio às exposições de sócios mesmo quando fora de Coimbra.

Para a efectivação deste programa necessita o CAPC de continuar a contar com o imprescindível apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Tendo isto em consideração, acreditamos que a Fundação Calouste Gulbenkian nos concederá os subsídios abaixo apontados.

Para a renda da casa..... 48.000\$0

Para os dois Professores (Novembro a Maio) 84.000\$00

Para o material (Novembro a Maio) 14.000\$00

Total..... 146.000\$00

Sem outro assunto, de momento, renovamos os nossos melhores cumprimentos.

Pel'A Direcção

Maria Teresa Sérgio Loff Barreto.⁵¹³

O apoio à expressão plástica dentro e fora das instalações do Círculo e a convicção da importância dada às viagens de estudo eram pontos fulcrais para um conhecimento mais aprofundado da Arte por parte dos alunos que não deveriam restringir-se somente às aulas ali ministradas. Também a periodicidade expositiva da Galeria, que apresentava mostras quinzenais de trabalhos de sócios ou de artistas exteriores à instituição, era de um ritmo e qualidade quase impensável nos dias de hoje.

No ano de 1979 a Direcção pretendia ter um plano descentralizador que divulgasse mais longe o que o Círculo realizava em Coimbra, iniciando esse trabalho de descentralização, respondendo positivamente ao convite da Secretaria Regional de Educação e Cultura do Funchal, para realizar uma *Semana Cultural* na Ilha da Madeira. A Secretaria Regional subsidiaria a exposição e disponibilizaria espaço urbano e galerias como a do Museu de Arte Sacra, Salão Nobre do Teatro Municipal e sala do edifício Marghab para a realização das mostras de arte. A iniciativa contaria com exposições, intervenções colectivas, colóquios com a participação de Alberto Carneiro,

⁵¹³ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 25 de Outubro de 1977, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

António Barros, Armando Azevedo, Ção Pestana, Túlia Saldanha, Manuela Fortuna, Rui Órfão e Teresa Loff ⁵¹⁴.

No ano lectivo de 1979/80, no plano de actividades enviado à Fundação Gulbenkian, mostram que pretendem organizar várias exposições com obras de Julião Sarmento, Ana Hatherly, Helena Almeida, Silvestre Pestana, Josef Albers, Alberto Carneiro, Palolo, Ângelo de Sousa, Álvaro Lapa, Mineo Yamaguchi, Joana Rosa, Fernando Calhau, António Barros, Gaetan, Salete Tavares, Robin Denny, Jwow Basto e Ana Isabel, mas algumas destas exposições não se realizaram ou só se concretizaram um ou dois anos mais tarde.



Fig. 77 – Mineo Yamaguchi, *Space*, Ciclo de Performance, 1980

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Ao longo do biénio 1979-1980 os artistas do Círculo participaram colectiva ou individualmente em exposições e iniciativas culturais estando sempre presente e demonstrando sempre grande actividade.



Fig. 78 – Intervenção Ecológica Performance CAPC, Praça da República, 1979

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁵¹⁴ Embora esta informação surja em correspondência trocada entre o Círculo e o Governo Regional, não conseguimos encontrar documentação que confirme que, de facto, se realizou.

Parte V

Capítulo 1 - De Círculo de Artes Plásticas a Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

A situação jurídica do Círculo de Artes Plásticas como secção da Associação Académica de Coimbra não era boa. O Diretor-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura informou a Direcção do Círculo da impossibilidade da continuação do envio de subsídios de manutenção da instituição, que embora sendo poucos eram uma ajuda, em conjunto com os apoios concedidos pela Fundação Gulbenkian.

O Círculo de Artes Plásticas viu-se assim na iminência de perder os apoios iniciou o processo de autonomia, algo que há muito era falado e desejado, mas que tinha sido até aí, sempre adiado. Sentia-se grande instabilidade na Direcção-Geral da AAC, o que pesou no desejo da Direcção do Círculo acelerar o processo de passagem a organismo autónomo.

Caros Colegas,

Como é do V. conhecimento, tem o Círculo de Artes Plásticas necessidade de adquirir estatutos jurídicos autónomos. Como é também do V. conhecimento não pretendemos afastar-nos das Estruturas Associativas da AAC – a menos que a isso nos obriguem.

Porque estamos certos de que o estatuto de ORGANISMO AUTÓNOMO será a forma mais correcta e eficaz na resolução deste processo; porque acreditamos (ainda) que quer a D.G. quer as restantes Estruturas Associativas compreenderão que a passagem do CAPC a ORGANISMO AUTÓNOMO só trará vantagens à AAC... temos vindo a adiar a entrega do ORÇAMENTO na esperança de o podermos fazer já como ORGANISMO AUTÓNOMO⁵¹⁵.

A Direcção do Círculo subscreve que: “O objecto final da D.G. é desagregar a A.A.C. e os seus órgãos democráticos e representativos, numa célebre Reunião Geral de Estruturas Associativas de Coimbra”⁵¹⁶.

Foi eleita uma Comissão para averiguar a hipótese dos benefícios de passagem a Organismo Autónomo e no ano de 1979, a Direcção informou a Direcção Geral da

⁵¹⁵ Carta da Direcção do Círculo de Artes Plásticas à Direcção da Associação Académica de Coimbra, 17 de Novembro de 1978, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 94.

⁵¹⁶ “Comunicado da Comissão Eleita na Reunião Geral de Estruturas Associativas de Coimbra”, de 23 de Novembro de 1979, SOUSA, Ernesto de - *Revolution My Body*, Lisboa:Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, p. 106.

Associação Académica de Coimbra, que se tornara necessário ter um estatuto jurídico autónomo. A Direcção do Círculo não pretendia o afastamento das estruturas da AAC, pois pensava que ao tornar-se organismo autónomo teria melhor resolução das dificuldades na atribuição dos subsídios, aliás Armando Azevedo, numa Assembleia Geral de Julho de 1978, referiu a difícil situação económica por que o Círculo passava, o que impossibilitaria a aceitação de um convite da Secretaria de Estado da Cultura para participar na exposição colectiva *Panorama das Galerias*, a realizar na Galeria Nacional de Arte Moderna, em Lisboa.



Fig. 79 – Panorama das Galerias 1, Instalações: António Barros - Puras razões...impura; Armando Azevedo, Utopias e utopia

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas



Fig. 80 – Panorama das Galerias 2, Instalações: António Barros – Gritos de Angústia e Sarcasmo; Rui Órfão – Memória das Imagens Ausentes

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

No ano de 1978, o Círculo é forçado a iniciar o processo de autonomia, de transformação de secção da A.A.C. em organismo autónomo da Academia de Coimbra. Tal tornou-se urgente, desde que o Diretor-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, marcou uma reunião com a Direcção do CAP, a fim de informar que “devido à actual situação jurídica do Círculo como secção da A.A.C., a Secretaria de Estado da Cultura, através da Direcção de Acção Cultural, não poderá continuar a atribuir ao CAP os subsídios de manutenção por ele pedidos”. Foram analisadas as vantagens e os pontos fundamentais para que o CAP pudesse adquirir os direitos legais para poder continuar a usufruir da atribuição dos subsídios. O CAP comprometeu-se a iniciar todo o processo para passar a ser uma entidade jurídica autónoma. Formou-se uma comissão para analisar a questão e a tomada de posição, a fim de poderem ser dados os passos para a concretização da autonomia legal e jurídica.

A Fundação Calouste Gulbenkian apoiou a decisão. A Direcção do CAP teve uma entrevista com o Professor Ferrer Correia, Reitor da Universidade, que apoiou e se prontificou para dialogar com a D. G. para que se encontrasse uma solução. A situação era urgente e tinha de ser resolvida rapidamente, até por causa da instabilidade sentida na D.G. da A.A.C., que retirou poder, legitimidade e representatividade às estruturas associativas, às secções e organismos, partidarizando-as e colocando-os num ambiente de desconfiança⁵¹⁷

Todos estes motivos apontavam para que a passagem do Círculo a Organismo Autónomo fosse considerada como algo positivo, oportuno e que deveria ser bastante célere. A proposta foi a votação em Assembleia Geral e foi aceite por unanimidade.⁵¹⁸ Nomearam uma comissão, constituída por Armando Azevedo, Teresa Loff e Tília Saldanha, para realizar todo o processo burocrático.

⁵¹⁷ Correspondência entre a Direcção Geral da Associação Académica e o Círculo de Artes Plásticas, Arquivo Círculo de Artes Plásticas, s.d.

⁵¹⁸ Acta da Assembleia Geral de 24 de Julho de 1978, *Livro de Actas*, p. 7, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 95.

O Professor Ferrer Correia, em carta dirigida à Direcção do Círculo⁵¹⁹, manifestava o seu agrado pela alteração pretendida, mas como era de esperar todo o processo passou por enorme burocracia e entraves, tornando-o demasiado moroso. Finalmente o Círculo passou a Organismo Autónomo da Academia de Coimbra:

Tendo agora finalmente conseguido concretizar um dos sonhos que de há tempos esperávamos, não é sem algum desvelo que nos propomos continuar um espaço cultural que se afigura relevante, nesta Coimbra que é a nossa, e que urge de mais e mais incentivar e promover⁵²⁰.

O Círculo continuou a receber os apoios financeiros da Fundação Gulbenkian e foi também considerado, pela Secretaria de Estado da Cultura (SEC), um Organismo Cultural, recebendo apoios financeiros da SEC, com vista à realização dos vários projectos que vinha desenvolvendo e que anualmente se propunham realizar.

1. Anos 80

A década de 1980 e o início da seguinte foram tempos de uma maior experimentação e criatividade, em que havia maior projecção internacional e produção artística. Agora o artista era mais autónomo e internacional, estava virado para a criação e para o estudo, sentia-se apto a experimentar novos materiais e tecnologias. O artista não é só pintor ou só escultor, mas utiliza diferentes meios para a realização da sua obra. Esta foi também uma época do surgimento de vários organismos e equipamentos ligados à Arte, locais onde se podiam ver exposições, fazer visitas guiadas, estudar, ler, estar em contacto com as realizações artísticas contemporâneas de Portugal e do estrangeiro.

Abrem novas Galerias, fazem-se Feiras, são editados catálogos e publicações ligadas à Arte, abrem novos espaços expositivos, como o Centro de Arte Moderna - Fundação

⁵¹⁹ “Muito gostei de saber que tudo se encaminha para a concessão ao Círculo de Artes Plásticas, o estatuto de Organismo Autónomo, conforme os vossos desejos”, Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Prof. Ferrer Correia, Reitor da Universidade de Coimbra, 25 de Janeiro de 1979, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵²⁰ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Prof. Ferrer Correia, 25 de Janeiro de 1979, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Calouste Gulbenkian, o Centro Cultural de Belém, a Nova Sede da Caixa Geral de Depósitos - Culturgest, a Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva ou a Fundação de Serralves, marcos da cultura e das artes e que, desde então têm um papel fulcral no ensino e divulgação das artes trabalhando com os mais diferentes públicos.

1.1. A sociedade muda e o CAP também muda

Ao tornar-se num Organismo Autónomo, o Círculo passa a ter como designação Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) e com o início de uma nova década, inicia-se uma nova vida. A 5 de Novembro de 1980, no Cartório Notarial de Vila Nova de Poiares, comparecem os sócios Alberto Carneiro, António Barros, Maria de Jesus Ralha, Rui Órfão e Tília Saldanha (elementos constituintes da Comissão Organizadora do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra) que, ao abrigo da legislação em vigor, constituíram uma associação de cultura e recreio designada Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra.⁵²¹

Querendo seguir uma linha orientadora diferente, prevista já no Programa de Actividades e tendo novos estatutos, urgia estabelecer alterações de base na estrutura do CAPC. A Direcção pensa o espaço do Círculo como um:

Sítio de arte, de tudo aquilo que a ela diga respeito (...) na divulgação das vanguardas que revolucionaram os modernos conceitos de arte e na pesquisa de meios que permitam intervir no meio artístico⁵²²

O primeiro passo foi o da modernização das instalações⁵²³, seguindo-se alterações na gestão interna, na orientação pedagógica das actividades e na difusão das áreas

⁵²¹ Escritura de constituição da Associação CAPAC, Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra” (CAPAC), no dia 5 de Novembro de 1980, Livro de Notas para Escrituras Diversas, nº 361, Cartório Notarial Público de Vila Nova de Poiares, in PAIVA, Cláudia Marisa dos Santos - Da Biblioteca de Arte à Gestão Integrada da Informação: O caso do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra: Universidade de Coimbra, Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016, p. 111-130.

⁵²² Reflexões e propostas indispensável continuidade da reestruturação das actividades do CAPC, 1979, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵²³ Que tiveram o apoio financeiro da Secretaria de Estado da Cultura, Correspondência do Círculo de Artes Plásticas para o Director Geral de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 5 de Fevereiro de 1980, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 96.

artísticas. O número de sócios e de iniciativas aumentou de forma significativa e a Direcção elaborou para o tempo futuro um Plano de Actividades que pretendia:

um espírito piloto quer na estruturação de novas orientações pedagógicas quer mesmo no despertar de interesses por novas tecnologias e meios materialmente tradutores e motores da pretendida expressão visual...⁵²⁴

Darão assim continuidade aos programas didácticos pré-existentes, como a realização dos ciclos expositivos alicerçados em temas vanguardistas, os cursos de cinema de animação, de fotografia e de serigrafia e os colóquios, as conferências e as projecções, a par de muitas outras actividades.

São abertos novos espaços como:

- Arquivo de Arte Moderna, o que levou o Círculo a contactar galerias e diversos artistas para que lhes fossem enviados catálogos, imagens ou qualquer outra documentação artística com a finalidade de constituírem um espólio que fosse a base de constituição do arquivo;
- Fórum das Artes, destinado ao diálogo e à reflexão das linguagens e práticas artísticas;
- Arquivo de Documentação Artística.

1.2. Arquivo de Documentação Artística (ADA)

Este era um local onde se pesquisavam e divulgavam as acções da prática das artes e da sua inter-relação histórico-pedagógica. Um arquivo cuja base era constituída por publicações e documentação artística, relatos e ensaios acerca da criação e dos criadores, um local de estudo e de procura de conhecimento, que visava servir de suporte a outros temas e criações contemporâneas.

⁵²⁴ AMARO, Margarida Lebreiro - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: no viver o elogio dos oásis, *Mundo da Arte - Revista de Arte, Arqueologia e Etnologia*, 2ª S, Jan-Mar. 1990, p. 48-49.

Vítor Diniz escreve, pedindo apoio na cedência de materiais para a concretização deste projecto, ao presidente da Fundação Oriente, ao responsável da Europália e ao Director da Fundação de Serralves:

O Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra, no cumprimento progressivo de uma Acção Cultural e Artística para a colectividade vem criando e implementando nas suas instalações um ADA - Arquivo de Documentação Artística.

A importância deste singular espaço, criado pelo CAPC, cumprirá, estamos certos, um excelente contributo a todos os interessados pelo estudo e fruição do domínio artístico e que na colectividade de Coimbra encontra um significativo auditório – a população Estudantil, Universitária.

Poderá mesmo e dada a atenção que lhe vimos devotando e que emula nas instituições de cultura, centros de informação artística etc. ser um motivo de busca de conhecimento permanente e actualizado daquilo que se produz; documenta; e perspectiva o mundo da arte ⁵²⁵.

O Círculo tornara-se num “espaço vivo e dinâmico, norteado por uma actividade cada vez mais qualificada e interveniente na realidade portuguesa”⁵²⁶ para tal tinha em funcionamento três galerias: Galeria CAPC, Galeria Espaço Branco e Galeria Espaço Aberto. Pretendiam desenvolver um trabalho de divulgação e debate artístico, constituir um movimento renovador e divulgador das diversas áreas do saber, com especial ligação às Artes Plásticas, alicerçado numa profunda interdisciplinaridade vivida e séria. Dentro de todo este contexto, surge algo completamente diferente e inovador, *Multi/Ecos*.⁵²⁷

⁵²⁵ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Dr. Carlos Monjardino, presidente da Fundação Oriente, 30 de Novembro de 1991, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵²⁶ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Prof. Ferrer Correia, 24 de Setembro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 97.

⁵²⁷ Resulta de um convite do CITAC (Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra) feito a António Barros e a que se junta Rui Órfão, para fazer a coordenação do Teatro-Estúdio do grupo, no sentido de uma abordagem experimental, plástica e para teatral, concebendo-se um espaço provocador de apresentação, o *Black Cube* (uma sala negra em vez da tradicional galeria branca). Este evento contou com a cumplicidade da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Nasceu então o Ciclo *PROJECTOS & PROGESTOS: Tendências Polémicas nas Linguagens Artísticas Contemporâneas*, coordenado por António Barros e Rui Órfão, evento patrocinado pelo CITAC com participação subsidiária da Fundação Calouste Gulbenkian. Esta iniciativa enquadra 91 artistas e 12 países que objectivaram 48 secções de mostragem. Trata-se de um espaço alternativo de expressão artística contemplando as áreas de multimédia, *performance art*, teatro experimental, artes visuais, *video art*, diaporama, *operating theatre*, música experimental, literatura visual, poesia fonética e sonora, *living sculpture*, Cf. *MULTI/ECOS*, um

um colectivo internacional/happening que resulta de um convite do CITAC a António Barros para fazer a coordenação do Teatro Estúdio do grupo, no sentido de uma abordagem experimental, plástica e parateatral.⁵²⁸

É o início de um projecto que se irá consolidar entre 1981/82 com a realização do simpósio *Projectos & Progestos*.⁵²⁹

2. Projectos & Progestos, Atitude

O *Projectos & Progestos Tendências Polémicas nas Linguagens Artísticas Contemporâneas*, foi coordenado por António Barros e Rui Órfão e patrocinado pelo CITAC, tendo o apoio financeiro da Fundação Gulbenkian, contando com a participação de 91 artistas e 12 países.⁵³⁰

Era um espaço alternativo de expressão artística contemplando as áreas de multimédia, *performance art*, teatro experimental, artes visuais, *vídeo art*, diaporama, *operating theatre*, música experimental, literatura visual, poesia fonética e sonora, *living sculpture*.⁵³¹

Este projecto tinha a finalidade de dinamizar o grupo ARTITUDE: 01, que, entre os anos de 1980 e 1985, teve como membros Isabel Carlos, Isabel Pinto, José Louro e João Torres.

Projectos & Progestos, nasceu de certo modo duma conversa surgida um dia entre amigos que então trabalhavam no teatro, e nós que por sinal operávamos na área das artes visuais.

Deste diálogo admitimos que poderia ser interessante conjugar experiências e comungar da interacção das revelações vindas de cada área em pesquisa (a teatral e a plástica ou mesmo de escrita visual e musical e, estudar suas implicações de intervalorização como linguagens de arte). Projectos & Progestos, e como seu nome já em si o revela, não se ocupa das implicações dum

colectivo internacional – *happening* [consultado a 25 Julho 2017]. Disponível em: <https://baldiohabitado.wordpress.com/arte-da-performance-performance-art>,

⁵²⁸ SALGADO, Ricardo Seça, *A Política do Jogo Dramático – CITAC: Estudo de Caso de um Grupo de Teatro Universitário*, Lisboa: ISCTE, 2012, Tese de Doutoramento, p. 475.

⁵²⁹ Correspondência entre António Barros e o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 28 de Novembro de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Cf. Barros, António [consultado a 3 Fevereiro 2012]. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-projectos-e-progestos-no-lugar-para-alem-do-lugar/>

⁵³⁰ SALGADO, Ricardo Seça - *Op. cit.* p. 479.

⁵³¹ Idem, *ibidem*, p. 479-483.

espectáculo resultado ou mesmo de verdades consumadas. Da experimentação do estudo e dos seus textos inerentes, se envolveu o espírito que norteou o ritmo dos próprios trajectos, numa prática em que se tornou dominante o trabalho oficial em progresso.⁵³²



Fig. 81 - Artitude

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Um colectivo com actividade progressivamente desenvolvida, experienciando diferentes edições como:

Artitude.01 - revista objecto, uma *publicação-objecto*, em forma de sapato com as diversas páginas recortadas como se fossem palmilhas, surge em Coimbra em 1981.

Artitude:01 - revista-ambiente, com as paredes e o chão da galeria *Diferença* a servirem de páginas da revista, em Lisboa no ano de 1982.

Artitude:01 - revista operação, P&P no Teatro Estúdio do CITAC, tendo a cidade de Coimbra como objecto de reflexão, em Coimbra em 1983.

Artitude:01/MM - “*Acquaplanning*” - IV Bienal Internacional de Arte de Cerveira, em Vila Nova de Cerveira no ano de 1984.

- *Artitude:01* - revista urbana, em Coimbra 1984.

⁵³² BARROS, António - *Projectos & Progestos, Ritos D'Água - Elementos para uma Antologia do Silêncio*, Coimbra, 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

- *Artitude:01/WS* - “Arte =Vida/Vida=Arte”, rio Mondego, em Coimbra 1984.
- *Artitude:01* - “Elementos para um manifesto GerAccionista”, em Coimbra no ano de 1984.
- *Artitude:01/* “Novos silêncios ou o Elogio da Pantera, Perform/arte”, I Encontro Nacional da *Performance*, Torres Vedras, em 1985.⁵³³

Segue também a ideia da Acção Performance: ARTITUDE:01 – Revista Artoral. No texto de apresentação faz-se a seguinte referência:

Este número da revista *Artitude:01*, este trabalho de acção viva plástica, é o próximo exercício deste grupo. A acção que se desenvolve no âmbito da performance e multimédia, joga com elementos eminentemente visuais.

A acção desenvolve-se sucessivamente em quadros plásticos gestuais vivos/ comportamentais; jogos de luz e atitudes. Eles, esses quadros, colam-se sucessivamente até atingirem uma simbiose iconoclástica e ambiental dum quadro único. Os operadores plásticos, recorrendo por vezes a instrumentos escultóricos e a efeitos plásticos recolhidos de sistemas de projecção atingem níveis singulares de emoção, onde o próprio espectador é elemento envolvente também.

Os operadores entram e saem do quadro cénico discretamente sem pontos mortos, permitindo a que o jogo plástico resulte como escultura-viva permanente e única. Enfim, atinge-se deste modo nestas sucessivas narrativas de textos visualizados uma concepção original de revista de artes visuais. As características próprias dos comportamentos resultam como uma análise dialéctica do princípio “artor”, da consciência “artoral”.⁵³⁴

3. A área audiovisual

No início da década de 1980 o Círculo encetou algumas actividades ligadas ao Audiovisual e à Fotografia, em colaboração com a Secretaria de Estado da Cultura e em

⁵³³ PERFORM’ART, I Encontro Nacional de Performance, que teve lugar em 23 de Março 1985 na Cooperativa de Comunicação e Cultura de Torres Vedras, Barros, António, Anos 80 em modo testemunho, [consultado a 3 Fevereiro 2012]. Disponível em: <http://poex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas>, Cf. AZENHA, António - *Círculo de Artes Plásticas e a génese do grupo PUZZLE*, Coimbra: EUAC, 2008, Dissertação de Mestrado em Comunicação Estética.

⁵³⁴ BARROS, António - *Projecto de Exposições Experimentais de Artes Plásticas*, 1985, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

simultâneo continuava a desenvolver a sua actividade como instituição cultural e formativa, sem fundos próprios.

Foi endereçado, ao Director da Divisão de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura um pedido de colaboração, com vista à contratação de um técnico para a organização do *Curso Intensivo de Iniciação à Fotografia*, tal curso seria, essencialmente, prático e destinava-se a fornecer aos alunos que fossem sócios, as regras da realização de Fotografia, fazendo a relação com outras áreas artísticas.

No que se refere às áreas visuais continuaram a organizar, em colaboração com o Cineclub de Coimbra, os ciclos de cinema e *workshops* de Cinema de Animação, em que os interessados podiam expandir-se na prática da composição, montagem, revelação da película e na análise crítica.

No seguimento destas actividades organizaram o *Curso de Iniciação às Técnicas do Cinema de Animação* (que teve a colaboração do núcleo de Cinema de animação da ESBAP)⁵³⁵ e o *Curso Intensivo de Cinema de Animação*⁵³⁶, formações, estas apoiadas pela Embaixada do Canadá, que cedeu vários materiais didácticos⁵³⁷.

O *Curso de Iniciação às Técnicas do Cinema de Animação* dividia-se em quatro sessões, com a duração de quatro dias cada (quinta, sexta, sábado e domingo, da parte da manhã, nos meses de Janeiro, Março, Abril e Junho), com o seguinte programa:

1ª sessão – Iniciação ao Desenho. Recorte. Pintura, à reflexão, à Transparência, Fixilação, Ecrã pregos, Técnica do cinema, revelação, Tratamento, máquinas a construir

⁵³⁵ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 14 de Maio de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, *Diário de Notícias* de 9 de Fevereiro de 1982, *Portugal Hoje*, 9 de Fevereiro de 1982. Anexo 98.

⁵³⁶ O curso intensivo teve 7 participantes e o curso de iniciação teve 11 participantes. Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Secretaria de Estado da Cultura, 1 de Fevereiro de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵³⁷ Listagem dos filmes apresentados, 29 de Janeiro de 1982, Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 9 de Fevereiro de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 10 de Fevereiro de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

2ª sessão – Verificação do trabalho em maquetes

Verificação do trabalho em película

Desenvolvimento “Especializado” em algumas técnicas

Orientação do Pessoal (Instalações e condições materiais diversas), (Eventualidade de 2ª turma)

3ª sessão – Técnicas Experimentais; desenvolvimento do trabalho

Apetrechamento completo, Secção em função necessidades definidas

4ª sessão – Continuação

Preço de cada sessão – 5.000\$00⁵³⁸

Foi realizada uma exposição de Cinema de Animação, baseado no desenho animado realizado na Bélgica, com figuras marcantes e decisivas do cinema de animação belga, como Raoul Servais, Luís Van Maelder e Eddy Rissack.⁵³⁹

⁵³⁸ Proposta de Funcionamento de Atelier de Cinema no Círculo de Artes Plásticas, 79/80, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵³⁹ Realizou-se na Galeria Espaço Aberto e foi cedência da organização do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz, Cf. SALDANHA, Túlía - Pedido de divulgação, *Documento para divulgação das actividades do Círculo de Artes Plásticas*, 27 de Outubro de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Cinema de Animação teve curso em Coimbra”, *Correio da Manhã*, (9 Fev. 1982).

Capítulo 2 - Traçam-se novos caminhos na arte portuguesa?

No início dos anos 80, Alberto Carneiro continuava a ser o mentor das sessões de Criação Colectiva, fazendo do Círculo um local de experimentação artística, com a realização de *performances*, *happenings* e criação colectiva.

A Fundação Gulbenkian subsidiava a realização das *Novas Tendências da Arte Portuguesa*, com exposições mensais e colóquios/debates com cada artista que expunha e também com a participação de variadas figuras do meio das Artes e da Crítica portuguesas como: Fernando Pernes, Eurico Gonçalves, Ernesto de Sousa, Egídio Álvaro, José-Augusto França⁵⁴⁰, Joaquim Matos Chaves, João Miguel Fernandes Jorge⁵⁴¹, José Luís Porfírio, Rocha de Sousa e Rui Mário Gonçalves.

Todas as actividades previstas no Programa tinham como fim mostrar “os aspectos mais marcante [da] pesquisa plástica e revelá-la pelo debate teórico”⁵⁴², como se pode constatar:

Relatório de Actividades referentes a 1981:

PROGRAMA DE ACTIVIDADES DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DA ACADEMIA DE COIMBRA APROVADO EM ASSEMBLEIA-GERAL DE SÓCIOS NO DIA 7 DE JANEIRO DE 1981

1- As diferenças de capacidade, conhecimento, participação, experiência, encargos, devem servir para, ao serem articulados com bom senso, inteligência, cooperação, boa vontade e camaradagem, criarem um clima rico de vivência humana; clima propício a um lugar de criação, procura de um melhor de si mesmo, aparelhagem técnica de novas expressões do humano, enriquecimento de conhecimentos, a uma melhor maneira de estar com os outros – criação de um espaço diferente de viver a cidade e de a prolongar.

Entendemos que se as realizações que o CAPC se propõe fazer, não forem percebidas conscientemente vividas ou desejadas, e não apenas meras formalizações de aprovação em AG.,

⁵⁴⁰ O convite ao Professor José-Augusto França, por razões pessoais, não foi aceite.

⁵⁴¹ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 31 de Março de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 99.

⁵⁴² Reflexões do Conselho Artístico, por ocasião do ciclo expositivo *Novas Tendências da Arte Portuguesa*, 25 de Janeiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

imediatamente o absentismo, o desinteresse, a tarefa automática, a utilização separada de serviços e locais, a necessidade de criar estruturas rígidas que norteiem as realizações e o esmorecimento das relações associativas, automaticamente surgirão. (...) ⁵⁴³

INTERCÂMBIO CULTURAL

Reformular e continuar: programar troca entre instituições – promovendo e colaborando com grupos associativos da cidade; Turismo; Chiado; Município; Museu Machado de Castro; Instituto Alemão, Francês e Britânico; Casa da Cultura (FAOJ) ...

Fora da cidade: Diferença; Árvore; Arco; Centro Nacional de Arte Contemporânea; Casa da Cultura de Évora; S.N.B.A; E.S.B.A.L; E.S.B.A.P.; CINANIMA (Espinho); Galerias; Bienal de S. Paulo; C.A.I.C.; Calibre 33.

Ao mesmo tempo que se exige e se tenta fazer com que estes Organismos colaborem e procurem realizações do C.A.P.C.

REALIZAÇÕES DE DEBATES E CONFERÊNCIAS DE SESSÕES DE CINEMA E DOCUMENTOS, GRUPOS DE TRABALHO:

- Ao C.A. caberá procurar os meios de enriquecer documentalmente estas realizações, não se esquecendo do seu aproveitamento didáctico interno.
- Procurará buscar os meios Organismos externos, que lhe podem dar suporte, e organizará os seus grupos de trabalho de modo a incluir e responsabilizar os participantes.

PROGRAMAÇÃO DAS GALERIAS E SEU PROLONGAMENTO DIDÁCTICO:

- Será entendido com a articulação dos trabalhos de estúdio e meio de desencadear a troca de ideias, o confronto, a reflexão, a análise.
- Algumas ideias: Contactar a Alliance Française para trazer um conferencista francês a Portugal, sugerir-lhe o nome. O mesmo para o Instituto Britânico e Alemão. Explorar outras participações.
- Exposição no CAPC de espólio artístico ou documentação monumental da cidade, cuja recolha será feita em organismos da cidade, Bibliotecas, por trabalho simultâneo.
- Exposição de uma equipa de sócios do CAPC – cidade/fotografia, isto é, meios de interessar a cidade pelo CAPC.
- Exposição de antigos participantes no CAPC, isto é, manter vivas as ligações do CAPC com a sua história.
- Exposição colectiva de trabalhos do ano, com a participação de todos os estúdios
- Utilização da sala polivalente para colaboração com outros campos de expressividade artística: música, teatro, poesia, cinema, fotografia, etc.

⁵⁴³ Reflexões do Conselho Artístico, por ocasião do ciclo expositivo *Novas Tendências da Arte Portuguesa*, 25 de Janeiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

- Exposições de sócios efectivos
- Exposição do espólio artístico do CAPC, quando recuperado
- Exposições internacionais - no seguimento de contactos estabelecidos pela direcção anterior com o Módulo
- Prospeção junto de outros organismos nacionais com vista a exposições retrospectivas de autores nacionais e estrangeiros
- Continuação do Ciclo “Novas Tendências da Arte Portuguesa (...)”

6 – ENSINO

- Os professores complementarão a transmissão de conhecimentos técnicos/teóricos com a animação criativa no espírito de 1 – folha 1
- Será fundamental o seu contributo como elo que pode ser do sócio executante de um trabalho artístico – realizações promovidas pelo CAPC e outras, “de modo a valorizar tudo o que diga respeito à identidade expressiva de cada um e à descoberta de expressão de meios”
- Entendemos necessária paralelamente a um ensino de técnicas, uma complementação de sessões documentadas numa perspetiva de estudo comparado da evolução das formas plásticas – sua história
- Os professores serão responsáveis pela formulação dos meios necessários à sua actividade, que devem organizar de uma maneira eficaz ⁵⁴⁴.

Repetiram-se, no ano de 1981⁵⁴⁵, as *Novas Tendências da Arte Portuguesa* e Ernesto de Sousa propôs nesse mesmo ano uma *instalação-performance-áudio-visual*, que desejava fosse uma grande festa para o CAPC e para a cidade de Coimbra, denominada *Gradiva*, a exposição PRE TEXTO: NUMERO DEUS PARI GAUDET e a *Intervenção: Almada Um Nome de Guerra* ⁵⁴⁶.

⁵⁴⁴ Programa de Actividades do Círculo de Artes Plásticas, 7 de Janeiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 100.

⁵⁴⁵ Com o convite a Ana Vieira, António Sena, João Vieira, Ernesto Sousa, Leonel Moura, Mário Varela, José Barrias, Graça Pereira Coutinho, Maria José Aguiar, Artur Rosa, Eurico Gonçalves, Carlos Nogueira, João Basto, Manuel Casimiro, Eduardo Nery, José Rodrigues. Lista de artistas Convidados para a continuação do ciclo “Novas Tendências da Arte Portuguesa” aprovada no Conselho Artístico de 21 de Janeiro de 1981. Anexo 101.

⁵⁴⁶ Cf. Correspondência entre Ernesto de Sousa e o Círculo de Artes Plásticas, 3 de Fevereiro, 23 de Fevereiro, 23 de Março e 31 de Março de 1981, Cartaz de Exposição Pre-Texto de 1986, 4 Julho de 1981, Ficha de inscrição para exposição, 4 de Julho de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

... ALMADA UM NOME DE GUERRA

Repito que reservo para o C.A.P.C. a realização do Almada Um Nome de Guerra. Mas temos ainda bastante que falar sobre o assunto. Por agora preciso que numa carta cem por cento formal do CAPC eu seja convidado para isso. Para não haver perca de tempo eu mando-vos a fórmula aproximada (simples formalidade) que deve ter essa carta (também é urgente).

Espero que esta realização venha a ser uma grande festa não só para mim como também para o CAPC e p^a Coimbra também.

Far-se-ão só 5 sessões “oficiais”:

No Porto, ÁRVORE,

Em Coimbra, CAPC,

Em Cerveira, convento do José Rodrigues,

Em Lisboa: SNBA ou Belém, ainda não sei

E – talvez – Cerca do Crato, Alentejo, no convento-ruína da Flor da Rosa.

Todas as outras sessões serão anónimas, como aquela (reduzida) que fizemos em Belém ...⁵⁴⁷

Esta intervenção foi levada a efeito e contou com a participação dos artistas Ana Hatherly, Alberto Carneiro, Álvaro Lapa, Ângelo de Sousa, António Barros, António Palolo, Fernando Calhau, Helena Almeida⁵⁴⁸, Joana Rosa, José de Carvalho, Julião Sarmento, Melo e Castro e Silvestre Pestana.⁵⁴⁹

A título de exemplo das actividades expositivas desse ano de 1981 inauguraram na Galeria CAPC, a exposição de Joaquim Vieira⁵⁵⁰, integrada no ciclo *Novas Tendências da Arte Portuguesa* e na Galeria Espaço Branco uma exposição de sócios, integrada no

⁵⁴⁷ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas com Ernesto Sousa, 23 de Março de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 102.

⁵⁴⁸ Correspondência entre Helena Almeida e o Círculo de Artes Plásticas sobre Ernesto Sousa, s/d Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 103.

⁵⁴⁹ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas com Ernesto Sousa, 31 de Março de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁵⁰ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 28 de Maio de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 104.

ciclo *Pintura/Escultura Jovem*.⁵⁵¹ Inauguram, também, uma exposição do jovem artista Mário Botas - *Quinze Desenhos de Viagem e Três de Meter Medo*.⁵⁵²



Fig. 82 – Intervenção na rua, Painéis de Divulgação, 1981

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Importa ler a troca de correspondência entre Mário Botas e a Direcção do Círculo para que a exposição se concretize:

⁵⁵¹ Pedido de Divulgação de Actividades do Círculo de Artes Plásticas, 22 de Maio de 1981 e de 29 de Maio de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Pedido de colaboração aos Sócios; Correspondência entre Cruzeiro Seixas e o Círculo de Artes Plásticas, s.d. 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 105.

⁵⁵² Texto de Sala, Março de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Caros Senhores:

Foi com imenso agrado que recebi o vosso convite para expor no Círculo de Artes Plásticas, propondo-me imediatamente aderir à iniciativa.

A minha exposição constaria de cerca de quinze desenhos de pequeno formato, sendo dez deles uma série efectuada em Londres em 1979 e ainda inédita.

A data que melhor me serviria é a de Março-Abril ou Abril-Maio deste ano.

Dado o elevado interesse do vosso ciclo, parece-me justificável o pedido de um subsídio à S.E.C. ou à F.C.G. para a realização de um cartaz por exposição, cartaz esse que funcionaria como meio privilegiado de difusão e como documento gráfico sobre o artista e a exposição. Parece-me não ser demasiado oneroso a realização deste cartaz a uma ou duas cores.

Aguardando vossas notícias, subscrevo-me com a maior estima,

Mário Botas⁵⁵³.

Contando com o apoio financeiro da Fundação Gulbenkian realizam debates e encontros, como o *Surrealistas*,⁵⁵⁴ e *As Novas Imagens do Homem*⁵⁵⁵, tendo este ciclo uma divulgação própria:

Os nossos melhores cumprimentos.

O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra vai organizar na Galeria Espaço Branco uma série de exposições sob o ciclo “As Novas Imagens do Homem”.

⁵⁵³ Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas, 24 de Fevereiro de 1981; Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 31 de Março de 1981 e Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas, 2 de Abril de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 106 -109.

⁵⁵⁴ Com as participações de Cruzeiro Seixas, ligado ao Grupo Surrealista de Lisboa (GSL), Mário Cesariny, Jorge Vieira, Raúl Perez, Carlos Calvet e Inácio Matsinhe.

De notar que Jorge Vieira deixaria no Círculo algumas peças para serem vendidas, das quais deu informações ao Círculo, que incluem desenhos seus dessas peças. Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra com Jorge Vieira, 12 de Março de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Correspondência de Jorge Vieira com o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 22 de Março de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 25 de Abril de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 110, 111; Cf. Oliveira, Luísa Soares de. Jorge Vieira. O escultor Solar. Lisboa, Portugal: Caminho, 2007.

⁵⁵⁵ Participaram: Carlos Carreiro; Guilherme Parente; Dário Alves; José Guimarães; Dourdil; Mário Botas; Paula Pego; Querubim; Pedro Rocha; Lagoa Henriques; Zulmiro de Carvalho; Júlio Bragança; Relógio; Nuno Barreto; João Cutileiro; Sérgio Pombo, Renée Bertholo; Costa Pinheiro, Batarda; Matilde Marçal; Natividade Correia; Nikias Skapinakis; Nuno Sampayo; Mário Américo; Pedro Sobreiro; Rocha Pinto, Jorge Pinheiro; Domingos Pinho; Vítor Belém; Saldanha da Gama; Gracinda Candeias; Rocha de Sousa; António Bouça; Cruz Filipe; Isabel Laginhas; Joaquim Rodrigo; Emília Nadal. Cf. Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas, 27 de Fevereiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Pedido de divulgação do Círculo de Artes Plásticas à Rádio Comercial, 20 de Abril de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 112,113.

Com este ciclo pretende mostrar de uma maneira alargada os aspectos mais marcantes da pesquisa plástica em Portugal.

Cada exposição tem a duração de um mês, começado a 15 (+-).

Edição de 500 exemplares policopiados em folha A4, de cujo projecto é responsável o expositor. Estas folhas são reunidas em catálogo no fim do ciclo e editadas.

Despesas de deslocação das obras e sua segurança, divulgação e convites a nosso cargo.

Vimos assim convidá-lo a participar neste ciclo. Pedimos uma resposta breve, na qual refira datas para a sua participação, de modo a podermos definir o calendário.

Juntamos em anexo a lista dos artistas convidados e a planta da galeria ⁵⁵⁶.



Fig. 83 – Cruzeiro Seixas, 1981

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

O ciclo *Pintura/Escultura Jovem* tem a participação dos alunos das escolas estatais ou independentes e das associações culturais sem fins lucrativos, como a Escola Superior

⁵⁵⁶ Correspondência e pedido de divulgação do Círculo de Artes Plásticas, 16 de Fevereiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 114.

de Belas-Artes de Lisboa e do Porto, a Sociedade Nacional de Belas-Artes, o Centro de Arte & Comunicação Visual (Ar. Co), o Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing (IADE), do curso livre da Cooperativa das Actividades Artísticas C.R.L (ÁRVORE) e dos sócios do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. A ideia pretendida era a de mostrar o trabalho desenvolvido em diversos e significativos *ateliers/escolas*, os projectos pedagógicos alternativos, a prática, a experimentação e tudo o que se passava no país⁵⁵⁷.

Também em 1981 inauguram a *Exposição Documental sobre Vanguarda Russa* e realizam a *Semana do Cinema de Animação Britânico*, com o apoio do Núcleo de Cinema de Animação da Escola Superior de Belas Artes do Porto e do British Council, juntamente com esta última surge a *Mostra de Cinema Vídeo Português*, integrada num ciclo de vídeo que se desejava apresentar nas três Galerias do CAPC. Foram para isso cedidos vídeos do Departamento de Vídeo e Cinema da Secretaria de Estado da Cultura e da Cooperativa Árvore com as obras de Henrique Silva, Abel Mendes, Graça Martins e Silvestre Pestana.

Eduardo Nery⁵⁵⁸ é convidado por carta enviada por Luísa Saldanha⁵⁵⁹ a realizar uma exposição nesse ano, mas não se concretizou:

Em resposta à sua carta de 25/5/81, venho dizer-lhe que não me convém o período de Setembro para a minha exposição no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

Primeiramente, porque faço as minhas férias no final de Agosto, e durante a primeira quinzena de Setembro, e em segundo lugar, porque não acredito que seja uma boa época para expor em Coimbra, visto muitos estudantes se encontrarem em férias, fora da cidade.

Portanto, para se sair deste impasse, deixo-lhe liberdade para escolher qualquer outro mês de 1981, ou já em 1982, para a marcação da exposição. A única coisa que lhe peço é que, logo que possível,

⁵⁵⁷ Correspondência e pedido de divulgação das actividades do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 16 de Fevereiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 115.

⁵⁵⁸ Em carta enviada ao Círculo, o artista diz ir oferecer uma pintura dos anos 1980. Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 23 de Junho de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁵⁹ Membro do Círculo, nome artístico Luísa Erbe, filha de Túlia Saldanha.

me escreva a indicar-me esse outro prazo, porque estou a preparar uma exposição em Lisboa, para a próxima temporada, e terei que a desfazer da vossa ⁵⁶⁰

Lima de Freitas é convidado a realizar uma conferência convite que ele aceitou. ⁵⁶¹

Também foi convidado Rui Órfão para expôr, mas este declinou o pedido afirmando: ⁵⁶²

Venho referir a impossibilidade de até 4 de Junho apresentar trabalhos. Assim, e visto que os trabalhos antigos não serem neste momento, representativos das minhas pesquisas de momento, e porque sendo uma parte de um todo impossível de reunir até a data de apresentação e ainda por os trabalhos recentes se encontrarem em Lyon, torna extremamente difícil uma contribuição válida⁵⁶³.

A enumeração de algumas destas iniciativas serve de exemplo de como era activa a vida do Círculo, como refere Luísa Saldanha no pedido de divulgação enviada à Rádio Comercial e RDP-Centro: “O CAPC, aos sábados e quinzenalmente apresentará de duas a três exposições nas suas Galerias, pelo que desde já pedimos a V. atenção aos comunicados que serão enviados” ⁵⁶⁴.

Mas levar a cabo todas as propostas pedagógicas e artísticas, fazer todo o Organismo funcionar, dinamizá-lo e geri-lo, não era tarefa fácil, principalmente no que se refere à interacção pessoal. ⁵⁶⁵

⁵⁶⁰ Correspondência entre Eduardo Nery e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 6 de Junho de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 116.

⁵⁶¹ Telegrama enviado por Lima de Freitas a aceitar o convite do Círculo de Artes Plásticas, 8 de Junho de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 117.

⁵⁶² As divergências entre Rui Órfão e a Direcção do CAPC vão-se acentuando, chegando Tília Saldanha a escrever a Rui Órfão: “Há já perto de um mês que lhe foi pessoalmente solicitado o livro de Actas, que mantém em sua casa. Embora estatutariamente o livro esteja da [sic] posse do Presidente da Assembleia, parece-nos absurdo que tal seja considerado como estando em poder [sic] e numa casa particular...” Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas para Rui Órfão. 28 de Maio de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

O referido Livro de Actas foi entregue por Rui Órfão em Junho, após a Assembleia Geral realizada a 16 de Junho desse ano. Correspondência de Rui Órfão ao Círculo de Artes Plásticas, 24 de Junho de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁶³ Resposta de Rui Órfão ao convite do Círculo de Artes Plásticas, 31 de Maio de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 118.

⁵⁶⁴ Pedido de divulgação do Círculo de Artes Plásticas à Rádio Comercial, 20 de Abril de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁶⁵ Correspondência de Rui Órfão à Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 29 de Outubro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Carta da Direcção do Círculo de Artes Plásticas a Rui Órfão, 5 de Novembro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Correspondência do Círculo de Artes

1. O surgimento da OIC - Oficina de Interação Criativa

Sob a orientação de Alberto Carneiro, criaram a *Oficina de Interação Criativa* (OIC):

Um grupo de sócios do CAPAC/Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra, reunidos em torno dos mesmos propósitos, e sintonizados nos domínios da prática e estudo da Dinâmica Corporal, entenderam por legítimo estudar negociação com os Directivos do CAPAC, presentemente executivos, da viabilidade de objectivação numa secção no seio do organismo CAPAC.

Para isso traçamos as linhas mestras que concernem o seu estatuto e seu corpo orgânico que incumbem procuradoria do colectivo, conforme anexo.

Dada a urgência de viabilização do trabalho, agradecemos respeitosamente de breve o parecer do Directivo CAPAC.

Entendendo este, trabalho rigoroso e legítimo no âmbito da Identidade e valorização do organismo CAPAC, como sempre tem sido nossa prática aguardamos deferimento do proposto⁵⁶⁶.

A OIC integrava Alda Reis, Alexandra Leite, António Barros, Carlos Lourenço, Carlos Perdiz, Delfim Sardo, Elsa Alves, Graça Barbedo, Graça Clímaco, Isabel Carlos, Isabel Rodrigues, Joaquim Lebre, Maria Laranjeira, Paula Lourenço e ainda Victor Nina e os sócios proponentes e representantes: Alberto Carneiro, António Barros, Carlos Perdiz, Joaquim Lebre e Carlos Lourenço.⁵⁶⁷ Como se pode ler no texto que integra um dos painéis de Divulgação de Actividades do Círculo, realizado já no período de término das actividades do colectivo:

A OIC, propôs-se desenvolver enquanto colectivo, uma reflexão sobre a vivência das situações experimentais que implicam o desenvolvimento sócio-afectivo da dinâmica corporal despoletante e dum sensibilizar para uma outra forma de conhecimento: a consciência da nossa relação com a vida; e envolventes espaços onde se concentra a nossa aprendizagem. Constituída assim numa prática de exercícios de percepção, comunicação e dinâmica corporal - com o nome genérico de

Plásticas a Rui Órfão, 6 de Janeiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, Correspondência do Círculo de Artes Plásticas a António Barros, 6 de Janeiro de 1981, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 119, 120.

⁵⁶⁶ Correspondência de António Barros ao Círculo de Artes Plásticas, 1 de Março de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 121.

⁵⁶⁷ Painéis de Divulgação de Actividades do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, 1984, Intercriatividade - Sessões de Criação Colectiva concebidas e orientadas por Alberto Carneiro, CAPC - 1979/80, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2017, p. 35.

situações experimentais de dominante intercriativa - aí se viviam situações simultaneamente enraizadas na experiência de cada indivíduo e aferidas pela diversidade dos elementos enquanto um todo. Este exercício de atitude interdisciplinar e pluridisciplinar (em que a percepção multissensorial era a informação e a dominante de conduta de cada elemento como um recurso e do todo como um colectivo) obrigava a uma pesquisa sobre áreas de relevante importância no domínio da exploração e descoberta das relações espaço/corpo, corpo/matéria.

(...)

Do estudo e prática nos domínios das acções de conhecimento e sensibilização, e depois da abordagem dos parâmetros gramaticais cumpre assim a este colectivo OIC definir como findo o seu tempo reservado à prática de exercício enquanto propedêutico dos domínios da percepção multissensorial.⁵⁶⁸

O Grupo teve actividade regular entre os anos de 1981 e 1983, tendo os seguintes estatutos:

OIC/Oficina de Interação Criativa

Estatutos

1º A OIC/ Oficina de Interação Criativa é uma secção de trabalho do CAPAC/ Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra.

2º A OIC concerne na sua prática, o estudo, experimentação, pesquisa e divulgação nos domínios da Dinâmica Corporal tendo em vista as linguagens afins na sua implicação estética e exploração sensorial.

3º A OIC tem como exercício, um trabalho pedagogicamente orientado, no sentido da consciencialização da qualidade didáctica psicológica e de comunicação.

4º A OIC é formada por sócios do CAPAC, sintonizados em grupo de trabalho, com fim próprio e especificamente criada para o desenvolvimento da pesquisa na área definida no ponto 2º.

5º Como secção do CAPAC, a OIC, goza de autonomia na definição e prática de seus projectos e vontades na orientação de trabalhos e modos de afirmação.

6º A OIC, como secção do CAPAC, goza de todas as condições e direitos inerentes a qualquer associado ou grupo do CAPAC.

7º A OIC, como grupo de trabalho do CAPAC, goza do direito duma fracção do orçamento geral do organismo, conforme as regras deste e decisão das autoridades que soberanam o organismo.

8º A OIC, como grupo especificamente criado, com um fim próprio a definido, tem autonomia no que concerne o direito de admissão dos seus elementos.

9º A OIC é uma secção criada por tempo indefinido.

⁵⁶⁸ Painéis de Divulgação de Actividades do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, 1984.

10º Todas as realidades inerentes à OIC, no que concerne a legitimidade da responsabilização, são assumidas pelo todo colectivo Secção OIC.

Os sócios preponentes que representam o colectivo OIC.

Alberto Carneiro; António Barros; Carlos Perdiz; Joaquim Lebre; Carlos Lourenço

Coimbra 17 de Fevereiro de 1982 ⁵⁶⁹.

No Círculo de Artes Plásticas os seus sócios e dirigentes deveriam ser empreendedores e realizar actividades desiguais das que se faziam à época. implementaram um cariz mais interventivo ao programa anual. A realização de *instalações artísticas* torna-se mais frequente, como em *Manhãs Raízes/dum Sono Lúcido*, criação de António Barros, tem toda uma dinâmica entre o corpo e os sentidos:

... o desafio envolvente duma exploração e uso do espaço circunscrito à mostra da emoção, à sua escrita como registo de pose.

Catalisador da memória, instrumento condutor de comunicação, na então ausência do autor em operação.

Manhãs Raízes/ dum sono lúcido, exercício lúdico, jogo nostálgico de reflexões, vivencias melódicas e sensações que se soltam num dia ou noutro... no querer ser, ser delicadamente.

Sujeição ao texto, dito num poema ao pão/alcatrão, na crueza do discurso desenhado num ambiente apelativo e mordaz subtraído duma vivencia real, depois de encarceirado nas condicionantes da memória...

A inerência aos processos “Land” e a sua conjugação com a escrita “Poético-Visual” num exercício de interacção reflecte assim uma necessidade cada vez maior de divórcio de condicionantes no domínio das escritas visual e literária⁵⁷⁰.



Fig. 84 - António Barros - Manhãs Raízes/Dum Sono Lúcido

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁵⁶⁹ Estatutos da OIC, 17 de Fevereiro de 1982, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 122,123.

⁵⁷⁰ BARROS, António - Manhãs Raízes/Dum sono lúcido, in *Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 54 exposições 1981-1983*, Coimbra, 1984, p.105-107.

Logo no início do mês de Abril, o Círculo inaugurara três exposições integradas no ciclo *Novas Imagens do Homem* – a exposição *Camuflagem*, de Maria José Aguiar, *Volumes Rugosos*, de João Antero Almeida e *Instalação e Objectos*, de Túlia Saldanha⁵⁷¹ e em Maio inauguram uma instalação de Ana Léon, José Pedro Croft, Pedro Cabrita Reis, Pedro Calapez⁵⁷² e ainda nesse mesmo mês, a exposição de pintura com obras de Ção Pestana, Maria Francisca e Maria José⁵⁷³.



Fig. 85 – OIC, Painele Informativo
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁵⁷¹ *Diário de Coimbra*, (1 Abr. 1982). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁷² *Idem, ibidem*, (10 Maio 1982). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁷³ *Idem, ibidem*, (20 Maio 1982), Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

2. Actividade e Comemoração - 25º aniversário do Círculo

O Programa de Actividades de 1982-1983 refere que o número de sócios inscritos no ano de 1982/1983 é de 100 e que continuam em actividade os *ateliers* livres de pintura e modelagem sob a orientação da pintora Túlia Saldanha assim como continua a orientação do trabalho colectivo pelo escultor Alberto Carneiro, funcionando dois grupos com periodicidade quinzenal, continua, igualmente, toda a actividade do estúdio de fotografia e do *atelier* de serigrafia. Também se continuam a leccionar as aulas de modelagem para as quais foi comprada uma mufla cuja aspiração de compra já vinha a ser acalentada há diversos anos, desde o tempo de Waldemar da Costa. Para a realização de todas as actividades pedagógicas e criativas contam os apoios financeiros da Secretaria de Estado da Cultura e da Fundação Calouste Gulbenkian.

Continuaram a ter seguimento as actividades de cinema de animação.⁵⁷⁴

Em 1983 o Círculo tem a noção que as suas responsabilidades são acrescidas pois têm mais interessados nos cursos, novos sócios e uma dinâmica positiva em torno de todo o Organismo e da vida cultural coimbrã. Coimbra era um local onde se praticavam “as actividades de formação e divulgação (...) o que de novo vai acontecendo, suscitando o interesse e a discussão em torno das questões essenciais da arte, no seu fazer e no seu fruir”.⁵⁷⁵

Os membros do Círculo empenham-se num trabalho aprofundado nas áreas do saber-fazer e da divulgação das vanguardas artísticas. Havia, por parte do corpo docente, toda uma linha que visava a afirmação da individualidade artística por parte dos alunos e a criação de uma consciência estética e crítica que os levava a serem livres e autónomos no que se propunham realizar.

⁵⁷⁴ Mapa de Actividades do Círculo de Artes Plásticas 1982/1983, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁷⁵ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Novembro de 1983, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

No fim desse ano o Círculo está perante duas situações complicadas, uma a comemoração dos 25 anos de criação, outra o envolvimento numa situação de litígio que se relacionava com o arrendamento do edifício onde se encontrava instalada a sede, na rua Castro Matoso. Era o momento para reflectir sobre o caminho trilhado e sobre os desafios que se avizinhavam e que a direção se propunha, mais uma vez, enfrentar.

3. Vinte e cinco anos - Para comemorar?

Em Setembro de 1984, iniciaram-se as comemorações do 25º aniversário da fundação do Círculo de Artes Plásticas,⁵⁷⁶ mas estas comemorações já se deveriam ter realizado no ano de 1983 e mesmo depois de marcadas e comunicadas à imprensa ainda foram adiadas mais um ano, sem que houvesse qualquer explicação para tal.⁵⁷⁷



Fig. 86 – Cartaz comemorativo dos 25 anos do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Organizaram um encontro entre todas as pessoas que tinham, ao longo dos anos, estado ligadas ao funcionamento e desenvolvimento das actividades do Círculo, efectuando

⁵⁷⁶ Texto da ANOP sobre o 25º Aniversário do CAPC. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, 16 de Fevereiro de 1984.

⁵⁷⁷ *O Primeiro de Janeiro*, (19 Nov. 1983). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

assim uma tentativa de estabelecer o balanço, profundo e crítico, das actividades empreendidas:

O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra comemora nos dias 18 e 19 de Fevereiro os seus 25 anos de actividade.

Para além de uma exposição documental e de trabalhos, no “Edifício Chiado”, de todos aqueles que durante estes anos passaram por esta casa, programou-se um trabalho colectivo nas suas instalações da Rua Castro Matoso, cujo tema é “Os Cinco Sentidos”.

Para o “Gosto” e o “Paladar” teremos um jantar volante que será precedido de cocktail. Contamos ter presentes de 75 a 100 pessoas: antigos e actuais sócios, artistas convidados de todo o país, representantes do Governo Civil, da Fundação Calouste Gulbenkian, da Secretaria de estado da Cultura, entre outros⁵⁷⁸.



Fig. 87 – 25º Aniversário da fundação do Círculo de Artes Plásticas, Emílio Rui Vilar, ?, Jorge Mira Coelho, Tília Saldanha

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁵⁷⁸ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 30 de Janeiro de 1984, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 124.

O programa incluía uma mostra de obras dos antigos e actuais sócios, denominada - *O trabalho desenvolvido durante os 25 anos de existência do Círculo de Artes Plásticas*, que foi apresentada no Edifício Chiado.⁵⁷⁹

O Círculo de Artes Plásticas vai este ano comemorar 25 anos de existência.

É nosso objectivo fazer um balanço das actividades do CAPC. Tentando, na medida do possível, um encontro com as pessoas que por aqui passaram, e deram o seu testemunho e contributo para que o CAPC possa hoje ser um local criador e difusor das Artes Plásticas.

Vimos comunicar que dia 19 de Novembro, pelas 18 horas, abre no Edifício Chiado uma exposição documental, que pensamos poderia ser valorizada com o seu contributo.

Para isso esperamos que nos mande um curriculum memorial, das possíveis relações ou interferências, ou mera passagem por este organismo, podendo enviar também duas obras de pintura, escultura, slides ou fotografias de trabalhos realizados ou não no CAPC.

No domingo, dia 20 de Novembro, às 16 horas, abrirá no CAPC uma “Exposição - Instalação” que abará os cinco sentidos, uma festa-encontro.

Esperamos resposta a este nosso convite, e a certeza da vossa participação, quer com a participação documental quer com a vossa presença, neste encontro que será uma troca de experiências, um convívio, uma festa⁵⁸⁰.

A comunicação social referiu o trabalho de vanguarda realizado, ao longo dos 25 anos, o *Jornal de Notícias*⁵⁸¹, o *Diário de Notícias*:

De facto, embora há muitos anos se reclame para Coimbra a instalação de uma escola oficial neste campo - o ideal seria criar-se uma Escola Superior de Belas-Artes – a verdade é que até hoje, tal pretensão continua insatisfeita. E, precisamente por isso, mais importante tem sido o papel do CAPC, que lutando embora com dificuldades de toda a ordem, tem conseguido minorar a falta de um estabelecimento de ensino desse tipo numa cidade que se assume como a Lusa-Atenas, mas onde a arte tem merecido pouca atenção por parte das entidades oficiais⁵⁸².

O texto não podia ser mais esclarecedor, urgia a abertura de um espaço de ensino das Artes numa cidade do conhecimento como era Coimbra e o papel do Círculo foi fundamental de início, tornando-se mais tarde imprescindível. Ao longo dos anos o

⁵⁷⁹ Plano de Exposição - Os 25 anos de Actividade do CAPC, Edifício Chiado, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas, *Diário de Noticias*, “25 anos do C.A.P.C”, (17 Fev. 1984).

⁵⁸⁰ Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 15 de Setembro de 1983, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 125.

⁵⁸¹ *Jornal de Notícias*, (24 Set. 1983) Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁸² *Diário de Noticias*, (17 Fev. 1984). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

papel pedagógico e didático foi-se cimentando, no de 1983/84 contava já com 100 sócios inscritos, com *ateliers* de pintura (orientados por Túlia Saldanha), *ateliers* de Desenho e *Intercriatividade* (orientados por Alberto Carneiro), *ateliers* de modelagem (orientados por Túlia Saldanha e Alberto Carneiro) e *ateliers* de Fotografia.

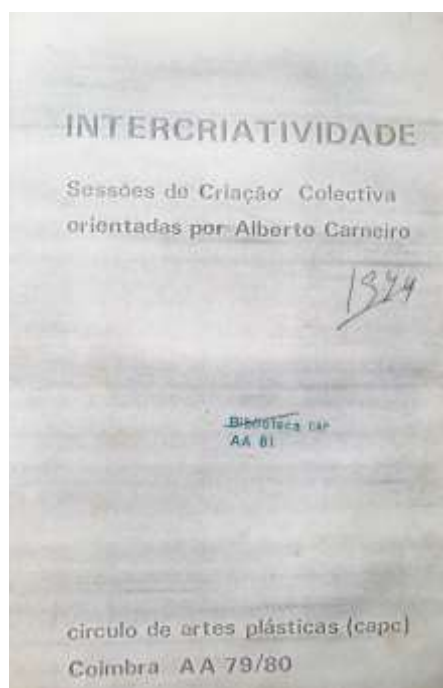


Fig. 88 – Sessões de Intercriatividade, 1979/80

Arquivo Círculo de Artes Plásticas

As sessões de *Intercriatividade* foram o resultado de trabalhos de laboratório:

concebido para permitir a descoberta da interacção e seu potencial criativo. Interação entre pessoas e com os materiais (...) experimentando possíveis relações com o espaço e com a matéria através do corpo e do gesto, aqui entendido como movimento criador.⁵⁸³

Toda esta criatividade, interacção e dinamismo tinham sido pensadas e postas em experimentação por Alberto Carneiro, um artista ímpar que pensou em desenvolver de forma diferente os trabalhos com os alunos:

⁵⁸³ Brandão, Mariana - “Eternos Curiosos: Alberto Carneiro e a importância do fazer e do experimentar”, *Intercriatividade – Sessões de Criação Colectiva concebidas e orientadas por Alberto Carneiro - CAPC-1979/80*, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2017, p. 21.

Sessões de Criação Colectiva, pela descoberta do corpo e da sua expressividade. Dois Grupos: entre dez e quinze pessoas cada um. A linguagem corporal, não verbal, entrosada por vezes na verbal, desenvolvida pelo entendimento da expressão de cada parte na construção de todo, pela descoberta da comunicação, da interacção. A resultante é ainda, pelo manuseamento e uso de alguns elementos materiais, localmente disponíveis e necessariamente pobres, a performance, o happening, a festa colectiva, a intervenção, a Obra de Arte.⁵⁸⁴



Fig. 89 – Sessões de Intercriatividade

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas



Fig. 90 – Sessão de Intercriatividade nº 2 – 1º grupo

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁵⁸⁴ Painéis de Divulgação de Actividades do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra, 1984.



Fig. 91 – Sessão de Intercriatividade nº3 – 1º grupo
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas



Fig. 92 – Sessão de Intercriatividade nº5 – 1º grupo
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas



Fig. 93 – Sessão de Intercriatividade, 2º grupo

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas



Fig. 94 – Sessões de Intercriatividade

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Em simultâneo à realização das Sessões de Intercriatividade, os professores e alunos montavam, nas Galerias do Círculo, exposições com os trabalhos dos sócios e exposições colectivas em colaboração com a Casa Alemã, o Museu Nacional Machado

de Castro, a Cooperativa Oeste-Arte (Évora), a Cooperativa Diferença (Lisboa) e a Cooperativa Árvore (Porto).⁵⁸⁵

O ano de 1985 é o momento de inovação, com a ligação das artes e da poesia e a realização de *Poemografias* - apresentações de Poesia Visual, uma exposição itinerante, subsidiada pela Fundação Calouste Gulbenkian com a preocupação didáctica da edição de um livro e de uma cassette áudio com leitura de poemas. Integravam esta mostra obras poéticas de Alberto Pimenta, Ana Hatherly, Antero de Alda, António Aragão, António Barros, E.M. de Melo e Castro, Fernando Aguiar, José Alberto Marques, Salette Tavares e Silvestre Pestana, todos artistas que “têm desenvolvido um persistente trabalho de investigação poética, tanto teórica como prática, que importava conhecer”⁵⁸⁶.

4. Uma Instituição a crescer

O Círculo continuava a receber os apoios da Secretaria de Estado da Cultura, da Fundação Gulbenkian e da Reitoria da Universidade de Coimbra e no ano lectivo de 1986/87, contava com 110 sócios, tinha atingido as dimensões de uma “instituição [que] já não se compadece com carolices”⁵⁸⁷ e possuía um corpo docente a tempo inteiro, com a realização de projectos inovadores e arriscados no campo da arte contemporânea, das pesquisas e experimentações, organizando actividades expositivas e de divulgação.

A intensa actividade expositiva mantém-se em simultâneo com as actividades lectivas, pois logo em Janeiro do ano de 1986 inauguraram três exposições ao mesmo tempo:

⁵⁸⁵ Relatório de Actividades do Círculo de Artes Plásticas em 1983-1984, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁸⁶ CARLOS, Isabel - Sem plinto, nem parede: anos 70-90, PEREIRA, Paulo (coord.), *História da Arte Portuguesa*, vol. 3, Temas e Debates, 1997, p. 639.

⁵⁸⁷ SALDANHA, Tília - *Considerações para a elaboração do Plano de Actividades 1986*, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Eurico (*Desdobragens/O Gesto e a Escrita*), Luísa Erbe (*MUUT*) e Rocha Pinto (*Cavaleiros de um Sol Poente*).⁵⁸⁸



Fig. 95 – MUUT, 1986

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas



Fig. 96 – Eurico Desdobragens/ O Gesto e a Escrita, 1986

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁵⁸⁸ *O Jornal*, (24 Jan. 1986), *Diário de Coimbra*, (25 Jan. 1986), *Domingo*, (26 Jan. 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Em Fevereiro inauguram as exposições *Educação Espartana – Envolvimento Homeostético Post-Paradoxológico, Infra-Criptográfico e Transmenipeico*, com obras de Fernando Brito, Manuel João Vieira, Pedro Proença, Xana, Ivo e Pedro Portugal e a *Exposição Colectiva de Artistas Naïve do Norte de Portugal*⁵⁸⁹. As exposições centravam-se, por um lado, na criação dos alunos/sócios, mas também na mostra de outras formas de arte e artistas de outras paragens. Em Março de 1986, inaugurou a exposição de Pintura de Inês Paulino - *Absurdo e Absurdos*⁵⁹⁰, de Miranda Justo a exposição intitulada *I AND I* e uma exposição colectiva - *Situações*, organizada pelo Ministério da Cultura no âmbito do Ano Internacional da Juventude⁵⁹¹ e em Abril inauguram três exposições: José Carvalho - *Pinturas Recentes*, de Emerenciano - *Escripintura* e de Isabel Pavão - *Vestígios*⁵⁹². No mês de Maio foi a vez da inauguração das exposições de Alberto Carneiro, Ana Esteves e Graça Morais.⁵⁹³



Fig. 97 – Exposição I AND L, 1986
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁵⁸⁹ *Jornal da Província*, (17 Fev. 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁹⁰ *Diário de Coimbra*, (10 Mar. 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁹¹ *O Despertar*, (5 Mar. 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁹² *O Diário*, (9 Abr. 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁹³ *Diário de Coimbra*, (31 Maio 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Em Junho desse ano realizou-se a festa-encontro com Ernesto de Sousa, no qual vários artistas participaram com obras originais, foram também exibidos filmes da autoria do homenageado, com a colaboração de Rui Castelo Lopes. O evento iniciou-se com a apresentação de trabalhos recentes, assim como uma retrospectiva da sua obra, incluindo mensagens e trabalhos de outros artistas e amigos. No dia seguinte realizou-se um “Banquete” oferecido pelo Círculo e no mês de Outubro realizou-se a exposição intitulada *Desenhos da Melancolia/Vestígios* de Tiago Manuel e José Pastor e *Instalação Biitime* de Joaquim Tavares.



Fig. 98 – Instalação Biitime, 1986

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Em Novembro de 1986 inauguram uma exposição colectiva com trabalhos de Michaela Hoffmann e Gernot Schwaiger, com o apoio do Instituto Alemão, estando já patente a exposição colectiva dos sócios do CAPC,⁵⁹⁴ e em Dezembro inauguram uma exposição

⁵⁹⁴ *Diário de Coimbra*, (25 Nov. 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

de fotografias e objectos de Américo Silva, com o título *Des-Construções 85/86*, uma exposição de fotografia de Monteiro Gil e de pintura de Rodrigo Cabral⁵⁹⁵.

Também com o apoio do Instituto Alemão, encontramos o escritor Günter Grass a inaugurar uma exposição das suas litografias, no espaço do Círculo⁵⁹⁶

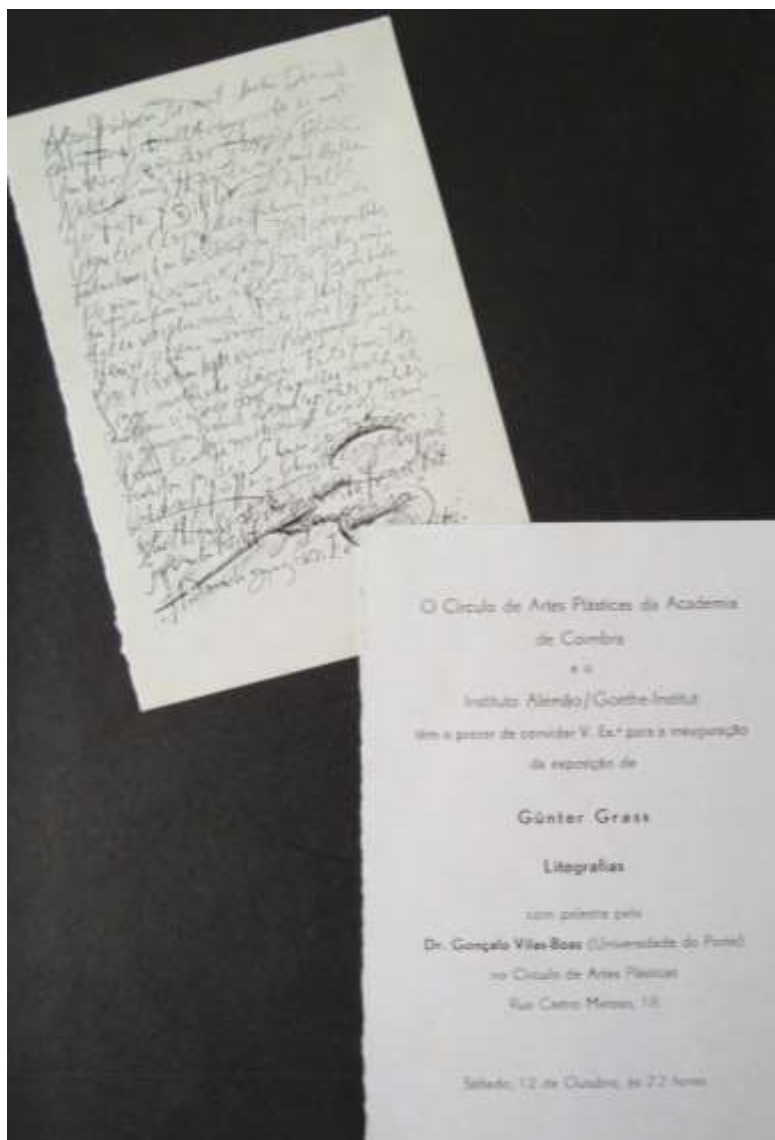


Fig. 99 – Exposição de litografias de Günther Grass, CAPC e Goethe-Institut

⁵⁹⁵ *Correio da Manhã*, (6 Dez. 1986). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁹⁶ Não sabemos o ano pois não foi possível encontrar nenhuma informação adicional acerca desta exposição.

No ano seguinte, em 1987 comemorou-se o 1º Centenário da Associação Académica de Coimbra e o Círculo, como Organismo Cultural Autónomo da Universidade de Coimbra foi convidado a organizar, nas suas instalações, uma exposição organizada em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura e que incluía Desenho, Pintura, Escultura, Fotografia e Cinema.

No relatório enviado à SEC em 1987 contata-se o que se fazia em termos das actividades pedagógicas, as exposições e a divulgação:

ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS:

a) No âmbito das actividades pedagógicas continuamos a dar apoio material e técnico aos sócios, mantendo os ateliers em funcionamento das 15 às 19 e das 22 às 24 horas. Os ateliers de Pintura, Fotografia, Modelagem (barro e escultura), etc. estão organizados de forma a dar apoio teórico e prático, sob orientação de Tília Saldanha.

b) Ateliers livres possibilitam, além da investigação e experimentação de trabalhos ligados aos cursos e aulas teórico-práticas, uma completamente livre procura de novos (ou velhos) processos de técnicas plásticas.

O Professor Alberto Carneiro continuará a orientar o “trabalho de grupo” e cursos pontuais, como prolongamento de trabalho dos ateliers de pintura e escultura.

DIVULGAÇÃO:

a) Dentro das nossas possibilidades – que pretendemos alargadas – temos em vista a realização de colóquios, debates, projecções e inter-relação musical com a pintura. Experiência assegurada por Mário José de Castro “Guitarra Clássica”.

b) Apoiando actividades pontuais do nosso âmbito: Queima das Fitas, Centenário da Associação Académica de Coimbra, Conselho de Repúblicas, Casa Alemã, Alliance Française, Coop. Árvore, Centro Cult. do Alto Minho, etc.

c) Como é do conhecimento de V. Ex^a, mantemos em funcionamento permanente três galerias, com a sua manutenção. Estão previstas para este ano trinta e cinco exposições individuais, com a presença dos artistas no dia de abertura.

(...) Temos previsto ir aos Açores, convidados pelos Serviços Culturais, 10 sócios do Círculo com duas exposições individuais e uma colectiva, no mês de Junho.

É nosso hábito apoiarmos as exposições de sócios do Organismo, mesmo sendo feitas fora de Coimbra⁵⁹⁷.

⁵⁹⁷ Relatório de actividades do Círculo de Artes Plásticas enviado à Secretaria de Estado da Cultura, 31 de Março de 1987, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 126.

O Círculo recebia mensalmente (já desde 1982) duodécimos da Universidade de Coimbra, para conseguir suprir despesas ⁵⁹⁸ e em 1987 o senhorio aumentou a renda da casa onde estava instalada a sede do Círculo ⁵⁹⁹ e todos os financiamentos se tornaram escassos.

Logo em Janeiro 1988, e devido à sua doença, Túlia Saldanha redige uma carta para que todos se inteirassem sobre quem iria substituí-la e assim dar continuidade ao projecto por si iniciado:

Enquanto estiver ausente pelos motivos que todos conhecem, delego as minhas responsabilidades nos sócios do CAPC Maria Luísa Saldanha, que apoiará a Inês Paulino, o único elemento da Direcção actual.

Todos os problemas ficarão, portanto, às suas responsabilidades tendo em mim toda a confiança e todo o apoio.

Estes serão os únicos representantes oficiais deste Organismo ⁶⁰⁰.

O ano de 1988 não foi de paragem, mas antes um ano de muita actividade direccionada para a pesquisa e a formação mais abrangente, com vista a incentivar a criatividade. O programa centrava-se na realização de actividades de arte cénica, parateatral e cibernética. Organizam a mostra cultural *Vídeo de Marl*, uma visão da evolução da videoarte alemã, com o apoio do Goethe Institut e que já havia sido apresentada em vários países anteriormente.

Integradas na mostra cultural, foram realizadas as seguintes exposições:

6 Fevereiro:

Galeria Espaço Branco – O Espaço da Matéria, de Avelino Sá (Pintura);

⁵⁹⁸ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Universidade de Coimbra, 14 de Julho de 1986, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁵⁹⁹ “Comunicamos a V. Ex^a que a renda mensal da casa ocupada por esse Círculo, será aumentada no próximo mês, nos termos da legislação em vigor com o coeficiente 1.090, passando assim de 17.100\$00 para 18.639\$00, pelo que o recibo a emitir pela entidade pagadora, Fundação Calouste Gulbenkian, deverá ser desta última importância”, Correspondência entre António Victor de Quadros Simões Candeias e o Círculo de Artes Plásticas, 1 de Setembro de 1987, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁰⁰ Correspondência entre Túlia Saldanha e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 25 de Janeiro de 1988, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 127.

Galeria CAPC – Deus, Pátria, Dólar, de Carla Azevedo (Fotografia) e na

Galeria Espaço Aberto – Pinturas de Paulo Frade.⁶⁰¹

5 Março:

Galeria Espaço Branco – Gravuras – da artista japonesa Noriko Yanagisana;

Galeria CAPC – Fotografias - Linhas do Desejo de Guilherme Silva;

E as intervenções: *Erótica & Curiosa* com textos de J.W. Goethe, ditos por José Neves, e *Quatro pés para um par*, acção multimédia de António Barros ⁶⁰².

No ano de 1989 colocam-se à disposição de todos os sócios, os *ateliers* de Desenho e de Pintura, tornando-os num espaço de trabalho a ser utilizado de forma individual e livre, sem estarem condicionados à presença de um professor, podiam assim desenvolver-se trabalhos e experimentações diversas. A ideia da Direção era a de estimular as “situações experimentais de grupo” ⁶⁰³. Realizavam sessões de trabalho colectivo de reflexão e experimentalidade, onde os sócios experienciavam “situações de inter-relação espaço-corporal, de aprofundamento reflexão e experimentação, de relações criadoras puras e sensoriais subjacentes à Pintura e ao Desenho” ⁶⁰⁴.

No ano lectivo de 1989/90 foram convidados novos professores, como Raquel Sebastião⁶⁰⁵ para leccionar Introdução às Técnicas de Pintura e Margarida Amaro⁶⁰⁶ para leccionar História da Arte.

Dentro da linha de orientação relacionada com a diversidade e divulgação das Artes Plásticas, o Círculo apresentou nas suas instalações, uma extensão da *VI Bienal de Vila*

⁶⁰¹ Pedido de divulgação, 22 de Janeiro de 1988, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁰² Pedido de divulgação, s.d., Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁰³ Plano de actividades, 1989/90, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁰⁴ SALDANHA, Luísa - Situações Experimentais de Grupo, *Plano de Actividades de 1989*, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁰⁵ Curso de Pintura pela ESBAP.

⁶⁰⁶ Curso de História da Arte pela FLUC.

Nova de Cerveira, onde *O Elogio do Design Gráfico*⁶⁰⁷ foi o núcleo mais importante. A mostra incluía catálogos, livros e revistas que desafiavam o público a ter uma atitude crítico-reflexiva sobre o Design e a sua função no quotidiano.

Neste ano, com as comemorações do 30º aniversário do Círculo, organizaram-se várias exposições de Pintura, Desenho, Videoarte, Design, Multimédia, Escultura, Instalação, *Performance* e Fotografia, assim como palestras com a intervenção de Margarida Amaro e de Jorge Lima Barreto, um *Concerto Fluxus*, com interpretações de peças de George Maciunas, La Monte Young, de George Brecht e de Serge Oldenbourg, um recital multimédia do *Grupo Telectu*, com Jorge Lima Barreto e Vítor Rua⁶⁰⁸.

VOAEX 50, exposição de Wolf Vostell⁶⁰⁹, *Périple* instalação de António Palolo, Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, *Nova Música*, conferência de Jorge Lima Barreto, *Mobilis In Mobile*, *Performance* de Rui Órfão, *Environmental-Art* de Bernardo Vieira da Luz, *Happenings e Fluxus*, exposição documental em colaboração com o Museu Vostell de Malpartida, sessões de vídeos e filmes da autoria de Daniel Spoeri, Wolf Vostell, Joseph Beuys, Ben Vautier, Robert Filliou, Vítor Rua, Ção Pestana e a apresentação do Grupo Artitude:01⁶¹⁰.

⁶⁰⁷ *Jornal de Noticias*, (12 Mar. 1989). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁰⁸ Tal como constava do programa “TELECTU é um duo de música eletroacústica formado por Jorge Lima Barreto (teclados eletrónicos, piano, idiofones, textos, concept) e Rua (guitarra electrónica, dispositivos sonoros, montagem, vídeo, concept). Ao fim de 5 anos de existência o TELECTU gravou oito LPs, deu diversos concertos internacionais e foi o único grupo musical português que gravou um disco na URSS, Moscovo e actuou no Centro Pompidou, Paris. Deu centenas de concertos no país, com especial relevo as actuações no Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian. Introduziu a música minimal repetitiva em Portugal, desenvolveu um extenso repertório de música electrónica “live” para vídeo, teatro, performance e instalação bem como vem estabelecendo (especialmente com o artista Palolo) noções inovadoras de música e multimédia e interarte”, Texto de apresentação da banda e do concerto, s.d, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁰⁹ Correspondência entre Wolf Vostel e o Círculo de Artes Plásticas. 24 de Agosto de 1979. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 128.

⁶¹⁰ “Paralelamente, e na Galeria CAPC, dois ciclos de exposições: *Novas Tendências na Arte Portuguesa e Poesia Visual Portuguesa* habitam o Black Cube, fazendo centrar em Coimbra a melhor arte lusa então produzida. Ângelo de Sousa, Álvaro Lapa, Helena Almeida, Julião Sarmento, Palolo, Ana Hatherly e António Aragão são alguns dos muitos artistas a partilhar aí as suas obras. *Artoral* foi fundamentalmente o Artitude.01, em 1979, e formulei-o para resultar num projecto de objecto-revista de consequência performativa.

Nesse mesmo ano de 1989 o Círculo relembra: “...festivamente ... o aparecimento de 30 anos da corrente estética Fluxus ...” ⁶¹¹ com uma exposição documental e biográfica de homenagem à figura central do movimento, Joseph Beuys, esta mostra teve o poio financeiro da Fundação de Serralves, da Fundação Calouste Gulbenkian e do Goethe Institut, que permitiram expôr obras de artistas internacionais.

A Direcção quis apresentar, durante um mês, uma mostra biográfica de Joseph Beuys, com a colaboração do crítico Fernando Pernes e do Instituto Alemão de Coimbra. Esta actividade foi justificada pelo Círculo como sendo “um dos principais representantes nomeadamente [pela] vivenciação das propostas de Ernesto de Sousa” ⁶¹².

Integrada na iniciativa *As Artes das Ideias, As Ideias das Artes*, organizaram a *Mostra Internacional de Arte Vídeo por Computador*, uma iniciativa internacional, onde o vídeo foi eleito como suporte de afirmação textual e imagético, de múltiplos artistas, como Wolf Vostell, Jochen Gertz, Robert Filliou, Joseph Beuys, Joan Brossa, J. Christo, Jiri Kolar e Decio Pignatari, convidados a apresentar trabalhos de cariz biográfico.

Nos seus seis números editados, começa a publicação por ser um objecto mais que objecto: o sapato como capa de revista cujas páginas são as próprias palmilhas.

Os princípios enunciadores da Universidade Livre Internacional (ULI) de Beuys abriram o número. Uma análise sobre o lugar, foi o terceiro número da revista abordando o tema Black = Black – Imagens e Sensações da Personalidade Coimbra.

O corpo da revista, o grupo Artitude.01 é quem então vem a sinergizar o simposium *Projectos & Projectos*, *Novas Tendências nas Linguagens Artísticas Contemporâneas*, iniciativa desenvolvida para o programa Teatro Estúdio do CITAC – um espaço igualmente em negro na mesma identidade Black Cube.

A iniciativa dinamizada num espírito artist-run spaces a partir do evento *Multi/Ecos*, (1978), vem a desenvolver-se nos anos seguintes fazendo inscrever as múltiplas disciplinas das artes performativas. Aí se afirmaram as obras dos artistas nacionais e internacionais mais relevantes na época. De James Coleman ao Stathion House Opera, Nigel Rolfe, Sztabinski, Peter Trachsel e The Basement Group, entre tantos outros, dialogaram com as experiências portuguesas: de E. M. de Melo e Castro a Ernesto de Sousa, de Jorge Lima Barreto a Rui Órfão (nome maior da performance-art em Portugal) e a Fila K, ou mesmo de Ricardo Pais a Alberto Pimenta, em *Conductus*, com Isabel Carlos, J. A. Bandeirinha e Jorge Vasques”, Cf. Barros, António, “Geração Black Cube” *Rua Larga*, nº 26, Coimbra, 2010.

⁶¹¹ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas o Instituto Franco-Português em Lisboa. 15 de Janeiro de 1990, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶¹² Idem, *ibidem*.

Capítulo 3 - A segunda EILA e a repercussão na visão da arte nacional: o papel do livro na compreensão e no desenvolvimento de projectos artísticos

A década de 1980 foi um período de dinamização e de ressurgimento cultural, lúdico e social, promovendo-se a dinamização das galerias, o intercâmbio cultural e o incentivo ao desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares.



Fig. 100 – Oficinas de Iniciação e de Tecnologias de Pintura
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

A grande iniciativa cultural do Círculo dessa década foi a organização da *II Exposição Internacional do Livro de Arte - EILA*⁶¹³. A primeira *EILA*, como referimos, tinha sido organizada em 1968, no Museu Machado de Castro e permitiu ao público ter contacto com as melhores publicações de artes plásticas e gráficas do mundo. O Círculo tinha

⁶¹³ Regulamento da EILA, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 129.

conseguido, na I EILA, obter publicações sobre Arte, mediante ofertas das editoras, criando uma pequena biblioteca especializada em Arte e no final dos anos 1980:

É função da EILA dar a conhecer as melhores realizações no campo da edição de títulos que são por direito próprio obras de arte, livros de arte, livros reproduzindo obras de arte, livros sobre arquitectura, urbanismo, moda, fotografia, artes gráficas, e.t.c.

Destina-se o certame à exposição de livros como publicações experimentais ou directamente se reportem a problemas de arte e à divulgação do Livro de Arte Como Veículo da Cultura.

Poderão apresentar livros ou publicações todas as entidades nacionais ou estrangeiras que se dediquem à difusão do Livro de Arte, como Editoras, Centros Documentais ou de Difusão, Bibliotecas, Artistas Editores e Edições do próprio Autor ⁶¹⁴.

Aderiram diversas editoras nacionais e estrangeiras e conseguiram obter a colaboração e patrocínio de institutos e embaixadas, como a Alliance Française au Portugal, o Goethe Institut de Coimbra, a Secretaria de Estado da Cultura através da Divisão de Artes Plásticas, a Galeria Almada Negreiros e a Cooperativa Diferença, que tinham uma programação muito semelhante, em termos da intervenção e da identidade estética.



Fig. 101 – Espaço da Biblioteca
Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

A iniciativa tinha três pontos base:

1 - Comunicação: Para divulgar a iniciativa, foram expostas publicações editadas por entidades nacionais e estrangeiras dedicadas à difusão do Livro de Arte e organizaram-

⁶¹⁴ Projecto de Intenções para os anos de 1988/1989, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

se conferências proferidas por especialistas, como João Miguel Fernandes Jorge, Vasco Graça Moura e E.M. Melo e Castro, sobre os temas:

- *Do livro como objecto e Veículo de Cultura;*

- *Da experiência Editorial como Intervenção de Cultura;*

- *Da consciência do Livro como suporte Experimental.*

2 - Exposição de Livros de Artista, de carácter biográfico, instrumental, objectos de arte, documentos de intervenção, em que o material recolhido seria exposto nas galerias do CAPC. Era, portanto, este o momento e o lugar de colocar o livro como obra em si.⁶¹⁵

3 - Exposição do Livro-Objecto, sendo o livro um suporte de afirmação textual e imagética, deste modo foi incluído o Livro-Vídeo, o Livro-Vivo, o Livro-Objecto, o Audio-livro, levando à reflexão do que é ou pode ser um livro.⁶¹⁶

A Exposição do Livro de Arte foi uma iniciativa ímpar nos anos 1960, que se repetiu nos anos 1980 e que o público acolheu com agrado, pois não existiam outras manifestações culturais que abrangessem conjuntamente a área artística e da literatura/poesia.

As várias Direções do Círculo tiveram múltiplas ideias inovadoras e com grande visão de futuro, mas apesar de todas as actividades e iniciativas, o Círculo continuava com profundas dificuldades económicas. Os apoios financeiros eram muito pontuais e direccionados para cada uma das iniciativas propostas, o facto de a Fundação Gulbenkian ter deixado de pagar o arrendamento do Círculo, por razões decorrentes da reforma fiscal entretanto implantada, fez com que se tivesse de superar a situação “a

⁶¹⁵ Projecto de Intenções para os anos de 1988/1989, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶¹⁶ Idem, *ibidem*.

partir dos seus fundos económicos, muito reduzidos, sujeitos a uma contabilidade precária e a uma política de subsídios pontuais”⁶¹⁷.

Também foram sentidas as dificuldades na atribuição dos subsídios da Secretaria de Estado da Cultura, decorrente do facto das diversas iniciativas não terem a viabilidade exigida pelas instituições. O único financiamento que tinham era o dos duodécimos atribuídos pela Reitoria⁶¹⁸ que passou a ser a entidade arrendatária das instalações da Rua Castro Matoso.

1. O Projecto Pedagógico do Círculo

Sumários 1:

Ao aceitar colaborar com o Círculo, Nuno Taborda Barreto elabora, previamente, um plano de estudos para as aulas de Pintura, plano esse que foi enviado à Fundação Gulbenkian, juntamente com o Relatório de Actividades anual, para se dar conhecimento de qual a linha que a partir daí iriam seguir na realização das aulas de desenho e pintura:

PROGRAMA DE ESTUDOS DAS AULAS DE PINTURA DO CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS - 1966/67

Organizado pelo Pintor Nuno Barreto

Enviado à Fundação Calouste Gulbenkian em 22 de Novembro de 1966

ESQUEMA DAS AULAS

14,30h – Dissertação sobre um tema apropriado

15h – Sessão de Pintura

17,30h – Palestra com Colóquio. Análise de trabalhos feitos em casa, passagens de diapositivos, discussão de Obras de Artistas mediante reproduções

⁶¹⁷ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Reitor da Universidade de Coimbra Prof. Dr. Rui Alarcão 17 de Novembro de 1989, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 130.

⁶¹⁸ Idem, *ibidem*.

18,30h – Termo

NOTA: Este esquema será seguido enquanto se provar ser o mais indicado

PRÁTICA DA PINTURA

A – PINTURA DO NATURAL

Início a partir da Natureza Morta

O Retrato

A Paisagem

B – PINTURA SUBORDINADA A TEMA

C – PINTURA LIVRE

SESSÕES INICIAIS DE INTRODUÇÃO

1 – Considerações gerais sobre a arte da Pintura

- Seu papel como meio de expressão
- Seu lugar entre as demais Artes Visuais

2 – Tecnologia da Pintura

- Os médiums – seus caracteres
- Tecnologia da Pintura a Óleo:
 - a) – óleo de linho
 - b) – os pigmentos
 - c) – os diluentes, vernizes e secantes
 - d) – os suportes

TEMAS

A ser abordados durante o período lectivo

(A ordem pode ser alterada de acordo com a oportunidade dos assuntos)

3 – COR

- Breve referência às implicações científicas
- A cor como meio de expressão

- Os valores - os valores tácteis

- As harmonias

- A cor e a luz

- A perspectiva atmosférica

- As misturas de cor

- A unidade de cor

4 – A composição

- O planeamento e o improviso

- Os elementos do Pintor

- Os contrastes, o ritmo, o movimento

- A perspectiva e o espaço pictural

- O espaço ambíguo e a pintura concreta⁶¹⁹

5 – Estudo e análise da obra de alguns pintores, entre os quais:

- Piero Della Francesca

- Rembrandt

- Velasquez

- Van Gogh

- Picasso

- Matisse

e de alguns Movimentos, entre os quais:

- *Impressionismo*

- *Cubismo*

- *Expressionismo*

⁶¹⁹ De referir que a entrada Abstraccionismo no Dicionário da Pintura Universal, refere “A mais moderna designação de *concreta* é discutível também, pois a arte é sempre um fenómeno concreto e de concretização”, CHICÓ, Mário Tavares, GUSMÃO, Artur Nobre de, FRANÇA, José-Augusto - *Dicionário da pintura Universal*, Estúdios COR, Lisboa, 1962, Volume II, p.14-17.

- *Abstracção Geométrica*

- *Tachismo*

- *Pop-Art*

- Arte Cinética⁶²⁰

Mas será o pintor Júlio Alfredo Teixeira Bragança⁶²¹ que irá ocupar o lugar deixado por Barreto, continuando o programa previamente elaborado e o pintor João Dixo irá leccionar e elaborará o programa das aulas de Desenho:

RELATÓRIO DO SUMÁRIO DE DESENHO A DAR DURANTE O CURSO 1966/67

CÍRCULO DE ARTES PLÁSTICAS DE COIMBRA

I – TEORIA

A – Projecções comentadas e diálogo sobre desenhos ou obras em que a presença deste seja de notório interesse (gravura, gravados, cerâmica, etc.), servindo como matéria de projecção não só uma dada escola ou estilo, mas todo o género de manifestações artísticas, desde a arte rupestre à actual, da erudita à rústica, da oriental à ocidental.

B - Noções sobre a amplidão do campo do desenho (As projecções serão disto, grande auxiliar, exactamente pela mesma variedade)

Propriedades e interesses dos seus principais elementos: LINHA e MANCHA

LINHA – Como - limite de superfícies cromáticas (fronteira entre duas zonas de cor)

- Definição de volume (aresta ou não)

- Linha

MANCHA – Como – cor

- Volume (sombra própria)

- Mancha

C - Breves referências exemplificadas e ilustradas dos tipos fundamentais de composição: Estática (Clássica); Movimento explosivo ou fragmentada (Barroca); Em aparente desequilíbrio (Japonesa)

⁶²⁰ Texto enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 22 de Novembro de 1966, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 131.

⁶²¹ Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 26 de Outubro de 1968, Carta enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Dezembro de 1968. Anexo 132, 133.

II - PRÁTICA

A – Prática de composição com colagem de elementos geométricos recortados sobre um retângulo de papel dado.

B – Técnicas para o desenho propriamente dito:

Carvão

Lápis

Aguada de tinta Nanquin ou de Vieux Chên

C- Objecto:

A desenhar

Não vivo - Estátua grega

- Natureza Morta

2. Vivo - Corpo Humano

- Natureza

3. Sem modelo - Memória visual

- Criação, com ou sem tema

Nota: Aos Sábados, os 30 ou 45 minutos iniciais seriam utilizados com as projecções e breves alusões da parte teórica, ficando o restante tempo desses dias e todas as 4ª Feiras dedicadas à parte prática, especificamente a alínea C) “Objectos a desenhar”.

A alínea primeira alínea da parte Prática (Prática de Composição) seria utilizada em parte do tempo de algumas das primeiras aulas do curso e só com o sentido de estudo e desenvolvimento pessoal.⁶²²

Iniciam-se então, no mês de Janeiro de 1967, os cursos de desenho e pintura, que tiveram grande aceitação, com um número elevado de inscrições.⁶²³

⁶²² Relatório do sumário de Desenho a leccionar durante o curso de 1966-1967, no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 17 de Novembro de 1966, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Anexo 134.

⁶²³ Carta do Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Janeiro de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra. Anexo 135.

O pintor e escultor Ângelo de Sousa⁶²⁴ regressado de Inglaterra, onde estivera com uma bolsa, igualmente concedida pela Fundação Gulbenkian, leccionou no Círculo de Artes Plásticas por um período de tempo curto mas muito profícuo e intenso, pois esta foi uma altura de aproximação à modernidade, às experimentações, à arte conceptual, à *performance* e à acção, uma época de dinâmicas, em que se juntavam sócios e não-sócios, convivendo, trocando saberes e experiências, tornando o espaço do Círculo um espaço novo, contemporâneo e dinâmico.⁶²⁵

Sumários 2:

No que se refere à parte curricular, os sumários das aulas de Tília Saldanha, Alberto Carneiro e Armando Azevedo demonstram-nos não só a assiduidade e grande empenho dos professores, as faltas, por vezes também as dificuldades sentidas pelos alunos e, principalmente o desenrolar do ensino.⁶²⁶

Foi organizado todo um programa alicerçado na teoria e na definição de conceitos para, após a aprendizagem, se passar à prática e ao trabalho criativo, por parte dos alunos, sempre com as indicações e a supervisão dos professores.

⁶²⁴ Nasce em Lourenço Marques em 1938. Vindo viver para o Porto, frequenta a ESBAP, entre 1955 e 1963. Viveu em Londres entre 1967 e 1968. Utilizou diversos suportes e técnicas: desenho, pintura, escultura, fotografia, filme. Na sua obra sente-se o carácter impulsivo do trabalho, a parte experimental. Conscientemente opta por um abandono dos materiais nobres mais tradicionais e dos processos complexos de criação. A partir dos anos 60 do século passado o seu trabalho demonstra que a cor foi sendo trabalhada em camadas, socacos e contornos. Os anos 70 e 80 desse século trazem uma pintura mais densa, com grande profundidade. As telas geométricas e minimais de 1972, a preto e branco, escondem camadas de cor. Nos anos 90, a pintura trabalhará ainda uma tênue perspectiva, a partir de planos e dobras de cor. A figuração nunca o atraiu, a não ser numa vertente experimental ligada as questões da percepção do fundo e da forma e do espaço em geral. Em 1995, Ângelo de Sousa fez séries de auto-retratos em que o arrastamento e a desfocagem lhe infligem a disformidade, a anamorfose e a desintegração. O seu interesse pela gravura oriental, pelas artes primitivas e exóticas e pela *Art Brut*, pelas problemáticas do *Expressionismo*, por Klee e Kandinsky e por movimentos como o *Colour Field* ou o *Post Painterly Abstraction*, ou mesmo pela *Op* e a *Pop* americanas levou-o a outras opções e reflexões. Cf. NAZARÉ, Leonor, CAMJAP, Selecção de artistas, [consultado a 7 Agosto 2016]. Disponível em: <http://www.camjap.gulbenkian.pt>.

⁶²⁵ Um dos vários exemplos é a carta do pintor António Guimarães a solicitar um espaço para expôr os seus trabalhos. Carta dirigida ao Círculo de Artes Plásticas, 19 de Janeiro de 1967, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra.

⁶²⁶ Livros de Sumários, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1979-1980, Sumários e conteúdos das aulas dos professores Tília Saldanha, Armando Azevedo, Alberto Carneiro.

Armando Azevedo teve a seu cargo o ensino da teoria, direcionando-se para os interesses específicos dos alunos de cujo conhecimento teve acesso ao ler as respostas aos questionários que aqueles haviam preenchido no início do ano lectivo. As aulas iniciais tinham como ponto-base o suporte, a definição e a preparação. Com o avançar do tempo lectivo, Armando Azevedo segue para a “pintura como colagem - a colagem como pintura”. Tinta, cor, luz, seguindo para a realização de exercícios práticos que se relacionavam com os trabalhos em curso em cada momento lectivo, assim, o período leccionado era dividido entre a primeira parte teórica, seguida dos exercícios práticos, sempre relacionadas com os trabalhos que estavam a ser desenvolvidos.

Tratava também da pintura como comunicação visual, da coerência de forma/conteúdo, elaborando, com os alunos, exercícios práticos: A palavra como imagem, A palavra como palavra, A palavra como imagem, A imagem como palavra, A imagem como imagem, A distância na bidimensionalidade do suporte, A criação da tridimensionalidade, A distância entre os signos, A hierarquia, O percurso e o ritmo dos signos, O ritmo da imagem e o ritmo do olhar, são outros dos pontos tratados por Armado Azevedo no decorrer das suas aulas.

Já as aulas de Alberto Carneiro eram de um ensino com uma base mais teórica, com apresentação de imagens de Kandinsky, Klee, Miró... para serem analisadas e discutidas pelo professor e pelos alunos.

Por sua vez, Tília Saldanha empenhava-se na parte prática: fundo e imagem, limites do suporte, valor dos sinais, definições e escolhas, assim como manchas, elementos gráficos, texturas. Avançando para cores elementares e compostas, pigmentos e contrastes - tons, valores e modulação, passando finalmente para a “descoberta prática”. O termo “descoberta prática” lido num livro de sumários, é muito interessante, pois demonstra cabalmente o seu interesse e cuidado com a realização da obra por parte do aluno iniciante. Unidade, equilíbrio e ritmo, servem de suporte para a realização de exercícios práticos e a concretização dos trabalhos finais.

A 29 de Novembro de 1979, Armando Azevedo dá as primeiras noções de *Intercriatividade*, o que virá a ser desenvolvido mais aprofundadamente por Alberto Carneiro, com as suas *Acções de Intercriatividade*.

Nessa mesma altura, Túlia continua com o apoio de *atelier* e o apoio à realização de exercícios e trabalhos práticos, que levarão os alunos a um fazer artístico bem sedimentado.

Alberto Carneiro, na continuação das suas aulas teóricas, passa os conhecimentos de História de Arte com os Nabis, os Fauves, o surgimento do Cubismo e todo o desenvolver do olhar artístico por parte dos alunos, através da análise de imagens de obras de diferentes autores.

Armando Azevedo fala dos Fauves, da luz, da lógica dessa luz na perspectiva... e os alunos vão fazendo o seu trabalho de criação, primeiro amparados pelos mestres e a pouco e pouco ganhando asas e voando por si. Houve nos *curricula* lectivos dos três professores uma inter-relação pedagógica coerente, que levou a um desenvolvimento bem sustentado por parte dos alunos.

Sumários 3:

Dentro da linha programática do que se faz ao longo deste início dos anos de 1990, organizam-se os *Ateliers Assistidos*, com aulas de Pintura, tendo na sua direcção Valdemar Santos, licenciado em pintura:

Ateliers de pintura experimentais de tecnologias introdutórias das afirmações de pintura, das relações com os seus múltiplos suportes e formulações de escrita formal e cromática.

Contributo teórico-prático para a introdução à História da arte

1ª sessão:

- Apresentação da obra de Ezech Consemuller.
- Visita guiada à exposição “FOTOGRAFIEN BAUHAUS DESSAU” de E. Consemuller
- Mostra do filme documental – “BAUHAUS”
- Mostra do filme “A AVENTURA DA ARTE MODERNA”

2ª Sessão:

A - A Composição Artística: Tema, Forma e conteúdo. As Técnicas Artísticas

Apresentação Audiovisual

B- Técnicas Artísticas: Análise e Experimentação

Coordenação do Pintor Valdemar Santos

C - Domínios da Pintura a óleo: O Atelier do Artista

Coordenação da Pintora Inês Paulino

D - Domínios Técnicos da Cerâmica e do Vidro

Coordenação: Grupo de Cerâmica

E - Mostra Comentada do Filme “LES PEINTRES DE LASCAUX

Estas sessões foram em média frequentadas por cerca de trinta utentes”⁶²⁷

Foram também organizados Workshops:

- “CANTO TEOGÓNICO” de Teresa Ramos – Vídeo-Performance;
- FLUXUS Colectivo dos Sócios do CAPC – Estudo e Investigação;
- RADIERUNG – O processo de Impressão de Gravura por Berrann Hentschell;
- Técnicas Cerâmicas – Cozedura e Modelagem. Grupo de Cerâmica.⁶²⁸

Sumários 4:

Em 1993 continuaram a realizar-se os Ateliers Assistidos:

PINTURA/DESENHO

Duração: Janeiro a Junho

Quartas-feiras, 21 horas- 23 horas (assistido)

Quintas-feiras – 21 horas – 23 horas (para continuação dos trabalhos)

Assistência: Emílio Remelhe

⁶²⁷ Relatório da área de Difusão Artística dos anos 1990-1991, Área Pedagógica, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶²⁸ Relatório da Área de Difusão Artística 1990-1991, *Workshops*, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Licenciado em Pintura pela Escola Superior de Belas Artes do Porto.

Nº limite de participantes: 12

ESCULTURA/DESENHO

Duração: Janeiro a Junho

Sábados. 10:30 – 12:30 horas (assistidos)

(Continuação dos trabalhos no horário normal de funcionamento)

Assistência: João Silva

Bacharel em tecnologias Artísticas pela Escola Superior de Tecnologia Artística de Coimbra.

Aluno de Escultura da Escola Superior de Belas Artes do Porto

Nº Limite de participantes: 8

CERÂMICA

Duração: Janeiro a Junho

Sábados. 10 horas - 12 horas (assistidos)

(Continuação dos trabalhos no horário normal de funcionamento)

Assistência: João Silva

Nº limite de participantes: 6

Os sócios poderão utilizar a carpintaria gratuitamente e sempre que necessário, responsabilizando-se consequentemente por danos causados do equipamento.

A Direcção.⁶²⁹

A vertente pedagógica foi um dos fundamentos da criação do Círculo, as aulas de pintura, desenho, escultura a par com as de Estética e Anatomia foram os aspectos mais importantes e para os quais foi direccionado o dinheiro de apoio da F.C.G. e, mais tarde, os apoios de outras entidades, mas tal ir-se-ia modificar na nova década.

⁶²⁹ Relatório de Actividades do ano 1993, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

1.1. Os Professores

Ao elencar os sumários encontrados nas páginas guardadas dos *dossiers* do Círculo de Artes Plásticas e ao querer colocá-los, na íntegra, neste estudo e não os remeter para anexo, desejo chamar a atenção para os protagonistas de todos estes anos de estudo teórico e prático, os professores.

Aquilo que o Círculo é no século XXI quase nada tem do que foi idealizado no seu surgimento, lembremo-nos que uma das primeiras preocupações foi a de encontrar um espaço e logo a seguir a de convidar professores para lecionarem.

Se a ideia primeira era a de conseguir que Coimbra tivesse, como Lisboa e Porto, ensino superior de artes plásticas, era imperioso ter professores que tivessem já uma carreira e conhecimentos artísticos, pois essa era também uma das apostas para que a Fundação Calouste Gulbenkian apoiasse os estudantes criadores deste projecto.

Ao longo dos anos e com os diversos professores, o carácter pedagógico foi-se alicerçando e enraizando.

Iniciando, ainda na casa de Montarroio, com Isabel Reis, que pela ida para o Porto foi substituída por Waldemar da Costa, foram dadas aulas de desenho, pintura e escultura.

Já nas mansardas do Museu Machado de Castro essas aulas foram das por Waldemar Costa, tendo também dois estudantes universitários de Medicina a lecionar História da Arte e Anatomia, Jorge Mira Coelho e Alfredo Rasteiro e mais tarde também António Reis Santos dará aulas de pintura.

Com a saída do Museu Machado de Castro e a passagem para a rua de Montarroio, muita coisa se modificará e será a vez de artistas convidados para o efeito, lecionarem desenho e pintura, Nuno Taborda Barreto, Júlio Alfredo Teixeira Bragança e João Dixo.

Também Ângelo de Sousa foi professor no Círculo e, com a chegada de Tília Saldanha, a vertente pedagógica irá mudar.

Túlia Saldanha, juntamente com Armando Azevedo e Alberto Carneiro farão das aulas teóricas e práticas uma autêntica modificação no ensino que até aí os alunos do Círculo conheciam.

As experimentações, a intercriatividade, os públicos esquecidos e desfavorecidos da cidade, as crianças, as experiências artísticas, as conversas e debates, toda uma vertente pedagogicamente pensada e estruturada.

Com a doença de Túlia que, entretanto, terá também o cargo de Direção da instituição, a actividade lectiva do Círculo modifica-se.

Já na década de 1990 serão convidados para professores Inês Paulino (que já colaborava anteriormente), Valdemar Santos, Teresa Ramos, Emílio Remelhe, João Silva, Margarida Amaro e Raquel Sebastião e serão dadas aulas de desenho, escultura, pintura, cerâmica e realização de *ateliers* assistidos de pintura e *workshops*.

Todo um percurso didático e pedagógico foi delineado, trabalhado e executado ao longo de quase 40 anos, é certo que, na maioria das vezes, o trabalho final dos alunos seria apresentado em exposições na cidade e que também o Círculo sempre apresentou um programa expositivo intenso, por vezes com mudanças quinzenais, mas a exposição não era a sua finalidade principal, mas através dessas exposições conseguir dar a conhecer ao público coimbrão e aos seus alunos, trabalhos e percursos de artistas contemporâneos nacionais e internacionais.

2. Os anos de 1990 e as problemáticas de intervenção

Os anos de 1990 foram tempos inquietos, mas também de grande actividade criativa a nível nacional e no Círculo, Victor Diniz à época na Direção do Círculo, refere que “... nos anos 90 inicia-se uma conjuntura de adversidade para a cultura, seguramente causada pela inexistência de uma clara (...) estratégia política para diagramar

dinâmicas, visando o seu desenvolvimento”⁶³⁰. Na globalidade foram os anos de ouro da nossa cultura em que se renovaram museus, organizaram grandes exposições, se realizaram importantes inventários, mas o Círculo vivia na incerteza.

Numa primeira fase optaram pela continuidade da linha programática seguida até então, numa segunda fase centraram a sua actividade no desenrolar de um novo plano de actividades, que visava a qualificação do “Círculo de Artes Plásticas de Coimbra [como local] de eleição no âmbito das artes e da cultura”⁶³¹.

Na segunda metade dos anos de 1990 encetaram actividades de divulgação, expansão e trabalho conjunto com outras entidades culturais, idealizando programas expositivos com o intuito de “responder a critérios (...) conjugando questões emergentes em diferentes graus de discussão, procurando suscitar junto dos artistas a sua análise e reflexão”⁶³², realizando acções de intercâmbio e inter-relação com outros organismos, como os *Encontros de Fotografia*, a *Bienal Universitária de Coimbra (BUC)* e a *Revista Via Latina* esta tinha sido já um meio difusor das obras dos sócios do Círculo, durante a primeira década de funcionamento da instituição.

As actividades didático-pedagógicas baseadas no apoio, orientação e diálogo entre os criadores, a investigação e criação estética e os debates interdisciplinares eram um foco de realização e concretização da obra final. Este impulso visava uma mudança para melhorar a qualidade artística das exposições e as alargar a outros que não só os sócios.

O Círculo encetava uma mudança profunda e este novo plano exigia também um novo espaço físico, que fosse diferente e ainda mais dinâmico.

3. Novas linhas programáticas

⁶³⁰ DINIZ, Victor - CAPC: em torno de uma prática na arte contemporânea, *MS: SOS: a nova visualidade de Coimbra*, Vila Nova de Gaia: ASA, 2003, p. 130.

⁶³¹ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, 27 de Dezembro de 1991, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶³² DINIZ, Victor – *Op. cit.* p. 118.

Com as novas linhas programáticas surgia uma questão pertinente que era a de qualquer membro poder vir a ser artista, tendo a facilidade de apresentar trabalhos sem ter nenhuma legitimação estético-crítica.

Como tal seria visto? Como tal seria enquadrado?

O Círculo era “considerado organismo cultural (...) [que tinha] por finalidade o ensino, experimentação, criação e divulgação das Artes Visuais⁶³³.

Como seriam vistos estes artistas emergentes? Quem os legitimava?

Estas são questões das décadas mais recentes, uma vez que todo esse processo já vinha desde o início da criação do Círculo, mas nunca tinha sido visto como um entrave para o desenrolar das actividades lectivas nem da realização das exposições que apresentavam os trabalhos desses sócios.

São programadas conferências e debates que se enquadram nestas problemáticas e linhas de pensamento contemporâneo como o ciclo de *Arte Sagrada/Profana*, com a participação de Manuel Gandra, Paulo Varela Gomes, Manuel Castro Caldas, António Quadros e a *Arte Comprometida e Arte pela Arte*, com João Pinharanda, Tito Cardoso e Cunha, Alexandre Melo, Ricardo Pais e António Cabrita e a *Arte-Anos 90* contará com a intervenção de Bernardo Pinto de Almeida, Pedro Frade, Emídio Oliveira, Helena Freitas, Cerveira Pinto, Alexandre Melo, Ruth Rosengarten, Boaventura de Sousa Santos, António Marques, Fernando Belo e António Pinto Ribeiro⁶³⁴.

Organizam *A Arte das Ideias e as Ideias da Arte* (AIID), num claro desafio ao panorama artístico e à arte dos anos 90, com exposições, comunicações, vídeos e *performances*.

⁶³³ Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Gestor da Área de Coimbra da Telecom Portugal, 4 de Março de 1991, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶³⁴ Cf. Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director do Museu Nacional Manchado de Castro, 24 de Outubro de 1990, Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Psicologia, 24 de Outubro de 1990, Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director da Fundação Bissaya Barreto, 24 de Outubro de 1990, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Com um protocolo estabelecido com a Câmara Municipal de Coimbra, criam uma Mediateca, um arquivo que integrava informação e material de vários campos das artes plásticas, como catálogos, revistas, livros, vídeos, filmes e diaporamas. Acreditou-se que poderia vir a ser “...um dos mais significativos Arquivos de Documentação Artística”⁶³⁵ do país pois a Direcção procurou actualizar todo o espólio, tratando um grande número de material documental. Para que esse trabalho fosse actual solicitaram a Emílio Rui Vilar, então Presidente do Gabinete para a *Europália 91*, a Carlos Monjardino, Presidente da *Fundação Oriente* e a Fernando Pernes, Director da *Fundação de Serralves*, que fossem disponibilizadas as publicações de âmbito artístico que iam sendo editadas por aquelas instituições.⁶³⁶

A ADA dos anos 1990, seria o desenvolvimento da ADA já levada a efeito nos anos 1980:

A importância deste singular espaço, criado pelo CAPC, cumprirá estamos certos, um excelente contributo a todos os interessados pelo estudo e fruição do domínio artístico e que na colectividade de Coimbra encontra um significativo auditório – a população Estudantil, Universitária.

Poderá mesmo e dada a atenção que lhe vimos devotando e que emula nas instituições de cultura, centros de informação artística, etc, ser um motivo de busca de conhecimento permanente e actualizado daquilo que se produz; documenta; e perspectiva o mundo da Arte⁶³⁷

O CAPC voltou a publicar catálogos anuais das exposições patentes nas suas galerias, experiência já iniciada no ano de 1979, desenvolvida até 1983 e retomada em 1990. A publicação desses catálogos era primordial pois eram um documento de valor histórico e cultural revelador da obra dos artistas e da actividade do Círculo ao longo dos anos.

Para divulgar as actividades desenvolvidas foi criado um programa de rádio semanal, transmitido na Rádio Universidade de Coimbra (RUC) e intitulado: *Círculo Branco Num Quadrado Negro, Círculo Negro Num Quadrado Branco - uma pintura de*

⁶³⁵ Correspondência entre António Barros e o Director da *Revista Artes Plásticas*, 21 de Maio de 1990, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶³⁶ Correspondência entre Victor Diniz da Direcção do Círculo de Artes Plásticas e Emílio Rui Vilar, Carlos Monjardino e Fernando Pernes, Coimbra, 30 de Outubro de 1991. Anexo 136.

⁶³⁷ Idem, *ibidem*.

Malevitch, pensado e dinamizado por António Barros, Olimpo Ferreira, Pedro Monteiro, Helena Silva, Victor Diniz, Carlos Antunes, Paulo Teixeira, João Perdigão, Eunice Alexandre, Desirée Pedro e Margarida Amaro.

Em 1990 realizam, no Fórum das Artes - *No Ver Da Arte*, a apresentação de um ciclo de filmes sobre a vida e obra de artistas reputados no domínio da História da Arte, com a colaboração habitual do Centro de Estudos Cinematográficos e o contributo do British Council, da Alliance Française, da Secretaria de Estado da Cultura, do Ministério da Educação, da Embaixada de França e do Instituto Italiano de Cultura.⁶³⁸

É nesse mesmo ano de 1990 que o Círculo se propõem alterar a imagem gráfica⁶³⁹, executar um novo projecto artístico e cultural e também abrir um Bar Artístico, nas suas instalações.



Fig. 102 – Proposta do novo logotipo do Círculo, 1991

Arquivo Círculo de Artes Plásticas

⁶³⁸ *Press Release* de 12 de Maio de 1990, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 137.

⁶³⁹ Participaram no concurso para a realização da nova imagem gráfica e novo *Logo*, os sócios Catarina Cardoso, Desirée Pedro e Carlos Antunes e fizeram parte do Júri: Alfredo Rasteiro (antigo sócio do Círculo), Victor Diniz (como representante do Conselho Artístico), António Barros (como representante da Direcção) e Margarida Amaro (como representante do Corpo Pedagógico), Concurso para imagem gráfica do CAPC, 1990-1991, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

No ano de 1991 continuam com o trabalho de motivação e sensibilização para as artes, para motivarem um público mais alargado, através da difusão artística, contribuindo para que houvesse uma maior ligação “entre as artes e a sociedade”.⁶⁴⁰

Em especial, as aulas de História da Arte destinavam-se aos alunos que queriam seguir uma via artística académica e especializada. De igual modo continuaram os *ateliers* de pintura experimental e orientação de grupos de acção colectiva, realizando exercícios estéticos, como a abordagem colectiva ao Movimento Fluxus, em que os exercícios sobre a obra de Joseph Beuys, Wolf Vostell e Gino Di Maggio incluíam o texto, o vídeo e a *performance*. Paralelamente, outros campos de intervenção e de interacção colectivos foram organizados, como o dos movimentos associados ao *Environment*, à *Poesia Sonora*, à *Videoarte*, ao *Bolidismo*, à *Bad Painting*, ao *Happening* e à *Land Art*.

Realizaram-se diversas exposições sobre matérias artísticas diversas como Design, Multimédia, Instalação, *Performance* ou Fotografia e foram organizadas comunicações como a *A Arte Atrapalha, Perspectivas polémicas na Arte Actual*, com Alberto Carneiro, António Cerveira Pinto, Bernardo Pinto de Almeida e Isabel Carlos *A Arte do Desenho - Desenho Arte*, com Ângelo de Sousa, João Miguel Fernandes Jorge, Alberto Carneiro e Manuel Vilarinho., a *Arquitectura, Práticas Modernas*, com Paulo Varela Gomes, Boaventura de Sousa Santos e Álvaro Siza Vieira e nesse ano de 1991, foram convidados críticos de arte como Manuel Castro Caldas, Alexandre Melo e João Pinharanda para organizarem uma mostra de Arte Portuguesa a ser apresentada em Coimbra pelo Círculo.

Todas estas exposições foram, organizadas em paralelo com o *Fórum das Artes* que estava inserido nas *Primeiras Jornadas de Nova Música Portuguesa*, aí organizaram-se conferências sobre *A Cultura Musical em Portugal* e a *Problemática da Modernidade*, com a participação de Mário Vieira de Carvalho, ou as *Novas Músicas em Portugal*, com Jorge Barreto, assim como mesas redondas sobre *O Jazz em Portugal Hoje*, com António Pinho Vargas, Rui Neves e Luís Villas-Boas, *O Rock em Portugal Hoje*, com

⁶⁴⁰ Plano de actividades 1991, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Manuela Paraíso, Victor Rua, Fausto Silva e a *Música Portuguesa Contemporânea*, com Jorge Peixinho, Carlos Zíngaro e Castro Silva.

Molly Thomaz, compositora americana, apresentou o seu trabalho de composição com recurso a novas tecnologias, denominado *Hand Mad Tappes* e Isabel Azevedo organizou um *workshop* introdutório às novas possibilidades no domínio das artes visuais, com a designação de *Hologravura*.

Ao mesmo tempo realizou-se uma mostra de Arte Vídeo que incluiu o *Grande Prémio Vídeo* de Marl e o *Vídeo C.A.P.C. Profile*, com trabalhos de J. Christo, George Trakas, Walter Grammik, A. Giacometti, M. C. Escher, Marcel Duchamp, Robert Longo e Richard Serra, a par de seminários e encontros de artistas, dinamizados por Edgar Pêra, João Azevedo e Mário Afonso.

Existia o cuidado de realizar actividades de carácter prático (exposições, seminários, *workshops*, *performances*, instalações, videoarte) o que enriquecia a ideia de conjunto e de colectivo e mostrava à cidade e à comunidade académica o trabalho realizado pelo Círculo no âmbito da valorização cultural da cidade e dos seus artistas. A Direcção desejava continuar a suscitar nos sócios a ideia de continuidade à prática cultural e artística⁶⁴¹. Uma vez que pretendiam “pensar a arte na sua actualidade, a sua vocação de contemporaneidade, gosto pelo estudo e investigação, diálogo permanente com a presente temporalidade cultural”⁶⁴², continuando com a realização da iniciativa *As Artes das Ideias, As Ideias das Artes*,⁶⁴³ que fomentava o contacto entre os artistas e os diversos meios de criação.

O programa da Rádio Universidade de Coimbra continuou durante este tempo - *Círculo Branco Num Quadrado Negro/Círculo Negro Num Quadrado Branco – Uma Pintura de*

⁶⁴¹ Correspondência efectuada entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, 27 de Dezembro de 1991, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁴² Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Bissaya Barreto, 21 de Setembro de 1990, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁴³ Iniciativa de 1990, de interesse cultural ao abrigo dos Decretos-Lei n.ºs 442-A/88 e/ou 442-B/88 de 30 de Novembro.

Malevitch, foi um projecto de rádio diferente, conseguiu ter uma abordagem inovadora, que se caracterizava pela diversidade, proporcionando aos ouvintes o contacto com as artes plásticas, de que a maioria estava afastada⁶⁴⁴. Para tal utilizaram entrevistas, debates, ciclos temáticos e a difusão de novas propostas musicais como Current 93, Alfred Schnittke, John Zorn, Astor Piazzolla, Villa-Lobos, John Cage, Anne Clark e Kurt Weill.

Com a ideia de inter-relação entre artista e público foi organizado no *Fórum CAPC*, o *VIDEOCAPC 92*, uma iniciativa que alargou a visão das expressões artísticas contemporâneas, inserida num contexto de “interface pedagógico”.

Igualmente foram organizados ciclos de *workshops* com o artista alemão Wolfgang Hahn e a exposição, *Phamtonskulptures*⁶⁴⁵. Foram convidados artistas como Catarina Baleiras, Helena Almeida⁶⁴⁶ e Rui Chafes, para integrar *Coimbra Rosas Capital do Mundo*, um projecto de intervenção de Arte Pública, que contou com o apoio da Câmara Municipal de Coimbra. Valdemar Santos expôs *Travelling (Travellin)-Instalação*, Eduardo Salavisa expôs *CONTENÇ(S)ÃO-Instalação/Desenhos*, com banda sonora original de Fernando Rosado e Ângelo de Sousa teve as suas obras expostas na Galeria do CAPC entre os meses de Maio e Junho.

⁶⁴⁴ Programa de actividades 1992/93, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁴⁵ Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Direcção de Marketing da TSF-Rádio Jornal, 16 de Março de 1992, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁴⁶ Correspondência entre Helena Almeida e o Círculo de Artes Plásticas, 19 de Maio de 1992, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas. Anexo 138.



Fig. 103 – Valdemar Santos, Ângelo de Sousa, 1992

Arquivo Círculo de Artes Plásticas

Nesse mesmo ano de 1992 as actividades pedagógicas, artísticas e de difusão tinham aumentado bastante. A obra de Ernesto de Sousa foi revisitada, com a organização de um ciclo de comunicações que fomentavam o confronto com o regresso à experimentação e à *Arte Vida* (segundo uma expressão de Ernesto de Sousa) com João Pinharanda, João Vieira, Alberto Carneiro, Isabel Alves, Leonel Moura, Monteiro Gil, Cerveira Pinto, Alexandre Melo e Bernardo Pinto de Almeida, uma revisitação da obra de um artista que tão forte ligação tinha com o CAPC.

Devido a todas estas iniciativas e actividades de difusão e formação artística, em 1993 iniciou-se uma reestruturação do espaço físico do Círculo, para o tornar mais funcional e capaz de suportar todas estas dinâmicas.

Nesse ano organizaram ciclos de conferências⁶⁴⁷ - *A Arte de ver a Arte*, com ciclos temáticos: *Arte Actual: Uma Arte para os Anos de Fim de Século*; *A Arte e os Media: Ou um lugar de Estágio para o Exercício do Poder* e *A Arte de ver a Arte: As escalas de Cultura/o “Perceber” a Arte e o cidadão “comum”*⁶⁴⁸ – ciclos estes direccionados para a aproximação das artes à sociedade nos seus mais diversos contextos.

Esta *Arte de ver a Arte* tinha por coordenadora Margarida Amaro e visava conferir elementos técnicos para uma leitura das Artes Visuais:

Ateliers audiovisuais orientados tendo por objecto a sensibilização dos utentes para uma abordagem da História da Arte. Sessões dedicadas a sócios cumprindo uma função propedêutica para os mais interessados nas carreiras Artísticas.

Estes ateliers contaram com a colaboração do instituto de História da Arte da Fac. Letras da Univ. de Coimbra, bem como da supervisão científica dos Profs. Dr. Pedro Dias, Dr. Francisco Pato de Macedo e Dr^a. Maria de Lurdes Craveiro.⁶⁴⁹

Dentro da mesma linha organizam o *ciclo de Arte Portuguesa*⁶⁵⁰, tendo como critério de escolha dos artistas⁶⁵¹ pautarem-se pela linha de semelhança artística e estética que estivesse em consonância com o que Círculo seguia. Já *Um Jardim para os Nossos Sonhos*, foi baseado no convite a seis artistas,⁶⁵² para a realização de uma *Instalação* no Jardim Botânico, a *Instalação Rosa* no Convento de Santa Clara-a-Nova e uma intervenção nas esculturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

No ano de 1994, o CAPC organizou um ciclo expositivo denominado *Um olhar por Portugal/Arte Portuguesa Actual*, com projectos de Joana Rosa (*Doodles*) e de Catarina Baleiras (*D’après Baleiras*). As Galerias do CAPC continuavam assim a servir para mostrar obras contemporâneas, inovadoras, numa tentativa de chamar novos públicos e

⁶⁴⁷ Programa de Actividade 1993/94, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁴⁸ Programa de Actividade 1993/94, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁴⁹ Relatório da área de Difusão Artística dos anos 1990-1991 - *Ateliers* Assistidos, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁵⁰ Ao abrigo do mecenato cultural, a iniciativa *A Arte das ideias, As Ideias da Arte*, foi considerada de manifesto interesse cultural ao abrigo dos Decretos-Lei nº442-A/88 e/ou 442-B/88 de 30 de Novembro 1988.

⁶⁵¹ Joana Rosa, António Olaio, Baltazar Torres, Ana Jotta, Rui Chafes, Xana e Paulo Feliciano.

⁶⁵² Alberto Carneiro, Jan Fabre, Jochen Gerz, Julião Sarmento, Miguel Navarro e Rui Chafes.

estabelecer uma relação mais aprofundada com o público que já era conhecedor e apreciador de arte.

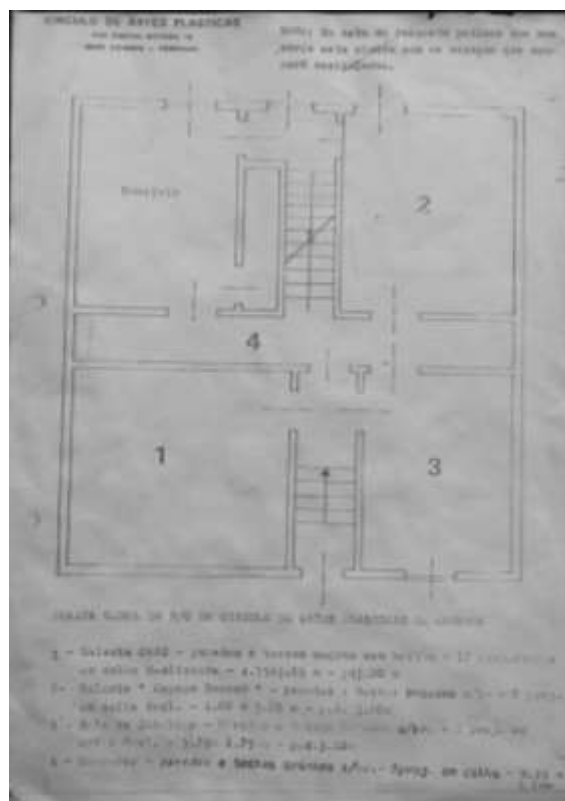


Fig. 104 – Planta geral do r/ch do edifício do Círculo de Artes Plásticas, na Rua Castro Matoso, nº

18⁶⁵³

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁶⁵³ Inserido no relatório da área de Difusão Artística dos anos 1990-1991, Planta das Salas, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Capítulo 4 - Nova programação - Novo edifício

Na década de 1990 o Círculo desejava encetar relações entre outras instituições artísticas e para que isso fosse realizado apresentou propostas de vanguarda artística e diversidade pedagógica, queriam estimular a educação pela arte organizando encontros de artistas, exposições e palestras, fomentando uma nova dinâmica no ensino e divulgação da arte contemporânea.

Pretendiam que o CAPC se tornasse um pólo de difusão da arte de vanguarda contemporânea, com a criação de uma “Rede das Artes” de Leiria a Castelo Branco. Em simultâneo pensaram na criação de um novo espaço para a realização de mudanças na linha programática, esse espaço foi conseguido após longas conversações com a Câmara Municipal de Coimbra, a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra e a Reitoria da Universidade de Coimbra e para tal foram estabelecidos protocolos independentes, o que levou a uma espera de vários anos, até à finalização da construção do edifício.

No ano de 1995 o edifício da Rua Castro Matoso foi reestruturado, o que permitiu que no ano de 1996 apresentassem um programa de exposições, com visibilidade a nível nacional. A Direcção estabeleceu propositadamente uma programação para que o CAPC fosse visto como uma “entidade produtora e difusora de arte contemporânea”⁶⁵⁴.

O ciclo de exposições *Arte Portuguesa Actual*, integrou *A arte como experiência do real*, de Miguel Leal e *Esta é a minha Imagem* de Cristina Mateus, *A pintura como actividade post mortem* de Fernando José Pereira, *O Estético enquanto Instrumento de Poder*, de António Sousa e *Heaven inc* de Paulo Mendes.

Com estes ciclos de exposições, apresentavam o que de melhor e mais contemporâneo se fazia no país, programando, também um ciclo de cinema e vídeo de Peter Greenaway

⁶⁵⁴ Programa de actividades 1995/96, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

- *A TV DANTE, M is for mine, Music and Mozart, Death in the Seine* e as obras premiadas no festival de vídeo Marler Vídeo Kunst⁶⁵⁵.

Participaram na organização da *Bienal de Arte Jovem '97* em parceria com o Ministério da Cultura e com a Fundação Calouste Gulbenkian, apresentando artistas que tinham exclusividade com o Círculo. Alargavam o seu espaço de acção e apresentação de obras em salas de diversos locais de Portugal.

1. Centro de Arte Contemporânea do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra - CAC do CAPC

Em Maio de 1997, o Centro de Arte Contemporânea (CAC) do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra⁶⁵⁶, foi inaugurado.

Um projecto dos arquitectos Carlos Antunes e Désirée Pedro que teve o apoio do Ministério da Cultura, da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal de Coimbra, no Jardim da Sereia, com três espaços de galeria, livraria de arte contemporânea e auditório, foi uma conquista sofrida, que desde o final da década de 1980 as várias direcções tentavam ver concretizada.

⁶⁵⁵ Programa de Actividade 1995/1996, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁵⁶ Anexo 139.

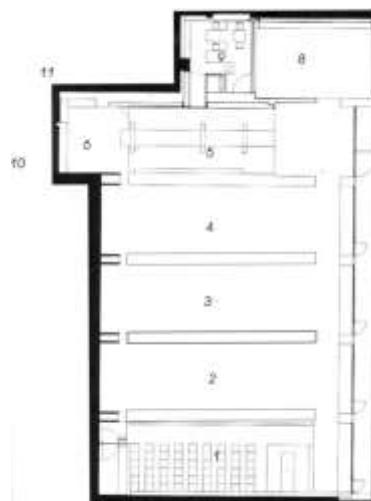


Fig. 105 – Planta do Centro de Arte Contemporânea do CAPC

Legenda: 1. Auditório; 2. Galeria 1; 3. Galeria 2; 4. Galeria 3; 5. Livraria; 6. Cafeteria; 7. Cybercafé; 8. Esplanada; 9. Direção; 10. Arrumos; 11. WC

Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

Como sempre que há mudanças, houve vozes discordantes e críticas que não reconheciam condições ao local para lá se instalar um centro de arte, mas o piso térreo da Casa da Cultura, no Parque de Santa Cruz, passou a ser a sede do *CAC do CAPC*. O novo espaço teve desde o início uma programação inovadora com “situações estéticas específicas em intercolaboração estreita com artistas, operadores e produtores de arte, centro criador e difusor de arte”⁶⁵⁷.

Tal como se lê no texto de apresentação:

O CAC partiu de uma ideia muito simples de espaço expositivo: um núcleo expositivo central constituído por três galerias comunicantes com cerca de 450 m² de área, à qual se agregou um auditório e uma livraria/biblioteca/sala de leitura, e um ciber-café, além de um bar/ restaurante que seria construído numa fase imediata, mas seguinte.

Após a sua edificação é proposto um novo CAPC com um funcionando diário e permanente, e um horário alargado, (14/20h) procura o mais possível ir ao encontro da maior e melhor disponibilidade dos públicos. Oferece um conjunto diversificado de actividades, que vão desde a realização de exposições de arte contemporânea, com particular incidência sobre a produção artística portuguesa, e muito especialmente a dos novos artistas, até à realização de programas de colóquios, conferências, debates, cinema e vídeo.

⁶⁵⁷ O C.A.P.C na Casa Municipal da Cultura: novos espaços para novos projectos, 1996, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Promove acções específicas, integradas em programas pedagógicos próprios, nos quais se incluem programas de visitas guiadas, comunicações e estudos de pesquisa. Disponibiliza através de uma dinâmica própria, uma classificada oferta de serviços complementares direccionados para ajudar a criar um contexto contemporâneo interactivo: uma livraria de arte contemporânea, uma cafeteria, mini restaurante, cibercafé e auditório.

Em suma, um conjunto de acções que sintetiza as coordenadas nucleares de actuação do CAPC.

A Estrutura organizacional do CAC do CAPC sintetiza-se:

A área de desenvolvimento que coordena uma política de desenvolvimento integrada, tendo sob sua responsabilidade o autofinanciamento, o desenvolvimento das áreas multimédia, serviços de apoio, publicações etc.

A área de instalações coordena e gere toda a bateria de instalações, e equipamento a elas agregado.

A direcção artística coordena e implementa a estratégia, acção artística e programação.⁶⁵⁸

Na mesma altura foi pensada a criação do Arquivo de Documentação de Arte, onde se instalaria o C.A.P.C.ART.LINE - ligação em rede com centros difusores de arte internacionais e um espaço de conservação do acervo das obras de arte pertencentes ao Círculo, que muitos dos artistas que ao longo dos anos estiveram ligados ao CAPC, ofereceram. Como já se referiu, o Círculo constituiu um acervo de arte contemporânea muito relevante ao longo de todos os anos de actividade lectiva e expositiva.

As portas da sede da Castro Matoso foram fechadas e é posto de lado aquilo que tinha norteado a vida do Círculo durante várias décadas, o ensino teórico e prático, passando a, exclusivamente, um local expositivo.

O CAC torna-se uma referência no panorama nacional, passa a ser uma “instituição cultural produtora de arte contemporânea”⁶⁵⁹, baseada num novo “projecto de intervenção artística, naquela que também é a mais conhecida cidade dos estudantes”⁶⁶⁰.

⁶⁵⁸ Texto de Divulgação de Actividades do CAPC. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas

⁶⁵⁹ DINIZ, Victor - CAPC, em torno de uma prática na arte contemporânea, in *SMS: SOS: a nova visualidade de Coimbra*, Vila Nova de Gaia: ASA, 2003, p. 120.

⁶⁶⁰ Idem, *ibidem*.

2. O percurso contemporâneo – Século XXI

A dimensão do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra é, neste século, ampliada para um espaço activo e de maior visibilidade.

Como refere António Olaio:

Nesta década sem década, condição dos primeiros anos de um século, a arte sofre de uma dificuldade de classificação que não existia quando podíamos falar nos 50's, nos 60's, nos 70's, nos 80's, nos 90's, e que, então, miraculosamente, parecia bastar enunciar o nome de uma década para a visualizarmos em síntese e maximalização sinestésica⁶⁶¹.

O Círculo, com mais de 60 anos tem um percurso de dinamização e divulgação artística de grande dinamismo.

O novo plano de vida do CAPC visa:

Promover e difundir as artes visuais, visando interessar o público para a arte contemporânea, proporcionar um conhecimento alargado dos panoramas artísticos contemporâneos, suas componentes e narrativas, fomentando o gosto pela fruição artística. Promover exposições de arte contemporânea e actividades de animação cultural pluridisciplinares.

O CAPC constitui um pólo de produção e difusão artística contemporânea, considerado como um importante centro de arte independente do país. Na realização de exposições de arte contemporânea que dão uma particular atenção à produção artística emergente. Na produção e edição de documentação artística. Na difusão e discussão de entrecruzáveis matérias contemporâneas, visando criar um tecido contemporâneo informado e participativo.

O CAPC, com funcionamento diário e permanente realizado em instalações próprias, onde oferece um conjunto diversificado de actividades, que vão desde a realização de exposições de arte contemporânea, até à realização de programas de colóquios, conferências, debates, programas de cinema e vídeo.

Promove acções específicas, integradas em programas pedagógicos próprios, nos quais se incluem programas de visitas guiadas e comunicações. Disponibiliza através de uma dinâmica própria, uma classificada oferta de serviços complementares: Livraria de Arte Contemporânea; Cafetaria; artística de; Cibercafé; Terminais de áudio/vídeo e Auditório/cinemateca.

Com acervo mais significativo, destaca-se a colecção CAPC de arte contemporânea, que vem sendo construída com particular insistência a partir de 1992.

⁶⁶¹ OLAIO, António - Comemorações dos 50 anos do CAPC, *Rua Larga*, nº 23, (Jan. 2009).

O CAPC é nos dias de hoje um destacado produtor de uma nova geração de artistas cujas acções constituem referências incontornáveis na arte contemporânea portuguesa⁶⁶²

Como refere António Olaio “o CAPC tem esta coisa de fazer crer aos que por ele passam, sobretudo aos que nele se envolvem, que este lugar lhes pertence, porque pertencem a este lugar”⁶⁶³

⁶⁶² Texto policopiado sobre novas disposições do Círculo de Artes Plásticas, s.d, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

⁶⁶³ OLAIO, António - Comemorações dos 50 anos do CAPC, in *Rua Larga*, nº 23, (Jan. 2009).

Conclusão

Coimbra, cidade universitária por excelência relegou, ao longo dos anos, o ensino e prática das Artes, para um plano secundário.

Nas décadas de 1940 – 1960, a cidade tinha um sem-número de actividades artísticas com exposições, mostras, palestras, conferências, cursos, sendo, injustificável a ausência de um estabelecimento de ensino de Belas-Artes na cidade.

A criação do Círculo de Artes Plásticas trouxe a esperança para a criação daquilo que se sonhava vir a ser uma Escola de Belas Artes na cidade.⁶⁶⁴

Surge como uma proposta paralela e alternativa, respondendo aos anseios de uma camada estudantil universitária, que tinha ido para Coimbra tirar um curso, mas que sentia um profundo desejo de aprender e se expressar através da Arte. Criam um espaço de estudo, de prática, de pesquisa, de experimentação e, sobretudo de troca de ideias, saberes e convívio.

Primeiro como uma secção da Associação Académica de Coimbra, em 1958, após um grupo de estudantes universitários (Jorge Mira Coelho, Mário Silva, Emílio Rui Vilar, Joaquim Tomé, António Caldeira, António Pimentel, Alfredo Rasteiro e Augusto Mota), que tinham participado numa das exposições da Queima das Fitas, se juntar e decidir criar um espaço diferente, no âmbito das Artes Plásticas, que actuasse na vida cultural, estudantil e intelectual da cidade. A ideia era a da criação de um *atelier* colectivo, com aulas teóricas e práticas, exposições, ciclos de conferências, debates e conversas com artistas antes da inauguração das exposições. O apoio era dado pela revista universitária *Via Latina*, que divulgava as diversas actividades, as exposições, os textos e trabalhos gráficos que iam sendo produzidos pelos associados.

⁶⁶⁴ *Jornal de Notícias*, (13 Abr. 1982). Dossier de Imprensa. Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Com as exposições, tentava captar-se o público da cidade, mostrando as obras dos sócios a par com as de artistas consagrados nacionais e estrangeiros e de jovens promissores de todo o país. Integram, igualmente, o movimento de divulgação da arte pela via do cinema, criando o Cineclube, com a projecção de filmes didáticos do ponto de vista artístico.

A *Exposição de Gravura Portuguesa Contemporânea* da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, em Janeiro de 1959, foi a primeira exposição que realizaram, seguiram-se as exposições de *Arte Esquimó*, da *Missão Internacional de Évora*, organizada pelo Grupo Pró-Évora, a *II Exposição de Arte Moderna de Viana do Castelo*, de Valadas Coriel ou de Lanzner.

A necessidade de uma formação sólida fez com que se iniciassem as aulas teóricas e práticas e o primeiro local de *atelier* situou-se na Rua de Montarroio Oriental, onde decorreram as aulas de desenho, dadas pela professora Isabel Reis.

Posteriormente, o Museu Nacional Machado de Castro passa a ser o local de trabalho e de exposição e em 1961 mudam para a Rua Castro Matoso, que se tornou o edifício sede do Círculo.

Enquanto estiveram nas salas do Museu Machado de Castro as aulas de desenho e pintura eram dadas por Waldemar da Costa. Jorge Mira Coelho e Alfredo Rasteiro.

Realizam conferências, debates e apresentações, por exemplo de José Rafael Cardoso, Waldemar da Costa, Eduíno de Figueiredo e Lopes de Almeida e colóquios com a participação de Dordio Gomes, Júlio Resende, Waldemar da Costa; Adriano de Gusmão, Luís Reis Santos, Augusto Gomes e António Lino.

O Círculo conta, desde o seu início e ao longo de toda a existência, com a estreita colaboração da Fundação Calouste Gulbenkian. Essa colaboração proporcionou a realização de mais exposições, conferências, colóquios, ciclos de cinema, visitas guiadas a museus e monumentos, para que os sócios pudessem ter um contacto directo com as obras de arte moderna e contemporânea.

No ano de 1965 organizam um ciclo sobre *Arte Japonesa - Hirosuke Watanuki* e o ciclo de conferências e visitas guiadas – *Arte de Hoje e Arte de Ontem* - com Artur Nobre de Gusmão, Luís Reis Santos e Ferreira de Almeida, abrem o Curso de Formação Técnica e o Curso de Gravura e de Cerâmica, com lições dadas por especialistas e que podiam ser frequentados por qualquer pessoa interessada e não só os sócios.

No ano de 1968 criam o Curso Nocturno, para que os interessados em Arte que tivessem limitações de horário devido ao trabalho ou a outros estudos, pudessem frequentar os cursos.

Entretanto Waldemar da Costa tinha regressado para o Brasil, e António Reis Santos fica no seu lugar, por algum tempo, leccionando as aulas de Desenho, sendo depois substituído por Nuno Barreto e João Dixo.

Nesta época alguns dos que frequentavam as aulas eram alunos da cadeira de História de Arte nos cursos de Letras, alunos do ensino secundário que queriam aperfeiçoar-se para entrarem no curso superior de Belas-Artes ou trabalhadores e interessados em Arte oriundos de todas as áreas, destes alguns viviam fora da cidade e deslocavam-se a Coimbra só para frequentarem estas aulas.

Nesse ano de 1968 organizam a *Exposição Internacional do Livro de Arte – EILA*, com a finalidade de dar a conhecer o que se escreve sobre Arte e Artistas e, igualmente, o ciclo de conferências: *Estética e História da Arte*, com Roberto Nobre, Manuel Mendes, Adriano de Gusmão, Rui Mário Gonçalves, Lima de Freitas, Lagoa Henriques e José-Augusto França.

Em 1969 realiza-se a *Operação Flor*, com os estudantes a descerem à Baixa da cidade, distribuindo flores a quem passa e no mesmo ano, a *Operação Balão* em que os estudantes descem, novamente, à Baixa da cidade, distribuindo balões estes tinham inscritas frases sobre os motivos da luta estudantil que se travava nesse momento.

Agora os associados participam nas lutas estudantis e no Luto Académico, suspendem as actividades, mas continuam a realizar obra, de forma clandestina, imprimindo

panfletos e propaganda que surgem como forma de protesto e todos esses materiais foram feitos nas instalações do Círculo.

Cria-se um espaço expositivo dentro das instalações do Círculo – a Galeria CAP – que se irá revelar como um local de arte e de mostra da criação artística contemporânea.

Ângelo de Sousa e João Dixo estão encarregues de ministrarem as aulas, mas algum tempo mais tarde João Dixo e Alberto Carneiro serão os orientadores pedagógicos e, em 1971, este inicia um Curso de Educação Visual, conferindo uma dinâmica nova à actividade pedagógica e de ensino.

A Nossa Coimbra Deles é, em 1973, uma intervenção crítica que evidencia certas características da população da cidade. É um momento de ironia, que mostra mais do que aquilo que se pensava e se fazia a nível artístico na cidade.

Em 1974, com base no acontecimento que se tinha desenvolvido em Aix-la-Chapelle no ano anterior, pela mão de Robert Filliou, comemora-se o *1000011º Aniversário da Arte*, após proposta de Ernesto de Sousa, iniciador e mentor nacional desta iniciativa.

O Círculo posicionava-se na vanguarda da Arte contemporânea.

Os anos seguintes serão um ano de revolução e de mudanças a todos os níveis, os artistas agem em colectivo, saem para as ruas, participam em acções de intervenção política. O Círculo organiza a *Semana de Arte (de) na Rua*.

No ano de 1976 ocupam a Rua Castro Matoso, a Praça da República, o Jardim da Sereia, com teatro, pintura e música.

Em 1977 convidam para actuar na cidade o Living Theatre, fazendo-os participar nas suas apresentações. É nesta altura que se cria o *Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas* – o *GICAP* e em consequência das suas actividades surge o *Grupo CORES*, com manifestações plásticas muito próprias e apresentações em espaços públicos, em Lisboa e em Coimbra.

Mais tarde, no ano de 1980, o Círculo consegue o estatuto de Organismo Autónomo da Associação Académica de Coimbra, vindo a iniciar um novo ciclo de actividades com diferentes linhas programáticas e pedagógicas. Alberto Carneiro impulsiona as sessões de *Interaçãocriativa*, com base na descoberta do corpo e as suas potencialidades expressivas, são as denominadas sessões de *Intercriatividade*.

Iniciam, também, o Curso de Iniciação ao Cinema Animado e organizam colóquios e conferências com os artistas, antes da inauguração das suas exposições. Esta iniciativa tinha por finalidade dar a conhecer o que se fazia a nível nacional e internacional, no campo das Artes Plásticas. Fernando Pernes é convidado a organizar três colóquios, em que participam: Ernesto de Sousa, Egídio Álvaro, Alberto Carneiro e Rio de Carvalho. Foram convidados Ana Hatherly, Ângelo de Sousa, E. Melo e Castro, Alberto Pimenta e Álvaro Lapa.

Iniciam *As Novas Tendências da Arte Portuguesa*, um ciclo de exposições com Julião Sarmento, Helena Almeida, José Carvalho, Palolo, Joana Rosa, Fernando Calhau, com vista a mostrar o que eram as criações contemporâneas das Artes Plásticas portuguesas.

Entretanto abrem dois espaços expositivos nas instalações do Círculo - *Galeria Espaço Branco*, para divulgar as obras mais alternativas e *Galeria Espaço Aberto*, vocacionada para as novas vias das Artes Plásticas. O Círculo passa assim a ter três espaços expositivos diferentes, inovadores e de vanguarda.⁶⁶⁵

Entre os anos de 1979 e 1981 cria-se a *Oficina de Intervenção Colectiva – OIC*, um grupo autónomo, oriundo do Círculo, esta Oficina tinha por finalidade a Arte Experimental e desenvolverá actividade por alguns anos, mais concretamente até cerca de 1984, com direcção pedagógica e artística de Alberto Carneiro.

Também nestes anos 1980 organiza-se *A Semana Ecológica*, um tempo a eclodir nesses tempos embora as preocupações ecológicas tenham surgido anteriormente e para o qual a arte desempenharia um papel primordial na chamada de atenção e consciencialização.

⁶⁶⁵ Programa para a Direcção do Círculo no ano de 1980/81, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas.

Entre 1981 e 83 organizam mais ciclos de exposições, como as *Novas Tendências do Homem*, os *Surrealistas Portugueses* e *Pintura/Escultura Jovem*, este último foi um ciclo dedicado aos *ateliers* de ensino mais representativos do país, como o IADE, a Ar.co, a Sociedade Nacional de Belas-Artes, a Escola Superior de Belas-Artes do Porto, a Árvore e a Galeria Diferença. Para além da organização dos ciclos de exposições, com colóquios, debates e conferências, foram organizando exposições colectivas e individuais e no ano de 1984 comemoraram os 25 anos de formação⁶⁶⁶, com um encontro-festa dos sócios da época e de gerações anteriores assim como uma mostra de trabalhos - *O Trabalho Desenvolvido Durante os 25 Anos de Existência do Círculo de Artes Plásticas* com uma exposição: *Os Cinco Sentidos*.

Em 2008 comemoraram os 50 anos do Círculo de Artes Plásticas. Desta vez as comemorações não igualaram as ocorridas quando dos 25 anos. Não se fizeram exposições nem encontros de antigos e actuais sócios ou palestras.

Com o apoio de um dos sócios fundadores Emílio Rui Vilar e, mais uma vez, da Fundação Calouste Gulbenkian, publiquei um livro que dá conta da história da instituição. Foi um breve resumo, mas que serviu para assinalar o quanto importante foi, para o meio artístico português, a ideia de um grupo de jovens, nos finais da década de 1950, em Coimbra.

Sobre o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra muito ainda está por estudar, inventariar, reflectir e escrever, ao investigarmos deparámo-nos com arquivos particulares que nunca foram inventariados e muito menos estudados, com diversa documentação que está por trabalhar. Esta tese é como uma porta em aberto para que outros estudos e reflexões sejam realizadas, nomeadamente no que se refere ao estudo e prática artística.

⁶⁶⁶ Entrevista a Tília Saldanha pelo 25º aniversário do CAPC - Cientes da responsabilidade como meio criador e difusor das artes plásticas em Coimbra, *Diário de Coimbra*, (3 Mar. 1983).

Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas e dactilografadas - Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

1958

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Presidente da Comissão Municipal de Turismo, 12 de Novembro de 1958.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, 28 de Novembro de 1958.

1959

- Correspondência de pedido de apoio financeiro à Fundação Calouste Gulbenkian, redigida por Joaquim Thomé, mas que não chegou a ser enviada, s/d (c. Janeiro 1959).
- Correspondência redigida por Emílio Rui Vilar, ao Grupo Pró-Évora solicitando o envio da exposição Missão Internacional para ser apresentada em Coimbra. Coimbra, Paços da Academia, 9 de Janeiro de 1959.
- Correspondência de pedido do espaço do Museu Machado de Castro ao seu director. Coimbra, 9 de Janeiro de 1959.
- Correspondência de pedido do espaço sala de Exposições da Delegação do jornal *O Primeiro de Janeiro*, 14 de Fevereiro de 1959.
- Correspondência entre a Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 14 de Janeiro de 1959.
- Correspondência de autorização de cedência de espaço. Coimbra, 16 de Fevereiro de 1959
- Correspondência entre a Escola Superior de Belas Artes do Porto e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 3 de Abril de 1959.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 16 de Maio 1959.
- Correspondência da Fundação Calouste Gulbenkian, 11 de Dezembro de 1959.

- Correspondência de pedido de apoio financeiro à Fundação Calouste Gulbenkian, redigida por Joaquim Thomé mas que não chegou a ser enviada, Coimbra, Paços da Academia, 21 de Dezembro de 1959.

- Relatório de Actividades 1959/60.

1960

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Presidente da Câmara de Viana do Castelo, 5 de Janeiro de 1960.

- Nota das Necessidades mensais do ano de 1959, apresentada à Associação Académica de Coimbra, 15 de Janeiro de 1960.

- Correspondência entre Waldemar da Costa e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 4 de Fevereiro de 1960.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Institut Français au Portugal, 9 de Fevereiro de 1960.

- Correspondência enviada por Joaquim Thomé ao Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Março de 1960.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação Calouste Gulbenkian, 8 de Março de 1960.

- Correspondência enviada por Joaquim Thomé ao Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Março de 1960.

- Correspondência da Comissão Cultural da Queima das Fitas de 1960 enviada ao Círculo de Artes Plásticas, 16 de Março de 1960.

- Correspondência enviada pelo Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Novembro de 1960.

- Correspondência enviada pelo Círculo de Artes Plásticas ao Ministro da Educação Nacional, 22 de Novembro de 1960.

- Correspondência enviada ao Eng. Adriano Lucas, 5 de Dezembro de 1960.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Novembro de 1960.
- Correspondência da Bibliothèque Française à Lisbonne, a dar conta de livros enviados para empréstimo ao Círculo de Artes Plásticas, 25 de Novembro de 1960.
- Correspondência enviada ao Eng. Adriano Lucas, 5 de Dezembro de 1960.

1961

- Correspondência da Fundação Calouste Gulbenkian, 16 de Fevereiro de 1961.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Novembro de 1961.

1962

- Correspondência do Teatro Aveirense, 29 de Janeiro de 1962 Catálogo da Exposição, 17 de Fevereiro de 1962.
- Correspondência do Presidente do Círculo ao Administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, 24 de Novembro de 1962.

1963

- Correspondência enviada pela Fundação Calouste Gulbenkian, 28 de Janeiro de 1963.

1964

- Correspondência enviada pelo Círculo de Artes Plásticas ao S.N.I., 21 de Fevereiro de 1964.

- Correspondência enviada pelo Círculo de Artes Plásticas, 24 de Fevereiro de 1964.

1965

- Programa de Actividades enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 13 de Dezembro de 1965.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 4 de Janeiro de 1965.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Associação de Gravuras da Sociedade Cooperativa de Gravura, 5 de Janeiro de 1965.
- Relatório enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1965.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1965.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 12 de Janeiro de 1965.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 17 de Janeiro 1965 .
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 21 de Janeiro de 1965.
- Relatório enviado pelo Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Janeiro de 1965.
- Relatório enviado pelo Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Janeiro de 1965.
- Documento para Divulgação, 16 de Fevereiro de 1965.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada dos E.U.A, 23 de Fevereiro de 1965.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 12 de Março de 1965.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Março de 1965.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 2 de Dezembro de 1965.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 13 de Dezembro de 1965.

1966

- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas para a Cooperativa Gravura, 12 de Janeiro de 1966.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 8 de Março de 1966.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e Cláudio Juarez, 30 de Março 1966.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Mestre Júlio Resende, 6 de Abril de 1966.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director da Programação da RTP, 15 de Maio de 1966.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Junho de 1966.
- Correspondência enviada ao Círculo de Artes Plásticas, 1 de Julho de 1966.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Mestre Júlio Resende, 19 de Setembro de 1966.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Mestre Júlio Resende, 23 de Setembro de 1966.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 1 de Outubro de 1966.
- Relatório do sumário de Desenho a leccionar durante o curso de 1966-1967, no Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 17 de Novembro de 1966.
- Texto enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 22 de Novembro de 1966.

1967

- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Janeiro de 1967.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1967.
- Correspondência dirigida ao Círculo de Artes Plásticas, 19 de Janeiro de 1967.
- Correspondência enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 25 de Fevereiro de 1967.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 31 de Janeiro de 1967.
- Correspondência enviada à Embaixada da Suécia, 15 de Fevereiro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 25 de Fevereiro de 1967.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 29 de Fevereiro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada da Suécia em Lisboa, 7 de Março de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Março de 1967.
- Correspondência enviada ao Círculo de Artes Plásticas pela Embaixada da Suécia, 24 de Março de 1967.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a

Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 4 de Maio de 1967.

- Correspondência de Waldemar da Costa ao Círculo de Artes Plásticas, 5 de Junho de 1967.
- Correspondência de Helena Almeida ao Círculo de Artes Plásticas, 19 de Junho de 1967.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas a Helena Almeida, 30 de Junho de 1967.
- Correspondência de Álvaro Lapa ao Círculo de Artes Plásticas, 1 de Julho de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 23 de Outubro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Outubro de 1967.
- Correspondência entre a Alliance Française au Portugal, em Coimbra, e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 9 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção-Geral das Alfândegas do Ministério das Finanças, e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 12 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director do Instituto de Estudos Italianos, 13 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director de Estudos Brasileiros, 13 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director de Estudos Espanhóis, 13 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção Círculo de Artes Plásticas do Director do Instituto de Estudos Alemães, 14 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director do Instituto de Estudos Ingleses, 14 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 23 de Novembro de 1967.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Magnifico Reitor da Universidade de Coimbra, 25 de Novembro de 1967.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 2 de Dezembro de 1967.

1968

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Rádio Televisão Portuguesa, 7 de Janeiro de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Comissão Administrativa da Associação Académica de Coimbra, 9 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada da Bélgica para o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Janeiro de 1968.
- Correspondência do Consultado Real da Tailândia para o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Janeiro de 1968.
- Correspondência do Consultado Geral de Israel para o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada Dinamarca para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada do México para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada do Paquistão para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada do Peru para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968.

- Correspondência da Embaixada dos Países Baixos para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada Real da Suécia para o Círculo de Artes Plásticas, 12 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada República da Argentina para o Círculo de Artes Plásticas, 15 de Janeiro de 1968.
- Correspondência do Consultado Geral da Finlândia para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada dos Estados Unidos da América para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada do Japão para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada da Suíça para o Círculo de Artes Plásticas, 16 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Legação da República da China para o Círculo de Artes Plásticas, 17 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada do Brasil para o Círculo de Artes Plásticas, 22 de Janeiro de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director do Museu Grão Vasco, 22 de Janeiro de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director do Museu do Caramulo, 22 de Janeiro de 1968.
- Correspondência da Embaixada do Chile para o Círculo de Artes Plásticas, 26 de Janeiro de 1968.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas a Adriano de Gusmão, Manuel Mendes, Roberto Nobre, José-Augusto França e Rui Mário Gonçalves, 27 de Fevereiro de 1968.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Museu Nacional de Soares dos Reis, 9 de Fevereiro de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada de Espanha em Lisboa, 21 de Fevereiro de 1968.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e o Círculo de Artes Plásticas, 22 de Fevereiro de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada do Japão em Lisboa, 7 de Março de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 12 de Março de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Março de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Março 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação Calouste Gulbenkian, 22 de Março de 1968..
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 29 de Março 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director da Biblioteca Nacional, 29 de Março de 1968.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 17 de Abril de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada dos Países-Baixos, 2 de Maio de 1968.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 23 de Maio de 1968.
- Correspondência de Nuno Barreto ao Círculo de Artes Plásticas, 2 de Junho de 1968.
- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a

Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 6 de Junho de 1968.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 26 de Outubro de 1968.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director das Alfândegas em Lisboa, 18 de Novembro de 1968.

1969

- Correspondência entre o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 26 de Março de 1969.

- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 15 de Abril de 1969.

- Texto de apresentação pública da iniciativa *Dia da Flor*, integrado na *Operação Flor*, sd.

- Correspondência entre os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 12 de Novembro de 1969.

1970

- Correspondência enviada à Fundação Calouste Gulbenkian, 11 de Janeiro de 1970.

- Correspondência resposta do Círculo de Artes Plásticas à Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Janeiro de 1970.

- Acta da Assembleia Geral de Sócios, 17 de Janeiro de 1970, Livro de Actas de 1970.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Redacção do *Diário de Coimbra*, 19 de Janeiro de 1970.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Janeiro de 1970.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada da Bélgica em Portugal, 23 de Janeiro de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Instituto Italiano de Cultura em Portugal, 23 de Janeiro de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada do México em Lisboa, 26 de Janeiro de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e os Serviços Culturais da Embaixada de França em Lisboa, 31 de Janeiro de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Service Scientifique et Technique de l'Institut Français em Lisboa, 13 de Fevereiro de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Março de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 29 de Março de 1970.
- Pedido do Círculo de Artes Plásticas à Fábrica Triunfo, 6 de Abril de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Abril de 1970.
- Factura da Fábrica Triunfo referente a bolachas e rebuçados dados às crianças participantes. 21 de Abril de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada do México em Lisboa, 29 de Maio de 1970.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 31 de Julho de 1970.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 5 de Agosto de 1970.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Novembro de 1970.

1971

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Janeiro de 1971.
- Correspondência entre a Casa de Inglaterra e o Círculo de Artes Plásticas, 19 de Janeiro de 1971
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Janeiro de 1971.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e Artur Bual, 1 de Fevereiro de 1971.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 6 de Março de 1971.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de Março de 1971.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 31 de Março de 1971.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 26 de Abril de 1971.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Maio de 1971.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de Maio de 1971.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Maio de 1971.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Redacção de *O Diário de Coimbra*, 16 de Junho de 1971.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e o Ministério de Educação Nacional – Secretariado para a Juventude, 30 de Dezembro 1971.

1972

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 18 de Janeiro de 1972.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o British Council, 19 de Janeiro de 1972.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e o Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, 19 de Fevereiro de 1972.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Vice-Reitor da Universidade de Coimbra, 22 de Fevereiro de 1972.
- Correspondência efectuada entre o Círculo de Artes Plásticas e o Dr. Carlos Alves do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Fevereiro 1972.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de Julho de 1972.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Secretaria para a Juventude do Ministério da Educação Nacional, 30 de Dezembro de 1972.

1973

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Secretário de Estado da Cultura do Ministério da Educação Nacional, 1973
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 29 de Janeiro de 1973.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director da Galeria Quadrante, 8 de Fevereiro de 1973.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Embaixada de Itália em Lisboa, 8 de Fevereiro de 1973.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 10 de Março de 1973..
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 13 de Março de 1973.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Março de 1973.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Março de 1973.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 17 de Março de 1973.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 31 de Março de 1973.
- Texto de Nossa Coimbra Deles.
- Declaração do Círculo de Artes Plásticas, 31 de Dezembro de 1973.
- Plano de Actividades 1973/1974.

1974

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 13 de Janeiro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 15 de Janeiro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Março de 1974.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e Alberto Carneiro, 7 de Julho de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e João Dixo, 7 de Julho de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o crítico de arte Egídio Álvaro, 18 de Julho de 1974.
- Correspondência entre Tília Saldanha e Wolf Vostell, 24 de Julho de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o crítico de arte Egídio Álvaro, 13 de Agosto de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Setembro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e Alberto Carneiro, 14 de Outubro de 1974.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas com a Fundação Calouste Gulbenkian, 21 de Outubro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e Alberto Carneiro, 30 de Outubro de 1974.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 7 de Novembro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste, 20 de Novembro de 1974.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, de 23 de Novembro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste, 23 de Dezembro de 1974.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Direcção - Geral da Associação Académica de Coimbra, 23 de Dezembro de 1974.

1975

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 14 de Fevereiro de 1975.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Abril de 1975.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 10 de Abril de 1975.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Junho de 1975.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 13 de Junho de 1975.
- Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas com a Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de Novembro de 1975.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 11 de Novembro de 1975.
- Correspondência entre a Embaixada da França e o Círculo de Artes Plásticas, 10 de Dezembro de 1975.

1976

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 22 de Janeiro de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Instituto Alemão, 27 de Janeiro de 1976.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 14 de Março de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de Maio de 1976.
- Orçamento do Círculo de Artes Plásticas enviado à Fundação Calouste Gulbenkian, 12 de Maio de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Arquitecto Fernando Pernes, 25 de Maio de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de Junho de 1976.
- Correspondência entre o *Dário de Coimbra* e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 2 de Junho de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 2 de Junho de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 12 de Junho de 1976.
- Notícias Difamatórias sobre o Círculo de Artes Plásticas, Coimbra, 2 de Julho de 1976.
- Notícias Difamatórias sobre o Círculo de Artes Plásticas, Coimbra, 6 de Julho de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 19 de Julho de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director dos Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Julho de 1976.
- Comunicado de 11 de Agosto de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 4 de Novembro de 1976.

- Correspondência ente a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Departamento de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura, 29 de Novembro de 1976.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director da Cooperativa “Gravura”, 12 de Dezembro de 1976.

1977

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Março de 1977.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Março de 1977.
- Programa, 2 de Abril de 1977, comunicado à imprensa, 30 de Março de 1977, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas
- Correspondência entre a Associação Académica de Coimbra e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 30 de Abril de 1977.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 16 de Julho de 1977.
- Correspondência de Alberto Carneiro dirigida à Fundação Calouste Gulbenkian, 27 de Julho de 1977.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Departamento de Cinema da Secretaria de Estado da Cultura, 11 de Outubro de 1977.
- Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas para a Fundação Calouste Gulbenkian, 25 de Outubro de 1977.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Direcção - Geral de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 19 de Dezembro de 1977.

1978

- Acta da Assembleia Geral de Sócios, 17 de Janeiro de 1970, Livro de Actas de 1978
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Diretor-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 10 de Agosto de 1978.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Director-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 19 de Setembro de 1978.
- Carta da Direcção do Círculo de Artes Plásticas à Direcção da Associação Académica de Coimbra, 17 de Novembro de 1978.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e os Serviços de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 5 de Dezembro de 1978.

1979

- Correspondência de intenções para as Sessões de Criação Colectiva, 1979.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Diretor-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 15 de Janeiro de 1979.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 23 de Janeiro de 1979.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e o Prof. Doutor Ferrer Correia, Reitor da Universidade de Coimbra, 25 de Janeiro de 1979.
- Correspondência entre Wolf Vostel e o Círculo de Artes Plásticas. 24 de Agosto de 1979
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas e a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, 17 de Novembro de 1979.
- Comunicado da Comissão Eleita na Reunião Geral de Estruturas Associativas de Coimbra, de 23 de Novembro de 1979.
- Livros de Sumários, Arquivo do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1979-1980.

- Reflexões e propostas indispensável continuidade da reestruturação das actividades do CAPC, 1979.
- Proposta de Funcionamento de Atelier de Cinema no Círculo de Artes Plásticas, 79/80.

1980

- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas para o Director Geral de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 5 de Fevereiro de 1980.
- Texto de Sala, Março de 1981.
- Escritura de constituição da Associação CAPAC, Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra” (CAPAC), no dia 5 de Novembro de 1980, Livro de Notas para Escrituras Diversas, nº 361, Cartório Notarial Público de Vila Nova de Poiares.
- Programa para a Direcção do Círculo no ano de 1980/81.

1981

- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas a António Barros, 6 de Janeiro de 1981.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas a Rui Órfão, 6 de Janeiro de 1981.
- Lista de artistas Convidados para a continuação do ciclo “Novas Tendências da Arte Portuguesa” aprovada no Conselho Artístico de 21 de Janeiro de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Sociedade Nacional de Belas Artes, 23 de Janeiro de 1981.
- Reflexões do Conselho Artístico, por ocasião do ciclo expositivo Novas Tendências da Arte Portuguesa, 25 de Janeiro de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Reitor da Universidade de Coimbra, 2 de Fevereiro de 1981.
- Correspondência entre Ernesto de Sousa e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 3 de Fevereiro de 1981.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 5 de Fevereiro de 1981
- Programa de Actividades 7 de Janeiro de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 10 de Fevereiro de 1983.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção-Geral da Acção Cultural do Gabinete de Planeamento da Secretaria de Estado da Cultura, 15 de Fevereiro de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 15 de Fevereiro de 1981.
- Correspondência e pedido de divulgação das actividades do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 16 de Fevereiro de 1981.
- Correspondência e pedido de divulgação do Círculo de Artes Plásticas, 16 de Fevereiro de 1981.
- Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas, 24 de Fevereiro de 1981.
- Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas, 27 de Fevereiro de 1981.
- Correspondência entre Ernesto de Sousa e o Círculo de Artes Plásticas, 3 de Fevereiro, 23 de Fevereiro, 23 de Março e 31 de Março de 1981.
- Correspondência entre Helena Almeida e o Círculo de Artes Plásticas sobre Ernesto Sousa, s/d.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 23 de Março de 1981.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 31 de Março de 1981.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas com Ernesto Sousa, 31 de Março de 1981.
- Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas, 2 de Abril de 1981.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Fundo de Fomento Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 13 de Abril de 1981.
- Pedido de divulgação do Círculo de Artes Plásticas à Rádio Comercial, 20 de Abril de 1981.
- Correspondência com o Círculo de Artes Plásticas, 25 de Abril de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura, 14 de Maio de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção-Geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 14 de Maio de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura, 14 de Maio de 1981.
- Pedido de Divulgação de Actividades do Círculo de Artes Plásticas, 22 de Maio de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Lima de Freitas, 25 de Maio de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Galeria Quadrum Coruchéus, 25 de Maio de 1981.
- Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas para Rui Órfão. 28 de Maio de 1981.
- Pedido de Divulgação de Actividades do Círculo de Artes Plásticas, 29 de Maio de 1981.
- Correspondência Rui Órfão, 31 de Maio de 1981.
- Correspondência entre Eduardo Nery e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 6 de Junho de 1981.
- Telegrama enviado por Lima de Freitas, 8 de Junho de 1981.
- Correspondência entre a Comissão de Turismo da Câmara Municipal de Coimbra e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 9 de Junho de 1981.

- Cartaz de Exposição Pre-Texto de 1986, 4 Julho de 1981.
- Correspondência de Rui Órfão, 24 de Junho de 1981.
- Ficha de inscrição para exposição, 4 de Julho de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director da Direcção da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 31 de Julho de 1981.
- Correspondência entre Pedro Calapez e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Setembro de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Ferrer Correia, Reitor da Universidade de Coimbra, 24 de Setembro de 1981.
- Correspondência de Rui Órfão à Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 29 de Outubro de 1981.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Novembro de 1983.
- Correspondência da Direcção do Círculo de Artes Plásticas a Rui Órfão, 5 de Novembro de 1981.
- Correspondência entre Cruzeiro Seixas e o Círculo de Artes Plásticas, sem dia nem mês 1981.

1982

- Listagem dos filmes apresentados, 29 de Janeiro de 1982.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Secretaria de Estado da Cultura, 1 de Fevereiro de 1982.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 9 de Fevereiro de 1982.

- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 10 de Fevereiro de 1982.
- Estatutos da OIC, 17 de Fevereiro de 1982.
- Correspondência de António Barros ao Círculo de Artes Plásticas, 1 de Março de 1982.
- Documento para divulgação das actividades do Círculo de Artes Plásticas, 27 de Outubro de 1982.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 23 de Junho de 1982.
- Correspondência entre António Barros e o Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 28 de Novembro de 1982.
- Mapa de Actividades do Círculo de Artes Plásticas 1982/1983.

1983

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director-geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 10 de Fevereiro de 1983.
- Correspondência entre Alberto Carneiro (enquanto elemento da Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra) e Fernando Pernes, Presidente da Secção Portuguesa da Associação Internacional dos Críticos de Arte, 16 de Julho de 1983.
- Correspondência entre Fernando Pernes e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 21 de Agosto de 1983.
- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 15 de Setembro de 1983.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação Calouste Gulbenkian, 3 de Novembro de 1983.
- Relatório de Actividades do Círculo de Artes Plásticas em 1983-1984.

1984

- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas, 30 de Janeiro de 1984.
- Texto da ANOP sobre o 25º Aniversário do CAPC, 16 de Fevereiro de 1984.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e os senhorios do imóvel onde o CAPC estava instalado. Setembro de 1984.
- Painéis de Divulgação de Actividades do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1984.

1985

- Correspondência do Círculo de Artes Plásticas dirigida à Secretaria de Estado da Cultura, 1984-1985.

1986

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Rádio Televisão Portuguesa, 27 de Maio de 1986.
- Correspondência entre o Círculo de Artes Plásticas e a Universidade de Coimbra, 14 de Julho de 1986
- Considerações para a elaboração do Plano de Actividades 1986.

1987

- Correspondência entre os Serviços Culturais da Câmara Municipal de Coimbra e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 1987.
- Relatório de Actividades, 3 de Março de 1987
- Correspondência entre António Victor de Quadros Simões Candeias e o Círculo de Artes Plásticas, 1 de Setembro de 1987.

1988

- Pedido de divulgação, 22 de Janeiro de 1988.
- Correspondência entre Túlia Saldanha e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas, 25 de Janeiro de 1988.
- Projecto de Intenções para os anos de 1988/1989.
- Regulamento da EILA.

1989

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Instituto Alemão, em Coimbra, 4 de Setembro de 1989.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Casa de Serralves, 6 de Setembro de 1989.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Divisão de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Cultura, 14 de Setembro de 1989.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Delegação de Coimbra do Instituto da Juventude, 2 de Outubro de 1989.
- Correspondência entre a Associação Académica de Coimbra, e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 4 de Outubro de 1989.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Serviço ACARTE - Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 25 de Outubro de 1989.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Serviço ACARTE - Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 31 de Outubro de 1989.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação de Serralves, 31 de Outubro de 1989.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Reitor da Universidade de Coimbra, Professor Doutor Rui de Alarcão, 17 de Novembro de 1989.

- Plano de actividades 1989/90.

1990

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Institut Franco-Portugais, em Lisboa. 15 de Janeiro de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e os Serviços Culturais da Câmara Municipal de Coimbra, 27 de Fevereiro de 1990.

- Correspondência entre o Gabinete da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 8 de Março de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Galeria Graça Fonseca, em Lisboa, 22 de Março de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Instituto Italiano de Cultura em Portugal, 10 de Abril de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Secretaria de Estado da Cultura, 10 de Abril de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Ministério da Educação, 10 de Abril de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Embaixada de França em Lisboa, 10 de Abril de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Universidade Aberta, 26 de Abril de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Alliance Française, 27 de Abril de 1990.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra, 9 de Maio de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o British Council, 9 de Maio de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director da *Revista Artes Plásticas*, 21 de Maio de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Centro de Estudos de Fotografia, 28 de Maio de 1990.
- Correspondência entre o Núcleo de Cineastas Independentes e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 6 de Setembro de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Núcleo de Cineastas Independentes, 10 de Setembro de 1990. Arquivo do CAPC.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Comissão das Comemorações dos 700 anos da Universidade de Coimbra, 20 de Setembro de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Directora da Fundação Bissaya Barreto, 21 de Setembro de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director do Museu Nacional Machado de Castro, 24 de Outubro de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Presidente do Conselho Directivo da Faculdade de Psicologia, 24 de Outubro de 1990.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director da Fundação Bissaya Barreto, 24 de Outubro de 1990.
- Correspondência entre o Gabinete da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 30 de Outubro de 1990.
- Concurso para imagem gráfica do CAPC, 1990-1991.

- Planta das Salas e relatório da área de Difusão Artística, 1990-1991.
- Relatório da Área de Difusão Artística 1990-1991 – *Workshops*.
- Relatório da área de Difusão Artística dos anos 1990-1991.
- Relatório da área de Difusão Artística dos anos 1990-1991 - Área Pedagógica.
- Relatório da área de Difusão Artística dos anos 1990-1991 - *Ateliers* Assistidos.

1991

- Plano de Actividades 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Eduardo Salavisa, 13 de Fevereiro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Gestor da Área de Coimbra da Portugal Telecom, 4 de Março de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Instituto Alemão, 5 de Março de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção de Programação da Rádio Universidade de Coimbra, 4 de Abril de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção da Diferença - Comunicação Visual, 26 de Setembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director-geral de Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 28 de Outubro de 1991
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Presidente do Gabinete para a Europália, 30 de Outubro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Presidente da Fundação Oriente, 30 de Outubro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação de Serralves, 30 de Outubro de 1991.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian, 30 de Outubro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Embaixada de França em Portugal, 30 de Outubro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Rádio Universidade de Coimbra, 1 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a FLAD - Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, 8 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Foundation Pour la Promotion des Arts ASBL, Bruxelas, 8 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e as *Ediciones "L" SA Gravina*, em Madrid, 14 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a *Giancarlo Potini Editore*, Milão, 14 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Feira Internacional de Arte Contemporânea, Madrid, 14 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Serviço de Publicações do Ministério da Cultura de Espanha, Madrid, 14 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Instituto da Juventude, em Coimbra, 14 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Centro Georges Pompidou, Paris, 14 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Vereador do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, 14 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Jorge Fallorca, 27 de Novembro de 1991.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Dr. Carlos Monjardino, presidente da Fundação Oriente, 30 de Novembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Cinemateca Portuguesa, 3 de Dezembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Arquivo da Câmara Municipal de Lisboa, 4 de Dezembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a ACARTE - Fundação Calouste Gulbenkian, 10 de Dezembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação Oriente, 11 de Dezembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção de Marketing do semanário *Expresso*, 17 de Dezembro de 1991.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, 27 de Dezembro de 1991.

1992

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Secretaria de Estado da Cultura, 9 de Janeiro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, 9 de Janeiro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, 29 de Janeiro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção-Geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 11 de Fevereiro de 1992. Arquivo do CAPC.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Delegado Regional da Secretaria de Estado da Cultura, 17 de Fevereiro de 1992.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Presidência do Conselho de Ministros - Secretaria de Estado da Cultura, 20 de Fevereiro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Instituto da Juventude, de Coimbra, 23 de Fevereiro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director dos Serviços de Cultura da Fundação Oriente, 26 de Fevereiro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção de Marketing da *TSF-Rádio Jornal*, 16 de Março de 1992. Arquivo do CAPC.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção de Marketing do semanário *Expresso*, 16 de Março de 1992.
- Correspondência entre Helena Almeida e o Círculo de Artes Plásticas, 19 de Maio de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, 4 Junho de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a *T.S.F. - Rádio Jornal*, 6 de Junho de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Secretaria de Estado da Cultura, 13 de Junho de 1992.
- Correspondência entre a Câmara Municipal de Coimbra e a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 7 de Julho de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director da Programação da *RUC - Rádio Universidade*, 2 de Outubro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Fundação Calouste Gulbenkian, 21 de Outubro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Delegado Regional do Instituto da Juventude, 6 de Novembro de 1992.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Direcção-Geral da Acção Cultural da Secretaria de Estado da Cultura, 11 de Novembro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director-geral dos Espectáculos e das Artes do Palácio Foz, Lisboa, 19 de Novembro de 1992.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Carlos Vidal, 27 de Novembro de 1992.
- Programa de Actividades 1992/93.

1993

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e os associados que desenvolviam um trabalho no âmbito da fotografia, 8 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Mário Abreu da Direcção-Geral da Educação de Adultos da Secretaria de Estado da Cultura, 8 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Instituto da Juventude, 8 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e a Foundation Pour la Promotion des Arts, Bruxelas, 12 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Instituto da Juventude, 19 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, 20 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Joana Rosas, 26 de Janeiro de 1993.

- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Catarina Baleira, 26 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Delfim Sardo, D.G.E.A. - Secretaria de Estado da Cultura, 31 de Janeiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Margarida Amaro, 5 de Fevereiro de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director da SPOT Publicidade, 2 de Abril de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Director do Instituto de Juventude de Coimbra, 3 de Abril de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e o Serviço de Documentação da Fundação Calouste Gulbenkian, 6 de Abril de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Rui Serra, 22 de Abril de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Xana, 22 de Abril de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Ana Jotta, 22 de Abril de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Rui Serra, 3 de Junho de 1993.
- Correspondência entre a Secretaria de Estado da Cultura da Presidência do Conselho de Ministros e o Presidente da Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, 7 de Junho de 1993.
- Correspondência entre a Direcção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra e Catarina Baleiras, 27 de Dezembro de 1993.
- Relatório de Actividades do ano 1993.
- Programa de Actividade 1993/94.

1995

- Programa de Actividades 1995/96.

1996

- O C.A.P.C na Casa Municipal da Cultura: novos espaços para novos projectos, 1996.
- Texto policopiado sobre novas disposições do Círculo de Artes Plásticas.

Bibliografia Geral

AFONSO, Luís U.; FERNANDES, Alexandra – *Mercados da Arte*. Lisboa: Edições Sílabo, 2019.

ALMEIDA, Lourenço - *Chaves de Memórias de um Ferreiro*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

ÁLVARO, Egídio - *Cadernos de Arte Moderna Portuguesa*, nº 1, Lisboa: IADE, 1977.

_____ - *Performances: actions – interventions – rituels – situations – comportements – installations*, Diagonale, 1981.

ALVES, António (coord.) - *Manuel Jardim - Memória de um percurso inacabado 1884-1993*, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 2011.

ALVES, Margarida Brito - A Revista Colóquio Artes, In ACCIAIUOLI, Margarida, LEAL, Joana Cunha e MAIA, Maria Helena(coord.), *Arte & Poder*, Lisboa: IHA- Estudos de Arte Contemporânea, 2008.

ANACLETO, Regina - *Arquitetura Neomedieval Portuguesa, 1780-1924*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.

Arcindo Madeira: exposição retrospectiva, Catálogo de Exposição, Coimbra: Casa Municipal da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, 1999.

AZENHA, António Joaquim Gaspar - *Círculo de Artes Plásticas e a génese do grupo PUZZLE*, Coimbra: EUAC, 2008

BARROS, António - *Projectos & Progestos, Ritos D'Água – Elementos para uma Antologia do Silêncio*, Coimbra, 1982

_____ - Manhãs Raízes/Dum sono lúcido, In *Círculo de Artes Plásticas de Coimbra*, 54 exposições 1981-1983, Coimbra, 1984.

- _____ - *Projecto de Exposições Experimentais de Artes Plásticas*, 1985.
- _____ - Um voo em Círculo antes da morte, *Rua Larga*, Coimbra: Revista da Universidade de Coimbra, nº 10, 2005.
- _____ - Cores ou o Trabalho do Conceito, *GICAPC-CORES 76/78*, Coimbra: ICZERO, 2010.
- _____ - Geração Black Cube, *Rua Larga*, nº 26, Coimbra: Revista da Universidade de Coimbra, 2010.
- BRANDÃO, Mariana - Eternos Curiosos: Alberto Carneiro e a importância do fazer e do experimentar, Intercriatividade – Sessões de Criação Colectiva concebidas e orientadas por Alberto Carneiro – *CAPC- 1979/80*, Coimbra: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2017.
- CANDEIAS, Ana Filipa - Anos 70 - Atravessar fronteiras - fotografia, performance, imagem em movimento-os artistas e os novos meios em Portugal, In *Catálogo da Exposição*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- CARDOSO, António,[et. alii] - *O pintor de S. Bento*. Porto: Edição Fundação Marques da Silva, 2019.
- CARLOS, Isabel - *Alberto Carneiro*. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.
- ___ Sem plinto nem parede: anos 70-90, In PEREIRA, Paulo - *História da Arte Portuguesa*, Lisboa: Temas e Debates volume 3, 1997.
- CASTRO, Laura - O que pode dizer-se da Árvore quando se tem a sua idade, in SANTOS, José da Cruz (ed.) - *Árvore das Virtudes: 38 anos com a cidade*, Porto: Cooperativa Árvore, 2015.
- Catálogo da Exposição A pintura de Coimbra do tempo da Escola Livre. 1878 – 1936*, Coimbra: MNMC, 1984.
- Catálogo Oito Décadas da Pintura Portuguesa*, Coleção da Fundação Calouste Gulbenkian, Salvador: Museu de Arte da Bahia, 1993.

- CHICÓ, Mário Tavares; GUSMÃO, Artur Nobre de; FRANÇA, José-Augusto - *Dicionário de Pintura Universal*, Lisboa: Estúdios Cor, 1962-1965-1973.
- CHICÓ, Sílvia - Anos 70, antes e após o 25 de Abril de 1974, In PERNES, Fernando, (coord.) - *Panorama da Arte Portuguesa no século XX*, Porto: Fundação de Serralves, s/d.
- COSTA, Hélder - Testemunhos, In *Livro Comemorativo dos 50 anos do CITAC - Círculo de Iniciação Teatral da Academia de Coimbra*, Coimbra, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.
- COSTA, Waldemar - Entrevista realizada por Gaspar Albino, in *Jornal Litoral*, Aveiro, 24 de Fevereiro de 1962.
- COUTINHO, Liliana, FABIANA, Rita - Túlia Saldanha, Catálogo da Exposição - *Túlia Saldanha*, Lisboa: CAM – Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- CRAVEIRO, Lurdes - Um projecto Neomanuelino para um Museu de Belas Artes de Coimbra, sep. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, vol. 8, Coimbra, 1986.
- CRUZEIRO, Celso - *Coimbra 1969: a crise académica, o debate das ideias e a prática, ontem e hoje*, Lisboa: Afrontamento, 1989.
- DIAS, Pedro - *João Machado, Um Artista de Coimbra*, Coimbra: Edição do Autor, 1975.
- _____ - *A Pintura de Coimbra do tempo da Escola Livre: 1878-1936*, Coimbra: Museu Nacional Machado de Castro, 1984.
- DINIZ, Victor - CAPC: em torno de uma prática na arte contemporânea, *MS: SOS: a nova visualidade de Coimbra*, Vila Nova de Gaia: ASA, 2003
- EÇA, Teresa - 150 Anos de Ensino das Artes Visuais, In *IV Jornadas de História de La Educación Artística*, Barcelona, 24 de Novembro de 2000.

- ESTANQUE, Elísio, BEBIANO, Rui - *Do Activismo à Indiferença, Movimentos estudantis em Coimbra*, Coimbra: ICS, 2007.
- FERRAZ, Geraldo - *Retrospectiva Waldemar da Costa: exposição-homenagem ao mestre*, São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1972.
- FERREIRA, António Quadros - O ensino artístico em Portugal, na Academia, na Escola, e na Universidade, In Real Acadèmia Catalana de Belles Arts de Sant Jordi, Barcelona, 5 de Maio de 2015. [comunicação apresentada]
- FERREIRA, Licínia Rodrigues - *Instituto de Coimbra, O Percurso de uma Academia*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- FERRO, João Pedro - *A Primavera que abalou o regime: a crise académica de 1962*, Lisboa: Presença, 1996.
- FRANÇA, José-Augusto - *Os Quadros de “A Brasileira”*, Lisboa: Artis, 1973.
- _____ - *A Arte em Portugal no século XX: 1911-1961*, Lisboa: Bertrand Editora, 1991.
- _____ Pintura-Escultura, anos 60 & 70, *Colóquio Artes*, 99, 2ª série, Dezembro, 1993.
- _____ - *A Brasileira do Chiado: 100 anos*, Lisboa: A Brasileira, 2006.
- FREITAS, Duarte Manuel - *Museu Machado de Castro: Memorial de um Complexo Arquitectónico Enquanto espaço Museológico (1911-1965)*, Lisboa: Edição Caleidoscópio, 2016.
- GONÇALVES, Carla Alexandra - GICAPC ou a Intervenção através da Cor(es), *GICAPC-CORES 76/78*, Grupo de Intervenção do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra: Ed. Associação Cultural Itinerários Contemporâneos – Zero (IC-Zero), 2010.
- GONÇALVES, Egito - O que pode dizer-se da Árvore quando se tem a sua idade. In SANTOS, José da Cruz - *Árvore das Virtudes: 38 anos com a cidade*, Porto: Cooperativa Árvore, 2015.

- GONÇALVES, Rui Mário - *História da arte em Portugal: de 1945 à actualidade*, Porto: Alfa, vol. 13, 1986.
- GONÇALVES, Rui Mário - *Arte portuguesa nos anos 50*, Beja: Câmara Municipal de Beja/ Fundação Calouste Gulbenkian, 1992.
- GRANJA, Paulo J. - *Cineclubismo em Coimbra-1945-1952*, *Suplemento Rua Larga Revista*, nº10, Outubro 2005.
- JÜRGENS, Sandra Vieira – *Instalações Provisórias: independência, autonomia, alternativa e informalidade*. *Artistas e Exposições no século XX*. Lisboa: Sistema Solar – Documenta, 2016.
- LAMY, Alberto Sousa - *A Academia de Coimbra, 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*, Lisboa: Rei dos Livros, 1990.
- LEANDRO, Sandra – *Joaquim de Vasconcelos (1849-1936): historiador, crítico de arte e museólogo – uma ópera*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2014.
- MACEDO, Rita - *As Partes e o Todo, o Todo e as Partes*, catálogo da Exposição - Túlia Saldanha, CAM, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- MARTINS, Carlos Miguel Jorge - *Coimbra 1969/1970/1980: Luto Académico, Tradição Coimbrã e Mudança Política*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2013.
- MELO, Alexandre - *Arte e artistas em Portugal*, Lisboa: Instituto Camões, 2007.
- MENDES, J. Amado - *O Ferro na História: Das Artes Mecânicas às Belas Artes, Estudos de Património: Museus e Educação*, 2ª ed., Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- _____ - Para a história do movimento operário em Coimbra, *Análise Social*, Lisboa: ICS, Vol. XVII (67-68) – 3º-4º, p. 603-614, 1981.

- NAZARÉ, Leonor - *Alberto Carneiro*, Roteiro da Coleção, Lisboa: Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- NOGUEIRA, Isabel - *Artes Plásticas e Crítica em Portugal nos anos 70 e 80: Vanguarda e Pós-Modernismo*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1994.
- _____*Do pós-modernismo à exposição Alternativa Zero*, Lisboa: Vega, 2007.
- _____- A exposição alternativa zero: tendências polémicas na arte portuguesa contemporânea - 1977, os seus 40 anos e a sua recepção crítica, *Convocarte* - Revista de Ciências da Arte, Lisboa: FBAUL, 2016.
- O'DOHERTY, Brian - *Inside the White Cube. The Ideology of the Gallery Space*, Los Angeles: University of California Press, Expanded Edition, 1999.
- OLAIO, António - As cores do Círculo de Artes Plásticas: a ambiguidade como ideologia, *Biblos*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, n. s. XI, p. 15-38, 2013.
- OLIVEIRA, Luísa Soares de - *Jorge Vieira- O Escultor Solar*, Lisboa: Caminho, 2007.
- OLIVEIRA, Mário de - Texto para o *Catálogo da EXPO-AICA-SNBA/72*, Lisboa, 1972, (documento policopiado).
- PAMPLONA, Fernando - *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses ou que trabalharam em Portugal*, Coimbra: Livraria Civilização Editora, 1987.
- PENA, Gonçalo - Instituições, galerias e mercado, In *Anos 60, Anos de ruptura: uma perspetiva da arte portuguesa nos anos 60*, Lisboa: Livros Horizonte, 1994.
- PEREIRA, Paulo - Anos 70: um tempo de passagem, In *História da Arte Portuguesa*, Lisboa: Temas e Debates, 1997.
- PERNES, Fernando - Os Anos 40 Numa Exposição Gulbenkian, *Colóquio Artes*, 53, 2ª Série, Junho, 1982.

- OSÓRIO, Augusto Carlos Cardoso Pinto - *Figuras do Passado por Pedro Eurico*, Lisboa: Typographia Editora José Bastos, 1915.
- POLICARPO, Isabel - Os Professores de Desenho Científico da Universidade de Coimbra (Séculos XIX e XX), In *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte, 1290-1990, Subsídios para a História da Arte Portuguesa XXXVII*, Coimbra: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1983.
- QUEIROZ, H. F. F - Notas para uma Biografia de Luís Augusto de Parada e Silva Leitão, 1811-1858, in *ArtiSom, Artes Decorativas*. Nº 1, p. 218-222, 2015.
- RODRIGUES, Jacinto - Joseph Beuys, Um Filósofo na Arte e na Cidade, *Revista do IPV*, nº 25, Janeiro 2002.
- ROSAS, Lúcia Maria Cardoso - O Restauro da Sé Velha de Coimbra. António Augusto Gonçalves entre o rigor da História e o rigor do Desenho, In *Artistas e Artífices e a sua mobilidade no Mundo de Expressão Portuguesa*, Porto, Viana Castelo, Barcelos: Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte, 2005.
- ROSENDON, Catarina - *Alberto Carneiro - Os Primeiros Anos (1963-1975)*, Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- RUÃO, Carlos - Performance prospectiva portuguesa: o Grupo Cores e o panorama da Performance em Portugal nos anos 70, *GICAPC-CORES76/78*, Coimbra, 2010.
- RUHÉ, Harry - *Fluxus, The most radical and experimental art movement of the sixties*. Amsterdam: Verlag, 1979.
- RUIVO, Ana - texto sobre Tília Saldanha, *Anos 70: Atravessar fronteiras: fotografia, performance, imagem em movimento: os artistas e os novos meios, em Portugal* (catálogo da exposição), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.
- SANTOS, David, SANTOS, Rui Afonso - *Vespeira*, Lisboa: Instituto Português de Museus, 2000.

- SANTOS, Duarte - A decadência da Arte Coimbrã. *A Voz do Artista*, (11 Jan. 1889).
- SANTOS, José da Cruz - *Árvore das Virtudes: 38 anos com a cidade*, Porto: Cooperativa Árvore, 2015.
- SANTOS, Mariana Pinto dos - *Vanguarda & outras loas: percurso teórico de Ernesto de Sousa*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2007.
- SANTOS, Miguel Dias - *Arlindo Vicente e o Estado Novo-História, cultura e política*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, Colecção República, 2006.
- Sarah Affonso – *Os Dias das Pequenas Coisas*, Lisboa: Co-Edição MNAC e Tinta da China, 2019.
- SILVA, Jorge - *TOM, Ilustração e Design*, Lisboa: Abysmo, 2020.
- SOARES, António José - Algumas reflexões sobre Queima das Fitas, *Rua Larga* - Revista dos Antigos Estudantes de Coimbra, Coimbra: Universidade de Coimbra, 10 de Junho de 1957.
- SILVA, Raquel Henriques da, CASTRO, Laura, - Os anos do meio do século, *História da Arte Portuguesa: época contemporânea*, Lisboa: Universidade Aberta, 1997.
- SILVA, Raquel Henriques da, CANDEIAS, Ana Filipa, RUIVO, Ana (coord.) - *50 Anos de Arte Portuguesa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- TAVARES, Cristina Azevedo - *A Sociedade Nacional de Belas-Artes: um século de história e de arte*, Vila Nova de Cerveira: Projecto Núcleo de Desenvolvimento Cultural de Vila Nova de Cerveira, Fundação da Bienal de Vila Nova de Cerveira, 2006.
- TORGAL, Luís Reis - A Universidade e a Academia de Coimbra no Estado Novo: as contradições dos anos cinquenta, In *Arquivo Coimbrão*, Coimbra: Boletim da Biblioteca Municipal, vol. XXXVI, Homenagem a Armando Carneiro da Silva, p. 443-460, 2003.

- VAQUINHAS, Irene, VARGUES, Isabel Nobre - A Imprensa da Universidade no Liberalismo e na I República, In *Imprensa da Universidade de Coimbra: Uma história dentro da História*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2001.
- VICENTE, Filipa - Arlindo Vicente: o pintor e a sua obra, in *Do Estado Novo ao 25 de Abril - Revista de História das Ideias*, nº 17, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 1995.
- VILHENA, Manuel - *A vida do pintor Manuel Jardim*, vol. I, Lisboa: Portugália Editora, 1945.
- WANDSCHNEIDER, Miguel - *Ernesto de Sousa: Revolution My Body*, Lisboa: Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, 1998.

Bibliografia Específica

- AMARO, Margarida Lebreiro - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: no viver o elogio dos oásis, in *Mundo da Arte: revista de arte, arqueologia e etnologia*, Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra, Jan-Mar de 1990.
- ANTUNES, Carlos, PEDRO, Desirée - *Intercriatividade - Sessões de Criação Colectiva concebidas e orientadas por Alberto Carneiro- CAPC - 1979/80*, Coimbra: Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Câmara Municipal de Coimbra, 2017.
- FRIAS, Hilda Moreira de – *50 Anos do CAPC - Uma faceta das Artes Plásticas em Coimbra*, Coimbra: Mar da Palavra, 2010
- _____ - As Artes Plásticas em Coimbra, *Revista IDEARTE*, on-line, nº5, 2009.

NOGUEIRA, Isabel - O Círculo de Artes Plásticas de Coimbra nos anos setenta: a vanguarda está em Coimbra, a vanguarda está em ti, In *Arquivo Coimbrão*, Coimbra: Boletim da Biblioteca Municipal, vol. XXXVIII, 2005.

OLAIO, António - Círculo de Artes Plásticas e futuro: O CAPC depois dos anos 50, *Rua Larga*, nº 23, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2009.

PEREIRA, Augusto Costa - Porque não criar em Coimbra um museu de arte moderna?...”, *Diário Ilustrado*, 22 de Maio de 1957.

SANTOS, J. Plácido - A Floresta na Galeria CÍRCULO, *Diário de Coimbra*, 6 de Abril de 1973.

Imprensa periódica e revistas

A Tribuna de Coimbra, 1985.

A Voz do Artista: 20 de Setembro 1884, 25 de Julho de 1886, 26 de Setembro 1886; 11 de Janeiro de 1889;

Arte e Opinião, nº 13, 1981;

Cadernos de Arte Moderna Portuguesa, Grupo CORES, nº 4, 1978

Colóquio/Artes, nº42 1979;

Colóquio/Artes, nº44, Maio de 1967; nº4 1971; nº 33, 2ª série, 1977; nº 29, 1976;

Comércio do Porto, 1984, 1997.

Correio da Manhã, 1984.

Despertar (O), 5 de Março de 1986.

Diário (O), 9 de Abril de 1986.

Diário de Coimbra, 17 de Abril de 1969; 6 de Abril de 1973; 1 de Junho de 1976; 2 de Junho de 1976; 4 de Junho de 1976; 28 de Junho de 1976; 1 de Abril de 1982; 20 de Maio de 1982; 10 de Maio de 1982; 3 de Março de 1983; 25 de Janeiro de 1986; 10 de Março de 1986; 31 de Maio de 1986;

Diário de Notícias, 9 de Fevereiro de 1982; 17 de Fevereiro de 1984;

Diário Ilustrado, 22 de Maio de 1957;

Domingo, 26 de Janeiro de 1986;

Expresso, 1982; 1995; 1996;

Independente (O), 1996;

Jornada de Arte, Artistas de Coimbra: 1978;

Jornal (O), 24 de Janeiro de 1986;

Jornal da Província: 17 de Fevereiro de 1986;

Jornal de Letras e Artes: 1962; 1970; 1973;

Jornal de Notícias: 3 de Junho de 1976; 13 de Abril de 1982; 24 de Setembro de 1983; 12 de Março de 1989;

Ler História: nº 62, 2012;

Lorentis, nº 12, 1973.

Mundo da Arte - Revista de Arte Arqueologia e Etnografia, 2ª S., Janeiro - Fevereiro-Março de 1990.

O Primeiro de Janeiro, 23 de Abril de 1970; 19 de Novembro de 1983;

O Tempo, 1982;

Portugal Hoje, 9 de Fevereiro de 1982;

Público, 1995; 1996; 1997;

Público: Separata Ípsilon, 12 de Janeiro de 2002;

Revista de História das Ideias, volume 12, 1990;

Rua Larga, nº 23, 2008; nº 26, 2010;

Via Latina – Suplemento Artes Plásticas – 10 de Março de 1945; 21 de Abril de 1945; 19 de Maio de 1945; 26 de Maio de 1945; 1 de Fevereiro de 1960; 8 de Fevereiro de 1960; 22 de Fevereiro de 1960; 7 de Março de 1963.

Vida Mundial, nº1845, 1975;

Teses e dissertações

BARÃO, Ana Luísa - A Profissionalização da crítica de arte portuguesa (1967-1976), Porto: Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, 2015, Tese de Doutoramento.

CARVALHO, João de Castro Amaral Archer de - Manuel Filipe e a sua Fase Negra (1942-45) no contexto do Neo-realismo pictórico, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2016. Tese de Mestrado.

DIAS, Sandra - O Corpo como Texto: Poesia, Performance e Experimentalismo nos Anos 80 em Portugal, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015, Tese de Doutoramento.

LACERDA, Ana Maria - Círculo de Artes Plásticas de Coimbra: um espaço de ensino, reflexão e diálogo artístico, Lisboa: IADE, 2010, Dissertação de Mestrado.

LEANDRO, Sandra – Joaquim de Vasconcelos (1849-1936): historiador, crítico de arte e museólogo. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2008. Tese de Doutoramento.

- MACEDO, Rita Andreia Silva Pinto de - Artes plásticas em Portugal: período marcelista: 1968-1974, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1998, Dissertação de Mestrado.
- METELLO, Verónica Gullander - Focos de intensidade / linhas de abertura: a activação do mecanismo performance: 1961-1979, Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2007, Dissertação de Mestrado.
- MONCÓVIO, Susana Maria Simões, O Centro Artístico Portuense (1880-1893) socialização do Ensino, Da História e da Arte Moderna no Portugal de Oitocentos, Porto: Universidade do Porto, 2014, Tese de doutoramento.
- OLIVEIRA, Ana Luísa - Esculturas de Arlindo Rocha quando a escultura procurou ser apenas escultura, Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, 2011. Tese de Mestrado.
- OLIVEIRA, Márcia Cristina Almeida - Arte e feminismo em Portugal no contexto pós-Revolução, Braga: Universidade do Minho, Junho, 2013, tese de Doutoramento.
- PAIVA, Cláudia Marisa dos Santos - Da Biblioteca de Arte à Gestão Integrada da Informação: O caso do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 2016, Dissertação de Mestrado.
- PELAYO, Maria Raquel Nunes de Almeida e Casal - Artes plásticas e vanguarda: Portugal, 1968 – Abril 1974, Porto: Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1999, Dissertação de Mestrado.
- PINA, Sónia da Silva - Fluxus: Do Texto à Acção - A cartografia de uma a(r)titude, Lisboa: FCSH, Universidade Nova de Lisboa, 2011.
- QUINBY, Diana - Le collectif Femmes/Art à Paris dans les années 1970: une contribution à l'étude du mouvement des femmes dans l'art, Paris: Université Paris 1, 2003. Tese de Doutoramento.

SALGADO, Ricardo Seça - A Política do Jogo Dramático – CITAC: Estudo de Caso de um Grupo de Teatro Universitário, Lisboa: ISCTE, 2012. Tese de Doutoramento.

SANTOS, Mariana de Lemos Pinto dos - Percurso teórico de Ernesto de Sousa: vanguarda e outras loas. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2003, Dissertação de Mestrado.

SOUSA, Pedro Miguel Teixeira - A Obra Performativa de Armando Azevedo, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2011. Dissertação de mestrado.

Webgrafia

Almeida, Pedro Ramos de - *MUD Juvenil e a repressão fascista*,
http://omilitante.pcp.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=77&Itemid=32

BARROS, António - *Revista Triplov, Artes, Religiões e Ciências*, Primavera 2020,
<https://triplov.com/e-m-de-melo-e-castro-nos-60-anos-do-capc>

Seleccção de Artistas, CAMJAP, <http://www.camjap.gulbenkian.pt>

Artes Plásticas (1973-1977) in *Revista Mensal de Artes Plásticas: análise crítica, ensaio e informação*, <http://teseapuros.wordpress.com/category/design/>

CAM, <https://gulbenkian.pt/>

Centenário do Modernismo, in
<http://humorgrafe.blogspot.com/2009/11/o-centenario-do-modernismo-grafico-em.html>,

CITAC, https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADrculo_de_Inicia%C3%A7%C3%A3o_Teatral_da_Academia_de_Coimbra,

Correia, António Arruda Férrer, <http://www.ua.pt/PageText.aspx?id=6682>

Crise de 1962, <http://www.manuelgrilo.com/rui/artigos/crise.html>

Crise Académica de 69, <http://210coimbra.blogs.sapo.pt/1383.html>

CRUZEIRO, Maria Manuela, BEBIANO, Rui (orgs.) - *Anos inquietos: vozes do Movimento Estudantil em Coimbra (1961-1974)*,
<http://www.ics.ul.pt/analisesocial/docs/v42/3/14.pdf>

Edifício Chiado, Coimbra, in <http://www.skyscraperlife.com/portugal/4806-edificio-chiado-coimbra.html>

Fundação Calouste Gulbenkian: História, in <http://www.gulbenkian.pt/historia>

GRILLO, Rui - As origens do actual Dia do Estudante: a crise académica de 1962, in <http://www.manuelgrilo.com/rui/artigos/crise.html>

História da DRAC, in
<http://www.culturede.com/innerPage.aspx?idCat=77&idMasterCat=25&idLang=1>

J.M.M. Crise, conflitos e greves na Universidade de Coimbra, in
<http://arepublicano.blogspot.com/2007/03/crise-conflitos-e-greves-na.html>

Ministério da Economia, Secretaria de Estado do Comércio, Gabinete do Secretário de Estado in <http://www.dre.pt/pdf1s%5c1973%5c10%5c23000%5c16821682.pdf>

PERNES, Fernando - in <http://www.serralves.pt/gca/?id=2548>

RIBEIRO, Amanda - Movimento estudantil português: antes e depois do Maio de 68, in http://jpn.icicom.up.pt/2008/05/02/maio_de_68_um_mes_que_marcou_quarenta_anos.htm

SANTOS, Luís Reis - Fundação Calouste Gulbenkian, in http://www.biblarte.gulbenkian.pt/content.asp?cod=reis_santos&menu=colecoes&parent=col_reis_santos&lang=pt

Waldemar da Costa in https://pt.wikipedia.org/wiki/Waldemar_da_Costa,
<http://www.arvorecoop.pt/gca/?id=169>

<http://www.uc.pt>

https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc

https://www.racba.org/upload/debates/doc/ca/univ_porto_antonio.pdf

https://www.uc.pt/org/historia_ciencia_na_uc/autores

<http://www.prof2000.pt/users/marca/profdartes/barcelona.html>

<http://www.regiaocentro.net>

<https://sites.google.com/site/memoriadecoimbra>

<https://www.portaldaliteratura.com/autores.php?autor=335>

<http://www.museusaopedro.org/arlindovicente/biografia/bio2.htm>

<https://escritores.online/escritor/joao-gaspar-simoes>

<https://digitalis-dsp.uc.pt/republica>

www.idearte.org/texts/52.pdf

<http://oarquivodabiblioteca.blogspot.pt/2010/01/lart-populaire-au-portugal.html>

<https://gulbenkian.pt/museu/noticias/catalogo-digital/>

<http://orfeodecondeixa.wordpress.com/category/memorias/page/2/>

http://www1.ci.uc.pt/prospecto/academia/oa_citac.html

<http://www.gulbenkian.pt/historia>

<http://cvc.instituto-camoes.pt/decadas/anos-60.html#.WsTXu3-G-1s>

<http://www.chuvavasco.com/50anos.pdf>

<https://pt.linkedin.com/pulse>

<http://museovostell.gobex.es/vostell.htm>

<http://josephbeuys.hotglue.me>

<https://triplov.com/e-m-de-melo-e-castro-nos-60-anos-do-capc>

<https://baldiohabitado.wordpress.com/arte-da-performance-performance-art>

<https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-projectos-e-progestos-no-lugar-para-alem-do-lugar/>

<http://poex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas>

Índice Onomástico

A

Abel Mendes, 236

Abílio Gonçalves, 66

Adriano Costa, 34

Agostinho da Fonseca, 30, 56

Alberto Carneiro, vi, 1, 100, 145, 147, 152, 153, 155, 156, 157, 161, 163, 172, 173, 174, 176, 178, 190, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 221, 229, 232, 238, 240, 242, 246, 252, 255, 268, 269, 270, 274, 279, 282, 283, 294, 295, 313, 316, 322, 335, 339, 340, 342

Alberto de Sousa, 35, 56, 59

Alberto do Vale Berardo de Andrade, 34

Alberto José, 56, 58

Alberto José, Tony, 56

Alberto Pinto Hébil, 34

Albuquerque Mendes, vii, 141, 145, 152, 155, 161, 162, 163, 168, 192, 194, 195

Alda Reis, 238

Alexandra Leite, 238

Alfredo Osório de Sousa Pinto, 58

Alfredo Pinheiro Marques, 161, 196, 198

Alfredo Rasteiro, 66, 68, 82, 83, 100, 101, 109, 110, 273, 278, 291, 292

Alice Jorge, 116, 124

Alípio Brandão, 59

Almada Negreiros, 60, 106, 116, 124, 261

Álvaro Lapa, 120, 190, 212, 215, 232, 258, 295, 304

Álvaro Siza Vieira, 279

Amadeo de Souza Cardoso, 60, 106, 124

Amândio Secca, 18

Américo Dinis, 34, 35, 40

Ana Isabel, 215

Ana Léon, 241

Ângelo de Sousa, viii, 1, 17, 18, 100, 147, 152, 212, 215, 232, 258, 268, 273, 279, 281, 282, 294, 295

Antenor, 52, 56

António Augusto Gonçalves, 21, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 39, 40, 43, 45, 46, 49, 55, 340

António Barros, vii, viii, 1, 2, 141, 145, 161, 196, 201, 208, 212, 215, 218, 221, 223, 224, 232, 238, 240, 250, 257, 277, 278, 318, 322

António Cerveira Pinto, 279

António da Silva Cunha Rocha, 35

António Emerico de Meneses, 66

António José Gonçalves Neves, 27

António Pedro, 17, 62

António Pimentel, 1, 6, 66, 68, 91, 291

António Quadros, 18, 32, 97, 124, 276, 337

António Reis Santos, 80, 97, 110, 115, 273, 293

António Sampaio, 17, 92

António Ventura Porfírio, 116

António Victorino, 30, 35

Arcelinda Ferreira, 35

Arcindo Augusto da Silva Madeira, 36

Arcindo Madeira, 34, 59, 334

Arlindo Rocha, 92, 346

Arlindo Vicente, 52, 56, 57, 58, 60, 341, 342

Armando Alves, 17, 18, 100

Armando Azevedo, vii, 2, 141, 145, 147, 155, 161,
162, 170, 172, 176, 177, 178, 190, 191, 192, 193,
194, 195, 196, 197, 203, 204, 207, 211, 213, 215,
218, 219, 268, 269, 270, 274, 347

Armando Castro, 16

Arnaldo Saraiva, 16

Artur Bual, 124, 152, 310

Artur Nobre de Gusmão, 19, 293

Augusto Mota, v, vi, 1, 66, 68, 72, 73, 103, 104, 291

Augusto Nunes Pereira, 33, 36

Aureliano Branquinho e Lima, 36

Avelino Sá, 161, 256

B

Benjamin Ventura, 29

Benvindo Ceia, 12

Bernardo Pinto de Almeida, 276, 279, 282

Bertino Nascimento, 66

Boaventura de Sousa Santos, 276, 279

C

Calvet de Magalhães, 18, 19

Cândido Costa Pinto, 34, 58, 59

Cândido da Costa Pinto, 36

Ç

Ção Pestana, 161, 196, 208, 215, 241, 258

C

Carlos Augusto Ramos, 37

Carlos Botelho, 62, 106

Carlos Calvet, 143, 234

Carlos Carreiro, 192, 194, 195, 234

Carlos Lobo, 29, 56

Carlos Lourenço, 238, 240

Carlos Martins Ribeiro Gomes Lobo, 29, 37

Carlos Perdiz, 238, 240

César Augusto Abott, 37

Ch

Chorão Ramalho, 34, 59

C

Cipriano Dourado, 91

Círculo de Artes Plásticas, ii, iii, iv, v, vi, vii, viii, ix, x, xi, 1, 2, 4, 5, 6, 10, 12, 33, 54, 64, 68, 69, 72, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 139, 140, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 194, 196, 197, 198, 201, 203, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 266, 267, 268, 271, 272, 273, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 294, 295, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 337, 339, 342, 343, 345, 346

CITAC, ix, 68, 71, 75, 76, 77, 145, 185, 206, 223, 224, 225, 259, 336, 347, 348

Cláudio Juares, 116

Collectif Femmes/Art, 141

Cooperativa Árvore, 10, 15, 16, 18, 19, 20, 194, 236, 250, 335, 337, 341

Costa Mota, 28, 35, 56

D

D. Diogo de Reriz, 53, 58

D. Thomaz de Mello, 59, 102

Danton, 34, 52, 58, 59

Danton Paixão Nifo, 58

Dário Alves, 192, 195, 234

David Mourão Ferreira, 19

Delfim Sardo, 238, 332

Dília Maria Nunes Brito, 66

Domingos Lopes Pires, 37

Domingos Pinho, 18, 234

Dórdio Gomes, 40, 55, 92, 96, 106, 124

E

Edmundo Tavares, 30

Eduarda Lapa, 59

Eduardo Luiz, 18

Eduardo Nery, 100, 144, 231, 236, 237, 320

Eduardo Salavisa, 281, 327

Egídio Álvaro, 141, 167, 174, 195, 198, 202, 204, 229,
295, 313

Egito Gonçalves, 16, 17, 18

Elsa Alves, 238

Emídio Álvaro Araújo Matos, 37

Emílio Rui Vilar, v, viii, 66, 67, 68, 71, 77, 95, 96, 244,
277, 291, 296, 298

Ernesto de Sousa, 1, 6, 10, 141, 145, 149, 154, 156,
161, 162, 163, 173, 177, 183, 184, 186, 187, 191,
192, 194, 196, 206, 207, 213, 229, 231, 253, 259,
282, 294, 295, 318, 319, 341, 342, 347

Ernesto Melo e Castro, 141, 212

Eurico Gonçalves, 229, 231

Ezequiel Batoréu, 34, 37, 59

F

Fausto Gonçalves, 29, 38, 43, 45, 49, 56, 57

Fausto Sampaio, 38, 59

Fausto Sampaio Alegre, 38

Feliciano Augusto da Cunha Guimarães, 38

Fernando Calhau, 212, 215, 232, 295

Fernando de Azevedo, 62, 144

Fernando Namora, 56

Fernando Pernes, 151, 229, 259, 277, 295, 315, 322

Fernando Pinto Coelho, 145, 152, 155, 161, 192, 195

Fernando Távora, 16

Figueiredo Soveral, 109

Francisco Abranches Machado, 39

Francisco Relógio, 92

Fundação Calouste Gulbenkian, ii, vi, ix, 2, 3, 4, 7, 19,
29, 62, 64, 68, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 87, 88, 89,
91, 92, 94, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108,
109, 110, 115, 116, 118, 121, 122, 123, 124, 131,
136, 140, 142, 143, 145, 147, 148, 149, 150, 151,
152, 153, 154, 157, 158, 161, 162, 167, 168, 169,
170, 171, 173, 174, 176, 178, 179, 180, 181, 187,
190, 205, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 219, 221,
223, 242, 244, 250, 256, 259, 263, 266, 267, 273,
286, 292, 296, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304,
305, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315,
316, 317, 321, 322, 324, 328, 329, 330, 331, 332,
334, 335, 336, 338, 339, 340, 341, 342, 348, 349

G

Gaetan, 215

Graça Barbedo, 238

Graça Clímaco, 238

Graça Martins, 236

Graça Moraes, 192, 195, 252

Grupo Cores, vii, 141, 167, 192, 198, 199, 201, 202,
340

Grupo Puzzle, iii, 32, 141, 192, 194, 195

Guilherme Filipe, 39

H

Helena Almeida, 120, 212, 215, 232, 258, 281, 295, 304, 319, 330

Henrique Alves Costa, 16, 17, 18

Henrique Silva, 18, 152, 236

Hirosuke Watanuki, 116, 293

Horácio Alberto de Melo Gavião, 39

I

Isabel Carlos, 224, 238, 259, 279

Isabel Pinto, 224

Isabel Rodrigues, 238

J

Jaime Isidoro, 141, 155, 195, 204

Jaime Izidoro, 17

Jaime Silva, 192, 195

Joana Rosa, 212, 215, 232, 283, 295

João Carlos, 56, 58

João Carlos Celestino Gomes, 56, 58

João da Assunção Dinis, 39

João da Conceição Ferreira, 66

João Dixo, 124, 145, 147, 152, 155, 157, 161, 192, 193, 195, 266, 273, 293, 294, 313

João Guilherme Fernandes de Freitas, 66

João Hogan, 124, 144

João Machado, 21, 22, 25, 28, 29, 30, 336

João Maria Montezuma Diniz de Carvalho, 39

João Miguel Fernandes Jorge, 229, 262, 279

João Rodrigues Vieira, 40, 44

João Torres, 224

João Vaz, 29

João Vieira, 144, 231, 252, 282

João Zamith, 56, 59

Joaquim de Vasconcelos, 28, 338, 345

Joaquim Lebre, 238, 240

Joaquim Matos Chaves, 229

Joaquim Pinho Diniz, 40

Joaquim Rodrigo, 144, 234

Joaquim Thomé, v, 68, 69, 76, 96, 97, 101, 102, 103, 298, 299

Joaquim Vieira, 232

Jorge Colaço, 29

Jorge Manuel Mira Coelho, 66

Jorge Mira Coelho, v, vi, viii, 54, 67, 68, 69, 73, 82, 86, 90, 94, 100, 101, 103, 244, 273, 291, 292

Jorge Pinheiro, 17, 18, 100, 234

José Baptista, 40

L

José Contente, 30, 33, 36, 41, 42, 49, 57

José Cruz, 56

José de Campos Contente, 40

José de Carvalho, 232

José de Sousa Leite, 41

José Escada, 124

José Louro, 224

José Luís Porfírio, 229

José Maria Cabral Antunes, 41

José Maria do Vale Berardo de Andrade, 41

José Martins, 164

José Pedro Croft, 241

José Pulido Valente, 16

José Régio, 57

José Rodrigues, 17, 18, 19, 56, 100, 152, 231, 232

José Santos Figueira, 58

José-Augusto França, 116, 140, 229, 293, 306

Julião Sarmiento, 212, 215, 232, 258, 283, 295

Júlio Resende, 18, 92, 96, 106, 116, 124, 152, 292,
302

Jwov Basto, 215

Leopoldo Battistini, 30, 55

Lima de Freitas, 19, 237, 293, 320

Lourenço Chaves de Almeida, 28, 29

Luís César Pena Dourdil Dinis, 41

Luís Demée, 18

Luís Filipe de Oliveira, 15

Luís Reis Santos, vi, 40, 80, 81, 82, 83, 84, 94, 96, 97,
103, 111, 116, 120, 292, 293

Luísa Goulão, 66

Luísa Saldanha, 161, 236, 237, 256

M

Manuel Azevedo, 17

Manuel Baptista, 144

Manuel Cargaleiro, 152

Manuel de Sousa Oliveira, 91

Manuel Filipe, 34, 58, 59, 62, 345

Manuel Jardim, 3, 55, 334, 342

Manuel Lopes Mathias, 66

Manuel Martins Ribeiro, 29

Manuel Rodrigues, 30, 37, 56, 59

Manuel Tavares, 59

Manuela Fortuna, 198, 215

Marcelino Vespeira, 62, 92, 144

Margarida Mestre, 161

Maria de Lurdes Melo e Castro, 59

Maria Francisca, 241

Maria Helena Vieira da Silva, 106

Maria José, 231, 241

Maria Laranjeira, 238

Maria Moreira, v, 4, 6, 54, 61, 67, 70, 82, 83, 84, 86,
90, 104

Mariana Machado Santos, 56, 60

Mário Botas, 233, 234

Mário Duarte, 66

Mário Oliveira, 58

Mário Silva, i, v, vi, 1, 4, 7, 66, 68, 69, 81, 82, 83, 85,
90, 93, 94, 95, 101, 102, 103, 291

Mário Soares, 31, 105

Melos, 52, 56, 58

Miranda, 27, 80, 161, 177, 252

Moli, 52, 56

N

Nikias Skapinakis, 144, 152, 234

Noronha da Costa, 144, 152

Nuno Barreto, 117, 124, 152, 234, 263, 293, 307

Nuno de Siqueira, 124, 152

Nuno Taborda Barreto, 117, 263, 273

O

Octávio Lopes, 109

Oliveira Assunção, 34, 56

Os Divergentes, 33, 34, 36, 37, 42, 59

Óscar Lopes, 17

P

Padre Francisco Nuno de Oliveira, 66

padre Nunes Pereira, 105

Palolo, 143, 212, 215, 232, 258, 295

Paula Lourenço, 238

Paulo Rocha, 58

Paulo Varela Gomes, 276, 279

Pedro Cabrita Reis, 241

Pedro Calapez, 241, 321

Pedro Olaio, 33, 41

Pedro Olayo (Filho), 42

Pedro Rocha, 192, 195, 234

Pedro Tamen, 19

Q

Quatro Vintes, 18

R

Raul Carvalho, 58

Raul Ramalho, 59

Relógio, 92, 124, 152, 234

Robin Denny, 215

Rocha de Sousa, 15, 229, 234

Rolando de Matos, 59

Rui Costa, 145

Rui Gouveia, 58

Rui Mário Gonçalves, 140, 229, 293, 306

Rui Órfão, vi, vii, 1, 141, 145, 149, 196, 215, 218, 221,
223, 224, 237, 258, 259, 318, 320, 321

Ruy de Cunha Gouveia, 56

S

S.N.B.A, 10, 12, 13, 194, 230

Salete Tavares, 215

Saul de Almeida, 29, 42

Silva Pinto, 30, 346

Silvestre Pestana, 212, 215, 232, 236, 250

SNBA, ix, 11, 12, 15, 19, 20, 48, 61, 204, 213, 232,
339

Sociedade Nacional de Belas Artes, vii, ix, 10, 36, 40,
57, 201, 318

Sociedade Nacional de Belas-Artes, ii, 10, 11, 15,
167, 201, 236, 296, 341

T

Teresa Loff, 161, 196, 215, 219

Teresa Loft, 141

TOM, vi, 59, 102, 103, 341

Tópi, 66

Túlia Saldanha, vi, viii, 1, 2, 6, 141, 145, 147, 148,
149, 152, 155, 157, 161, 173, 174, 175, 176, 177,
178, 196, 211, 213, 215, 219, 221, 236, 237, 241,
242, 244, 246, 255, 256, 268, 269, 273, 274, 296,
313, 324, 336, 338, 340

Túlio da Costa Victorino, 42

V

Valdemar Fernando Cabral Peixoto, 42

Vasco do Vale Berardo de Andrade, 42

Victor Nina, 238

Vieira da Silva, 33, 124, 152, 221

Vítor Diniz, 161, 223

Vítor Magalhães, 164

W

115, 116, 117, 242, 273, 292, 293, 299, 304, 337,
349

Waldemar da Costa, vi, 33, 68, 70, 79, 82, 83, 86, 92,
96, 97, 98, 100, 101, 103, 105, 107, 109, 110, 114,

Wendy Paramor, v, 85